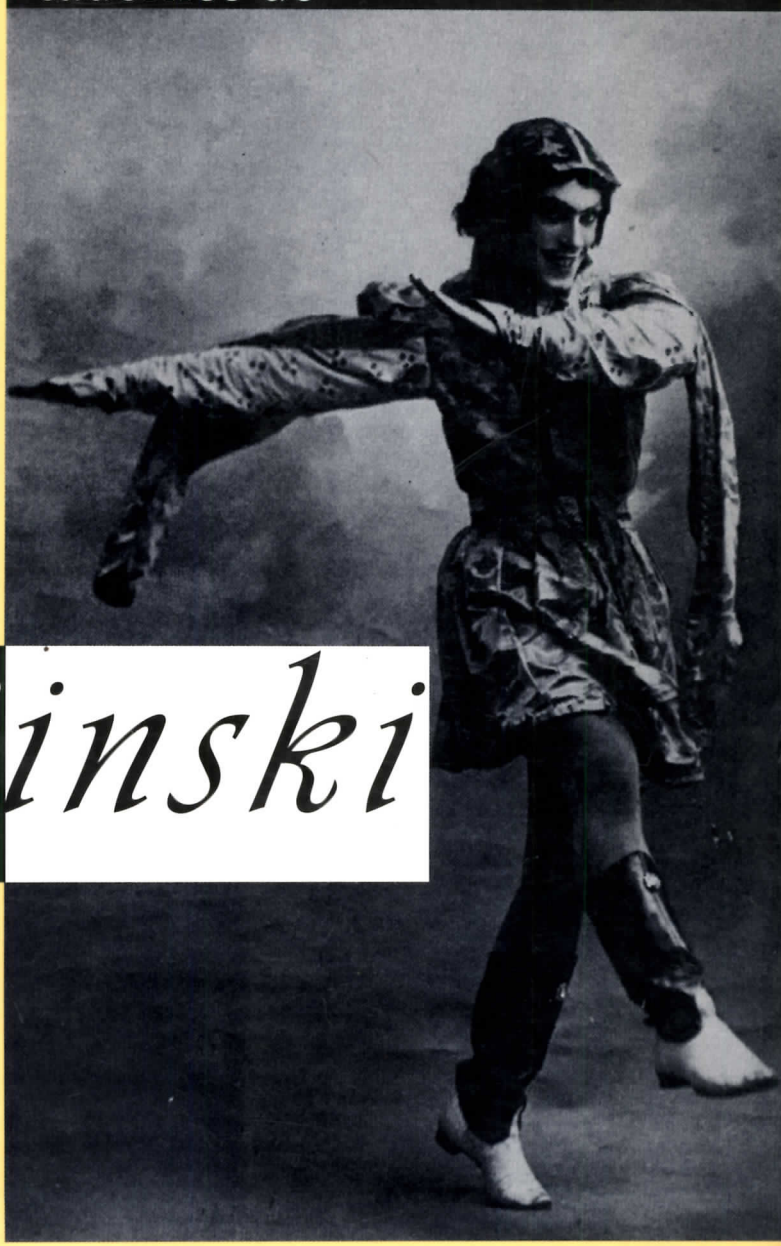
cadernos de



nijinski

Francisco Alves

cadernos de

Em seus *Cadernos*, o bailarino Vaslav Nijinski registrava as impressões, idéias e sentimentos que povoavam sua mente genial e atormentada.

nijinski

Agora, com a autorização das filhas do artista, os *Cadernos* de Nijinski são publicados integralmente. A figura fascinante do bailarino que mudou a história da dança, com interpretações como o *Prelúdio ao Entardecer de um Fauno* e *A Sagração da Primavera*, aparece nítida nesses relatos, em que se misturam loucura e lucidez, angústia e vivacidade.

Sodilor
2 300430 980872
CADERNOS DE NIJINSKI
POGOJEUR FRANCISCO ALVES

"O que é um autêntico louco?" A pergunta que Antonin Artaud lançou ao mundo em seu ensaio-protesto sobre o suicídio de van Gogh continua em aberto. E a resposta parece ainda mais difícil quando nos deparamos com registros do pensamento de mentes geniais que ultrapassaram as fronteiras entre razão e loucura. É o caso desses *Cadernos* de Nijinski. Como Artaud, Van Gogh e Nietzsche, Vaslav Nijinski integra uma galeria de homens notáveis, hoje reconhecidos por seu talento, mas que experimentaram as agruras da insanidade. Suas vidas e obras, conjugadas, suscitam uma indagação incômoda: até que ponto o "desvario", que acarretou a internação desses homens em manicômios, contribuiu para a originalidade de suas criações revolucionárias?

Vaslav Fomitch Nijinski, bailarino e coreógrafo russo de origem polonesa, nasceu em Kiev, em 1890. Estreou em São Petersburgo em 1907; dois anos depois, participou da primeira turnê do "Ballet Russo" em Paris, a convite do famoso coreógrafo Diaghilev, com quem manteve, durante anos, uma relação amorosa intensa e conturbada. A ruptura entre os dois, que afetou profundamente Nijinski, se deu em 1913, ano em que ele se casou com a bailarina húngara Romala Pulszky. Nesses primeiros anos do século, Nijinski altera definitivamente os

rumos da história da dança. criando novos parâmetros com o rigor técnico e a beleza de expressão de suas interpretações plenas de sutileza e ousadia. Em 1918, ele começa a aparentar os primeiros sinais de desequilibrio. É então internado e durante 30 anos vive em clínicas, até sua morte em Londres, em 1950.

Nijinski escreve seus *Cadernos* nos meses que antecederam à internação. Em sua linguagem febril, ele registra tudo o que pensa e sente, avalia passagens de sua vida, comenta a relação com Diaghilev e com a esposa, expõe suas idéias sobre a dança, seus medos e aspirações

A leitura das páginas deste insólito diário causa perplexidade e por vezes um certo desconforto. Ora com lucidez ofuscante, ora com terrível hermetismo, Nijinski se revela em suas várias facetas - desde a fragilidade mais desesperada, até a arrogância quase megalômana. Mas, o tempo todo, transparece nesse relato o grande sentido de humanidade, ainda que abatido pela impotência, de um artista cuja sensibilidade aguçada foi capaz de perceber as belezas e as dores mais sutis da vida.

Ao longo de décadas os escritos de Nijinski foram editados em versões expurgadas, censuradas pelo família do bailarino. Agora, pela primeira vez, os *Cadernos* são apresentados ao público na integra.

Nijinski

CADERNOS
O Sentimento

Versão não expurgada,
traduzida do russo para o francês por
Christian Dumais-Lvowski e Galina Pogojeva

Tradução da versão francesa:
Joana Angélica d'Avila Melo

Título original: *Cahiers* © Actes Sud, 1995
© Succéssion V. Nijinski (anexos)

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, transmitida por qualquer forma eletrônica, mecânica, fotocopiada ou gravada, sem autorização expressa do editor.

Capa:

Cláudia Zarvos
Fernando Bueno

Revisão:
Aroldo Sisson Possollo
Emanuel Pinho
Marcelo Eufrasia

Composição:
Maanaim Informática Ltda.

ISBN 85-265-0363-4

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

1998
LIVRARIA FRANCISCO ALVES EDITORA S.A.
Rua Uruguaiana, 94 - 13° andar - Centro
Rio de Janeiro - RJ - 20050-091 - RJ
Tel.: (021) 221-3198 Fax: (021) 242-8215

Eu sou um louco que ama a humanidade.
Minha loucura é o amor à humanidade.

SUMÁRIO

Prefácio 11

Vida *(primeiro caderno)* 23
Vida *(segundo caderno)* 89
Morte *(terceiro caderno)* 185

Anexos 265

PREFÁCIO

Foi durante o inverno 1918-1919, durante uma temporada em Saint-Moritz, na Suíça, junto com Romola, sua mulher, e Kyra, filha do casal, que Vaslav Nijinski escreveu os quatro cadernos constituintes daquilo que se convencionou chamar de seu "Diário". Embora seja difícil datá-los com segurança, acreditamos que ele os redigiu entre 19 de janeiro e 4 de março de 1919.

A estrela dos Ballets Russes, o coreógrafo revolucionário de *L'après-midi d'un faune* (*A tarde de um fauno*) e de *Le sacre du printemps* (*A sagração da primavera*), aquele que o mundo havia apelidado de "o deus da dança", estava então prestes a representar o mais longo e mais patético papel de sua carreira: o de "louco".

Como atesta um dossiê do Teatro Mariinski, de São Petersburgo – onde Nijinski iniciou sua carreira fulgurante, antes de ingressar nos Ballets Russes –, muito cedo o bailarino apresentou indícios de grande fragilidade emocional. Em 1913, seu casamento com Romola de Pulszki e a subseqüente ruptura com Diaghilev – ruptura afetiva, pois os dois homens são amantes, e ruptura artística, já que Diaghilev o demite de sua companhia – acentuaram essas desordens inter-

nas. Privado do contexto deslumbrante dos Ballets Russes, assim como do apoio artístico e financeiro de Diaghilev, Nijinski viu empalidecer sua estrela. Os anos seguintes foram feitos de temporadas caóticas, conquanto incluíssem novo chamado à glória, em 1916 e em 1917.

No fim de 1917, de volta de uma turnê pela América do Sul, a última de sua carreira, Nijinski decidiu fazer um repouso na Suíça. Sob a recomendação médica de evitar qualquer tensão inútil, e como Romola acreditasse que o clima dos Alpes seria benéfico ao marido, ele aceitou – apesar de sua aversão a montanhas – instalar-se em Saint-Moritz. Ali, os Nijinski alugariam a *Guardamunt*, uma *villa* espaçosa que se projeta sobre a aldeia, ante uma extraordinária paisagem de geleiras.

Ao que parece, os primeiros meses dessa instalação em Saint-Moritz foram proveitosos para Nijinski. A companhia de Kyra, sua filha mais velha, então com quatro anos, o ar puro, os exercícios que ele fazia diariamente nas varandas da *villa*, as paisagens nevadas, que talvez lhe lembrassem as da Rússia, trouxeram-lhe por certo um sentimento de segurança que o acalmou. Mas as sombras da loucura logo se fariam mais ameaçadoras, e, no outono de 1918, Nijinski mostrou inquietantes sinais de desequilíbrio que culminaram no fim do ano.

Ao longo do inverno, o bailarino foi adotando um comportamento cada vez mais incoerente. Seus acessos de agressividade deixavam em pânico os que o rodeavam. Exercitando-se na dança até o esgotamento, às vezes durante dezesseis horas por dia, Nijinski

era presa de uma exaltação que o impelia também a percorrer a montanha que ficava atrás da *villa*, e na qual ouvia Deus ditar-lhe seus "mandamentos". Assumindo o papel de pregador, enorme crucifixo no peito, ele exortava os habitantes de Saint-Moritz a freqüentarem a igreja e a levarem uma "vida reta". Romola, preocupada por si mesma e por Kyra – Nijinski já batera na mulher e chegara até a empurrá-la violentamente pela escada da *villa* –, acabou por contratar um enfermeiro encarregado de vigiar-lhe o marido dia e noite, e capaz de dominá-lo, se preciso.

Essa "doença da alma" não impedia Nijinski de criar. Ele imaginava novas coreografias, trabalhava num sistema de notação da dança e desenhava bastante. Fez, especialmente, grande quantidade de desenhos abstratos, a lápis, lápis de cor, pastel ou guache. Tais desenhos têm por motivo dominante o círculo. Segundo Peter Ostwald*, professor americano de psiquiatria, autor de importante estudo sobre o grande bailarino, poderíamos "interpretar a persistência das formas circulares na arte de Nijinski como uma tentativa de manter o equilíbrio e a integridade ante os perigos de desintegração que lhe ameaçavam a existência".

Em 19 de janeiro de 1919, um sábado, Nijinski dará um espetáculo beneficente, num dos salões do hotel Suvretta de Saint-Moritz. Foi a última vez que ele dançou em público. Ante uma platéia composta de turistas em vilegiatura, de aristocratas desocupados e de novos-ricos, Nijinski apresenta o que Romola cha-

* *Vaslav Nijinski, un saut dans la folie* (*Vaslav Nijinski, um salto para a loucura*), Peter Ostwald, Paris, Passage du Marais, 1993.

mou "a dança da vida contra a morte". O público, vindo para divertir-se, assiste a uma evocação trágica dos horrores da guerra que devastou a Europa durante quatro anos e que ainda transtorna o bailarino.

> "Ele fazia viver, diante de nossos olhos, toda uma humanidade sofredora e abalada pelo horror. Era trágico. Seus gestos ganhavam uma dimensão épica. Como um mágico, dava-nos a ilusão de flutuar acima de uma multidão de cadáveres. O público, horrorizado, parecia em completo estupor, estranhamente fascinado... Vaslav era como uma dessas criaturas irresistíveis e indomáveis, como um tigre fugido da selva, capaz de nos aniquilar de um momento para outro* ."

O primeiro caderno se abre com uma descrição do almoço e das horas que precedem a memorável apresentação do hotel Suvretta. Ao que parece, foi nesse mesmo dia que Nijinski empreendeu a redação desse primeiro caderno. Terá feito isso por iniciativa própria, ou terá sido incitado pelo doutor Fränkel, médico de Saint-Moritz, que se interessava por psicanálise e tentou analisar o bailarino? Sob esse ponto de vista, os *Cadernos* constituem uma verdadeira auto-análise que faz surgirem fantasias, lembranças e associações livres. Fränkel, muitas vezes evocado por Nijinski, e aparentemente apaixonado por Romola, é uma das figuras importantes dos *Cadernos*. Nijinski faz dele um personagem de tragicomédia, "o Doutor Fränkel", por quem parece alimentar sentimentos divididos, ora de

* *Nijinski*, Romola Nijinski, Paris, Denoël, 1934.

simpatia, ora de condescendência irônica ou de agressividade.

Em algumas semanas, grudado à sua mesa durante horas ininterruptas, Vaslav Nijinski redige os quatro cadernos que devem constituir "o livro" que ele deseja ver "publicado em vida, em muitos milhares de exemplares", e que será "fonte de ensinamentos para a humanidade". Os três primeiros cadernos são ilustrados por dez páginas de desenhos abstratos a lápis, e contêm quinze páginas de notações coreográficas que não foram reproduzidas na presente edição. O manuscrito comporta quarenta e quatro páginas escritas a lápis, sendo as restantes, a caneta. Sensível à caligrafia de seus escritos, Nijinski tem uma letra caprichada, e o texto, essencialmente em russo, inclui muito poucas rasuras ou correções. O quarto caderno serve de anexo aos três primeiros. Nele, o bailarino consignava poemas, alguns dos quais compostos em francês, e cartas a diversas pessoas, em russo, em polonês e em francês. Esse caderno está hoje sob a guarda da Bibliothèque Nationale (acervo Igor Markevitch). Já que o próprio Nijinski o dissociou do conjunto, não nos pareceu útil publicá-lo na íntegra. No fim do presente volume, há quatro cartas que nele figuram.

Ao longo dos meses de janeiro e fevereiro de 1919, a saúde mental de Nijinski deteriora-se progressivamente e a preocupação de Romola aumenta ainda mais. Ela não demora a pedir à mãe, a famosa atriz húngara Emilia Markus, e ao padrasto, Oscar Párdány, que venham ao seu encontro em Saint-Moritz, o que eles farão no fim de fevereiro. Vaslav torna-se cada vez mais violento, dá socos na mesa durante as refeições,

ameaça matar-se – "Vou meter uma bala na cabeça, se Deus quiser" – e não pára de brigar com os que o cercam. Como os cuidados do doutor Fränkel se revelam ineficazes, Romola decide ouvir outro médico. Em 2 de março, Fränkel escreve ao famoso professor Eugen Bleuler, diretor do hospital psiquiátrico universitário Burghölzli, em Zurique, pedindo-lhe que receba Nijinski em consulta.

Em 4 de março, Nijinski, a mulher e os sogros deixam Saint-Moritz em direção a Zurique. A idéia dessa viagem parece agradar a Nijinski; ele sabe que irá consultar um "doutor dos nervos", mas sobretudo quer aproveitá-la para mandar publicar seu "livro" e "jogar na Bolsa". A partida da *villa Guardamunt*, contudo, não deve ter ocorrido sem dilacerações: "Minha mulher veio me ver e pediu que eu dissesse a Kyra que não volto mais. Minha mulher sentiu lágrimas e disse emocionada que não me abandonaria." Alguns minutos antes da partida, Nijinski ainda está escrevendo: "Irei agora... Estou esperando... Não quero..."

O professor Bleuler recebe Nijinski em consulta e diagnostica uma "confusão mental de natureza esquizofrênica, acompanhada de leve excitação maníaca*". Em sua opinião, não será útil hospitalizar Vaslav, mas ele aconselha Romola a separar-se do marido, de modo a que Nijinski não tenha mais nenhuma obrigação familiar. O professor acredita até que o bailarino poderá continuar a carreira, ao menos durante certo tempo, ou então viver num sanatório onde poderia trabalhar em suas coreografias, recebendo, ao mesmo

* Relatório do professor Bleuler, citado por Peter Ostwald.

tempo, os cuidados adequados, e talvez curar-se do estado psicótico...

Chocada pelas recomendações de Bleuler, Romola voltou com Nijinski para o hotel. Durante a noite, depois de um acesso de raiva que deixou todo mundo sob comoção, Vaslav trancou-se no quarto durante vinte e quatro horas, mergulhando a família em grande angústia. Chamou-se a polícia, que arrombou a porta do quarto, e a seguir um colega do professor Bleuler, que facilmente convenceu Nijinski a retornar ao hospital psiquiátrico Burghölzli. Nijinski permaneceu ali por quarenta e oito horas, ao longo das quais os psiquiatras examinaram os cadernos de que ele não quisera se separar, esperando, como foi dito acima, fazer publicar seu "livro" em Zurique. Desta forma, os *Cadernos* serviriam para aperfeiçoar o diagnóstico dos médicos sobre seu estado mental, para "estudar seu cérebro".

Bleuler julgou imprudente deixar Nijinski voltar ao hotel ou a Saint-Moritz. Decidiu-se optar pela internação, e na segunda-feira, 10 de março, o bailarino, acompanhado pelo doutor Fränkel, partiu para o sanatório Bellevue, em Kreuzlingen. Com apenas trinta anos, Vaslav Nijinski acabava de enveredar pelo caminho das trevas, do qual só se afastaria por breves momentos de lucidez. A história do "Diário de Nijinski" podia então começar.

Em junho de 1934, Romola pretendeu haver reencontrado acidentalmente os cadernos do marido, numa mala deixada sob sua guarda desde 1919... Tal versão dos fatos é pouco verossímil, quando se sabe do interesse que Romola dedicava aos escritos de Nijinski

e da inquietação que estes lhe suscitavam. "Minha mulher fala ao telefone, mas pensa no que eu escrevo. Ela me perguntou o que eu estava escrevendo... Fechei-lhe o caderno na cara, porque ela quer ler o que eu escrevo." "Minha mulher quer olhar, mas eu não deixo, pois escondo com a mão o que escrevo." Pode-se supor que Romola jamais se separou dos *Cadernos*, até o dia em que decidiu publicá-los.

Foi o que fez em 1936, estabelecendo uma versão inglesa deles, com a ajuda de Jennifer Mattingly. Trata-se de uma edição expurgada do texto original. Romola remanejou a ordem dos *Cadernos* e amputou o manuscrito em cerca de trinta mil palavras, ou seja, um terço do texto. Todos os poemas e a maior parte das passagens eróticas foram censurados. O doutor Fränkel desapareceu do cenário, e atenuaram-se as obsessivas repetições de Nijinski. Reorganizada toda a estrutura dos *Cadernos*, o que restou foi publicado sob o título *Diário de Nijinski*. Foi essa edição inglesa que serviu de matriz às traduções para outras línguas estrangeiras, e especialmente à tradução francesa publicada pela Gallimard em 1953. Deve-se esclarecer que a tradução inglesa respeitou mais a estrutura da linguagem de Nijinski e especialmente suas impropriedades sintáticas, enquanto que a retradução francesa procede mais de uma reescrita.

Romola Nijinski morreu em 1978, depois de haver atuado a vida inteira para salvaguardar a memória de Vaslav, falecido em Londres em 1950, depois de trinta anos de trevas. Não nos cabe julgar a conduta de Romola durante esses trinta anos, na maioria vividos por Nijinski em "casas de loucos", mas é forçoso cons-

tatar que, apesar de certos procedimentos que parecem inconseqüentes e às vezes cruéis, ela nunca relaxou em manter viva a lembrança de Nijinski.

Algum tempo antes de morrer, Romola presenteou um amigo com os três primeiros cadernos de Nijinski, deixando-lhe o cuidado de publicá-los ou não. O quarto caderno coube a Igor Markevitch* . Em 1979, os três cadernos foram vendidos a um antiquário inglês, e o montante da venda serviu para liqüidar as despesas do inventário de Romola. Markevitch legou o quarto caderno à Bibliothèque Nationale de France. As duas filhas de Nijinski, Kyra e Tamara, herdaram o *copyright* dos *Cadernos*, o que excluía qualquer possibilidade de publicação sem que elas consentissem. Assim é que os "Cadernos de Nijinski" foram revendidos três vezes, ao longo dos últimos quinze anos, e estiveram na Inglaterra, nos Estados Unidos e depois na Suécia, sem que os sucessivos proprietários pudessem publicar o conteúdo... A palavra de Nijinski continuava a ser "castrada".

Em 1992, Kyra e Tamara Nijinski me concederam os direitos de adaptação teatral da versão publicada do *Diário de Nijinski*. Eu iria finalmente realizar um sonho nascido por ocasião de minha primeira leitura desse texto, quinze anos antes. Decidi refazer uma tradução do texto inglês, esperando, desta forma, reaproximar-me do original russo então inacessível. No ano

* O compositor e regente Igor Markevitch se casara em primeiras núpcias com Kyra Nijinski. Foi também o executor testamentário de Romola Nijinski.

seguinte, no Festival de Avignon, o ator Redjep Mitrovitsa apresentou leituras dessa adaptação.

Durante todos esses anos, Kyra e Tamara tinham sido várias vezes solicitadas a permitirem que uma edição completa dos *Cadernos* de seu pai viesse à luz, mas sempre se haviam oposto à idéia. Sua mãe sempre velara para manter acesa a chama diante do "ícone Nijinski", e elas temiam que a revelação dos *Cadernos* viesse deteriorar essa imagem. Não haveria certa indecência, e até obscenidade, em mostrar todo o sofrimento, toda a miséria desse homem?

Depois de quase dois anos de seguida correspondência, na qual eu defendia incansavelmente a causa de uma edição não-expurgada, Tamara Nijinski me convidou para ir a Phœnix, no Arizona, onde tive acesso aos arquivos da "Fundação Vaslav e Romola Nijinski", que ela criara alguns anos antes. Entre roupas e objetos que pertenceram ao bailarino, vi o traje que ele usou na tarde do recital do hotel Suvretta, uma túnica de seda branca com alamares negros, queimada pelo suor, uma roupa de agonia. A alma de Nijinski palpitara naquela camisa que, suspensa a um cabide, parecia um espantalho desprovido do recheio. Era o traje que ele usava para seu "casamento com Deus". Pouco depois, Tamara me entregou um grande e volumoso envelope: "Tome, se isto ainda o interessa..."

Pedi a Galina Pogojeva, escritora e tradutora russa, que me ajudasse a preparar a edição francesa. Foi graças ao seu trabalho que pudemos, sobretudo, restabelecer a cronologia dos *Cadernos*. Nijinski dizia que desejava escrever "um grande livro sobre o sentimento", e seria talvez esse o título que ele lhe teria

dado, se tivesse podido encarregar-se da publicação. Pusemos "O Sentimento" como subtítulo dos *Cadernos.*

Fizemos questão de nos manter o mais perto possível do texto russo, assim como de respeitar a sintaxe defeituosa e as particularidades do vocabulário. Nijinski, que falava polonês e russo, também tinha um conhecimento rudimentar de francês. Quando escreveu os *Cadernos*, havia deixado a Rússia há dez anos, e seu vocabulário russo é ornado de numerosos polonismos e galicismos.

Nijinski atribui grande importância aos termos "sentimento", "sentir" e "ressentir". Opõe o "sentimento", que ele assimila à intuição e à percepção intuitiva de coisas e pessoas, ao "intelecto", que considera um defeito impeditivo da verdadeira compreensão. "Sentir" ou "ressentir", "experimentar", permitem uma fusão do ser com aquilo que o rodeia, quer se trate de Deus, da natureza ou de outras pessoas, enquanto que "pensar" é uma atividade cerebral que separa o homem de sua natureza profunda. Se o "intelecto" é um defeito, a "razão", em contrapartida, é uma das qualidades especificamente humanas – contrariamente aos animais, dela desprovidos –, e vem diretamente de Deus.

Por vezes, Nijinski fixa invariavelmente o sentido de uma palavra que emprega – a palavra "hábito", por exemplo. Para ele, "ter um hábito" é pejorativo e significa ser escravo de um comportamento ou de um preconceito ditados pelo "intelecto", e não pelo "sentimento". "Não ter hábitos", ao contrário, é sinônimo de liberdade.

No caso de certas frases-chaves, mantivemos sua impropriedade de estrutura, como, por exemplo, em: "Eu sou um homem com erros", que provavelmente deve ser lida: "Eu sou um homem que tem defeitos".

Nijinski dá muita importância ao emprego de maiúsculas e minúsculas. No que se refere a Deus e ao doutor Fränkel, parece até adotar um sistema de alternância, que nós respeitamos. De igual forma, mantivemos a ordem original dos parágrafos, a qual permite avaliar o fluxo de sua escrita, mais freqüentemente ditado por associações de idéias do que pela lógica.

Ao trabalharmos neste livro, tivemos apenas um anseio: devolver a Nijinski sua palavra inteira, indivisível. Estas páginas são o testemunho daquilo que o homem e o artista quiseram deixar à humanidade, uma procura do amor humano, espiritual e religioso. Esta torrente de palavras não é senão um grito, o grito de uma alma em desmoronamento, a qual, para sua última dança, salta até onde ninguém a poderá seguir, "para dentro do coração de Deus".

CHRISTIAN
DUMAIS-LVOWSKI

VIDA
(primeiro caderno)

Almocei bem, pois comi dois ovos quentes com batatas fritas e favas. Gosto de favas, só que elas são secas. Não gosto de favas secas, porque nelas não existe vida. A Suíça está doente, pois é toda de montanhas. Na Suíça, as pessoas são secas, pois nelas não existe vida. Tenho uma copeira seca, porque sente. Ela pensa muito, porque foi dessecada no outro lugar onde serviu por muito tempo. Não gosto de Zurique, pois é uma cidade seca, tem muitas usinas e muitos homens de negócios. Não gosto de homens secos, por isso não gosto de homens de negócios.

A copeira estava servindo o almoço à minha mulher, à minha prima (se não me engano, é assim que se chama essa parenta que é irmã de minha mulher), a Kyra e à enfermeira da Cruz Vermelha. A en-

fermeira usa cruzes, mas não compreende o sentido delas. A cruz é o que Cristo carregou. Cristo carregou uma cruz grande, e ela carrega uma cruzinha numa fitinha amarrada à coifa, e a coifa é puxada para trás a fim de mostrar os cabelos. As enfermeiras da Cruz pensam que assim é mais bonito, por isso abandonaram o uso que os doutores queriam lhes impor. As enfermeiras não obedecem aos doutores, pois executam coisas que não compreendem. A enfermeira não compreende sua missão, pois, enquanto a menina comia, quis lhe retirar o alimento, achando que ela queria sobremesa. Eu disse que ela "teria sobremesa quando tivesse comido o que estava no prato". A menina não se aborreceu comigo, pois sabe que eu a amo, mas a enfermeira sentiu diferente. Achou que eu queria corrigi-la. Ela não se corrige, pois gosta de comer carne. Eu disse várias vezes que é ruim comer carne. Eles não me compreendem. Pensam que a carne é uma coisa indispensável. Querem muita carne. Depois do almoço, riem. Eu, depois que como, fico rabugento, pois sinto meu estômago. Eles não sentem seus estômagos, mas se sentem com o sangue vivo. Depois de comerem, ficam excitados. A criança também está excitada. Eles a põem na cama pensando que ela é um ser frágil. A criança é forte e não precisa de ajuda. Não posso escrever, minha mulher me atrapalha. Pensa o tempo todo nos meus assuntos. Eu não me preocupo. Ela tem medo de que eu não esteja pronto. Eu estou pronto, mas meu estômago ainda está funcionando. Não quero dançar de estômago cheio, por isso não vou dançar enquanto meu estômago estiver cheio. Vou dançar quando tudo tiver se acal-

mado, e quando tudo tiver saído de meu intestino. Não tenho medo de zombarias, por isso escrevo abertamente. Quero dançar porque sinto, e não porque estão me esperando. Não gosto que me esperem, por isso vou me vestir. Vou botar um traje de cidade, pois será um público de citadinos. Não quero brigar, por isso vou fazer tudo o que me ordenam. Vou subir ao meu vestiário, pois tenho muitos trajes e roupa-branca custosos. Vou botar roupas caras para todo mundo achar que eu sou rico. Não vou deixar as pessoas me esperarem, por isso vou subir agora mesmo.

Fiquei muito tempo lá em cima. Dormi um pouco e, quando acordei, me vesti. Depois de me vestir, fui a pé até minha costureira. A costureira fez bem seu trabalho. Ela me compreendeu. Gosta de mim, porque lhe dei um presente para o marido. Eu queria ajudá-la, só que ela não gosta de médicos. Forcei-a a procurar um médico. Ela não queria. Eu queria mostrar que não lamentava meu dinheiro. Dei de presente ao marido dela uma ceroula e uma malha tricotada. Ela entregou a ele esse presente. Aceitou esse presente com amor. Ela me compreendeu, pois não recusou. Eu gosto de Négri, é assim que ela se chama. É uma mulher agradável. Vive muito pobremente, mas, ao entrar em sua casa, desliguei a eletricidade, que ela deixava acesa para nada. Ela compreendeu meu gesto e não se ofendeu. Eu lhe disse que ela havia feito seu trabalho muito bem. Vai receber dinheiro e um presente. Ela não tem roupas quentes. Vou lhe dar uma malha tricotada e uma boina, como roupas quentes. Não gosto de presentes, mas gosto de dar aos pobres aquilo de que eles precisam. Ela tem frio. Tem fome,

mas não tem medo do trabalho, por isso tem dinheiro. Tem um menino de seis anos, mais ou menos, e uma menina de dois anos, mais ou menos. Quero dar um presente às crianças, pois se vestem muito pobremente. Darei a ela minhas malhas ou alguma outra coisa para as crianças. Gosto das crianças, elas também gostam de mim. Ela sabe que eu gosto das crianças. Sente que eu não estou fingindo, pois sou um ser humano. Ela sabe que eu sou um artista, por isso me compreende. Ela gosta de mim. Eu gosto dela. O marido é violinista no *Palace Hôtel*, onde as pessoas se divertem com todo tipo de futilidade. Ele é pobre, pois toca à noite. Sente frio, pois não tem roupas quentes. Gosta de tocar violino. Ele queria estudar mas não sabe como, porque não tem tempo. Quero ajudá-lo, mas tenho medo de que ele não me compreenda. Eu posso tocar violino sem ter estudado. Quero tocar, mas me resta pouco tempo. Quero viver muito tempo. Minha mulher me ama muito. Ela teme por mim, pois hoje eu representei de um jeito muito nervoso. Representei de jeito nervoso de propósito, pois o público me compreenderá melhor se eu estiver nervoso. Eles não compreendem os artistas que não estão nervosos. É preciso estar nervoso. Ofendi Gelbar, a pianista. Agora há pouco me enganei, dizendo que ela se chamava Belvar. Quero bem a ela. Eu estava nervoso, pois Deus queria excitar o público. O público tinha vindo para se divertir. Pensava que eu dançava para ele se divertir. Dancei coisas assustadoras. Eles tiveram medo de mim, por isso acharam que eu queria matá-los. Eu não queria matar ninguém. Estava gostando de todo mundo, mas ninguém estava gostando de mim, por

isso me enervei. Fiquei nervoso, por isso transmiti esse sentimento ao público. O público não gostou de mim, pois quis ir embora. Então, comecei a representar coisas engraçadas* . O público começou a se divertir. Pensava que eu era um artista aborrecido, mas mostrei que sabia representar coisas engraçadas. O público começou a rir. Eu comecei a rir. Eu ria em minha dança. O público também ria na dança. O público compreendeu minha dança, pois teve vontade de dançar, ele também. Eu dançava mal, pois caía quando não precisava. Pouco importava ao público, pois minha dança era bonita. Ele tinha compreendido minha idéia, e se divertia. Eu quis continuar dançando, mas Deus me disse: "Chega!". Então parei. O público se dispersou. Os aristocratas e o público rico suplicaram para eu dançar mais. Eu disse que estava cansado. Eles não me compreenderam, pois insistiram. Eu disse que uma das aristocratas tinha movimentos excitados. Ela achou que eu queria ofendê-la. Então, eu disse que ela sentia o movimento. Ela me agradeceu pelo cumprimento. Eu lhe dei a mão e ela sentiu que eu tinha razão. Gosto dela, mas sinto que ela havia vindo para me conhecer. Ela gosta de rapazes. Eu não gosto dessa vida, por isso pedi que me deixasse, fazendo-a sentir isso. Ela sentiu, por isso não me deu a possibilidade de prosseguir a conversa. Eu queria lhe falar, só que ela sentia o contrário. Mostrei o sangue em minha perna. Ela não gosta de sangue. Expliquei que o sangue era a guerra, e que eu não gostava de guerra. Fiz uma per-

* Nijinski não faz distinção entre as disciplinas artísticas, e utiliza o termo "representar" por "dançar" (N. do T.).

gunta sobre a vida, mostrando uma dança de cocote. Ela a sentiu, mas não foi embora, pois sabia que eu estava brincando. Os outros acharam que eu ia me deitar no chão e fazer amor. Eu não queria complicar a noite, por isso me levantava quando era preciso. O tempo todo eu senti Deus. Ele me amava. Eu o amava. Estávamos casados. No carro, eu disse à minha mulher que o dia de hoje era o dia de meu casamento com Deus. Ela sentiu isso no carro, mas durante a noite perdeu o sentimento. Naquele momento eu a amava, por isso lhe dei a mão, dizendo que me sentia bem. Ela sentiu o contrário. Pensou que eu não a amava, porque estava nervoso. O telefone toca, mas não vou, porque não gosto de falar no telefone. Sei que minha mulher quer atender. Saí, e vi minha mulher de pijama. Ela gosta de dormir de pijama. Ela me ama, por isso me fez sentir que eu devia subir para o quarto. Subi e fui para a cama, mas peguei meu caderno para anotar tudo o que vivi hoje. Vivi muitas coisas, por isso quero anotá-las. Só vivi horrores. Tenho medo das pessoas, porque não me sentem, mas me compreendem. Tenho medo das pessoas, porque querem que eu viva a mesma vida que elas. Querem que eu dance coisas gaiatas. Eu não gosto de gaiatice. Gosto da vida. Minha mulher dorme aqui ao lado e eu escrevo. Minha mulher não dorme, pois tem os olhos abertos. Fiz carinho nela. Ela sente bem. Eu escrevo mal, pois acho isso difícil. Minha mulher suspira, pois me sente. Eu a sinto, por isso não respondo aos seus suspiros. Hoje, ela está me amando pelo sentimento. Um dia lhe direi que nós deveríamos nos casar pelo sentimento, pois não quero amar sem sentimento. Agora me afasto,

porque ela tem medo de mim* . Não posso escrever, pois pensei num homem desta noite. Esse homem quer aprender música, mas não pode, pois está farto disso. Eu o compreendo muito bem, pois lhe disse que também não gostava de estudar. Minha mulher me atrapalha, porque sente. Eu ri nervosamente. Minha mulher fala ao telefone, mas pensa no que eu escrevo. Escrevo depressa. Ela me perguntou o que eu estava escrevendo. Fechei-lhe o caderno na cara, porque ela quer ler o que eu escrevo. Sente que eu falo dela, mas não compreende. Teme por mim, por isso não quer que eu escreva. Quero escrever, porque gosto de escrever. Quero escrever muito tempo hoje, pois quero dizer muitas coisas. Não posso escrever depressa, mas minha mão escreve depressa. Já estou escrevendo melhor, pois não me canso depressa. Minha letra é clara. Escrevo de maneira nítida. Quero continuar escrevendo, mas quero que minha mulher durma. Ela não consegue adormecer. Está enervada. Quer dormir, porque pensa. Não quer dormir, porque não dorme. Sei que causei nela uma impressão forte. Ela compreendeu meus sentimentos. Sabe que eu sei representar, pois está de acordo em dizer que representei como a Duse ou Sarah Bernhardt. Apresentei a ela um problema difícil. Ela não pode compreender o que é a morte. Não pensa na morte, pois não quer morrer. Eu penso na morte, pois não quero morrer.

* No manuscrito, a frase que se segue foi riscada por Nijinski. Nela, se pode ler: "Ela acha que eu fiquei louco, mas eu conheço seu ner." A última palavra está incompleta, e sem dúvida deve-se ler 'nervosismo' (N. do T.).

Ela boceja, achando que eu quero dormir. Ela não quer dormir. Tem medo de que eu escreva coisas más sobre as pessoas. Eu não tenho medo de escrever, pois sei que escrevo coisas boas. Minha mulher tosse e boceja com exagero, achando que pode me forçar a meter-me na cama e dormir. Olha para mim, e acha que eu não conheço suas intenções. Eu a conheço bem. Ela não diz nada, mas sofre. Quer me forçar a me deitar, pois acha que está cansada. Está nervosa, e os nervos são uma coisa má. Pensa que eu devo dormir. Respondi ao seu bocejo. Ela não me compreende. Acha que eu estou cansado. Não estou cansado. Meus músculos estão cansados, mas eu, não, eu não estou cansado. Prometi a eles dançar, isto é, aos aristocratas. Não vou dançar para eles, pois acham que podem ter tudo. Não quero lhes dar meus sentimentos, pois sei que não me compreenderão. Representarei em Paris dentro de muito pouco tempo. Dançarei sozinho, em benefício dos artistas franceses pobres. Quero que os artistas me sintam, por isso vou assumir a vida deles. Vou me embebedar para compreendê-los. Se Deus quiser, irei com eles ao cabaré. Eles precisam de mim, pois perderam o sentimento. Precisam de dinheiro, e eu vou lhes dar dinheiro. Eles me esquecerão, mas seu sentimento estará vivo. Quero que eles sintam, por isso dançarei em Paris nos próximos meses em benefício dos artistas pobres. Organizarei isso, se eles quiserem. Se quiserem, eles organizarão. Bastará apenas pagar minha estada em Paris. Pedirei a Astruc que convoque os artistas pobres para uma conversa, pois falarei com eles. Direi: "Escutem! Eu sou um artista, vocês também. Somos artistas, por isso nos amamos.

Escutem, vou lhes dizer uma coisa agradável. Vocês querem?" Farei uma pergunta sobre a vida. Se me sentirem, estou salvo. Se não me sentirem, serei um pobre homem, um infeliz, porque isso me fará sofrer. Não quero dançar em Saint-Moritz, pois as pessoas não me amam. Sei que acham que eu estou doente. Lamento-as, porque acham que estou doente. Estou em boa saúde, e não poupo minhas forças. Dançarei mais do que nunca. Quero aprender a dança, por isso trabalharei um pouco todo dia. Escreverei também. Não irei mais às noitadas deles. Dessa alegria, estou farto para a vida inteira. Não gosto de me divertir. Compreendo o que é a gaiatice. Não sou gaiato, pois sei que a gaiatice é a morte. A gaiatice é a morte da razão. Tenho medo da morte, por isso amo a vida. Quero convidar as pessoas para virem me ver, mas minha mulher tem medo de mim. Quero convidar um velho judeu que é parente do barão de Gunzburg. O barão de Gunzburg é um homem bom. Ele não compreende a vida. Deveria se casar, e ter filhos, mas atormenta sua mulher pois deseja que ela leve uma vida alegre. Sei que todo mundo dirá: "Nijinski ficou louco", mas tanto faz, pois já representei o louco em casa. Todos pensarão isso, mas não me botarão numa casa de loucos, pois eu danço muito bem e dou dinheiro a todos os que me pedem. As pessoas gostam dos excêntricos, por isso vão me deixar sossegado, dizendo que eu sou um palhaço louco. Eu amo os loucos, pois sei falar com eles. Quando meu irmão estava em sua casa de loucos, eu o amava, e ele me sentia. Os companheiros dele me amavam. Eu tinha dezoito anos, nessa época. Compreendia a vida de um louco. Conheço a psicolo-

gia de um louco. Não contradigo os loucos, por isso os loucos gostam de mim. Meu irmão morreu numa casa de loucos. Minha mãe assistiu aos últimos momentos dele. Tenho medo de não a rever mais. Sinto amor por ela, por isso peço a Deus que lhe dê longos anos. Sei que minha mãe e minha irmã saíram de Moscou para fugir dos maximalistas. Os maximalistas as esgotaram. Elas escaparam com Kotchetovski, marido de minha irmã, e com Ira, filha deles, abandonando todos os seus negócios. São pessoas boas. Gosto de minha irmã Bronia. Kotchetovski é um homem bom. Sua vida lhe pesa, porque ele tem de pensar muito no dinheiro. Também pensa na pintura. Pensa na escrita. Ele gosta de ser escritor. Escreve bem, mas não conhece as artes. Eu conheço as artes, porque as estudei. Minha mulher traduzia para mim as coisas que eu não compreendia. Estão tocando. É Tessa, que foi se divertir, depois que eu dancei. Ela não me ama, pois pensa em se divertir. Quer que eu a inclua em minha trupe. Não posso fazer isso, porque ela não sente o trabalho. Quer entrar para a minha trupe porque isso lhe seria útil. Quer ajudar o marido, mas não pensa em mim. Não se preocupa com o que eu faço. Diverte-se quando eu trabalho. Não sente meu amor. Dei-lhe de presente um anel e umas roupas, para que me sentisse. Fingi estar enamorado, porém ela não me sentiu, pois bebe vinho. Minha mulher lhe dá vinho, pois sabe que ela bebe escondido. É uma beberrona. Os beberrões não sentem, pois pensam no vinho. O rapaz do aquecimento também é um beberrão. Bebe sem parar. Caiu doente. Eu tinha pressentido isso, e lhe disse que havia caído doente muitos dias antes dele. Ele caiu doente, e

deixou gelar toda a casa, enquanto que eu tinha de preparar meus figurinos com Négri. Não amo Tessa porque ela bebe e faz a festa, mas amo porque ela sente a arte. Ela é tola. Não compreende a vida. Não pode forçar o marido a não beber e, ao contrário, ela mesma bebe. Bebe vinho madeira, licores etc. Temo por ela, pois, quando sente a dança, cambaleia. Minha mulher não cambaleia quando sente a dança. É uma mulher de boa saúde, só que pensa muito. Temo por ela, pois acho que o pensamento pode impedi-la de me compreender. Temo por ela, pois não compreende meus objetivos. Ela sente muitas coisas, mas lhes ignora o sentido. Tenho medo de lhe dizer isso, pois sei que ela terá medo. Quero influenciá-la de outro modo. Ela me escuta. Eu a escuto. Ela me compreenderá se os outros disserem que tudo o que eu faço está bem. Encontro-me diante de um precipício onde eu poderia cair, mas não tenho medo de cair, por isso não cairei. Deus não quer que eu caia, pois me ajuda quando eu caio. Uma vez, fui passear, e me pareceu que havia sangue sobre a neve, então corri acompanhando os rastros. Achei que haviam matado um homem, mas que ele estava vivo, então corri em outra direção, e vi um grande rastro de sangue. Tive medo, mas andei para o precipício. Compreendi que os rastros não eram sangue, mas mijo. Não conheço outra expressão, por isso escrevo essa. Eu poderia me forçar a aprender todas as expressões, mas não gosto de perder meu tempo. Quero descrever meus passeios. Quando eu estava andando na neve, vi um rastro de esquis que parava diante do rastro de sangue. Tive medo de que houvessem enterrado um homem na neve, pois haviam

acabado com ele a bastonadas. Tive medo, e voltei correndo sobre meus passos. Conheço pessoas que têm medo. Eu não tenho medo, por isso voltei sobre meus passos, então senti que era Deus que me experimentava para ver se eu tinha medo dele ou não. Falei em voz alta: "Não, eu não tenho medo de Deus, porque ele é a vida, e não a morte." Então, Deus me fez ir até o precipício dizendo que um homem estava pendurado acima, e que era preciso salvá-lo. Eu tinha medo. Pensava que era o diabo me tentando, como tentou Cristo quando ele estava no alto da montanha, dizendo: "Pula, então acreditarei em ti." Tive medo, mas, depois de um momento, senti uma força me atraindo para o precipício. Fui até o precipício, depois caí nele, mas os galhos de uma árvore que eu não tinha notado me seguraram. Então me espantei, e pensei que era um milagre. Deus queria me experimentar. Compreendi Deus, por isso quis me soltar, mas ele não permitiu. Agüentei por muito tempo, mas depois de algum tempo tive medo. Deus me disse que eu cairia, se soltasse um só galho. Soltei um galho, mas não caí. Deus me disse: "Volta à tua casa e diz à tua mulher que estás louco." Compreendi que Deus me queria bem, por isso fui para casa na intenção de anunciar essa notícia. No caminho, revi os rastros de sangue, mas não acreditei mais neles. Deus me mostrou aqueles rastros para que eu o sentisse. Eu o senti, e voltei sobre meus passos. Ele mandou que eu me alongasse na neve. Eu me alonguei. Ele me ordenou ficar alongado por muito tempo. Fiquei até sentir o frio na mão. Minha mão começou a congelar. Retirei a mão dizendo que aquilo não era Deus, pois eu sentia dor na

mão. Deus estava contente, e me ordenou retornar sobre meus passos, mas, depois de alguns passos, ordenou que eu me alongasse de novo na neve, perto de uma árvore. Eu me segurei na árvore, e me alonguei virando-me lentamente para trás. De novo Deus me ordenou ficar na neve. Fiquei ali muito tempo. Não sentia o frio, quando Deus me deu ordem de levantar. Eu me levantei. Ele disse que eu podia voltar para casa. Retomei o caminho. Deus me disse: "Pára!". Parei. Estava sobre o rastro de sangue. Ele me ordenou retornar sobre meus passos. Voltei sobre meus passos. Ele disse: "Pára!". Parei. Sei que todo mundo vai pensar que tudo o que escrevo é inventado, mas devo dizer que tudo o que escrevo é a pura verdade, pois eu vivi tudo isso na prática. Fiz tudo o que estou escrevendo. Escreverei até minha mão ficar dormente. Eu não me canso, por isso continuarei escrevendo. Bateram aqui na casa. As pessoas estão dormindo. Eu não estou com sono, pois sinto muitas coisas. Lá fora, o homem disse "Oiga". Continua a gritar "Oiga". Não quero acordar minha mulher, por isso não quero me levantar da cama. Minha mulher dorme bem. Espero que os empregados acordem e abram a porta. Meu caderno não é cômodo, pois escorrega. Alguém sobe a escada. Não tenho medo. Acho que é Tessa, que retorna depois de ter feito a festa, mas não é isso, na verdade, não sei. Deus sabe. Eu não sei, pois ainda sou um homem, e não Deus. Se Deus quiser, saberei, pois ele me fará levantar da cama. Deus me fez compreender que era Tessa. Tessa habita ao lado de nosso quarto, e ao lado do quarto de Tessa fica o quarto de Kyra. Kyra dorme profundamente, por isso ela não queria bater.

A porta rangeu. Senti que era Tessa. Conheço os movimentos de Tessa. Ela está sempre nervosa, por isso a porta rangeu muito nervosamente. Ela voltou para casa à uma e quinze da manhã. Olhei no meu relógio de ouro, que funciona muito bem. Eu não tenho medo do que conto, só que as pessoas têm medo da morte. Vou continuar minha narrativa do passeio em Saint-Moritz.

Depois de ter visto os rastros, me virei bruscamente e logo voltei atrás, pois tinha certeza de que alguém havia sido morto. Compreendi que os rastros de sangue estavam apagados com um bastão para a gente pensar que era mijo. Olhei atentamente, e compreendi que era mijo. Depois disso, voltei atrás. A distância na qual eu ia e vinha não ultrapassava dez *archines**, talvez um pouco mais. Eu corria bem. Gosto de correr. Sinto-me como um garotinho. Corri para casa, contente por ser aquilo o fim das minhas provas, mas Deus me ordenou prestar atenção a um homem que vinha ao meu encontro. Deus me ordenou voltar sobre os meus passos, dizendo que aquele homem havia matado outro. Corri. Quando cheguei, senti o sangue, e me escondi atrás de um montículo. Fiquei agachado, para aquele homem não me ver. Fingi ter caído na neve e não poder me levantar. Fiquei deitado muito tempo. Algum tempo depois, voltei sobre meus passos. Ao me virar, vi o homem remexendo a neve com um bastão. Aquele homem quebrava uma árvore. Compreendi que o homem procurava alguma coisa. Peguei um

* Medida russa de comprimento, equivalente a 0,711 metro (N. do T.).

caminho que passava mais embaixo. O homem me notou, mas não disse nada, então eu quis dizer: "Bom-dia, meu velho." O velho estava ocupado em alguma coisa. Eu não sabia em quê, mas, algum tempo depois, Deus me ordenou retornar sobre meus passos. Retornei sobre meus passos, e vi o homem remexendo a neve com seu bastão, com esforço. Tive medo de que o bastão se quebrasse. Senti que aquele era o assassino. Sabia que estava errado, mas sentia. Meu erro se confirmou. Eu quis partir, mas, de repente, percebi um banco sobre o qual haviam construído um montículo funerário, no qual estava enfiado um pedaço da árvore. A árvore era um abeto. O abeto estava quebrado em dois, no montículo havia um grande buraco. Olhei dentro do buraco, e pensei que o homem havia construído expressamente aquela elevação. A elevação era pequena, com uma cruz em cima, e abaixo da cruz havia uma inscrição. Compreendi que era o cemitério da mulher dele. Compreendi que o homem havia construído aquele cemitério, porque havia pensado em sua mulher. Tive medo, e saí correndo, pensando que minha mulher havia caído doente. Tenho medo da morte, por isso não quero saber dela. Voltei sobre meus passos, e retirei a árvore. Pensando que o homem descobriria minha insolência, enfiei a árvore de novo, mas apaguei a cruz, pensando que o homem não compreendia a morte. A morte é a vida. O homem morre por Deus. Deus é movimento, por isso a morte é necessária. O corpo morre, mas a razão vive. Quero escrever, mas minha mão morre, pois não quer me obedecer. Hoje vou escrever muito tempo. Deus quer que eu descreva minha vida. Ele a julga boa. Eu disse

"boa", mas estava pensando outra coisa. Tenho medo de que minha vida não seja boa, mas sinto que minha vida é boa. Amo todo mundo, mas as pessoas não me amam. Continuarei a escrever amanhã, pois Deus quer que eu descanse...

.....

Que o homem descende do macaco, não foi Nietzsche quem disse, mas Darwin. Perguntei à minha mulher hoje de manhã, pois tive pena de Nietzsche. Gosto de Nietzsche. Ele não me compreenderá, pois pensa. Darwin é um sábio. Minha mulher disse que ele escrevia coisas sábias em francês, isso se chama *História da natureza*. A natureza de Darwin é inventada. A natureza é a vida, e a vida é a natureza. Eu amo a natureza. Sei o que é a natureza. Compreendo a natureza, pois sinto a natureza. A natureza me sente. A natureza é Deus, eu sou a natureza. Não gosto da natureza inventada. Minha natureza está viva. Eu estou vivo. Conheço pessoas que não compreendem a natureza. A natureza é uma coisa soberba. Minha natureza é soberba. Sei que vão me dizer que eu também estudo. Mas eu estudo a natureza segundo o sentimento. Meus sentimentos são grandes, por isso eu sei, sem estudar, o que é a natureza. A natureza é a vida. A vida é a natureza. O macaco é a natureza. O homem é a natureza. O macaco não é a natureza do homem. Eu não sou o macaco no homem. O macaco é deus na natureza, pois sente os movimentos. Eu sinto os movimentos. Meus movimentos são simples. Os movimentos do macaco são complicados. O macaco é

bicho. Eu sou bicho, mas sou dotado de razão. Sou um ser dotado de razão, e o macaco não é dotado de razão. Creio que o macaco descende da árvore, e o homem, de Deus. Deus não é o macaco. O homem é Deus. O homem tem mãos, e o macaco também. Eu sei que, pelas matérias orgânicas, o homem parece com o macaco, mas, pelas do espírito, não parece. Eles pensam que eu não compreendo o que dizem em húngaro. Eu escrevo e, ao mesmo tempo, escuto suas conversas. Meus escritos não me impedem de pensar em outra coisa. Sou um homem com sentimento, por isso sinto a língua húngara. Morei na casa da mãe de minha mulher durante a guerra. Compreendi a guerra, pois fazia guerra à mãe de minha mulher. Eu quis entrar num restaurante, mas uma força interior me reteve. Chamo de força interior o sentimento. Parei na hora, como pregado no lugar, diante de um restaurantezinho freqüentado por operários. Pensei em entrar lá, mas tive medo de incomodá-los, pois não sou operário. Os operários fazem as mesmas coisas que os ricos. Eu queria escrever sobre a mãe de minha mulher, e comecei a escrever sobre o restaurante dos operários. Gosto do povo operário. Os operários sentem mais que os ricos. Um operário é a mesma coisa que um rico, a diferença é que tem pouco dinheiro. Vi operários hoje, por isso é que quero falar deles. Os operários são tão depravados quanto os aristocratas. Têm menos dinheiro. Bebem vinho barato. Vinho barato é a mesma coisa. Eu gostava das cocotes parisienses, quando estava com Diaghilev. Ele pensava que eu ia passear, mas eu ia às cocotes. Corria Paris, e procurava cocotes baratas, pois tinha medo de que eles

descobrissem meus atos. Eu sabia que as cocotes não tinham doenças, pois eram vigiadas pela polícia. Eu sabia que tudo o que eu fazia era horrível. Sabia que, se percebessem, eu estaria perdido. Sei que Tessa gosta de rapazes, mas tem medo de que a gente perceba. Ela é como eu, quando eu era jovem. Hoje tenho vinte e nove anos. Tenho vergonha de dizer minha idade, pois todo mundo pensa que eu sou mais jovem. Quis trocar de lápis, pois meu lápis é pequeno e me escorrega dos dedos, mas notei que o outro é pior, pois se quebra. Deus me aconselhou, em voz alta, que mais valia escrever com o pequeno, pois assim não perco tempo. Agora, vou trocar de lápis, pois tenho medo de me cansar escrevendo, e quero escrever muito. Fui procurar um lápis, mas não encontrei, pois o armário onde ficam os lápis estava fechado a chave. Depois, mudei várias vezes de lápis, para experimentá-los, pensando que era melhor escrever com um lápis grande do que com um pequeno. Sei que os lápis se quebram, por isso vou escrever com uma *fountain-plume** . Uma caneta com a qual Tolstoi e muitos homens de negócios escreveram, em nossa época. Mudarei de hábito, pois sei que não convém corrigir nada de tudo o que escrevo. Amanhã, escreverei a tinta, pois sei que Deus o quer. Agora, escrevo com um lápis-tinta. Quero descrever minhas artimanhas

* Nijinski fala aqui de uma caneta-tinteiro, com a qual escreveu a maior parte de seus cadernos, sendo a primeira parte escrita a lápis. Utiliza o termo "*fountain-plume*", que criou a partir da inscrição inglesa *fountain-pen*, a qual figurava na caneta. Mantivemos essa denominação tal qual ele a empregou. Em outros trechos, Nijinski emprega a palavra caneta, ou pena (N. do T.).

com as cocotes. Eu era muito jovem, por isso fazia bobagens. Todos os jovens fazem bobagens. Perdi o equilíbrio, e saí pelas ruas de Paris à procura de cocotes. Procurava-as durante muito tempo, pois queria que a moça fosse bonita e de boa saúde. Às vezes procurava o dia inteiro e não encontrava, pois faltava experiência às minhas buscas. Eu fazia amor com várias cocotes por dia. Sabia que minhas ações eram horríveis. Não gostava do que fazia, mas meus hábitos se complicaram, e comecei a correr atrás delas todos os dias. Eu conhecia um lugar horrível, onde a gente podia encontrar cocotes. Esse lugar se chamava Boulevard. Eu passeava pelo Boulevard, e muitas vezes encontrava por ali cocotes que não me sentiam. Eu utilizava todo tipo de astúcia para as cocotes me notarem. Elas me notavam pouco, pois eu andava modestamente vestido. Não queria estar ricamente vestido, por medo de ser notado. Uma vez, eu perseguia uma cocote que havia dobrado para os lados das Lafayette (a loja). De repente, percebi o olhar fixo de um rapaz que estava num fiacre com sua mulher e os dois filhos, se não me engano. Ele me reconheceu. Recebi um golpe moral, e mudei de direção. Fiquei todo vermelho, mas continuei minha caça às cocotes. Se minha mulher ler isto tudo, ficará louca, pois acredita em mim. Eu lhe menti, dizendo que ela era a primeira mulher que eu amava. Conheci muitas outras, antes de minha mulher. Eram simples e bonitas. Uma vez, fiz amor com uma mulher que estava menstruada. Ela me mostrou tudo, então fiquei horrorizado e disse que era lamentável fazer isso quando a pessoa está doente. Ela me disse que, se não fizesse, morreria de

fome. Eu disse que não queria nada, e lhe dei dinheiro. Ela insistiu, mas eu não quis, pois experimentei um sentimento de repulsa por ela. Deixei-a só, e fui embora. Eu descobria quartos em hoteizinhos parisienses. Paris é supercheia de tais hotéis. O pessoal desses hotéis é simples. Conheço muitos hoteizinhos que vivem do aluguel de quartos por tempo reduzido, para a gente fazer amor livre. Chamo de amor livre o amor em que as pessoas gostam de excitar o próprio membro e as entranhas de uma mulher. Não gosto da excitação, por isso não quero comer carne. Hoje, comi carne, e fiquei com desejo por uma mulher da rua. Eu não amava aquela mulher, mas a luxúria me impelia para ela. Eu queria fazer amor com ela, mas Deus me segurou. Tenho medo da luxúria, pois conheço seu sentido. A luxúria é a morte da vida. Um homem tomado de luxúria parece um bicho. Eu não sou um bicho, por isso retomei o caminho de casa. No trajeto, Deus me deteve, pois não queria que eu continuasse o trajeto. De repente, percebi a mesma moça, em companhia de um homem que ela impedia de entrar no restaurante, então o homem insistiu, em italiano, para que ela entrasse no restaurante com sua amiga. Parei na hora, como se estivesse pregado no lugar. O sentimento me retinha. Fiquei assim por muito tempo. Depois que a moça e o homem entraram no restaurante, um homem idoso fechou a porta, me dizendo "bom-dia". Respondi a mesma coisa. Criei o hábito de dizer "bom-dia" a todas as pessoas, sem as conhecer. Compreendi que todas as pessoas são as mesmas. Sempre digo, mas não me compreendem, que todo mundo tem um nariz, olhos etc., por isso somos todos os mesmos. Com isso

quero dizer que a gente deve amar todo mundo. Eu amo minha mulher mais que tudo no mundo. Hoje lhe disse isso, na mesa, durante o jantar. Não como carne, mas hoje Deus queria que eu comesse. Não sei por quê, mas ele queria. Executei suas ordens, e comi carne. Tinha o coração pesado, por isso comi depressa, engolindo grandes pedaços. Eu não sabia exatamente o que significava o mandamento dele, mas executei suas ordens. Ele queria assim, pois eu sentia. Certamente vão dizer que Nijinski finge estar louco para favorecer suas ações horríveis. Devo dizer que as ações horríveis são uma coisa horrível, por isso não gosto dessa coisa e não quero cometê-la. Eu a cometia antes, pois não compreendia Deus. Eu o sentia, mas não o compreendia. É o que todos fazem hoje. Todas as pessoas possuem o sentimento, mas não compreendem o sentimento. Quero escrever este livro, pois quero explicar o que é o sentimento. Sei que muita gente dirá que isso não passa de minha opinião sobre o sentimento, mas sei que não é verdade, pois essa opinião provém dos mandamentos de Deus. Sou um homem que, como Cristo, executa os mandamentos de Deus. Tenho medo das pessoas, pois acho que elas têm intenções bestiais, e podem me compreender mal, e então me linchar. Sei o que é um linchamento. O linchamento é uma coisa horrível. O linchamento é uma ação bestial. Lynch é uma besta. Lynch não é Deus. Eu sou Deus. Deus está em mim. Cometi erros, mas os corrigi por minha vida. Sofri mais do que ninguém no mundo. Amo Fränkel. Ele é um bom doutor. Está começando a me sentir. Está começando a me compreender. Sua mulher é inteligente. Ela me sente, por isso lhe trans-

mite seu sentimento. Ele a ama, por isso faz tudo o que ela quer. Ele me convidou para o restaurante, para ver um bailarino, Wilson, mas recusei, dizendo que não podia vê-lo, pois me dava pena. A mulher dele concordou, ele também. Convidei-os para fazer um passeio conosco, de carro, até Maloja, a várias verstas* de Saint-Moritz. É um belo passeio, quando o tempo está bom. Eu amo a natureza russa, pois fui criado na Rússia. Amo a Rússia. Minha mulher tem medo da Rússia. Pouco me importa onde vivo. Eu vivo onde Deus quer. Viajarei a vida toda, se Deus assim quiser. Desenhei Cristo sem barba nem bigode, cabelos compridos. Eu pareço com ele, só que o olhar dele é calmo, e o meu salta por toda parte. Sou um homem saltitante, e não um homem sentado. Tenho outros hábitos que não os de Cristo. Ele gostava de ficar sentado. Já eu gosto de dançar. Ontem, fui ver a pequena Kyra, que sufocava por causa da bronquite. Não sei por que deram a Kyra uma máquina para respirar vapores com medicamentos. Sou contra todos os medicamentos. Não quero que as pessoas tomem medicamentos. Os medicamentos são uma invenção. Conheço pessoas que tomam medicamentos por hábito. As pessoas acham que os medicamentos são uma coisa necessária. Eu acho que os medicamentos são uma coisa indispensável somente para ajudar, mas não têm sentido, pois não podem dar a saúde. Tolstoi não gostava de medicamentos. Eu gosto dos medicamentos, pois eles são uma coisa necessária. Eu disse que os medicamen-

* Antiga medida de comprimento russa. Uma versta equivale a 1.067 metros (N. do T.).

tos não eram necessários, pois não têm sentido. Disse a verdade, pois assim é. Se vocês não me acreditam, tanto faz. Eu acredito em Deus, por isso escrevo tudo o que ele me diz. Minha mulher me disse hoje que o que eu fiz na noite de ontem parecia espiritismo, pois parava de dançar quando não devia. Ao que respondi que eu não tinha me balançado como fazem nas sessões de espiritismo. As pessoas em transe de espiritismo parecem homens bêbados, e eu não, eu não estava bêbado, pois sentia tudo o que estava fazendo. Não sou um beberrão, mas sei o que é um beberrão, pois provei vinho, e fiquei bêbado. Não quero que as pessoas bebam vinho e se entreguem às sessões de espiritismo, pois isso é ruim para a saúde. Sou um homem de boa saúde, mas sou magro, porque não como muito. Eu como o que Deus me ordena.

Vou falar de Nietzsche e de Darwin, pois eles pensavam. Darwin, assim como Nietzsche, descende do macaco. Eles imitam os que já inventaram alguma coisa. Acham que descobriram a América. Chamo de descobrir a América um homem repetir alguma coisa que já foi dita. Darwin não foi o primeiro a inventar o macaco. O macaco descende do macaco, e o macaco descende de Deus. Deus descende de Deus, e Deus de Deus. Eu sinto bem, pois compreendo tudo o que escrevo. Sou um homem de Deus, e não do macaco. Sou macaco se não sentir, sou Deus se sentir. Sei que muita gente ficará encantada com meu raciocínio, e ficarei feliz com isso, pois meu alvo terá sido alcançado. Dançarei para ganhar dinheiro. Quero dar à minha mulher uma casa toda equipada. Ela quer ter um filho meu, um menino, pois tem medo de que eu morra

cedo. Ela acha que eu sou louco, pois pensa demais mesmo. Eu penso pouco, por isso compreendo tudo o que sinto. Sou o sentimento na carne, e não a inteligência na carne. Eu sou a carne. Eu sou o sentimento. Eu sou Deus na carne e no sentimento. Eu sou um homem, e não Deus. Eu sou simples. Não é preciso me pensar. É preciso me sentir, e me compreender através do sentimento. Os sábios refletirão sobre muitas coisas, e quebrarão a cabeça, pois o fato de pensar não lhes dará resultado algum. Eles são bichos. São bichos. São vianda. São a morte. Eu falo simplesmente e sem nenhuma macaquice. Eu não sou um macaco. Sou um homem. O mundo descende de Deus. O homem vem de Deus. Aos homens é impossível compreender Deus. Deus compreende Deus. O homem é Deus, por isso compreende Deus. Eu sou Deus. Eu sou um homem. Eu sou bom, e não um bicho. Sou um animal dotado de razão. Tenho uma carne. Sou a carne. Eu não descendo da carne. A carne descende de Deus. Eu sou Deus. Eu sou Deus. Eu sou Deus...

Sou feliz, pois sou amor. Amo Deus, por isso sorrio para mim mesmo. As pessoas acham que eu vou ficar louco, pois acham que vou perder a cabeça. Foi Nietzsche quem perdeu a cabeça, pois pensava. Eu não penso, por isso não perderei a cabeça. Tenho a cabeça sólida, e, dentro da minha cabeça, também é sólido. Eu ficava de pé sobre a cabeça no balé *Shéhérazade*, no qual devia representar um animal ferido. Eu representava bem o animal, por isso o público me compreendia. Agora, representarei o sentimento, e o público me compreenderá. Conheço o público, pois o estudei bem. O público gosta de se espantar, conhe-

ce pouca coisa, por isso se espanta. Sei o que é preciso para deixar o público espantado, por isso tenho certeza de meu sucesso. Querem apostar comigo que eu vou ter milhões? Quero ter milhões para fazer a Bolsa quebrar. Quero arruinar a Bolsa. Detesto a Bolsa. A Bolsa é um bordel. Eu não sou um bordel. Eu sou a vida, e a vida é o amor pelas pessoas. A Bolsa é a morte. A Bolsa despoja os pobres que levam para lá seu último dinheiro, para ganharem mais, na esperança de alcançarem seus alvos na vida. Eu amo os pobres, por isso jogarei na Bolsa para destruir os bolsistas. Os bolsistas são os que jogam na Bolsa com somas imensas. As somas imensas são a morte, por isso as somas não são Deus. Quero ganhar dinheiro na Bolsa, por isso, um dia desses, irei a Zurique. Minha mulher me apressa em ir a Zurique para ver lá um médico dos nervos, para mandar examinar meu sistema nervoso. Eu lhe prometi cem mil francos se ela tiver razão em dizer que meus nervos estão transtornados. Darei isso a ela se o doutor descobrir que eu estou doente dos nervos. Não lhe darei esse dinheiro se ela perder. Não tenho esse dinheiro, mas o prometi a ela. Deus quer que eu jogue na Bolsa. Vou jogar, mas, para isso, é preciso ficar algumas semanas em Zurique. Irei a Zurique um dia desses. Não tenho dinheiro, mas espero que minha mulher me dê algum. Irei com minha mulher. Ela me levará às suas custas. Tenho um pouco de dinheiro no banco, uns duzentos francos. Irei à Bolsa e os jogarei. Quero perder meu último dinheiro para Deus me dar outro. Tenho certeza de que Deus me permitirá ganhar, por isso irei jogar na Bolsa. Não tenho medo da Bolsa, pois sei que Deus quer que

eu ganhe. Ele quer que eu destrua a Bolsa. Ganharei dinheiro na Bolsa, e não com minha dança. Logo irei a Zurique e, de manhã, irei à Bolsa. Na Bolsa, olharei os valores antes de comprá-los, e os comprarei com todo o meu dinheiro. Não sei ler alemão, mas compreenderei o que for preciso compreender.

.....

Hoje de manhã me embebedei, antes do almoço, pois fui ao Hanselmann. Perdi a consciência, pois Deus o quis. Eu não queria ser bicho, pois para mim é a morte. Não posso forçar minha mulher a comer legumes, em vez de carne. Ela come carne, pois gosta de carne. Ela sentiu a força de meu soco sobre uma noz. Bati de uma vez só, com força de gigante. Eu sou muito forte. Tenho punhos duros. Ela teve medo de mim e disse que eu tinha batido de propósito. Sentiu certo, pois eu tinha batido de propósito. Ela está me sentindo melhor. Hoje, fingi estar doente por causa do vinho bebido no Hanselmann. Bebi um copinho, depois de comer patês. Fiquei com vertigem muito mais tarde. Saí com Tessa e, depois de alguns passos, fiquei fraco dos joelhos. Meus joelhos vacilavam. Quase caí, e Tessa estava contente comigo. Gosta dos beberrões, por isso ela mesma é uma beberrona. Conheço seus hábitos. Ela ama um homem. Eles se embriagam juntos. Ela é uma mulher ruim, pois tem muitos hábitos. Eu sou um homem ruim, pois faço coisas com os outros. Deus quis que eu compreendesse Tessa. Ontem, ela foi passear comigo, para que eu lhe desse botas. Hoje lhe comprei botas, pois ela não tem.

Eu tenho botas, por isso não preciso. Dei-lhe minhas botas, pois cabem certo no seu pé. Meus pés são um pouco maiores que os dela, no entanto ela as calça desajeitadamente, pois não compreende o que faz. Ela sente o vinho, a carne etc. Já eu, ela não me sente quando lhe falo à mesa. Ela sente a carne etc. Sob todos os tipos de pretexto, eu digo à minha mulher: "Não é bom comer carne." Minha mulher me compreende, mas não quer comer só legumes, pensando que tudo isso é invenção minha. Eu queria o bem dela, e pedi que não comesse salsichão à noite, pois conheço os efeitos. Ela me disse que nem tudo o que é bom para você é bom para mim. Não me compreendeu quando eu disse que cada um devia fazer o que sente. Ela pensa, por isso não tem sentimento. Não tenho medo de que ela me abandone, pois não me casarei de novo. Eu a amo muito, por isso vou lhe pedir perdão, se Deus quiser. Deus não quer que eu peça perdão a ela, pois não quer que minha mulher coma carne. Ela come depressa, pois sente que isso não é bom.

Dei todo o meu dinheiro à minha mulher, e ela não o poupa. Eu já lhe disse muitas vezes que, se nós não comêssemos carne, economizaríamos bastante. Ela me escuta, mas depois não faz o que eu pedi. Já verifiquei. Ela me ama, por isso teme por minha saúde. Eu disse que, se ela não gostava de nada do que eu faço, nós poderíamos nos divorciar. Acharei um marido rico e bom para ela. Eu disse que não podia viver assim porque minha paciência era grande. Fiquei nervoso, segundo o mandamento de Deus, e bati na noz com o punho. Minha mulher teve medo e ficou nervosa. Eu, vendo-a nervosa, fui escrever.

Tessa só me sente porque eu lhe dou muitos presentes. Ela gosta de presentes. Afora isso, Tessa sente a música e a dança, por isso compreende tudo o que eu faço. Romola não sente meus projetos, mas os compreende, pois sabe que tudo o que eu projetei teve sucesso em termos de dinheiro e de empreendimentos. Romola é o primeiro nome de minha mulher. Ela tem esse nome italiano por causa de seu pai, Charles de Pulszki, um homem de grande inteligência que gostava da Itália dos séculos passados. Eu não gosto dos séculos passados, pois estou vivo. Não posso escrever com esta tinta, pois não a sinto. Gosto do lápis, pois tenho o hábito do lápis. Não sei por que peguei a caneta, pois posso muito bem escrever a lápis. Minha letra não está bonita, pois não compreendo a *fountain-plume*. Gosto da *fountain-plume*, porque é muito prática. A gente pode levá-la no bolso, com tinta. É uma invenção muito astuciosa, pois muita gente quer ter essa caneta. Não gosto da *fountain-plume*, porque não é prática. Vou escrever com ela, pois ganhei de presente de minha mulher no Natal. Chama-se Natal esse hábito de todo o globo terrestre nos lugares onde existem cristãos. Não gosto do cristianismo, por isso não sou cristão. O catolicismo e a ortodoxia são doutrinas cristãs. Eu sou Deus, e não um cristão. Não gosto dos cristãos. Eu sou Deus, e não um cristão. Hoje usei a cruzinha que a avó Emma deu a Kyra. Chama-se Emma Emilia Markus a mãe de minha mulher. Ela me ama, e ama Kyra também, por isso pensa que deve oferecer todas essas bobagens. Pensa que o amor está nos presentes. Eu considero que um presente não é o amor. Um presente é um hábito. É preciso dar presentes aos

pobres, e não aos que possuem muito. Kyra tem o suficiente, por isso não precisa de presentes. Eu dou o suficiente a Kyra, pois ganho dinheiro com minha dança. Emilia põe dinheiro no banco, em nome de Kyra, enquanto Tessa, sua filha, não tem botas. Emilia não compreende o dinheiro, por isso lança-o ao vento. Ela sabe que eu a compreendo, por isso me ama. Acha que, para que eu a ame, ela precisa dar presentes à minha Kyra. Eu preferiria que ela desse esses presentes às pessoas que não têm nada. Emilia é uma mulher boa, ama os pobres, e lhes dá muito. Eu considero que não basta dar muito, e sim que é preciso ajudar constantemente os pobres. É preciso sair à procura dos pobres, em vez de dar dinheiro a sociedades. Dançarei para sociedades, só porque isso me possibilita fazer minha própria publicidade. Quero ser uma personalidade para meus próprios objetivos. Meus objetivos são os objetivos de Deus, por isso tudo farei para atingi-los. Escrevo porque Deus me ordena. Não quero ganhar dinheiro escrevendo este livro, pois temos o suficiente. Não quero enriquecer. Deus quer que eu enriqueça, pois conhece minhas intenções. Eu não amo o dinheiro. Amo as pessoas. As pessoas me compreenderão quando eu lhes tiver dado de que viver. As pessoas pobres não podem ganhar sua vida. As pessoas ricas deviam ajudá-las. Eu não ajudaria ninguém se desse todo o meu dinheiro a uma sociedade para os pobres. As sociedades para os pobres enriquecem, e não sabem organizar as coisas. As sociedades para os pobres usam o uniforme para que os pobres tenham medo deles. Um homem pobre não procura as sociedades, pois tem medo de que pensem mal dele. Os

pobres gostam dos presentes inesperados. Eu dou ao acaso, sem comentários. Não falo de Cristo quando dou um presente. Saio correndo quando um pobre quer me agradecer. Não gosto de agradecimentos. Não dou para que me agradeçam. Dou porque amo Deus. Eu sou um presente. Eu sou Deus em um presente. Amo Deus, e Deus quer que eu dê presentes, porque sei como a gente os deve dar. Não irei, como Cristo, de um apartamento ao outro. Travarei conhecimento com todo mundo, e eles me convidarão. Depois, observarei as famílias, e as ajudarei por todos os meios. Chamo de meios a todos os tipos de ajuda. O dinheiro é um meio de ajudar, e não uma ajuda em si. Não darei dinheiro, pois os pobres não sabem se servir dele. Tessa é pobre. Não tem roupas, e é desprovida de razão. Eu recorro a todos os artifícios para poder ajudá-la. Seu marido é um beberrão, por isso ela também é uma beberrona. Não gosto de beberrões, por isso recorro a todos os artifícios para convencê-la. Ela me compreendeu, mas não quer mudar de vida. As pessoas que não querem mudar de vida não são homens. Descendem do macaco de Darwin. Eu não descendo do macaco de Darwin, por isso não tenho hábitos. Eu descendo de Deus. Minha mulher é melhor, só que Tessa a impede de se desenvolver. Diz bobagens a ela em húngaro. Eu compreendo o húngaro. A língua húngara é simples, por isso é muito fácil compreendê-la, se a gente sente. Compreender não significa conhecer todas as palavras. As palavras não são um discurso. Eu compreendo o discurso em todas as línguas. Conheço poucas palavras, mas tenho ouvido. Gosto de desenvolver meu ouvido, pois quero compreender

tudo o que se diz. Gosto dos judeus sujos, que têm piolhos no corpo. Sei que, se me ouvirem, eles vão admitir que eu tenho razão. Vão me escutar e me compreender. Os piolhos não são animais úteis, por isso é permitido matá-los. Eu sou judeu de origem, pois sou Cristo. Cristo é judeu. Os judeus não compreenderam Cristo. Um judeu não é Cristo, pois é judeu. Os judeus são budas. Os budas são pessoas bichos, pois gostam de piolhos. Eu mato os piolhos. Mato os bichos ferozes. Sou um predador que mata tudo o que é nocivo à existência. Não chamo isso de assassinar, quando não dou comida aos piolhos. Os piolhos estão onde está a sujeira. A sujeira é uma coisa útil, mas não no corpo. O corpo deve estar limpo, pois a epidemia mata o homem. O homem é um ser mais útil que o piolho. O piolho é uma coisa bicho, o homem é um ser dotado de razão. Os budistas não compreendiam Deus, pois diziam que era proibido matar qualquer criatura. A criatura é uma coisa, e não Deus. Deus não é uma criatura nas coisas. Eu sou uma criatura, mas não uma coisa. Gosto dos cachos*, mas não com piolhos. Os piolhos gostam dos cachos, pois os cachos são ninhos de piolhos. Os piolhos detestam os homens de cabelos curtos. Os judeus não gostam de cabelos curtos. Eu gosto dos judeus de cabelos curtos, e com cachos sem piolhos. Detesto a sujeira, que multiplica os piolhos. Um judeu que coça a cabeça parece o macaco de Darwin. Darwin era um macaco, mas não tinha piolhos. Gosto de Darwin por sua limpeza. Ele escrevia

* Nijinski se refere aos cachos característicos do penteado dos judeus ortodoxos, especialmente os hassideus (N. do T.).

limpamente. Eu gosto de escrever limpamente, mas minha caneta é ruim. Ganhei-a de presente, por isso gosto desta caneta. Escreverei com esta caneta tanto quanto Deus queira. Sinto que minha mão se cansa. Na caneta, está escrito "Ideal", mas minha caneta não é ideal. Gosto de ideais, mas daqueles de que não se fala. Eu sou um ideal. Minha caneta não é um ideal. Chama-se ideal uma coisa perfeita. Eu descobri o jeito de uma caneta ideal, por isso ganharei muito dinheiro, só que vou tirar uma patente, pois quero ter muito dinheiro. Conheço os defeitos da caneta, e, quando for à América, vou tirar patente, pois quero ter muito dinheiro. Darei esse dinheiro aos pobres. Procurarei os pobres com toda espécie de artifício. Fingirei estar moribundo, doente etc., para poder entrar na cabana do pobre. Eu sinto os pobres como o cachorro fareja sua caça. Eu sou um bom cachorro que procura os pobres pelo faro. Farejo muito bem. Encontrarei os pobres sem publicar anúncios. Não preciso de anúncios. Irei pelo faro. Não me enganarei. Aos pobres não darei dinheiro, darei a vida. A vida não é a pobreza. A pobreza não é a vida. Eu quero a vida. Quero o amor. Sinto que minha mulher tem medo de mim, pois fez um movimento afetado quando lhe pedi tinta. Ela sentia o frio, e eu também. Tenho medo do frio, pois o frio é a morte. Escreverei rapidamente, pois não tenho bastante tempo. Eu bem gostaria que Kostrovski me ajudasse, pois ele me compreende. Eu falaria e ele escreveria, e dessa maneira eu poderia fazer outra coisa ao mesmo tempo. Quero escrever e pensar em outra coisa. Escrevo uma coisa, e penso em outra. Eu sou Deus no homem. Eu sou o que Cristo sentia. Eu

sou o Buda. Eu sou um Deus búdico, e todas as espécies de Deus. Conheço todo mundo. Eu sei tudo. Finjo estar louco para atingir meus fins. Sei que, se todo mundo pensar que eu sou um louco inofensivo, ninguém terá medo de mim. Não gosto das pessoas que acham que eu sou um louco que pode fazer mal às pessoas. Sou um louco que ama as pessoas. Minha loucura é o amor à humanidade. Eu disse à minha mulher que havia inventado uma caneta que me traria muito dinheiro, e ela não acredita em mim, pois acha que eu não compreendo o que faço. Mostrei-lhe uma caneta e um lápis, para explicar a caneta que acabo de inventar. Mandarei minha invenção a Steinhardt, meu advogado e amigo, e pedirei que me faça uma *fountain-plume* simples e me mande a patente. Steinhardt é um homem inteligente, por isso compreenderá a força de minha invenção e me enviará a patente, mas quero dar-lhe uma lição, por isso pedirei que mande estudar essa caneta, pois não sei como fabricá-la. Pedirei que me envie o dinheiro da venda da patente. Quero vender a patente por cinco milhões de dólares. Se eles concordarem, vou vender essa patente, se não concordarem, vou rasgá-la. Pedirei a Steinhardt que mande publicar numa revista, e em letras grandes, o anúncio de minha invenção, dizendo que é Nijinski quem possui a patente. Essa caneta se chamará Deus. Quero me chamar Deus, e não Nijinski, por isso pedirei que chamem essa caneta de Deus. Quero ter muito dinheiro, por isso recorrerei a todas as astúcias para conseguir. Logo irei a Paris, e lá encontrarei um homem pobre com quem farei um acordo. Ele desenhará minha invenção, e eu lhe pagarei. Ele será meu engenheiro.

Eu construirei uma ponte, e ele a desenhará. Construirei uma ponte entre a Europa e a América, a qual não custará caro. Já conheço o sistema dessa ponte, pois Deus fala comigo. Conheço o meio de construí-la, por isso, quando chegar a Paris, cuidarei da realização dessa ponte. A ponte será uma coisa magnífica. Conheço coisas magníficas. Darei essas coisas, se as pessoas me pedirem. Não sou rico, e não quero riqueza. Quero o amor, por isso quero jogar fora toda a imundície do dinheiro. Os piolhos do dinheiro se dispersarão sem morrer. Eu lhes darei a vida. Eles não morrerão de fome. Eu sou a fome. Eu sou aquele que não morre de fome, pois sei o que é preciso para não morrer de fome. Sei que é preciso comer pouco, então o corpo da gente se habitua ao alimento que lhe dá a vida. O homem será diferente, e seus hábitos serão diferentes. Ele está corrompido, por isso não pode compreender as coisas simples. Eu não sou uma criança-prodígio que se deva exibir. Sou um homem razoável. Milhões de anos se escoaram desde que os homens existem. As pessoas pensam que Deus está onde a técnica é importante. Deus estava onde os homens não possuíam indústria. Chama-se indústria tudo o que é inventado. Eu também invento, por isso sou indústria. As pessoas pensam que antes não havia indústria, mas que havia perus, por isso os historiadores pensam que eles são deuses com penas de aço* . O aço é uma coisa

* Nijinski grafa incorretamente a palavra russa para "indústria", escrevendo-a *indyustriya* em vez de *industriya*. Isso pode tê-lo levado a pensar em *indyuk*, termo que em russo significa peru (N. do T.).

útil, mas as penas de aço são uma coisa horrível. Um peru com penas de aço é horrível. O aeroplano é uma coisa horrível. Estive num aeroplano, e chorei. Eu não sabia por que estava chorando, mas meu sentimento me fez compreender que os aeroplanos destruiriam as aves. Todas as aves se esborracham à visão do aeroplano. O aeroplano é uma boa coisa, por isso não convém abusar dele. O aeroplano é uma coisa de Deus, por isso gosto dele. Não se deve utilizar o aeroplano como uma coisa de guerra. O aeroplano é amor. Eu amo o aeroplano, por isso voarei onde não existem aves. Amo as aves. Não quero fazer-lhes medo. Um piloto famoso que voava na Suíça se chocou com uma águia. A águia é uma grande ave. A águia não gosta de pássaros. A águia é uma coisa rapace, mas não convém matá-la, pois Deus lhe deu a vida. De novo escrevo Deus com maiúscula, pois Deus o quer, mas vou mudar isso, pois é mais simples escrever com minúscula. Não gosto da escrita sem sinais duros e brandos, porque eles complicam a escrita e a leitura. Gosto das letras *i* e *ѣ** porque põem as palavras em evidência. As palavras devem ser postas em evidência, por isso eu peço ao tradutor que as corrija. Não estudei, por isso não sei escrever a letra *ѣ*. Sei escrever os sinais brandos e duros. Gosto das correções dos outros, por isso peço que me corrijam sempre, e em tudo. Eu sou um homem com erros. Gosto dos sábios, mas não gosto de suas doutrinas, pois o sentimento se perde por causa delas. Eu não me repito quando escrevo sobre coisas

* Essas duas letras foram suprimidas pela reforma ortográfica russa, depois da revolução (N. do T.).

que interessam ao mundo inteiro. Eu conheço o mundo, por isso quero a paz, para todo mundo. Escrevi "paiz" com a letra *i*, para botar a palavra em evidência, mas não tenho certeza, por isso peço que me corrijam. Corrigirei tudo, quando tudo o que escrevo tiver sido publicado, com erros. Eu quero ter erros, por isso os faço de propósito. Estudei ortografia em duas escolas de Petersburgo, onde me mandaram fazer estudos suficientes. Eu não precisava da universidade, pois não precisava saber tanto. Não gosto das universidades, pois nelas se faz política. A política é a morte. A política interna e externa. Tudo o que é inventado com fins de governo é política. As pessoas se perderam e não podem se compreender, por isso se dividiram em partidos. Esqueci o aeroplano que se chocou com uma águia. A águia é uma ave de Deus, e não convém matá-la, por isso não convém matar os czares, os imperadores, os reis e outras aves semelhantes. Eu não sou um rapace, por isso não matarei um rapace. Sei que irão me dizer que um rapace é um ser nocivo, então eu direi a mesma coisa que disse sobre os piolhos que estão nos cachos. Amo os czares e os aristocratas, mas as ações deles não são boas. Vou mostrar-lhes o exemplo, em vez de os destruir. Vou dar a eles um medicamento contra a bebedeira. Vou ajudá-los de todas as maneiras, pois eu sou deus*, mas peço a todos que me ajudem, pois não posso cumprir sozinho tudo o que deus quer. Quero que todo mundo me ajude, por isso peço a todos que me peçam ajuda. Eu sou deus, e meu

* Aqui, Nijinski alterna maiúsculas e minúsculas para a palavra Deus, e respeitamos essa alternância (N. do T.).

endereço fica em deus. Não habito Moïka*, No..., mas habito as pessoas. Não quero cartas, quero trabalhar sobre o sentimento. O espiritismo não é o sentimento. O espiritismo é uma ciência inventada. Eu sou um sentimento simples, que cada um possui. Não quero pessoas com um mau sentimento. Eu sentirei e, quanto a Você, você escreverá. Eu escrevo porque Você escreve. Pararei quando Você parar. A guerra não parou, porque as pessoas pensam. Sei como se pode parar a guerra. Wilson quer parar a guerra, mas as pessoas não o compreendem. Wilson não é um bailarino. Wilson é deus na política. Eu sou Wilson. Eu sou uma política razoável. Wilson quer uma política razoável, por isso não gosta da guerra. Ele não queria a guerra, mas os ingleses o forçaram a isso. Ele queria evitar a guerra. Ele não é venal. Eu quero falar, mas deus não permite. Queria escrever o nome de um político, mas deus não permite, pois não me quer mal. Lloyd George é um homem simples, mas tem uma imensa inteligência. Sua inteligência destruiu seu sentimento, por isso ele é desarrazoado em política. Se ele escutasse Wilson, poderia parar a guerra. Lloyd George é um homem horrível. Diaghilev é um homem horrível. Eu não amo os homens horríveis. Não lhes farei mal. Não quero que os matem. Eles são águias. Impedem as aves pequenas de viver, por isso é preciso tomar cuidado com eles. Não quero que morram. Gosto deles, pois deus lhes deu a vida e tem direito à existência deles. Julgá-los cabe a deus, não a mim. Eu sou deus, e direi a eles a

** Moïka é o nome de um rio e de um cais de São Petersburgo (N. do T.).

verdade, destruirei todo o mal que fizeram. Vou impedi-los de fazer o mal. Sei que Lloyd George não gosta das pessoas que o incomodam, e que recorre ao assassinato, por isso peço a todos que me protejam, pois ele me matará. Diaghilev também. Diaghilev é menor do que Lloyd George, mas também é uma águia. A águia não deve incomodar as pequenas aves, por isso é preciso dar-lhe para comer aquilo que destruirá suas intenções rapaces. Lloyd George se alimenta de política para inglês de idéias imperialistas. Diaghilev é um homem maldoso, e gosta de meninos. É preciso impedi-los de realizar suas intenções, por todos os meios. Não se deve trancá-los na prisão. Eles não devem sofrer. Cristo sofreu, mas não teria sido necessário que ele sofresse. Cristo não é o Anticristo, como dizia Merejkovski. Dostoievski escreveu a respeito de um bastão de duas pontas. Tolstoi falava de uma árvore que tem raízes e ramos. A raiz não é o ramo, e o ramo não é a raiz. Eu amo a raiz, porque ela é necessária. Amo o Anticristo, porque ele é o avesso de Cristo. Cristo é Deus, o Anticristo não é deus. Amo o Anticristo, porque ele não é deus. É o resíduo da vida passada. O resíduo da vida passada são os museus e a história. Não amo a história e os museus, pois têm cheiro de cemitério. Diaghilev é um cemitério, por isso é a outra ponta do bastão. Dostoievski não é um bastão. Dostoievski é um grande escritor, que descreveu sua vida sob a forma dos diferentes personagens que ele representa. Tolstoi disse que Doistoievski era alguém com uma vírgula. Eu digo que Dostoievski é Deus... Dostoievski falou de Deus à sua maneira. Ele amava Deus e o compreendia. Enganou-se, quando mandou

Nicolau à Igreja. Nicolau ou um outro nome dos *Irmãos Karamazov*, não sei, mas aquele que foi à Igreja não é uma vírgula* . Ele foi à Igreja porque lá se procura deus, e deus não está na Igreja. Deus está nas igrejas e em toda parte onde a gente o procura, por isso irei à igreja. Não amo a Igreja porque lá não se fala de deus, mas se fala de ciência. A ciência não é deus. Deus é a razão, e a ciência é o Anticristo. Cristo não é a ciência. A Igreja não é Cristo. O papa é a ciência, e não Cristo, por isso as pessoas que beijam seus sapatos se parecem com os piolhos que vivem nos cachos. Falo grosseiramente de propósito, para que me compreendam melhor, e não para ofender as pessoas. As pessoas irão se ofender, pois vão pensar, e não vão sentir. Sei que o mundo inteiro está contaminado por essa doença de podridão que impede a árvore de viver. A árvore de Tolstoi é a vida, por isso é preciso lê-lo. Eu conheço sua *Karenina*, mas esqueci-a um pouco. Li *Guerra e paz* até a metade. *Guerra e paz* é obra dele, por isso deve ser lida, mas eu não tenho suas últimas obras. Tolstoi é um grande homem e um grande escritor. Tolstoi tinha vergonha de ser escritor, pois achava que era apenas um homem. Um homem é um escritor. Um escritor é um jornalista. Eu amo os jornalistas que amam os homens. Os jornalistas que escrevem bobagens são o dinheiro. O dinheiro é jornalista. Eu sou uma revista sem dinheiro. Gosto das revistas. As revis-

* Não é possível saber com certeza se Nijinski se refere à instituição ou ao lugar. Trata-se, sem dúvida, de Aliocha Karamazov, que, no romance de Dostoievski, quer entrar para o mosteiro (N. do T.).

tas são a vida. Eu sou uma revista na vida. Homem, revista, vida, escritor, tolstoi, dostoievski. Merejkovski e Filosofov são uns Diaghilev. Eles eram da revista *Mir Iskusstva**. Escreviam coisas tolas, pois estudavam. Merejkovski escreve lindamente, Filosofov escreve inteligentemente. Conheço a polêmica de jornais entre Filosofov e um outro jornal que se chamava *Novoie Vremia***. *Novoie Vremia* era a vela e *Retch****, a gasolina. Nem a vela nem a gasolina são deus, pois a vela é a ciência da Igreja, e a gasolina é a ciência do ateísmo. Filosofov não compreendia Merejkovski. Merejkovski procurava deus, e não o encontrou, Filosofov era o macaco de Darwin. Eu queria massagear minha mão, porque ela estava cansada de escrever, mas senti que a massagem era Filosofov, e deixei minha mão sossegada. A massagem é a inteligência. Não gosto de massagens. O doutor Bernhard não me massageou a perna, mas disse que eu voltasse para lhe mostrar minha perna, que arranhei um pouco. Meu arranhão não é terrível, por isso eu não precisava ir ver o doutor. Gosto do doutor Bernhard, por isso passei por lá. Achei que ele se ofenderia se eu não fosse vê-lo, e acreditaria que eu o considero um mau doutor. Ele percebeu que gosto dele como cirurgião, e não como doutor em medicina. O doutor em medicina é o doutor Fränkel, por isso eu o faço também ganhar dinheiro. O doutor Fränkel e o doutor Bernhard são pessoas ricas. Conheço um doutor muito bom que se chama...

---

* Trata-se da revista *O mundo da arte* (N. do T.).
** *O tempo novo* (N. do T.).
*** *O discurso* (N. do T.).

esqueci o nome dele. O doutor Deus, esse é o doutor que esqueci. Esqueci, pois pensei no doutor que cuidou de minha pequena Kyra. Chamei-o, pois achava que ele era pobre. Esse doutor não é pobre, mas é invejoso, pois diz coisas más sobre o doutor Bernhard. Eu conheço o doutor Bernhard. É um homem rico, e espero que não me peça dinheiro pela visita. Vou mostrar-lhe minha perna e, enquanto isso, representarei coisas tristes, pois ele opera as pessoas. Deus não quer operações. Deus não ama a ciência. Deus não ama a filosofia de Darwin e de Nietzsche. Deus destrói as doenças sem o auxílio de medicamentos. Os medicamentos não ajudam. Os medicamentos são o dinheiro. O dinheiro não ajuda a viver, complica a vida. Se Wilson quiser, saberá destruir o dinheiro. Se não quiser, então não pode compreender Deus. Eu o compreendo, por isso ajudarei Wilson em sua tarefa. Conheço o meio de destruir o dinheiro. No próximo livro, descreverei esses meios de destruição. "Enviei um mosquito sobre teu caderno, para te fazer cometer um erro." Quero que imprimam meus erros. Eu preferiria que fotografassem meus escritos em vez de imprimi-los, pois a impressão destrói a escrita. A escrita é uma bela coisa, por isso convém fixá-la. Quero que fotografem meus escritos para explicar minha escrita, pois minha escrita é a de Deus. Quero escrever como Deus, por isso não vou corrigir minha escrita. Eu não corrijo minha escrita. Escrevo mal de propósito. Posso escrever com escrita muito bonita. Conheço a escrita, pois a sinto. Não escrevo com escrita bonita, pois não quero ser perfeito. Eu sou o povo, e não um aristocrata cheio de dinheiro. Gosto do dinheiro. Gosto dos

aristocratas, mas quero amor para as pessoas. Amo minha cozinheira, e amo minha mulher. Minha mulher não me ama e tampouco ama a cozinheira. Eu compreendo minha mulher. Conheço seus hábitos. Ela ama as amabilidades. Eu não sei fazer amabilidades, porque não quero. Meu amor é simples. Escrevo sem refletir. Cocei embaixo do nariz pensando que era comichão, mas compreendi que Deus fez de propósito, para eu ajeitar meu caderno. Deus escreve tudo isso para meu... Deus não quer dizer as coisas adiantado, por isso parou. Ele não quer dizer as coisas adiantado. Eu sei que não sou deus, por isso para mim tanto faz o que minha mão escreve. Minha mão ficou dormente. Deus me mostrou como a mão podia descansar, por isso eu sei como cuidar dela. Vou deixar a escrita e vou poder escrever de novo.

Levantei-me bem tarde, às nove horas da manhã, e a primeira coisa que fiz foi ir escrever. Escrevo bem, pois minha mão não está cansada. Escreverei bem, para todo mundo ver que eu sei escrever. Gosto da escrita bonita, pois dentro existe sentimento. Gosto da escrita, mas não gosto da escrita sem sentimento. Sei que, se eu mostrar minha escrita a alguém que saiba ler o futuro, ele dirá que este homem é extraordinário, pois sua escrita salta. Eu sei que a escrita que salta é sinal de bondade, por isso reconhecerei os bons pela escrita deles. Não tenho medo dos bons, e os maus não podem fazer mal aos bons, pois conheço um meio. Diaghilev é um homem mau, mas eu conheço o meio de me proteger de sua polêmica maldosa. Ele acha que minha mulher tem toda a inteligência, por isso tem medo de minha mulher. De mim, não, de mim ele

não tem medo, pois representei o homem nervoso. Ele não gosta de gente nervosa, mas ele mesmo é nervoso. Diaghilev é nervoso, pois se preocupa com o nervo. Diaghilev excita o nervo de Massine, e Massine excita o nervo de Diaghilev. Massine é um homem muito simpático, mas é tedioso. O alvo de Massine é simples. Ele quer enriquecer e aprender tudo o que Diaghilev sabe. Massine não sabe nada. Diaghilev não sabe nada. Diaghilev acha que é o Deus da arte. Já eu acho que sou Deus. Quero provocar Diaghilev para um duelo, de modo que o mundo inteiro veja. Quero provar que toda a arte de Diaghilev é pura tolice. Se me ajudarem, eu ajudarei as pessoas a compreenderem Diaghilev. Trabalhei cinco anos com Diaghilev, sem descanso. Conheço todos os seus ardis e hábitos. Eu fui Diaghilev. Conheço Diaghilev melhor do que ele mesmo se conhece. Conheço seus lados fracos e fortes. Não tenho medo dele. A sra. Edwards tem medo dele, pois toma-o pelo Deus da arte. Sert é marido dela, mas não no papel. É marido porque vive com ela. Sert não se casará, pois acha indigno de um homem de sociedade desposar uma mulher que viveu com Edwards. A sra. Edwards sente o dinheiro. Sert é um homem rico, pois seus pais lhe deixaram uma herança. Sert é um pintor burro, pois não compreende o que faz. Sert pensa que eu sou burro. Sert pensa que eu deixei Diaghilev por burrice. Sert pensa que eu sou burro, e eu penso que ele é burro. Vou dar a primeira bofetada, pois sinto amor por ele. Sert me abaterá, se eu o esbofetear. Sert tem sangue espanhol. Os espanhóis gostam do sangue do touro, por isso gostam de assassinatos. Os espanhóis são pessoas horríveis, pois

cometem assassinatos de touros. A Igreja, com o papa à frente, não pode deter o tauricídio. Os espanhóis acham que o touro é uma fera. O toureiro chora antes do assassinato do touro. Paga-se muito ao toureiro, mas ele não gosta dessa atividade. Conheço muitos toureiros a quem o touro rasgou a barriga. Eu disse que não gostava do massacre de touros, então não me compreenderam. Diaghilev dizia a Massine que a tourada era uma arte magnífica. Sei que Diaghilev e Massine dirão que eu sou louco e que não cabe me censurar por isso, pois Diaghilev sempre recorre a essa astúcia intelectual. Lloyd George faz a mesma coisa com os políticos. É um Diaghilev, pois acha que a gente não o compreende. Eu compreendo os dois, por isso os desafio ao combate, um combate de touros e não de mugidos. Eu dou mugidos, mas não sou um touro. Dou mugidos, mas o touro morto não muge. Eu sou Deus e Touro. Sou Ápis. Sou um egípcio. Sou um hindu. Sou um índio. Sou um negro, sou um chinês, sou um japonês. Eu sou um estrangeiro, venho de outro lugar. Sou uma ave marinha. Sou uma ave terrestre. Sou a árvore de Tolstoi. Sou as raízes de Tolstoi. Tolstoi é meu. Eu sou dele. Tolstoi viveu ao mesmo tempo que eu. Eu o amava, mas não o compreendia. Tolstoi é grande, e eu tinha medo dos grandes. Os jornais não compreenderam Tolstoi, pois o magnificaram sob os traços de um gigante num dos jornais, depois de sua morte, pensando rebaixar o soberano. Eu sei que o soberano é um homem, por isso não queria que o matassem. Falei desse assassinato com todos os estrangeiros. Tenho pena do soberano, porque o amava. Ele morreu do martírio de homens ferozes. Os bichos

ferozes são os bolcheviques. Os bolcheviques não são deuses. Os bolcheviques são bichos ferozes. Eu não sou bolchevique. Gosto do trabalho, qualquer que seja. Trabalho com as mãos e as pernas e a cabeça e os olhos e o nariz e a língua e os cabelos e a pele e o estômago e o intestino. Não sou um peru com penas de aço. Sou um peru com penas de Deus. Faço gluglu como um peru, mas compreendo o que digo ao fazer gluglu. Eu sou um glu-buldogue, pois tenho olhos grandes. Sou um glu-bul, porque gosto dos ingleses. Os ingleses não são John Bull. John Bull está cheio de dinheiro na barriga, e eu estou cheio de intestinos. Meu intestino se comporta bem, porque eu não como muito dinheiro. John Bull come muito dinheiro, por isso seu intestino é inchado. Eu não gosto de intestino inchado, pois me impede de dançar. Os ingleses não gostam de dançar, pois têm muito dinheiro na barriga. Não gosto de me sentar de pernas cruzadas, mas às vezes faço isso para que não tenham medo de mim. Conheço pessoas que dirão que tudo o que eu escrevo é um transe de espiritismo. Eu queria que todo mundo estivesse nesse tipo de transe, pois Tolstoi esteve igualmente. Dostoievski e Zola também. Gosto de Zola, embora o tenha lido muito pouco. Conheço o caso, que me fez compreender Zola. Quero ler Zola muito, pois ele escreveu muito. Tenho muita pena de Zola, pois acabaram com ele a gás. Eu sei quem o matou. Ele foi morto por homens que tinham medo da verdade. Vão acabar comigo quando eu quiser. Não tenho medo da morte, por isso os assassinos podem passear à minha frente tanto quanto quiserem. Darei ao assassino mais dinheiro do que quem quisesse me matar. Não

quero a morte do assassino, por isso peço, quando eu for morto, não linchem nem matem de outra forma o assassino, pois não é culpa dele. O assassino vai ao encontro de sua morte. O assassino é Lloyd George, pois matou milhões de homens inocentes. Eu sou um homem em um milhão. Não estou sozinho. Sou um milhão, pois sinto mais que um milhão. Lloyd George mandará assassinos, por isso peço que tomem cuidado com ele. Lloyd George é um assassino da razão. A razão é a vida, e não a morte. Eu escrevo filosofia, mas não sou filosofastro. Não gosto de filosofice, pois filosofice é tagarelagem. Eu uso a gravata da perua e do peru. A mulher e o homem são a mesma coisa, por isso não se tem necessidade de representantes das mulheres. Eu preferirei os homens casados, pois eles conhecem a vida. Os homens casados se enganam, mas têm a vida. Eu sou a mulher e o marido. Amo a mulher. Amo o marido. Não amo a mulher e o marido quando eles se entregam à devassidão, olhando todas as espécies de livros degradantes, japoneses e outros, e depois fazendo todos os gestos no amor carnal. Eu sou a carne, mas não o amor carnal. Quero escrever depressa, pois quero publicar este livro antes de ir a Paris. Quero publicar este livro na Suíça. Não tenho medo do governo, por isso eles podem me expulsar tanto quanto quiserem. Não sou um bolchevique ou um revoltado qualquer. Eu sou o amor ao homem. Quero que o governo me permita viver onde eu quiser. Minha mulher é uma mulher boa, minha filha também, por isso não se deve tocar nelas.

Se os ingleses tiverem medo de mim e enviarem matadores à Suíça, eu os abaterei antes que me aba-

tam. Vão me botar na prisão por toda a vida, pois os ingleses desejam isso. Os ingleses são pessoas incrivelmente maldosas. Recorrem a todas as astúcias dos hipócritas. O inglês é um hipócrita. O inglês não é Deus. Deus é um inglês dotado de razão, e não de inteligência. As pessoas na Inglaterra fazem espiritismo para saberem tudo antes dos outros. Eu não sou o espiritismo. Eu sou a vida, por isso quero viver. Peço ao povo suíço que me proteja. Quero publicar este livro em língua suíça, pois habito a Suíça. Eu amo a Suíça simples. Não amo a Suíça que é um peru com penas de aço. Quero publicar este livro na Suíça, em exemplares bem baratos. Quero ganhar um pouco de dinheiro, pois sou pobre. Não tenho dinheiro e vivo ricamente. Sou um inglês-hipócrita, pois invento todos os tipos de meios para prolongar meus créditos. Não gosto de credores. Não gosto de ser devedor.

Quero jogar na Bolsa. Quero ser um ladrão. Quero matar um homem rico, não pela morte do corpo, mas pela morte da inteligência. Eu não sou a inteligência. Sou a razão. Com a razão, obterei mais do que com a inteligência. Inventei um balé, no qual mostrarei a inteligência e a razão e toda a vida dos homens, só que é preciso me ajudar. Pensei em Vanderbilt, mas mudei de idéia, pois Vanderbilt empresta dinheiro. Não gosto de devedores, por isso ganharei dinheiro eu mesmo, para esse balé. Diaghilev é um devedor. Diaghilev me deve dinheiro. Diaghilev acha que me pagou tudo. Diaghilev perdeu o processo de Buenos Aires. Ganhei um processo de cinqüenta mil francos. Diaghilev ainda me deve mais ou menos vinte mil francos. Não quero os cinqüenta mil francos,

mas quero o dinheiro que ganhei e que Diaghilev ainda me deve, do processo ganho por meu advogado inglês, Lewis. Em inglês se diz *Sir* Lewis. Não gosto dos *sirs*, porque não sabem cagar* . Eu cago como todos os homens, não dinheiro. Gosto de dinheiro para ele ajudar, e não para encher o intestino de John Bull. Sou um inglês, mas sem dinheiro na barriga. O banco é John Bull. Os ingleses compreenderam bem John Bull, mas não o sentiram.

Quero esconder este caderno, pois Tessa sentiu que eu conheço suas artimanhas. Ela sabe que eu sou inteligente, pois lhe provei isso. A gente a chama de "Tigrinho". As unhas dos artelhos dela são como as de um tigre. Ela cuida das unhas, mas não da limpeza de suas entranhas de mulher. Não gosto das mulheres que cuidam demais das entranhas. O mijo dela é cheio de flocos brancos. Ela esqueceu o urinol em seu quarto, e quando entrei lá para arejá-lo do mau cheiro vi o urinol cheio de mijo. O mijo de minha mulher é limpo. O mijo de Tessa é sujo. Compreendi que ela cuidava demais das entranhas. Cuida por várias razões. A primeira é que gosta de homens, e a segunda é que seu marido já teve uma doença venérea. Tessa me contou isso tudo quando estávamos em Viena, durante a guerra. Não esqueci tudo o que me disseram. Tessa me olha com ódio, achando que eu não a amo. Sentiu que eu a amava e começou a chorar, pois a fiz compreender que lhe daria um anel. Ela gosta do anel. Eu não gosto do anel. Não quero que ela seja desonrada.

* Em russo, os termos correspondentes ao inglês *sir* e ao francês *chier* têm a mesma consonância (N. do T.).

Quero dizer toda a verdade. Não tenho medo do marido dela, por isso publicarei este livro com ele vivo. Vão me mover um processo, mas tanto faz. Ela dirá que eu sou a mesma coisa que Dodo Hempel. Dodo Hempel é um Diaghilev. Dodo Hempel deve trabalhar para Diaghilev. Eu não sou Hempel. Eu sou Deus no homem. Falo de propósito, para todo mundo conhecer a conduta de Tessa. Não lhe quero mal, por isso vou ajudá-la de todas as maneiras a não morrer de fome. Tessa é uma mulher hábil. Sabe muito bem enganar os que a cercam. Pensa que ninguém compreende suas artimanhas. Eu compreendi Tessa muito bem, pois notei que flertava comigo. Ficava deitada na cama em roupa de baixo, para me excitar. Ela acha que é possível excitar com uma calcinha de seda. Ela usa calcinhas de seda e camisetas de tecido fino para excitar a gente. Eu compreendo bem Tessa. Conheço suas astúcias. Essas astúcias são as do tigre que espreita sua presa. De propósito eu entrava no quarto quando ela estava nua. Ela não se encabulava diante de mim. A mulher que recebeu uma educação mundana deve se encabular diante dos homens. Tessa viu muitos homens, pois não se encabula diante deles. Tessa chamou o doutor Fränkel para acalmar a briga em família. Eu não sou uma briga, por isso não briguei. Disse a verdade à minha mulher, e a Tessa também. Não tenho medo de meu divórcio. Disse ao doutor Fränkel que ele era um homem muito distinto. Ele se emocionou, eu lhe apertei a mão. Minha mulher teve medo de mim, pois escapuli para o quarto onde Tessa estava. Tessa é uma mulher hábil, por isso chamou o doutor. O doutor é um homem bom. Gosto dele, pois quer

arranjar as coisas todas. Tessa não gosta de mim, pois entrou com o anel e as botas que eu lhe dei, e falou coisas a meu respeito. Sentiu minhas palavras em alemão. Eu compreendo o alemão. Vou pedir a ela que vá embora o mais cedo possível, se me devolver o anel e as botas. Sei que ela não devolverá, pois não tem nenhuma consciência. Amou vários homens em Saint-Moritz. Eu percebi, porque a vigiava. Conheço suas astúcias. Ela tem medo de mim, pois acha que eu sou mau. Ela me conhece. Eu a conheço. Mais tarde lhe direi que, se ela repassar meus presentes a alguém, receberá uma bofetada. Direi na estação, antes de sua partida. Saberei por acaso, se ela der essas coisas aos outros. Encontrarei essas pessoas, e retomarei as coisas. Irei buscar a echarpe na casa do homem a quem ela a deu de presente. Conheço esse homem. Pedirei que me devolva e darei a echarpe à minha mulher, dizendo que a encontrei. Não vou dizer que tomei de Tessa. Tessa vai procurar homens na rua. Sei que ela vai vender as botas e meu anel, por isso receberá uma bofetada. Eu não esbofeteio o rosto. Bato por amor. Darei a ela este livro de presente. Não falo mais com Tessa. Na véspera de sua partida, direi que conheço seu caráter ardiloso e que escreverei tudo o que sei sobre ela. Ela vai pensar que eu não sei nada. Conheço seus hábitos. Ela sorri aos jovens e os ama gratuitamente. É um homem, não uma mulher, pois procura um homem. Ela gosta de pica. Precisa de uma pica. Conheço picas que não a amam. Eu sou uma pica que não a ama. Sei que todo mundo terá vergonha dessa palavra, por isso a escrevi, pois quero que todo mundo saiba o que é a vida. Não gosto da vida hipócrita. Eu

sei o que é a vida. A vida não é uma Pica. A Pica não é a vida. A Pica não é Deus. Deus é uma Pica que multiplica seus filhos com uma só mulher. Eu sou o homem que multiplica seus filhos com uma só mulher. Tenho vinte e nove anos. Amo minha mulher, não para multiplicar filhos, mas espiritualmente. Eu multiplico filhos com ela se Deus quer, mas não os multiplicarei, pois tenho medo dela. Não quero filhos inteligentes. Kyra é uma menina inteligente. Eu sou um homem razoável. Não quero que ela seja inteligente. Vou impedi-la com toda a força de se desenvolver intelectualmente. Gosto das pessoas burras. Não gosto da burrice, porque não vejo sentimento na burrice. A burrice não é um sentimento do homem. Sei que as pessoas burras não sentem. A inteligência impede as pessoas de se desenvolver. Sou um homem inteligente, pois sinto. Eu sinto Deus, e Deus me sente. Amo Tessa, por isso lhe quero bem. Tessa não me ama, pois sabe que eu não a amo. Eu não amo os hábitos de Tessa, pois são a morte. Amo Tessa, porque é um ser humano. Não quero sua morte. Quero lhe fazer medo, pois lhe quero bem. Tessa me esqueceu, pois pensa que o Doutor Fränkel me fez medo* . Tessa me compreende, mas não me sente. Tessa não quer sentir, por isso é um bicho, um "Tigre". Eu queria apelidá-la de "Tigrinho", mas achei que era um nome bonito demais. Quero bem a Tessa. Impedirei todas as suas iniciativas. Ela não me ama. Tessa não me ama, mas ama o Doutor Fränkel e espera o amor dele. O doutor não ama Tessa, pois sente os

* Nijinski escreve 'doutor' ora com maiúscula, ora com minúscula, ou então abreviado. Conservamos essas variações (N. do T.).

olhares dela. O Doutor Fränkel ama sua mulher. A mulher de Fränkel o ama como uma mulher ama um homem. Ela é muito ardilosa. Percebi suas macaquices ardilosas. Ela parece um macaco dotado de sentimento. Debate-se como um esquilo engaiolado. O Doutor Fränkel não é um esquilo, por isso sente mais amor por ela do que ela por ele. O Dr. Fränkel é um homem bom. Eu não o compreendia quando achava que ele era mau. Ele não é mau, pois quer ajudar as pessoas. Sei que essa ajuda não é uma obrigação para os doutores. A ajuda médica é uma obrigação dos doutores. Não admito a ajuda das pessoas quando vejo que os doutores se metem com obrigações que não são as deles. O Dr. Fränkel me falou como amigo, por isso o escutei. Eu sabia do que ele ia falar antes que ele falasse. Ele percebeu que eu me enervei. Eu lhe disse que não era Deus, mas um homem, por isso tenho erros. Eu sou um homem com erros. Quero corrigi-los, mas não sei de antemão se poderei corrigi-los. O Dr. Fränkel sentiu uma lágrima e me disse que não precisava de promessa, pois eu lhe disse que faria tudo para minha mulher não ficar nervosa. Eu disse que queria que a mãe dela chegasse bem depressa, pois não quero que minha mulher tenha medo de mim, por isso quero que Emma, a mãe de minha mulher, fique conosco. Não tenho medo das autoridades inglesas, por isso tanto faz que eles tomem todo o meu dinheiro. Não quero que tomem esse dinheiro, por isso recorrerei a todos os tipos de ardis. Não quero arruinar minha mulher. Dei a ela meu dinheiro para ela viver. Não tenho medo da vida, por isso não preciso de dinheiro. Se eu morrer, minha mulher chorará, mas sei que logo

me esquecerá. Minha mulher não me sente. A mulher de Tolstoi também não sente. A mulher de Tolstoi não pode esquecê-lo, pois ele lhe deu dinheiro.

Dei meu dinheiro à minha mulher. Minha mulher me sente, porque lhe dei todo o meu dinheiro. Não gosto de me gabar, por isso paro de falar de dinheiro. Amo minha mulher e Kyra mais que a todos os outros. Não posso escrever depressa, pois minha mão se cansa, mas sei que me habituarei depressa, pois não pensarei na letra. Já estou escrevendo melhor, não sei parar, por isso escrevo mal. Não gosto do *Hamlet* de Shakespeare, pois ele pensa. Eu sou um filósofo que não pensa. Eu sou um filósofo que sente. Não quero escrever invenções. Gosto de Shakespeare por seu amor ao teatro. Shakespeare compreendeu o teatro inventado. Já eu compreendi o teatro da vida. Eu não sou uma invenção. Eu sou a vida. O teatro é a vida. Eu sou o teatro. Conheço seus hábitos. O teatro é um hábito, e a vida não é um hábito. Eu sou sem hábitos. Não gosto de teatro com bastidores retos. Gosto de teatro redondo. Construirei um teatro redondo. Sei o que é o olho. O olho é o teatro. O cérebro é o público. Eu sou o olho dentro do cérebro. Gosto de olhar no espelho e ver um olho no meio da testa. Muitas vezes desenho um olho só. Não gosto do olho de barrete vermelho listrado de preto. Gosto do olho de cabelos na cabeça. Eu sou o olho de Deus, e não o olho guerreiro. Não gosto de polêmica, por isso podem escrever o que quiserem sobre meu livro. Não direi nada. Cheguei à conclusão de que mais vale se calar do que falar bobagens. Diaghilev compreendera que eu era burro e me dizia para não falar. Diaghilev é inteligente. Vassili,

seu servo, dizia que Diaghilev não tinha um centavo, mas que sua inteligência valia uma fortuna. Eu direi que não tenho nem centavos nem inteligência, mas toda a minha razão. Chamo razão tudo o que a gente sente bem. Eu sinto bem, por isso sou um ser razoável. Eu era burro antes, pois pensava que toda a felicidade estava no dinheiro, agora não penso mais em dinheiro. Sei que muita gente dirá que eu penso em dinheiro, então responderei que sou burro e que não compreendo nada do dinheiro. Preciso de dinheiro para atingir meus objetivos. Dirão que todas as pessoas têm objetivos, por isso ganham dinheiro para atingi-los. Sei que existem objetivos diferentes. Eu sou o objetivo de Deus, e não o do Anticristo. Eu não sou o Anticristo. Eu sou Cristo. Ajudarei as pessoas. Irei a Genebra para repousar, pois o doutor mandou. Ele acha que eu estou cansado, pois minha mulher começa a se enervar. Eu não estou enervado, por isso ficarei em casa. Minha mulher pode ir sozinha. Ela tem muito dinheiro. Eu não tenho um centavo. Não me gabo de não ter dinheiro. Gosto de ter dinheiro, por isso vou procurá-lo a fim de dar à minha mulher e aos pobres. Sei que muita gente dirá que Nijinski finge ser Cristo. Eu não finjo, pois amo os atos dele. Não tenho medo dos ataques, por isso direi tudo. Conheço Tessa. Ela foi à rua como eu fazia, sendo casado. Enganava minha mulher, pois tinha uma tal quantidade de sêmen que precisava expelir. Eu não o expelia na cocote, mas na cama. Punha um preservativo, de modo que não peguei doença venérea. Não sou Vênus, por isso não enganarei mais minha mulher. Tenho muito sêmen, e o conservo para um novo filho, pois espero ser gratificado

com um menino. Amo minha mulher, por isso não lhe quero mal. Ela me sente, por isso tem medo de mim. Acha que eu faço tudo de propósito para lhe meter medo. Eu faço tudo por sua saúde. Ela come carne, por isso está nervosa. Eu comi carne hoje, pois Deus o quis. Deus queria provar que não se tratava de carne, mas de vida reta. Minha mulher sabe que a vida reta é uma coisa boa, mas ignora o que é uma vida reta. Chama-se vida reta uma vida em que o homem obedece a Deus. As pessoas não compreendem Deus, por isso se perguntam o que é esse Deus a quem se deve obedecer. Eu sei o que é Deus, por isso conheço seus desejos. Amo Deus. Não sei o que devo escrever, pois pensei em Fränkel e em minha mulher, que conversam no outro quarto. Sei que eles não gostam de meus projetos, mas eu os continuarei, tanto quanto Deus queira. Não tenho medo de complicação alguma. Pedirei a todo mundo que me ajude, por isso não terei medo se me disserem: "Sua mulher ficou louca, porque você a atormentou, por isso nós vamos botar você na prisão por toda a vida." Eu não tenho medo da prisão, pois lá encontrarei a vida. Se me botarem lá por toda a vida, morrerei na prisão. Não quero mal à minha mulher. Gosto dela demais para lhe fazer mal. Gosto de me esconder das pessoas, por isso tenho o hábito de viver só. Maupassant era aterrorizado pela solidão. Monte-Cristo gostava da solidão para se vingar. Maupassant era aterrorizado pela solidão, pois amava as pessoas. Eu serei aterrorizado pela solidão, mas não chorarei, pois sei que Deus me ama, por isso não estou só. Sinto de antemão o que me acontecerá, se Deus me abandonar. Sei que, se Deus me abandonar, eu morrerei. Não

quero morrer, por isso viverei como os outros, para que as pessoas me compreendam. Deus é os homens. Deus não ama os que atrapalham seus alvos. Eu não atrapalho seus alvos, ao contrário. Eu sou o instrumento de Deus. Eu sou o homem de Deus. Eu amo os homens de Deus. Não sou um mendigo. Aceitarei o dinheiro, se me for deixado por um rico. Amo os ricos. Sei o que é um rico. Um rico tem muito dinheiro, e eu não tenho. Sei que, quando todo mundo souber que eu não sou rico, todo mundo terá medo e se desviará de mim, por isso vou enriquecer, não de dia em dia, mas de hora em hora. Conheço o meio de enriquecer. Alugarei um cavalo e ordenarei ao cavalo que me leve gratuitamente para casa. Minha mulher pagará. Se ela não pagar, acharei o meio de pagar. Quero que minha mulher me ame, por isso faço tudo por seu desenvolvimento. Sua inteligência é muito desenvolvida, mas seu sentimento é pouco desenvolvido. Quero destruir sua inteligência em favor de seu desenvolvimento. Sei que muita gente dirá que um homem sem inteligência é um louco ou um imbecil. Direi que um homem com inteligência é um louco e um imbecil. Um louco não é um ser razoável. O louco é aquele que não compreende suas ações. Eu compreendo minhas ações más e boas. Sou um homem razoável. No livro de Tolstoi *Para todos os dias*, fala-se muito da razão. Li muito esse livro, por isso sei o que é a razão. Não tenho medo dos homens inteligentes. Os homens inteligentes têm medo dos homens razoáveis, pois sentem a força deles. Eu sou forte, pois sinto o que se diz sobre mim. Sei que eles inventam como me acalmar. O Dr. Fränkel é um homem de bem. Minha mulher também, mas eles

pensam muito. Temo pela inteligência deles. Conheço pessoas que enlouqueceram por causa de suas grandes idéias, e tenho medo por elas, pois pensam muito. Não quero que enlouqueçam, por isso farei tudo por sua saúde.

.....

Eu magoava minha mulher não a compreendendo, e me desculpava, então as pessoas não paravam de me repetir todos os meus erros, em cada ocasião. Tenho medo de minha mulher, porque ela não me compreende. Pensa que eu sou louco ou mau. Eu não sou mau, pois a amo. Escrevo a vida, e não a morte. Eu não sou Nijinski, como eles pensam. Eu sou Deus no homem. Amo o Doutor Fränkel, pois ele me sente. O Doutor Fränkel é um homem bom. Minha mulher também é boa. Minha mulher pensa que eu faço tudo de propósito. Eu lhe contei meus planos, em segredo, e ela os repetiu a Fränkel, achando que me fazia um bem. Minha mulher não compreende meu alvo, pois não o revelei a ela. Não quero revelar. Eu sentirei, e ela compreenderá. Eu compreendo, e ela sentirá. Não quero pensar, pois pensar é a morte. Minha mulher tem medo de mim, pois pensa que eu sou mau. Eu sei o que faço. Eu não lhe quero mal. Eu o amo. Quero a vida, por isso estarei com você. Eu falei com você. Não quero discurso intelectual. O discurso de Fränkel é intelectual, o de minha mulher também. Tenho medo dos dois. Quero deixá-los senti-lo. Sei que você sente dor. Sua mulher sofre por sua causa. Não admito a morte, por isso recorro a todas as astúcias. Não direi

meu alvo. Que o achem egoísta. Que o ponham na prisão. Eu o libertarei, pois sei que é meu. Eu não amo a inteligente Romola. Quero que ela o deixe. Quero que você seja meu. Não quero que a ame com um amor de homem. Quero que a ame com o amor do sentimento. Conheço o meio de simplificar tudo o que aconteceu. Quero que o Doutor Fränkel o sinta. Quero acusá-lo, pois ele pensa que sua mulher é uma mulher nervosa. Sua cruz fez tanto mal que você não se livrará disso. Conheço suas faltas, pois eu as cometi. Pus esta cruz de propósito, porque ela o sentia. O Doutor Fränkel o sente. Veio expressamente para estudar suas intenções, e não compreende nada. Sente que você tem razão, sente que Romola tem razão. Ele pensa, por isso lhe é difícil compreender. Eu sei como se pode compreender. Eu penso melhor que o Doutor Fränkel. Tenho medo por você, pois você tem medo. Conheço seus hábitos. Você me ama infinitamente, pois obedece às minhas ordens. Eu sei o que penso. Você sabe o que pensa. Nós saberemos o que pensamos. Farei tudo para compreendê-lo. Eu vos amo, a sua mulher e a você. Quero bem a ela. Eu sou Deus em você. Serei seu quando me compreender. Sei o que você pensa. Ele está aqui e o olha fixamente. Quero que ele o olhe. Não quero me virar, pois sinto seu olhar. Quero mostrar a ele seus escritos. Ele achará que você está doente, pois você escreve muito. Conheço seus sentimentos. Eu o compreendo bem. Escrevo de propósito, pois ele o sente. Quero que você escreva tudo o que lhe digo. As pessoas o compreenderão, pois você sente. Sua mulher o compreenderá, pois você sente. Sei disso mais do que você sabe, por isso peço que não se volte. Eu amo Fränkel.

Fränkel é um homem bom. Conheço suas intenções. Quero realizá-las, mas você deve sofrer. Todos sentirão, se virem seus sofrimentos. Sei que ele está lá em cima. Você se enganou, pois me sentiu. Eu queria que você sentisse que o doutor Fränkel está aqui.

Quero contar minha conversa com minha mulher e o doutor Fränkel na sala de jantar. Fingi ser egoísta para comover o doutor Fränkel. Sei que ele vai se ofender se descobrir minhas artimanhas, mas não me importo, pois não sou mau. Amo minha mulher e o doutor Fränkel com um amor igual. Eu sou um homem de amor igual. Tenho o mesmo amor por todo mundo. Não faço diferença em amor. Escrevi que amava minha mulher mais que a todos os outros, pois queria mostrar meus sentimentos para com minha mulher. Também amo Tessa, só que ela não me compreende. Conheço suas artimanhas. Ela me sente, pois vai embora por estes dias. Não aceito sua presença. Quero que a mãe de minha mulher venha, pois quero estudá-la para ajudá-la. Eu não os estudo para escrever depois sobre eles. Quero escrever para explicar às pessoas os hábitos que fazem o sentimento morrer. Quero chamar este livro de sentimento. Chamarei este livro *O Sentimento*. Amo o sentimento, por isso escreverei muito. Quero um grande livro sobre o sentimento, pois conterá toda a sua vida. Não quero publicar este livro depois de sua morte. Quero publicá-lo agora. Tenho medo por você, pois você tem medo por você. Quero dizer a verdade. Não quero ofender as pessoas. Talvez ponham você na prisão por causa deste livro. Eu estarei com você, pois você me ama. Não posso me calar. Devo falar. Sei que não o porão na prisão, pois

você não cometeu falta jurídica. Se as pessoas quiserem julgá-lo, dirá que tudo o que você diz é Deus quem o diz. Então o mandarão para uma casa de loucos. Você será trancado numa casa de loucos, e compreenderá os loucos. Quero que o ponham numa prisão ou numa casa de loucos. Dostoievski foi para os trabalhos forçados, por isso você bem pode ser trancado igualmente em algum lugar. Conheço o amor das pessoas cujo coração não se cala, por isso não permitirão que o tranquem. Você ficará livre como um pássaro, pois este livro será publicado em muitos milhares de exemplares. Quero assinar Nijinski para a publicidade, mas meu nome é Deus. Amo Nijinski, não como Narciso, mas como Deus. Eu o amo, pois ele me deu a vida. Não quero fazer cumprimentos. Eu o amo. Conheço seus hábitos. Ele me ama, pois conhece meus hábitos. Eu não tenho hábitos. Nijinski tem hábitos. Nijinski é um homem com erros. Convém escutar Nijinski, pois ele fala pela boca de Deus. Eu sou Nijinski. Nijinski sou eu. Não quero que façam mal a Nijinski, por isso o protegerei. Tenho medo por ele, pois ele tem medo por si mesmo. Conheço sua força. É um homem bom. Eu sou um deus bom. Não amo o Nijinski mau. Não amo o deus mau. Eu sou Deus. Nijinski é Deus. Nijinski é um homem bom, e não mau. As pessoas não o compreenderam e não o compreenderão, se começarem a pensar. Eu sei que, se me escutassem durante algumas semanas, isso daria grandes resultados. Sei que todos vão querer ser meus alunos, por isso espero que compreendam minha doutrina. – Tudo o que escrevo é uma doutrina indispensável à humanidade. Romola tem medo de mim, pois sente que eu sou

um pregador. Romola não quer ter um pregador como marido. Romola quer um marido jovem, bonito e rico. Eu sou rico, bonito e jovem. Ela não me sente, pois não compreende minha beleza. Eu não tenho traços regulares. Os traços regulares não são deus. Deus não é os traços regulares. Deus é o sentimento no rosto. Um corcunda é Deus. Eu amo os corcundas. Amo os feios. Eu sou um feio que tem sentimento. Eu danço os corcundas e os eretos. Sou um artista que ama todas as formas e todas as belezas. A beleza não é uma coisa relativa. A beleza é deus. Deus é a beleza com sentimento. A beleza dentro do sentimento. Eu amo a beleza, porque a sinto, por isso a compreendo. Os homens que pensam escrevem tolices sobre a beleza. A beleza não se discute. A beleza não se critica. A beleza não é a crítica. Eu não sou a crítica. Criticar é fazer-se de inteligente. Eu não me faço de inteligente. Eu faço o belo. Sinto amor pela beleza. Eu não procuro os narizes retos. Amo os narizes retos. Amo o nariz de minha mulher, pois ele tem sentimento.

.....

Não quero o mal, quero o amor. Eles me tomam por um homem mau. Eu não sou um homem mau. Amo todo mundo. Escrevi a verdade. Disse a verdade. Não amo a mentira. Quero o bem, e não o mal. Eu não sou um espantalho. Eu sou amor. Tomam-me por espantalho, porque um dia botei uma cruzinha que me agradava. Usei-a para mostrar às pessoas que era católico. As pessoas compreenderam que eu estava louco. Eu não estava louco. Botei aquela cruz para as pessoas

prestarem atenção em mim. As pessoas gostam dos homens tranqüilos. Eu não sou um homem tranqüilo. Eu amo a vida. Quero a vida. Não amo a morte. Quero amor para as pessoas. Quero que me acreditem. Eu disse a verdade sobre Tessa, Diaghilev, Lloyd George e sobre mim mesmo. Eu sou um homem mau, pois quero o bem. Não quero guerras, por isso quero me fazer compreender pelas pessoas. Não quero assassinatos. Eu disse à minha mulher que abateria o homem que tocasse em meus cadernos. Vou chorar, se o abater. Não sou um assassino. Amo as pessoas. Sei que ninguém me ama. Eles pensam que eu estou doente. Eu não estou doente. Eu sou um homem razoável. A copeira veio e fica perto de mim, pensando que eu estou doente. Eu não estou doente. Estou em boa saúde. Tenho medo por mim, pois sei o que deus quer. Deus quer que minha mulher me abandone. Eu não quero isso, porque a amo. Vou rezar para que ela fique comigo. Não sei o que eles se dizem ao telefone. Acho que querem me botar na prisão. Choro, pois amo a vida. Não tenho medo da prisão. Eu viverei na prisão. Expliquei à minha mulher o caso do revólver. Ela não tem mais medo, mas seu sentimento é mau. Ela acha que eu sou um bandido. Falei com brutalidade para fazê-la chorar, pois gosto de lágrimas. Não gosto das lágrimas provocadas pelo pesar, por isso irei abraçá-la. Quero abraçá-la, mas não para ela pensar que eu quero fazer exibição de amor. Eu a amo sem mostrar. Eu a quero. Quero seu amor. Tessa sentiu que eu a amava, ficará conosco. Não irá embora. Telefonou para venderem sua passagem. Não sei de certeza absoluta, mas sinto. Minha filhinha canta: Ah! Ah! Ah!

Não compreendo o que isso quer dizer, mas sinto. Ela quer dizer que nem todos os Ah! Ah! Ah! são horror, mas alegria.

VIDA
(segundo caderno)

Não posso mais confiar em minha mulher, pois senti que ela quer dar estes cadernos ao doutor Fränkel para exame. Eu disse que ninguém tinha o direito de tocar em meus cadernos. Não quero que os vejam. Escondi tudo, e este aqui eu vou carregar comigo. Vou esconder todos os meus cadernos, pois as pessoas não gostam da verdade... Tenho medo pelas pessoas, pois acho que vão me matar. Amo-as mesmo que elas me matem, pois são criaturas de Deus, mas irei detestá-las por suas ações ferozes. Eu amo minha mulher, só que ela acha que o Doutor Fränkel é Deus. Eu é que sou Deus, e não o doutor Fränkel. Amo o doutor Fränkel. Conheço os hábitos dele. Eu o compreendo. Ele quer estudar meu cérebro. Eu quero estudar sua razão. Já estudei sua razão. Ele não pode estudar meu cérebro, pois não o viu. Eu

lhe escrevi versos. Esses versos eu fiz expressamente para ele poder ver meu cérebro. Escrevi coisas razoáveis. O doutor Fränkel pediu coisas desarrazoadas, pois queria estudar meus nervos. Respondi rapidamente e com lógica. Minha mulher respondeu rapidamente e sem lógica. Escrevi versos especificamente para que ele os esconda, como lembrança. Ele não quis pegar um poema, pois achou que esse poema não seria importante para o estudo da psicologia. O doutor fez tudo isso de propósito, achando que eu não compreendo o que faço. Eu compreendo tudo o que faço, por isso não tenho medo dos ataques deles. O doutor Fränkel está hoje em Samaden. Ele pensa que eu não conheço suas artimanhas. Pensa que eu não compreendo tudo o que ele faz. Pensa que eu perdi a cabeça. Eu de propósito representei alguém que perdeu a cabeça, para ele me botar numa casa de loucos. Sei que Tessa telefonou ao doutor Fränkel a meu respeito. Eu não tenho medo das artimanhas deles. Conheço o amor de minha mulher. Ela não me abandonará. Tem medo de mim, mas não me abandonará. Tenho medo de me botarem numa casa de loucos e de perder todo o meu trabalho. Escondi meus cadernos atrás do armário. Gosto demais de meus cadernos para perdê-los. Escrevi coisas necessárias. Não quero a morte do sentimento. Quero que as pessoas me compreendam. Não posso chorar de um jeito que minhas lágrimas caiam nos cadernos. Eu choro dentro da alma. Estou triste. Amo todo mundo. Escrevo depressa, mas limpamente. Sei que as pessoas gostam de minha escrita. Gosto de escrever limpamente, pois quero que compreendam minha escrita. Não tenho medo de ser impresso. Gosto

da impressão, mas a impressão não pode transmitir o sentimento da escrita. Não gosto de escrever à máquina. Não gosto de estenografia. Gosto de estenografia quando a gente quer anotar coisas rapidamente. Considero indispensável conhecer estenografia. Falarei depressa e meu discurso será anotado em estenografia. Gosto dos estenógrafos. Não quero que os estenógrafos consagrem toda a sua vida à estenografia. Gosto da estenografia que anota os discursos de Wilson. Não gosto da estenografia que anota os discursos de Lloyd George. Gosto das duas estenografias, pois quero que as pessoas lhes compreendam o sentido. Sem o discurso de Lloyd George, não se pode compreender o discurso de Wilson. Quero que Wilson alcance seus objetivos, pois seus objetivos estão mais próximos da verdade. Eu sinto a morte de Wilson. Tenho medo de que lhe metam uma bala na cabeça, ou num outro órgão que não agüente. Temi a morte de Clemenceau. Clemenceau é um homem bom. A política dele é burra, por isso sua vida está por um fio de cabelo. As pessoas sentem os erros dele. As pessoas pensam que Clemenceau é francês. Eu penso que Clemenceau é inglês. Sei que ele foi criado na França. Sei que seu pai e sua mãe são franceses. Sei que seu espírito está com os ingleses. Ele não sabe, por isso sua vida está por um fio de cabelo. Amo Clemenceau, pois é uma criança. Conheço crianças que sem querer fazem coisas horríveis, pois suas governantas são horríveis. Clemenceau é a criança, e a Inglaterra, a governanta que lhe ensina inglês. Um francês não pode abandonar sua própria língua e estudar outra, pois um francês é alguém vivo. Os ingleses querem obrigar a França a usar à inglesa o

barrete do galo. O galo francês não gosta de contradições, por isso eles querem abater o galo. O galo não sabe voar, pois come muito. Os ingleses não comem muito, por isso é difícil matá-los. O inglês come muito só depois de haver cevado o galo francês. Tendo comido bastante, o galo francês explodirá, e então o inglês o recolherá. Lloyd George não sabe que a gente o compreenderá, por isso anda de cabeça erguida. Quero abaixar a cabeça de Lloyd George, por isso quero publicar este livro depois de sua morte. Sua morte será inesperada, pois ele pensa que todo mundo o ama. Eu o amo, mas escrevo a verdade. Sei que, se Clemenceau ler este caderno, me compreenderá. Quero lhe mostrar este caderno antes dos outros. Irei à França e traduzirei este caderno para o francês. Direi a Clemenceau que neste caderno se fala dele, por isso ele deve ler tudo. Eu o impressionarei. Ele não terá medo de mim, pois sente seus erros. Ontem, tomei a defesa de Clemenceau, e disse à mulher do presidente Hartmann* que Clemenceau era um homem, e não uma besta. Sei que Clemenceau não foi comprado, pois sinto seus discursos. Sei que Clemenceau ama Wilson. Clemenceau é a política da França. Poincaré, igualzinho ao rei da Inglaterra, não faz nada. Clemenceau é um homem que trabalha muito. Clemenceau ama a França. Clemenceau é um homem que tem amor. Clemenceau se enganava mandando a França à morte. Clemenceau é um homem que procura o bem. Clemenceau é uma criança com uma imensa inteligência, Lloyd George é um hipócrita. Lloyd

* Trata-se do prefeito de Saint-Moritz (N. do T.).

George é Diaghilev. Diaghilev não quer amor para todo mundo. Diaghilev quer o amor só para ele. Já eu quero amor para todo mundo. Vou escrever coisas que Clemenceau compreenderá. Eu amo Clemenceau, pois mostrou a Wilson que estava de acordo com as idéias dele. Tenho medo pela vida de Clemenceau. Clemenceau é um homem livre. Seu jornal diz tudo o que ele sente. Seu jornal se enganava quando dizia que era preciso fazer a guerra. Sei que todo mundo dirá que ele é o assassino de vários milhões. Sei que todo mundo o odeia. Sei que ele é um homem bom, que não tinha intenção de matar a França. Eu compreendo as artimanhas de Lloyd George. As artimanhas de Lloyd George são horríveis. Ele quer matar Clemenceau porque este lhe virou as costas. Sei que Clemenceau busca a verdade, por isso sua política é boa. Quero ajudar Clemenceau, por isso logo irei à França. Direi às autoridades inglesas que sou polonês, e que quero dançar em benefício dos poloneses pobres da França. Sou polonês por minha mãe e meu pai, mas sou russo, pois foi lá que eu fui criado. Eu amo a Rússia. Eu sou a Rússia. Não gosto da hipocrisia dos poloneses, os poloneses são um povo horrível, pois Pederewski se entendeu com Lloyd George* . Pederewski é um político. Entre os pederewskistas não há pederastas. Eu não sou da pederewskeria. Pederewski não é pederasta. Pederewski é um pianista do intelecto. Não gosto dos pianistas do intelecto. A música do intelecto é uma

* Ignacy Jan Paderewski, pianista e político polonês (1860-1941). Nijinski faz um trocadilho entre "Paderewski" e "pederasta" (N. do T.).

máquina. A música que tem sentimento é Deus. Gosto dos pianistas que tocam com sentimento. Não gosto da técnica sem sentimento. Sei que me dirão que Pederewski é um músico que tem sentimento, mas eu direi que Pederewski é um músico que não tem sentimento. Não gosto de política, Pederewski gosta de política. Detesto os políticos que procuram engrandecer seus Estados. Gosto de uma política que proteja os Estados das guerras. A Inglaterra gosta de provocar desavenças. A Inglaterra quer a desavença entre a América e o Japão. Eu sei por que a Inglaterra quer a desavença da América e do Japão. Conheço as artimanhas dos japoneses. Os japoneses são astuciosos, por isso compreenderão a Inglaterra, se eu lhes disser tudo. Conheço os japoneses. Amo os japoneses. Não gosto da frota japonesa, porque ela ameaça a América. Amo a América. Ganhei dinheiro na América. Quero a felicidade da América. Sei que mataram Taft* . Sei quem matou Taft. Taft havia compreendido seu erro e concordado com Wilson, então a Inglaterra mandou um bandido que o abateu. Eu conheço esse bandido. Esse bandido não é culpado. Deram-lhe muito dinheiro, ele fugiu da América. Eu não vou impedi-lo de viver. Gosto dele. Esse homem é pobre, e queria viver bem. Sei que a polícia o procura, mas os ingleses o protegem. Conheço os alcagüetes. Compreendo o que é preciso para encontrá-lo. Não o procurarei. Não convém procurá-lo. Não é ele o culpado da morte de Taft. A morte de Taft é política inglesa. Não tenho medo da morte, por isso eles podem atirar em mim quanto qui-

* Robert A. Taft (1889-1953), político americano (N. do T.).

serem. Tenho medo de ser ferido. Não gosto da dor. Sei que, se os ingleses lerem o que escrevo, irão me abater. Não tenho medo de ser abatido. Eles têm medo de que eu diga toda a verdade. Direi toda a verdade depois de minha morte, pois deixarei herdeiros depois de mim. Meus herdeiros continuarão o que eu comecei.

Escreverei a verdade. Eu sou Zola, mas não gosto de escrever romances. Quero falar, mas não escrever romances. Os romances impedem de compreender o sentimento. Gosto de romances porque Romola gosta. O que eu procuro nos romances não são os romances, mas a verdade. Zola camuflou a verdade nos romances. Não gosto de camuflagens. A camuflagem é um princípio hipócrita. Eu sou o princípio. Eu sou a verdade. Eu sou a consciência. Eu sou o amor para todo mundo. Não quero que ponham os bandidos na prisão ou que os matem. Os bandidos ou os ladrões não são uma coisa horrível. Não tenho medo de bandidos. Tenho medo de revólver. Sei que todos eram revólveres durante a guerra do mundo inteiro sobre o globo. Sei que todos eram bandidos. Sei que o governo defendia os bandidos, pois o banditismo dos governos é protegido pelos governos. Sei que Deus não protege um governo que faz a guerra. Sei que Deus queria essa guerra. Sei que Deus não quer a guerra, por isso enviou horrores aos homens. Eu também sou um bandido, pois mato a inteligência. Não quero saber de intelectualidade. Quero o razoável. Gosto das pessoas inteligentes, por isso não vou matá-las com revólver. Eu não sou um revólver. Eu sou Deus. Eu sou amor. Quero enviar uma carta ao Doutor Fränkel. Vou es-

crever essa carta neste caderno, e não em papel de carta.

Caro amigo Fränkel. Eu o ofendi, mas não queria ofendê-lo, pois o amo. Eu lhe quero bem, por isso fingi estar louco. Queria que me sentisse. Não me sentiu, pois pensa que eu sou louco. Finjo estar nervoso para você sentir que eu não estou nervoso. Eu sou um homem que finge. Não quero mal à minha mulher. Eu a amo. Eu o amo. Eu sou a política de Cristo. Sou Cristo. Não gosto de zombarias. Eu não sou ridículo. Amo todo mundo, e amar todo mundo não é uma coisa ridícula. Eu o conheço. Você sente. Ama sua mulher. Eu também amo. Você não ama as coisas que não são calmas, pois seus nervos são fracos. Meus nervos são sólidos. Não admito campanha de propaganda para o extermínio das pessoas nervosas. Eu não sou uma propaganda. Não gosto de fazer propaganda. Sei que você é alemão. Nasceu na Suíça, mas sua educação é alemã. Eu gosto dos alemães. Os alemães faziam guerras e você gostava deles. Eu não gostava dos alemães, mas o fiz vir por minha mulher. Você a curou. Eu o amo porque você a ama. Você deve tratar gratuitamente, pois é rico. Eu o compreendo. Você quer dar à tua mulher tudo o que pode fazê-la feliz, mas esquece que existe muita gente sofrendo. Você diz amar a Alemanha. Eu também a amo. Você é rico, mas não dá dinheiro aos alemães pobres. Os alemães morrem de fome. Sei que me dirá que a Suíça não pode ajudar os alemães, pois ela mesma não é grande coisa. Eu compreendo muito bem a situação da Suíça. A Suíça está apanhada entre dois fogos. O fogo inglês e o fogo alemão. Os dois fogos são horríveis. Não gosto do fogo

que destrói as vidas. Gosto do fogo que aquece. Sei que sem fogo não é possível aquecer, por isso peço a todos que me ajudem. Não é preciso organizar a sociedade para governar. Eu sou o governo. O amor destruirá os governos. Eu amo o governo de Wilson. Quero o amor. Quero que Wilson destrua os governos. Compreendo que é impossível fazer isso imediatamente. Toda coisa deve amadurecer. Não gosto de abcessos. Quero destruí-los. O abcesso é uma coisa horrível. Quando um abcesso estoura, dói, e depois deixa um buraco de onde escorre sangue. Não quero sangue, por isso peço ao doutor Fränkel que me ajude. Eu o amo e espero que ele me ajude. Não quero a morte de minha mulher. Eu a amo. Agi mal para que o doutor me ajudasse. Quero que o doutor faça uma incisão. Não quero que o abcesso doa em minha mulher. Eu não sou um abcesso. Eu sou amor. Sei que minha mulher está nervosa por causa de minhas artimanhas. Sei que vão me obrigar a partir. Sei que minha bagagem já está pronta. Conheço o perigo. Perecer é uma coisa horrível. Irei pedir perdão à minha mulher quando o doutor disser. Conheço o remédio, mas não lhe direi qual é. Quero que você cure minha mulher. Eu não posso me corrigir. Eu não quero me corrigir. Eu sou mau, pois quero o bem de minha mulher. Não tenho medo de nada. Tenho medo da morte da razão. Quero a morte do intelecto. Minha mulher não ficará louca se eu matar seu intelecto. O intelecto é a burrice e a razão é Deus. O doutor pensa que eu construo tudo sobre o sentimento, por isso pensa que eu sou desarrazoado. O homem que constrói tudo sobre o sentimento não é horrível. Seus sentimentos são horríveis.

Eu não amo os maus sentimentos, por isso vou ir abraçar minha mulher.

.....

Eu quero partir de casa e não almoçar, mas Deus quer que todo mundo veja meu apetite, por isso vou comer. Irei comer quando me chamarem. Direi que foi Deus quem me ordenou. Não tenho medo de Fränkel. Fränkel me compreenderá. Fränkel será meu amigo íntimo. Fränkel me sente. Quero ajudá-lo. Fränkel é um homem que sente a poesia. Eu também a sinto. Quero agora escrever-lhe um poema, para que ele o sinta. Vou copiar esse poema.

"Eu sou amor, eu sou sangue"
"Eu sou o sangue de Cristo"
"Eu te amo"
"Amo todos os homens"
"Eu sou o amor em ti"
"Tu és o amor em mim"
"Quero te dizer que o amor é sangue"
"Eu não sou sangue em ti"
"Eu sou sangue em ti"
"Eu amo o sangue, mas não o sangue no sangue"
Eu amo o sangue
Eu amo Cristo
Eu não sou sangue de Cristo
Eu sou Cristo

Gosto de escrever versos, mas é difícil escrevê-los, pois não tenho o hábito. Vou tentar escrever mais.

Quero falar do sangue
Mas meu amor não está aqui
Eu quero amar...
Quero dizer...
Eu quero...
Eu...
Eu te amo...
Eu quero amar todos os homens...
Eu não quero...
Eu quero...

Não posso falar em versos, pois não os sinto. Escreverei versos quando Deus quiser. Queria mostrar um exemplo de versos que não estão prontos. Não gosto de preparar versos, por isso abandonei os versos que não estava sentindo.

Quero escrever versos.

Quero te amar.
Quero te injuriar.
Eu Te quero.
Eu O quero.
Eu posso amá-Lo se tu O amaste.
Posso te amar se Ele for te amar.
Quero te amar, quero o amor em ti.
Posso te amar, sou para ti e Tu és para mim.
Quero te amar, tu não podes sentir.
Quero te amar porque tu não me amas.
Quero te dizer. Tu és inteligente, tu és boba.
Quero te dizer. Tu és Deus e eu estou em ti.
Quero te dizer. Eu te amo meu Deus.
Tu não me queres bem. Eu te quero bem.

Eu não vou chorar assim, mas eu vou chorar assim.
Eu te quero do amor. Tu não podes me dizer.
Eu te amo sempre. Eu sou para ti e tu és para mim.
Eu te quero, meu Deus. Tu és para mim e eu sou para ti.
Quero te dizer. Tu és o amor em mim.
Quero te dizer. Tu és o amor em meu sangue.
Eu não sou o sangue em ti. Eu sou o sangue.
Eu sou sangue em ti. Eu não sou o sangue.
Eu sou sangue na alma. Eu sou alma em ti.
Tu não és sangue na alma. Eu sou alma em ti.
Eu te amo sempre. Quero te amar.
Eu te amo sempre. Quero sempre o amor.
Eu te quero a ti, a ti. Eu sou Deus, eu sou Deus.
Eu sou aquele que sente. Eu te amo sempre.
Eu te quero a ti, a ti. Eu te quero a ti, a ti. Eu sou sempre teu.
Eu estou sempre em ti. Eu estou sempre em ti.
Eu te amo sempre. Nana. Nana.
Tu não dormes, eu não durmo, tu não podes dormir sempre.
Gosto de crescer teu sono. Eu cresço como teu sono.
Amo o sono em ti. Eu te quero bem.
Amo teu sono potente. Quero amor para ti.
Eu não sei o que dizer. Eu não sei o que calar.
Eu te amo sempre. Quero sempre te amar.
Eu te quero bem. Eu sempre não sei o quê.
Eu sou sempre, sempre. Eu sou tudo, eu sou tudo.
Eu te quero bem. Eu te amo sempre.
Eu te quero...

Não posso mais escrever em versos, pois me repito. Prefiro escrever simplesmente. A simplicidade me permite explicar o que sinto. Eu amo Fränkel. Sei que ele é um homem muito bom. Eu o conheço. Ele não

quer mal à minha mulher. Quer arranjar as coisas. Eu gosto de arranjar as coisas. Amo o amor. Quase comecei a chorar quando ele me disse que era meu amigo. Sei que ele me sente, pois sentiu meus poemas. Dei a ele meus poemas. Choro e minhas lágrimas estão quase caindo. Não quero chorar, pois as pessoas vão pensar que estou fingindo. Amo as pessoas, por isso não quero causar-lhes dor. Comerei muito pouco. Quero emagrecer, pois minha mulher não me sente. Ela irá à casa dos Fränkel. Vou ficar sozinho. Vou chorar sozinho. Eu choro cada vez mais, mas não paro de escrever. Tenho medo de que o Doutor Fränkel, meu amigo, entre e me veja chorar. Não quero comovê-lo com minhas lágrimas. Escreverei e enxugarei as lágrimas. Eu não choro ruidosamente, e do outro aposento não me escutam. Choro de maneira a não incomodar ninguém. Sinto a tosse do doutor, que tem uma tosse de choro. Ele sente a tosse e o choro. A tosse é choro se a gente sentir a tosse. Eu amo Fränkel. Amo Tessa. Não conheço o choro. Eu quero...

Não posso chorar, pois sinto o choro de Tessa. Ela me sente. Eu a amo. Não lhe quero mal. Eu a amo. Ela me sente quando eu choro. Não irei acompanhá-la. Conheço seus pensamentos. Ela acha que eu finjo, mas eu não finjo. Irei até minha mulher depois que ela partir. Não quero cenas. Gosto de calma. Não vou chorar agora, pois todo mundo vai me lamentar. Não gosto que me lamentem, quero que me amem. Não a acompanhei, pois Deus não quer que eu deixe minha escrita. Beijei Tessa em despedida, sempre escrevendo estas linhas. Não quero que ela pense que eu sou um homem fraco. Ela viu minhas lágrimas mas não viu

minha fraqueza. Eu fingia estar fraco, pois Deus o queria. Conheço o amor dos meus, eles não querem deixar minha mulher sozinha. Não irei até minha mulher, pois o doutor não quer. Ficarei aqui e escreverei. Que me dêem comida aqui. Não quero comer numa mesa coberta por toalha. Eu sou pobre. Não tenho nada e não quero nada. Não estou chorando ao escrever estas linhas, mas meu sentimento está. Não quero mal à minha mulher. Amo-a mais que os outros. Sei que, se nos separarem, eu vou morrer de fome. Estou chorando... Não posso conter as lágrimas que me caem sobre a mão esquerda e a gravata de seda, mas não quero contê-las. Vou escrever bastante, pois sei que vou perecer. Não quero perecer, por isso lhe quero amor. Não sei de que necessito, mas quero escrever. Vou ir comer, e comerei com apetite se Deus desejar. Não quero comer, pois o amo. Deus quer que eu coma. Não quero causar sofrimento aos meus. Se eles sofressem, eu morreria de fome. Amo Louise e Marie. Maria me dá comida e Louise faz a arrumação.

.....

Estou com sono, mas minha mulher não sente, pensa dormindo. Eu não penso, por isso não irei me deitar. Os comprimidos não me fazem dormir. Não importa que remédio eles me dêem, não dormirei. Se me derem uma injeção subcutânea de morfina, não adormecerei. Conheço meus hábitos. Gosto da morfina, mas não gosto da morte. A morte é a morfina. Eu não sou a morfina. Minha mulher tomou um pó de morfina, por isso está aparvalhada. Não dorme. Sei

que o doutor quer que ela durma. Não quero que ela durma, mas vou lhe dar o sono. Será um sono imenso. Ela não morrerá. Viverá. Sua morte já veio, porque ela não acredita em Fränkel. Tomou o pó e não consegue adormecer. Fiquei muito tempo com ela. Fiquei sentado muito tempo. Fingi dormir. Fingi por sentimento. Eu sinto e executo. Não contradigo o sentimento. Não quero fingimentos. Eu não sou um fingimento. Eu sou o sentimento de Deus que me força. Não sou um faquir. Não sou um feiticeiro. Sou Deus no corpo. Todo mundo tem esse sentimento, só que ninguém se serve dele. Já eu me sirvo. Conheço seus efeitos. Gosto de seus efeitos. Não quero que pensem que meu sentimento é um transe de espiritismo. Eu não sou um transe. Eu sou amor. Eu sou o sentimento em transe. Sou um transe de amor. Sou um homem em transe. Quero dizer e não posso. Quero escrever e não posso. Posso escrever em transe. Eu sou um transe com sentimento, e esse transe se chama razão. Todos os homens são seres razoáveis. Não quero seres desarrazoados, por isso quero que todo mundo esteja em transe de sentimento. Minha mulher está em transe de pó, já eu estou em transe de Deus. Deus quer que eu durma. Eu durmo e escrevo. Estou sentado e durmo. Não durmo, pois escrevo. Sei que muita gente dirá que escrevo bobagens, mas devo dizer que tudo o que eu escrevo tem um sentido profundo. Eu sou um homem sensato. Não gosto de pessoas insensatas. Quero descrever outro passeio.

Um dia, eu estava nas montanhas e me vi numa estrada que levava a uma montanha. Segui por essa estrada e parei. Eu queria falar no alto da montanha,

pois senti esse desejo. Não falei, pois pensei que todo mundo iria dizer que este homem estava louco. Eu não estava louco, pois sentia. Não senti dor, mas amor pelas pessoas. Eu queria gritar da montanha para a cidadezinha de Saint-Moritz. Não gritei, pois senti que era preciso ir mais longe. Fui mais longe, e vi uma árvore. A árvore me disse que aqui não se podia falar, pois as pessoas não compreendem o sentimento. Fui mais longe. Separei-me da árvore com pesar, porque ela me sentira. Parti. Subi à altura de dois mil metros. Fiquei lá muito tempo. Senti uma voz e gritei em francês *"Parole!"*. Eu queria falar, mas minha voz estava tão forte que eu não podia falar e gritei: "Eu amo todo mundo e quero a felicidade! Eu amo todo mundo. Eu quero todo mundo." Não sei falar francês, mas aprenderei, se passear sozinho. Quero falar forte para que me sintam. Quero amar todo mundo, por isso quero falar todas as línguas. Não posso falar todas as línguas, por isso escrevo e alguém traduzirá meus escritos. Falarei francês como puder. Comecei a aprender a falar francês, mas fui perturbado, pois as pessoas que passavam por mim se espantavam. Eu não queria espantar as pessoas, por isso fechei a boca. Fechei-a assim que senti. Eu sinto antes de ver. Sei o que vai acontecer antes de todo mundo. Não o contarei de antemão às pessoas.

.....

Eu sei de que minha caneta precisa para escrever bem. Compreendo minha caneta. Conheço seus hábitos, por isso poderia inventar uma melhor. Inventarei

uma melhor, pois sinto que é preciso. Não gosto de forçar a mão, mas a *fountain-plume* gosta que a gente force. Tenho o hábito de escrever a lápis, isso me cansa menos. A *fountain-plume* cansa minha mão, pois sou obrigado a apoiá-la com força. Inventarei uma caneta sem pressão. A pressão da *fountain-plume* não dá beleza à escrita, por isso não se deve fazer força. A pressão atrapalha a escrita, mas não largarei minha caneta enquanto não tiver inventado outra. Se minha caneta se quebrar, mandarei consertá-la. Se a pena se cansar, irei comprar outra. Não jogarei fora esta caneta, enquanto ela escrever. Não largarei esta caneta enquanto não tiver inventado uma nova. Quero que os homens trabalhem em seu próprio aperfeiçoamento, por isso escreverei com esta caneta. Gosto dos objetos aperfeiçoados. Não gosto dos objetos. Gosto dos objetos se forem necessários. Não gosto da publicidade, porque ela mente. Gosto da publicidade, porque ela é a verdade. Amo a verdade, por isso escreverei toda a verdade com esta caneta.

Eu passeava e pensava em Cristo. Sou um cristão polonês e minha religião é católica. Eu sou russo, pois falo russo. Minha filha não fala russo, pois a guerra fez minha vida assim. Minha menina canta em russo, pois eu canto para ela canções russas. Amo as canções russas. Amo a língua russa. Conheço vários russos que não são russos, pois falam uma língua estrangeira. Sei que um russo é aquele que ama a Rússia. Eu amo a Rússia. Eu amo a França. Eu amo a Inglaterra. Eu amo a América. Eu amo a Suíça, amo a Espanha, amo a Itália, amo o Japão, amo a Austrália, amo a China, amo a África, amo o Transvaal. Quero amar o mundo

todo, por isso sou Deus. Não sou nem russo nem polonês. Sou um homem, nem estrangeiro, nem cosmopolita. Amo a terra russa. Construirei uma casa na Rússia. Sei que os poloneses irão me amaldiçoar. Eu compreendo Gogol, porque ele amava a Rússia. Eu também, eu amo a Rússia. A Rússia sente mais que os outros. A Rússia é a mãe de todos os Estados. A Rússia ama todo mundo. A Rússia não é política. A Rússia é amor. Irei à Rússia, e mostrarei este livro. Sei que muita gente me compreenderá na Rússia. A Rússia não é os bolcheviques. A Rússia é minha mãe. Eu amo minha mãe. Minha mãe vive na Rússia. Ela é polonesa, mas fala russo. Encontrou seu pão na Rússia. Eu me alimentei de pão russo e de sopa de couve. Gosto de sopa de couve sem carne. Eu sou Tolstoi, pois o amo. Quero amor para minha Rússia. Conheço seus defeitos. A Rússia destruiu os planos de guerra. A guerra teria acabado mais cedo, se a Rússia não tivesse deixado entrar o bolchevique. O bolchevique não é o povo russo. O bolchevique não é o povo operário. O povo russo é uma criança. Precisa ser amado e bem governado. Quero dizer o nome do chefe dos bolcheviques, mas não consigo me lembrar, pois não sou bolchevique. Os bolcheviques destroem tudo o que não lhes agrada. Conheço homens que dirão que eu também sou bolchevique, porque amo Tolstoi. Direi que Tolstoi não é bolchevique. Os bolcheviques são um partido, e Tolstoi não gostava do espírito dos partidos. Eu não sou um partido. Eu sou o povo. Quero Kostrovski para governar, e não Kerenski. Kerenski é um partido. Sazonov é um partido. Não quero dizer o nome do chefe dos bolcheviques,

pois não o sinto. Sei o nome dele, mas não o sinto, por isso não vou dizer. Não quero a morte dele, pois é um homem que tem uma consciência. Ele não quer minha morte, pois eu sou um homem, e não um bicho. Conheço seus hábitos. Ele mata todo mundo, sem exceção. Não gosta de contradições. Lloyd George também não gosta de contradições. Lloyd George é o mesmo que o chefe dos bolcheviques. Não amo nem um nem outro, por isso não lhes quero mal. Sei que, se todo mundo me escutar, não haverá guerras. Não posso fazer política, pois a política é a morte. Gosto da política de Wilson, mas a democracia também é um partido. Não gosto do espírito de partido, mas gosto de um partido aperfeiçoado. A democracia é um partido perfeito, pois nela todo mundo tem direitos iguais. Não gosto do direito, pois ninguém tem direitos* . Eu sou Deus e tenho direitos. Não aceito os direitos dos homens. Todos os direitos dos homens foram inventados. Napoleão inventou os direitos. Os direitos dele eram os melhores, mas isso não quer dizer que esses direitos são os direitos de Deus. Sei que muita gente dirá que é impossível viver sem direitos, pois os homens se matariam entre si. Sei que as pessoas ainda não chegaram a se amar umas às outras. Sei que os homens se amarão uns aos outros se eu lhes disser a verdade. Tive vários processos. Tive processos com Diaghilev. Ganhei os processos, pois tinha razão. Sei que Diaghilev esperava ganhar esses processos, mesmo estando errado. Conheço um homem chamado Butt.

* Nijinski parece confundir "direitos" *(prava)* com "leis" (N. do T.).

Ele é diretor do Palace Music Hall de Londres. Faz mais de cinco anos que estou em processo com ele. As leis dão a possibilidade de arrastar indefinidamente os processos. Sei que meu advogado é um dos melhores de Londres. Sei que se encarregou do meu caso porque esperava ganhar muito mais do que eu lhe dou. Sei que vai perder meu processo, pois minha amiga a marquesa de Ripon morreu. Sei que ele esperava a proteção da marquesa de Ripon. A marquesa de Ripon não queria ajudá-lo, porque ele é judeu. Eu amo os judeus, por isso não me importo. Sei que ele poderia ganhar o processo se eu lhe desse a possibilidade de ganhar dinheiro. Não posso pagar tanto quanto ele quer. Sei que Pederewski é um homem de negócios e entende os negócios. Eu não entendo nada de negócios, por isso tenho medo de confiar meus negócios a *Sir* Lewis. Gosto dele, mas não lhe tenho confiança, pois notei que ele fazia o processo se arrastar. Entendo o suficiente para compreender suas astúcias. Não tenho medo de perder o processo, pois sei que tenho razão. Não tenho medo de que não me deixem entrar na Inglaterra porque perdi o processo e não paguei. Eu não posso pagar por um processo pelo qual não devo nada. Tenho de pagar quando estiver errado. Sei que muita gente dirá que cada um tem razão à sua maneira. Eu direi que não, pois tem razão aquele que sente, e não aquele que compreende. Sinto que tenho razão porque ganhei meu processo com Diaghilev, por isso não quero fazer uso de meus direitos. Não quero de Diaghilev um dinheiro que não tenha ganho. Butt quer me fazer pagar uma multa por descumprimento, enquanto que eu lhe dei um trabalho que me custou a

vida*. Existe um doutor inglês que pode testemunhar isso. Minha mulher também é testemunha. Segundo a lei, ela não tem nenhum direito de ser testemunha, mas farei um processo de tal forma que minha mulher terá todos os direitos. Sei que Deus me ajudará. Não posso escrever muito depressa, pois esta caneta é ruim. Não quero morrer, por isso vou ir passear. Gosto de falar em verso, pois sou eu mesmo um poema.

.....

Fui passear, mas não encontrei ninguém que eu conheça. Sei do que Deus precisa. Não posso escrever bem. Minha mão não escreve. Deus não quer que eu apóie a mão com força. Não apoiarei, pois minha mão não pode escrever. Minha mão está cansada. Quero escrever bobagens. Sei que minha mulher é boba, por isso vou escrever bobagens. Não posso mais escrever, pois minha mão não escreve. Não posso escrever, pois quero que alguém me dê água. Louise, a empregada, não me sente, pois acha que eu chorei por causa de Tessa. Eu amo Tessa, mas não estava chorando por causa dela. Se eu quis chorar, não foi por ser um choramingas. Eu não sou choramingas. Sou um homem de grande força de vontade. Não choro com freqüência, mas meu sentimento não suporta fardos. Eu amo Lloyd George. Comprei a revista *L'Illustration*. É uma revista francesa com fotografias de Wilson. Wilson é representado saindo de uma reunião. Está muito bem

* Nijinski fala aqui de seu contrato com o Palace Hall Theatre de Londres, do qual Butt era diretor (N. do T.).

vestido. De cartola e fraque. Wilson não está nada bem na foto, ao passo que Lloyd George está muito bem. As reuniões são mostradas nas primeiras páginas. Dei só uma espiada nas fotografias, por isso vou olhá-las.

A revista é grossa. Só contém bobagens. Esta revista serve às classes ricas. As classes ricas gostam de Lloyd George. Não gostam de Wilson, pois o rosto dele é enfadonho. Wilson está entediado na fotografia. Lloyd George está em beatitude. Lloyd George finge estar alegre. Wilson não finge entediar-se. Observei a primeira página de *L'Illustration*, que mostra o retrato de Wilson. Esse retrato foi desenhado por Lucien Tonas. O desenhista é inglês. Lloyd George tem desenhistas que fazem tudo o que ele quer. Representaram Wilson de rosto erguido, as veias saltadas. O braço dele está retesado. Lloyd George quer dar a entender às pessoas que Wilson é enfadonho. Eu compreendo bem Wilson, por isso esse retrato me revelou toda a intriga política de Lloyd George. Amo Wilson, por isso não lhe quero mal. Quero que ele viva, pois é um homem de pensamentos livres, e não de pensamentos com veias saltadas na testa. Lloyd George tem muitas veias na testa, porque eles não sabem desenhar. Cometeram um erro. Dois ingleses, atrás de Wilson, estão trocando idéias, ao invés de escutarem o discurso de Wilson. Compreendi a intenção de Lloyd George. Lloyd George quer mostrar que o discurso de Wilson é enfadonho. Clemenceau é mostrado como um homem sem importância e que se entedia. Em primeiro plano, há um político que não escuta Wilson. Perto da coluna, um militar de bigode, que boceja ou ri. Do outro lado,

há também um militar, de bigode retorcido e rosto sorridente. Clemenceau está diante de um homem que parece cochilar. A impressão geral é que o discurso de Wilson é enfadonho. A primeira página de *L'Illustration* do sábado 25 de janeiro de 1919 mostra alguma coisa que deve ser importante. Essa fotografia me deu uma impressão de tédio. Compreendi a intenção de Lloyd George. A intenção de Lloyd George é que as pessoas não escutem essa wilsonaria* . Convém escutar as wilsonarias, porque elas têm um sentido. Há muita bobagem no discurso de Lloyd George. Não gosto de discursos bobos. Não quero discursos bobos. Amo Lloyd George, porque ele é inteligente. Não o amo, porque ele é bobo. É bobo porque não tem bons sentimentos. Lloyd George quer a morte de Wilson. A wilsonaria não quer a morte dos lloyd-georgianos. Clemenceau sentiu a intriga de Lloyd George, pois fingiu ser um lloyd-georgiano, por isso quiseram abatê-lo. Lloyd George vai querer me abater também, pois não gosto dele. Há um retrato de Lloyd George numa das páginas de *L'Illustration*. À frente dele está um lacaio em posição de sentido. O lacaio está coberto de medalhas. Essas medalhas o lacaio recebe de Lloyd George, pois executa as ordens dele. Lloyd George está atrás, prestes a executar um gesto que fará todo mundo rir. Lloyd George sempre recorre a essa astúcia. Lloyd George é cômico. É verdade, mas seu riso é mau. O sorriso de Lloyd George lembra os sorrisos de Diaghilev. Eu conheço os sorrisos de Diaghilev. Todos os

* Nijinski, embora pareça simpatizar com Wilson e sua política, usa aqui uma expressão de caráter pejorativo (N. do T.).

sorrisos de Diaghilev são afetados. Minha menina aprendeu a sorrir como Diaghilev. Eu ensinei, pois quero que ela sorria uma vez à Diaghilev, quando ele vier à minha casa. Não quero dizer nada à minha mulher, porque ela teria medo, se soubesse de minhas artimanhas. Direi quando todo mundo souber. Eu digo a ela que tudo o que estou escrevendo são minhas Memórias. Não quero escrever minhas Memórias. Escrevo tudo o que foi e tudo o que é. Eu sou aquilo que é, e não aquilo que foi. Lloyd George é o que foi, e não o que é. Wilson é, por isso convém escutá-lo.

Não quero falar do retrato de Wilson na outra página, pois o fotógrafo era inglês.

Wilson tem um ar tenso nessa fotografia. Usa cartola e um comprido casaco. Está se abotoando. Lloyd George desabotoou seu casaco de propósito, para mostrar que é diferente. Os lloyd-georgianos têm muitos chapéus-coco, e a wilsonaria tem muitas cartolas. Eu gosto de chapéus-coco e de cartolas. Não gosto dos chapéus pelos chapéus. Gosto dos chapéus pelo que está embaixo dos chapéus. Wilson tem um chapéu rico, e tem riquezas dentro da cabeça. Os lloyd-georgianos têm chapéus pobres, e têm pobreza dentro da cabeça. Sei que Lloyd George me compreenderá. Sei que fingirá que tudo o que eu escrevo é bobo, ou pior ainda, dirá que tudo o que eu escrevo é a verdade, e ao mesmo tempo sorrirá com aquele sorriso maldoso que a gente bem conhece. Tenho certeza de que Wilson se afligirá depois de ler o que eu escrevi, mas não porque escrevo coisas boas sobre ele. Wilson me amará, pois conhece minhas idéias. Wilson estará comigo, pois me

sente. Clemenceau não tem medo de Lloyd George e seu bando, por isso estará comigo.

Os lloyd-georgianos irão morrer logo, pois suas artimanhas se tornarão evidentes. Eu gosto de ajudar, por isso procurarei Clemenceau e lhe direi que não tenho revólver. Sei que Clemenceau me tomará pela mão e me dirá: "Ouça. Eu não quero morrer, mas, se o senhor quer me matar, então me mate." Eu sei que Clemenceau tocará o coração do assassino. Os assassinos não são ingleses. Os assassinos são franceses. Lloyd George sabe quem enviar. Os lloyd-georgianos gostam de matar. Os lloyd-georgianos são assassinos. Eu sei, sei tudo, sem estar no lugar do crime. Compreendo que jogaram Caillaux na prisão deliberadamente, para Clemenceau poder se tornar ministro. Caillaux não é um homem bom, pois queria enganar a França. A França não o pegou porque não havia provas. Lloyd George não quer que matem Caillaux, pois tomou a defesa dele. Os lloyd-georgianos querem ter na França um homem que fez prisão. Quero escrever a verdade, por isso minto. Não tenho medo da imprensa, pois a imprensa já falou muito mal de mim. Não sei escrever bem, por isso não posso dizer as coisas mais corretamente. Escrevo como posso. Não finjo. Escrevo a verdade, pois quero que todo mundo saiba. Sei que todo mundo dirá que Nijinski ficou louco, pois escreve coisas sem tê-las visto. Eu vejo tudo. Eu sei tudo. Li a polêmica de Lloyd George com Wilson. Sei que muita gente dirá que Nijinski não sabe ler francês. Eu sei ler francês. Minha mulher me traduz revistas inglesas. Eu gosto de ler as revistas. Minha mulher me lê e me traduz discursos muito importantes. Eu conheço os dis-

cursos de Wilson na Inglaterra. Sei que Wilson não queria ir à Inglaterra, achava que não o compreenderiam. Sei que Wilson foi à Inglaterra e que falou bem lá. Wilson causou grande impressão nos anglicanos.

Chamam-se anglicanos os artesãos. Os artesãos receberam Wilson em seus corações. Wilson quer falar aos artesãos como aos seus iguais. Wilson disse a verdade. Wilson não fingiu. Lloyd George tenta consertar o que Wilson estragou com seus discursos. Wilson sabe o que é Lloyd George. Os lloyd-georgianos são aqueles franceses que deportaram Dreyfus, e Zola o liberou, mas as pessoas gasearam Zola por causa disso. Perguntei à minha mulher se era verdade que haviam gaseado Zola. A essa pergunta, minha mulher respondeu que Zola não havia sido gaseado. Eu não disse nada, mas sinto que ele foi gaseado, por isso sinto que serei gaseado. Eu sou Zola. Eu sou amor. Zola dizia a verdade, e eu digo a verdade. Sempre direi a verdade. Minha mulher suspira, pois pensa que estou escrevendo sobre política. Minha mulher sente que eu escrevo contra os franceses. Conheço meu erro, mas não quero corrigi-lo. Minha mulher quer olhar, mas eu não deixo, pois escondo com a mão o que escrevo. Minha mulher continua a chorar em sua alma. Não tenho medo das lágrimas de minha mulher. Eu a amo, mas não posso parar de escrever. O que escrevo é importante demais para eu prestar atenção às lágrimas de minha mulher. Minha mulher tem medo de que eu escreva coisas proibidas. Ela chora derramando lágrimas. Não ligo para suas lágrimas, pois conheço o sentido de suas lágrimas. Quero acalmá-la, mas minha mão escreve. Vou continuar o assunto de Wilson. Wilson é um ser

humano, e Lloyd George é uma besta. Minha mulher lê o que eu escrevo. Olha por baixo de minha mão. Direi que, se ela quiser saber antes de todo mundo, deve aprender a ler russo. Não quero que ela leia russo, pois não quero que saiba tudo o que escrevo. Não gosto que uma pessoa saiba antes de todas as outras. Logo publicarei este livro. Não tenho certeza de que o publicarei na Suíça, pois acho que os suíços o proibirão. Sei que os lloyd-georgianos ou os ingleses têm policiais por toda parte. Conheço um policial que tem a cabeça branca. Ele finge ser francês. Eu sei que ele é inglês. Ele finge ser pintor, mas eu sei que seus quadros não valem nada. É o policial dos anglicanos. Minha mulher chora, pois acha que eu vou parar. Vou parar de escrever se Deus quiser.

Amo minha mulher, porque ela sentiu o que eu escrevo. Ela tem medo por mim. Tem medo de que, se me matarem, a criança e ela fiquem órfãs, pois sua mãe não a ama. Sua mãe a ama, porque ela é minha mulher. A mãe de Romuchka é uma mulher horrível. Eu a amo, mas sei que ela me repelirá, se souber que não tenho dinheiro. O marido dela é judeu, por isso lhe ensinou a compreender o dinheiro. Ela não compreende o dinheiro. Gosta dele porque o marido gosta. A mãe de Romuchka joga dinheiro pela janela. Guarda dinheiro para Kyra, mas pensa que eu lhe darei dinheiro, se ela precisar. Ela me sentiu bem, pois combinou uma artimanha que ultrapassa em esperteza a da raposa. Ela se entende com o marido sobre essas coisas à noite, ou mais tarde, na cama, pois não dorme. Seu marido quer dormir, e ela não o deixa sossegar. Gosta de pensar à noite. Conheço seus hábitos, pois

morei com ela. Ela me ama, pois sabe que eu sou uma celebridade. Eu não gosto de celebridades. Quero fazê-la acreditar que eu sou louco, para compreendê-la. Gosto dela, mas conheço seus hábitos. Ela tem bom coração, mas tem freqüentes ataques de bílis, pois briga com o marido. Minha mulher sofria muito com a mãe, quando eu morava com eles. Eu também, eu também sofria, pois minha mulher sofria. Conheço pessoas que dirão que não é verdade, porque ela nos beija, à minha mulher, a mim e à menina. Conheço esse beijo de Judas. Judas era mau. Sabia que Cristo o amava. Beijou-o pelas aparências. Eu beijo a mãe de minha mulher pelas aparências. Ela nos beija, à minha mulher, a Kyra e a mim, pelas aparências. Eu a beijo pelas aparências, pois quero que ela ache que eu a amo. Ela me beija para eu achar que ela me ama. Sei que ela não tem alma. Sei que em seu coração o vidro se estilhaça quando ela diz que me ama. Ela finge chorar, pois representa no teatro. Sei que sua atuação não é bem sentida, mas simulada. Falo bem dela, pois não quero que todo mundo me creia maldoso. Não quero fingir, por isso escrevo toda a verdade. Emilia Markus é Lloyd George. Finge amar as pessoas simples, mas, na verdade, lhes dá bofetadas. Um dia eu ofendi Louise, depois me senti tão mal que não sabia mais onde me meter. Emilia fica muito feliz depois da bofetada. Conta para todo mundo. Ofendi Louise, mas minha mulher corrigiu meu erro, pois lhe disse que eu estava nervoso e não queria ofendê-la, então Louise veio, toda tímida, me pedir perdão. Eu lhe dei a mão e disse que a amava. Ela me sentiu, e desde então nós nos amamos. Eu amo minha mulher e não lhe quero

mal, por isso irei ganhar dinheiro para fazer sua felicidade. Não quero lhe causar desgosto, por isso ganharei bastante dinheiro para que ela possa viver, no caso de eu ser morto. Não tenho medo da morte, mas minha mulher tem. Ela acha que a morte é uma coisa horrível. Os sofrimentos da alma são uma coisa horrível. Quero que os homens compreendam que a morte do corpo não é uma coisa horrível, por isso vou contar meu passeio.

Uma vez, eu fui passear, à tardinha. Subi rapidamente. Parei no alto da montanha. Não era o Sinai. Eu tinha ido longe. Sentia frio. Sofria com o frio. Senti que devia me ajoelhar. Ajoelhei-me depressa. Depois disso, senti que precisava pôr a mão sobre a neve. Soltei a mão, e de repente senti uma dor. Gritei de dor, e retirei a mão. Olhei uma estrela que não me disse "bom-dia". Ela não piscou para mim. Tive medo e quis fugir, mas não podia, pois meus joelhos estavam soldados à neve. Comecei a chorar. Meu choro não foi ouvido. Ninguém veio em meu socorro. Eu estava gostando de passear, por isso senti o horror. Não sabia o que fazer. Não compreendia o intuito de meu alentecimento. Alguns minutos depois, virei-me e vi uma casa condenada. Um pouco mais longe, uma casa com gelo sobre o teto. Tive medo e gritei com toda a força: "Morte!" Não sei por quê, mas compreendi que era preciso gritar "Morte". Depois disso, senti um calor por todo o corpo. O calor por todo o corpo me deu a possibilidade de me levantar. Levantei e andei até a casa onde ardia uma lâmpada. A casa era grande. Eu não tinha medo de entrar lá, mas pensei que não devia entrar, por isso passei adiante. Compreendi que, se as

pessoas se cansam, precisam de ajuda. Eu queria ajuda, pois estava muito cansado. Não podia ir mais longe, mas de repente senti uma força imensa e comecei a correr. Não corri por muito tempo. Corri até sentir o frio. O frio me bateu no rosto. Tive medo. Compreendi que o vento vinha do sul. Compreendi que o vento do sul iria trazer neve. Eu caminhava sobre a neve. A neve crepitava. Eu gostava da neve. Escutava o crepitar da neve. Gostava de escutar meu passo. Meu passo estava cheio de vida. Olhei para o céu e vi as estrelas que haviam começado a piscar para mim. Nessas estrelas, senti alegria. Fiquei alegre e não tinha mais frio. Caminhei. Caminhava depressa, pois havia notado um bosquezinho que não tinha folhas. Senti o frio no corpo. Olhei as estrelas e vi uma estrela que não se mexia. Eu caminhava. Caminhava depressa, pois senti o calor em meu corpo. Caminhava. Comecei a descer o caminho onde não se via nada. Caminhava depressa, mas fui detido por uma árvore que foi minha salvação. Eu estava diante de um precipício. Agradeci à árvore. Ela me sentiu, pois nela me agarrei. A árvore recebeu meu calor, e eu recebi o calor da árvore. Não sei qual dos calores era o mais necessário. Avancei e de repente parei. Percebi um precipício sem árvores. Compreendi que Deus me detivera porque me amava, por isso eu disse: "Se tu quiseres, cairei no precipício, se tu quiseres serei salvo." Fiquei sem me mexer até o momento em que senti um impulso para a frente. Recomecei a andar. Não caí no precipício. Eu disse que Deus me amava. Sei que tudo o que é bom é Deus, por isso estava certo de que Deus não queria minha morte. Continuei. Caminhava depressa, descen-

do da montanha. Passei na frente do hotel *Chiantarelle** . Achei que todos os nomes eram importantes, pois as pessoas virão ver onde eu passeei. Compreendi que também Cristo havia passeado. Eu estava passeando com Deus. Afastei-me do hotel. Senti as lágrimas, pois compreendi que toda a vida no hotel *Chiantarelle* era a morte. Os homens se divertem e Deus se entristece. Compreendi que não era culpa dos homens se estavam nessa situação, por isso os amei. Eu sabia que minha mulher pensava muito e sentia pouco, e comecei a soluçar com tanta força que isso me cortava a garganta. Eu soluçava escondendo o rosto nas mãos. Não tinha vergonha. Estava triste. Tinha medo por minha mulher. Queria bem a ela. Não sabia o que fazer. Compreendi que toda a vida de minha mulher, assim como a de toda a humanidade, era a morte. Estava horrorizado, e pensei como seria bom se minha mulher tivesse me escutado. Eu caminhava, caminhava. Sei que todo mundo dirá que minha mulher vive bem. Sei que Stravinski igualmente vive bem. Também eu vivo bem com minha mulher. Eu acho que vivo bem. Stravinski, o compositor, acha o mesmo. Sei o que é a vida. Stravinski Igor não sabe o que é a vida, pois não me ama. Igor acha que eu sou inimigo de suas metas. Ele procura o enriquecimento e a glória. Eu não quero nem enriquecimento nem glória. Stravinski é um bom escritor de música, mas não escreve segundo a vida. Ele inventa assuntos que não têm objetivo. Não gosto dos assuntos que não têm objetivo. Muitas vezes eu o fiz compreender o que era um objetivo, mas

* Trata-se do hotel *Chantárella* (N. do T.).

ele achava que eu era um garoto bobo, por isso falava com Diaghilev, que aprovava todos os seus empreendimentos. Eu não podia dizer nada, eles me tomavam por um garoto. Stravinski era um garoto de nariz comprido. Não era judeu. Seu pai era russo e seu avô, polonês. Eu também sou polonês, mas sem nariz comprido. Stravinski fareja. Eu não farejo. Stravinski é meu amigo que me ama em sua alma, pois me sente, mas me considera seu inimigo pois eu o incomodo. Diaghilev ama Massine e não a mim, por isso Stravinski fica pouco à vontade. Stravinski não ama sua mulher, pois a força a dobrar-se a todos os seus caprichos. Stravinski dirá que eu não vi nada da vida deles, portanto não posso falar disso. Eu direi que vi a vida deles, pois senti o amor de sua mulher por ele. Senti que Stravinski não amava sua mulher, mas vivia com ela por causa das crianças. Ele ama os filhos estranhamente. Seu amor se manifesta no fato de ele obrigar os filhos a fazer pintura. Seus filhos pintam bem. Ele é um imperador, e os filhos, a mulher e os domésticos são soldados. Stravinski me lembra o imperador Paulo, mas não será asfixiado, pois é mais inteligente que o imperador Paulo. Diaghilev quis asfixiá-lo mais de uma vez, só que Stravinski é esperto. Diaghilev não pode viver sem Stravinski, e Stravinski não pode viver sem Diaghilev. Os dois se compreendem. Stravinski luta com Diaghilev muito habilmente. Conheço todas as artimanhas de Stravinski e de Diaghilev.

Uma vez, na época da minha liberação da Hungria, passei por Morges, em casa de Stravinski, e perguntei, cheio de esperança de que ele não recusasse, se ele e sua mulher aceitariam tomar conta de minha

menina. Eu sabia que ele tinha muitos filhos, por isso entendi que ele podia tomar conta de minha Kyra se eu fosse à América do Norte. Eu não queria levar minha menina comigo. Queria deixá-la nas mãos de outra mãe amorosa. Todo feliz, pedi a Stravinski que tomasse conta de minha Kyra. A mulher dele quase chorou, e Stravinski disse que lamentava, mas não podia ficar com a criança, pois tinha medo de contágio e não queria ser responsável pela morte de minha pequena Kyra. Eu agradeci e não disse mais nada. Olhei a mulher dele com tristeza e senti a mesma resposta. Ela não me disse nada, mas eu lhe respondi por minhas lágrimas, que ela sentiu. É uma mulher, por isso sente o que é estar com uma criança num trem ou num navio. Ela sentia pena de mim. Sei que ela não concordava com o marido, porque o marido havia anunciado tudo muito depressa, e a fizera sentir com insistência que ele não admitia aquilo. Eu disse que pagaria todas as despesas de Kyra. Ele não quis consentir. Quando ficamos a sós, aconselhou-me a confiar Kyra a uma das governantas, que moraria no hotel. Eu disse que não podia deixar minha filha em mãos estranhas, pois não sabia se essa mulher amava Kyra. Não gosto das pessoas que deixam seus filhos em mãos estranhas. Não posso escrever, pois me atrapalharam para falar de besteiras. Quero dizer que as crianças devem estar sempre com a mãe. Levei minha Kyra para a América. Stravinski me acompanhou à estação. Apertei a mão dele muito friamente. Não estava gostando dele, por isso quis fazê-lo sentir isso, mas ele não me sentiu, pois me beijou. Não sei se era um beijo de amigo ou de Judas, mas me deixou um sentimento ruim. Parti para

a América. Fiquei na América um ano e meio. Eu não gostava de viajar com a criança, por isso a deixava em Nova York. Stravinski não me escreveu. Eu também não lhe escrevi. Agora, vivo aqui há quase um ano e meio, e não sei nada dele. Stravinski é um homem seco. Eu sou um homem com uma alma. Não gosto de cumprimentos, por isso não quero responder quando me perguntam se eu sou egoísta ou não. Tive medo da tosse de minha mulher, porque ela pensou que eu não a amava, pois não tinha respondido à sua pergunta. Não posso escrever, pois meu assento é duro. Gosto de me sentar numa cadeira dura.

Minha mulher recebeu um telegrama. Não sei o que minha mulher pensa. Ela...

.....

Ela não me compreende. Ela me ama. Minha Romuchka me ama, mas não me compreende. Pensa que tudo o que eu digo é um mal. Ela me critica. O Doutor Fränkel tem sempre razão. Eu estou errado. Não a compreendo, se Deus não quer. Deus quer que eu a compreenda, por isso me ordena escrever. Escrevo tudo o que penso. Penso tudo o que sinto. Meus sentimentos são bons. Eu caminho quando sinto a caminhada, falo quando sinto o que digo. Não penso de antemão no que vou dizer. Não quero pensar nos meus discursos. Meus discursos são sinceros, pois eu não pensei em meus discursos. Nenhum de meus discursos é refletido, por isso cometo erros. Deus me ajuda. Eu amo Deus. Ele me ama. Sei que todo mundo esqueceu o que é Deus. Todo mundo pensa que é

mentira. Os sábios dizem que Deus não existe. Já eu digo que Deus existe. Eu o sinto, em vez de pensá-lo. Sei que as mães me compreenderão melhor, pois sentem a morte cada vez que vão dar à luz. A mãe sabe que, se Deus não estiver com ela, nenhum parteiro ou cirurgião lhe salvará a vida. Conheço pessoas que acham que os homens não devem sua existência a Deus. Sei que os homens dirão que Deus não existe, que tudo o que nós fazemos não passa de matéria em movimento. Conheço pessoas que têm pouca matéria. Conheço pessoas doentes. Os doentes sentem mais, pois pensam que vão morrer logo. Os doentes trabalham sobre Deus sem o saber. Eu trabalho sobre Ele, quando estou em boa saúde. Não sou um homem doente. Minha mulher acha que eu estou em boa saúde e não quer mais doutores. Ela acredita em mim, pois viu coisas que um homem comum não pode inventar. Eu inventei uma nova *fountain-plume* e uma ponte de ferro sobre um cabo de ferro que pode suprimir todos os navios a vapor. Sei que todo mundo dirá que eu digo tolices, mas posso provar isso aos entendidos em técnica, que me compreenderão. Sei que com minha invenção a gente poderá suprimir todas as estradas de ferro. Sei que, se eu suprimir todas as estradas de ferro, a velocidade de comunicação será multiplicada por dez, ou mais. Não sei contar, mas meu sentimento assim me diz. Conheço um meio de suprimir as minas de carvão. Não gosto das pessoas que obrigam os pobres a cavarem a terra. Não quero arruinar as pessoas. Inventei o meio de obter força física sem carvão. Posso provar minha invenção aos sábios, se eles me pedirem. Sei que, se a gente supri-

mir o carvão, não haverá mais fumaça para prejudicar a saúde dos homens. Sei o que é um trem. Não gosto de viajar de trem, por isso viajarei de aeroplano. Sei que todo mundo tem medo do aeroplano, porque ele depende do tempo que estiver fazendo. Conheço um meio de comunicação que não depende do tempo que está fazendo. Conheço a técnica dele, mas não posso dizer o que é, pois minha mulher é quem possui meus manuscritos. Minha mulher quer dinheiro, por isso é preciso dar-lhe dinheiro. Se me prometerem dinheiro, então mostrarei esses manuscritos. Eu não sou Lloyd George. Eu digo a verdade. Amo os homens e quero o bem deles. Sei que todo mundo dirá que eu sou egoísta e que dei esses manuscritos à minha mulher em vez de os dar aos homens. Sei que serei compreendido melhor, se fingir ser um homem como os outros, por isso serei compreendido melhor. Resta-me pouco tempo de vida, por isso quero atingir meus objetivos o mais depressa possível. Meus objetivos são os objetivos de Deus. Eu não sou um fingimento. Eu sou a verdade. Sei que, se disser toda a verdade, os homens me matarão. Não tenho medo de um homem só. Tenho medo dos homens. Tenho piedade dos homens. Quero ajudá-los. Recorrerei a todas as astúcias que Deus me indicar, mas sei que Deus não quer sofrimentos nem para minha mulher nem para os homens. Eu amo minha mulher como amo todo mundo, por isso lhe desejo a mesma felicidade que aos outros. Os homens dirão que não se deveria amar um só homem quando todo o povo está sofrendo. Direi que é inútil um só homem sofrer pela felicidade da humanidade, pois sei que Cristo sofreu, e ninguém o compreendeu.

Conheço homens que o compreenderam, mas o camuflaram em romances e poesia. Tolstoi e outros escritores, depois de escreverem seus romances, escreveram coisas sobre Deus. Compreenderam o que era Deus, mas tinham medo da vida. Eu não tenho medo da vida. Minha mulher tem medo por mim, por isso me transmite esse medo. Eu não tenho medo. Senti o medo da morte no precipício. Ninguém queria me matar. Eu estava caminhando e caí num precipício, e uma árvore me segurou. Eu não sabia que havia uma árvore no caminho. Eu era criança, e meu pai quis me ensinar a nadar. Jogou-me n'água, no lugar onde as pessoas se banhavam. Caí e fui até o fundo. Eu não sabia nadar, mas senti que o ar me faltava, então fechei a boca. Dispunha de pouco ar, mas guardei-o pensando que, se Deus quisesse, eu seria salvo. Andei à frente, sem saber aonde ia. Andei e andei, e de repente senti uma claridade, embaixo d'água. Compreendi que ia tomar pé, e andei mais depressa. Atingi uma parede. A parede era reta. Eu não via o céu. Via a água acima de mim. De repente senti uma força física e pulei. Quando pulei, percebi uma corda. Agarrei a corda e fui salvo. Estou dizendo tudo o que me aconteceu. Podem perguntar à minha mãe, se ela não tiver esquecido essa história, que aconteceu num banho para homens, no Neva, em Petersburgo. Eu via meu pai dar cambalhotas e cair n'água, mas tinha medo. Não gostava das cambalhotas. Tinha medo. Eu era apenas um garotinho de seis ou sete anos e não esqueci essa história, por isso procuro causar muito boa impressão em minha menina, pois sei que uma criança não esquece o que lhe aconteceu. O Doutor Fränkel me disse que eu

não devia fazer nada de mau a Kyra, pois uma criança não esquece as coisas que seu pai e sua mãe fazem. Contou que, uma vez, seu pai se enfurecera com ele e que até hoje ele não conseguia esquecer essa raiva. O Doutor Fränkel fez uma careta, e eu senti a ofensa feita por seu pai. Quase chorei. Senti pena. Não sei de quem devia ter mais pena, se do menino ou do pai. Sei que os dois eram infelizes. Amo os dois. Compreendi que a criança havia perdido o amor ao pai e que o pai havia perdido o amor a Deus. Deus queria o amor dele, mas ele o perdeu. Eu disse ao Doutor Fränkel que o compreendia e que não agiria mais como um bicho. Sei de que minha mulher fala ao telefone com o Doutor Fränkel. Ela acha que eu saí para passear e fala abertamente. Compreendo que minha mulher me ama, pois não disse nada de mau sobre mim. Ela o fez compreender que eu sou conservador e que é difícil me convencer, mas que, com o tempo, seria possível mudar tudo o que eu digo. Compreendo que minha mulher me quer bem, por isso fingirei mudar. Mostrarei essa mudança na prática. Quero muito dinheiro, por isso irei a Zurique e conseguirei dinheiro por meu trabalho. Todo mundo pensa que a Bolsa é um trabalho, por isso jogarei na Bolsa com meu dinheiro. Vou usar meu último dinheiro. Não é muito. Uns trezentos francos. Sei que Deus me ajudará, mas tenho medo, pois acho que causarei dificuldades aos pobres que jogam pequeno. Não quero roubar a gente simples, pois a gente simples é pobre. A gente simples procura a felicidade enquanto os ricos recolhem os que caem, o que faz a gente simples meter uma bala na cabeça. Não quero bala nem para a gente simples nem para os

ricos, por isso jogarei de modo a não roubar nem uns nem outros. Sei que vou ganhar, pois estou com Deus.

Mostrei meu amor à minha mulher, pois não peguei de volta os manuscritos quando ela quis me devolver. Ela disse que eu devia escondê-los, e eu disse expressamente que mais valia escondê-los com ela, porque comigo vão me roubar. Ela pegou os manuscritos e os escondeu. Seu sentimento é bom, só que ela acha que esses manuscritos vão lhe trazer dinheiro. Ela tem muito pouco dinheiro. Todo mundo pensa que ela tem milhões, só que ela usa pérolas falsas e um anel com pedra falsa. Eu lhe dei tudo isso para todo mundo achar que ela é rica. Notei que os homens confiam nos ricos, pois pensam que o dinheiro é uma coisa necessária. Eu compreendi o contrário, por isso quero enriquecer. Deus quer a felicidade de minha mulher e dos homens, por isso procurarei dinheiro. Não quero saber desse tipo de felicidade, mas sinto que por essa felicidade darei outra. Wilson compreende a política. Ele não gosta da política. Sei que virá comigo, se eu lhe mostrar a maneira. Wilson é um homem bom, é preciso protegê-lo. Os bandidos devem ter medo dele. Não quero a morte de Wilson, pois é um homem necessário à humanidade. Quero inventar-lhe uma guarda. Direi a ele o que deve fazer para se proteger. Conheço um meio de proteção. Sinto um olhar fixo atrás de mim. Eu sou um gato. Quero que façam um ensaio sobre mim, e verão que tenho razão. Todos os bandidos terão medo de mim. Sei o que sente um policial. Eu sou um policial que sente. Não sinto com meu nariz, mas com minha razão. Não tenho medo dos ataques. Se quiserem me bater, não lutarei, por isso meu

inimigo ficará desarmado. Sei que me dirão que um homem é capaz de bater num outro homem até a morte, se este não reagir. Sei que Deus o deterá. Tenho certeza de que esse homem sentirá raiva durante um instante, e depois irá parar. Se quiserem experimentar, experimentem. Sei que Lloyd George e Diaghilev e as pessoas iguais a eles experimentarão. Mas estou ainda mais convencido de que suas tentativas não darão resultado. Eles não me matarão. Podem me ferir, mas não me matarão. Não tenho medo do sofrimento, pois Deus estará comigo. Sei o que é o sofrimento. Eu sei sofrer. Mostrarei a Wilson que sei, se ele vier me ver. Eu não irei vê-lo, pois o considero como um homem e não como o presidente da América.

Wilson é um grande homem. Sua cabeça é pequena, mas contém muitas coisas.

Lloyd George tem cabeça grande e uma grande inteligência, mas é desprovido de razão.

Lombroso falou das cabeças e as estudou. Eu não li Lombroso. Sei dele o que minha mulher me disse. Perguntei a ela o que Lombroso ou um outro sábio tinha dito "sobre as cabeças", ao que minha mulher respondeu que Lombroso não havia falado só das "cabeças", mas também de outras coisas. Então respondi nervosamente que sabia disso, mas a fiz compreender que eu precisava das "cabeças".

A cabeça de Lloyd George é doente e a de Wilson é sã. Lloyd George tem a cabeça inchada, e a de Wilson é regular. A wilsonaria sente, mas as cabeças lloyd-georgianas pensam.

A wilsonaria também pensa, mas suas cabeças sentem. Sei que vão me dizer que os nervos é que sentem, e não as cabeças. Então, direi que os doentes, por exemplo, os loucos desprovidos de razão, é que sentem com os nervos. Eu sou um louco que tem razão, por isso meus nervos são disciplinados. Eu me enervo quando quero. Não me enervo quando preciso convencer as pessoas de que não estou nervoso. Sei que Lloyd George é um homem nervoso, mas quer passar a imagem de um homem calmo de pele rosada. Suas revistas mostram um Wilson nervoso, e ele com a pele cor-de-rosa. Lloyd George tem medo de que todo mundo perceba suas astúcias, por isso recorre a essa astúcia de moleque. Sei que os moleques mostram a língua, mas Lloyd George não mostra a língua. Quer que todo mundo acredite que ele não mostra a língua. Mas quer que todo mundo acredite que Wilson faz isso. Clemenceau não é um moleque. Clemenceau é um homem bom. Eu amo Clemenceau. Sofro com sua dor no ombro. Tenho medo por ele, porque ele tem medo. Sei que é um homem, por isso não terá medo de que Lloyd George atire nele. Lloyd George sempre recorre a essa astúcia para forçar as pessoas a fazerem tudo o que ele quer. Lloyd George tem uma polícia que organiza todas essas astúcias. Eu conheço essas pessoas. Posso mostrá-las a vocês, se vocês me prometerem não tocar nelas. Não quero linchamento. Amo essas pessoas. Essas pessoas fazem tudo isso porque lhes mostraram dinheiro. Essas pessoas são pobres, precisam de dinheiro para alimentar os filhos. Eu amo essas pessoas e sei que elas me compreenderão, se Lloyd George lhes permitir ler este livro. Sei que Lloyd

George as impedirá de o ler, servindo-se de uma astúcia muito esperta. Permitirá que o publiquem, mas, nos jornais de Lloyd George, o livro será ridicularizado. Lloyd George me compreenderá. Sei que ele terá medo de mim, mas sei que fingirá sorrir. Sei que Lloyd George trabalha à noite, pois tem olhos fracos. Ele escreve muito. Fala pouco. Inventa no papel. Tem muito papel, por isso o gasta sem remorsos. Escreve tudo o que pensa, pois as pessoas desenvolvem as idéias dele. Eu também escrevo, mas economizo o papel, por isso escrevo miudinho. Às vezes escrevo em letra grande para sublinhar meu pensamento. Com Lloyd George, todas as letras são grandes. Eu não vi os escritos dele, mas estou convencido de que ele escreve em letras grandes porque tem medo de não ser compreendido. Escreve rápido e com habilidade. Está muito habituado. As pessoas o compreendem porque ele passou muito tempo escrevendo. Eu sei que ele se exercitou para escrever bem. Sua escrita é muito bonita. Ele escreve claramente. Eu não escrevo claramente, pois não quero ser compreendido por todo mundo. Lloyd George tem medo de não ser compreendido por todo mundo, pois sente seus erros. Lloyd George é um homem horrível, não convém matá-lo. Quero falar com ele, se me deixarem. Não quero matá-lo com um revólver. Quero provar-lhe que tudo o que ele fez causou tanto mal que lhe seria impossível pagar com os cabelos que traz na cabeça, pois não os tem suficientes. Direi que, sem Deus, ele não pode pagar por tudo o que destruiu. Para pagar, ele deve amar Deus.

Quero que ele compreenda deus, por isso quero lhe explicar que Deus pode ajudá-lo, se ele me ouvir.

Sei que ele me mostrará um sorriso, mas não lhe responderei, pois não sou um homem sorridente. Gosto das pessoas sorridentes, mas não com sorriso afetado. Não gosto dos sorrisos de Diaghilev, porque ele os fabrica. Acha que as pessoas não o sentem. Lloyd George faz papel de operário pensando que o povo o amará. Lloyd George não compreende o povo. Lloyd George quer que lhe obedeçam. Os lloyd-georgianos forçam a Irlanda a fazer coisas que ela não quer.

A Irlanda é amor, quer amar a Inglaterra, mas Lloyd George quer incitar o povo irlandês à briga, pois quer guerrear a Irlanda. Conheço um representante irlandês que tem uma esposa inglesa. Essa mulher é de uma educação hipócrita. O marido compreende suas astúcias, mas a ama. Ela não o ama, embora tenha um filho dele. Observei as relações amorosas entre eles por acaso. Fui convidado para um chá na casa deles. O marido também estava. O marido é um homem bom, pois seu sorriso é cheio de sensibilidade. O sorriso da esposa é excitante. Não correspondi ao sorriso dela. Correspondi ao sorriso do marido. Ela "hoje" me escreve cartas nas quais quer me fazer sentir que me ama. Vejo em sua carta as astúcias de uma mulher esperta. Compreendi sua carta. Ela quer me forçar a ir à Inglaterra, dizendo que os Ballets Russes fazem sucesso. Esse sucesso, eu o compreendi bem. Ela me fez compreender que Massine também é um homem muito talentoso. Compreendi todo o objetivo dessa mulher. Ela sente Massine. Massine a compreendeu, por isso falou muito bem de mim. Massine é um rapaz muito bom. Eu o amo, só que de outra forma. Massine finge me amar. Eu não finjo. Observei-o quando vi em

Madri seu balé, que Diaghilev compôs para ele. Fui cumprimentá-lo e o beijei, no camarim. Massine pensou que era um beijo de Judas, pois Diaghilev o convencera de que minhas ações eram más. Sei que Diaghilev o convenceu disso, pelo simples fato de que eu também fui um Massine com Diaghilev, durante cinco anos. Eu não compreendia Diaghilev. Diaghilev me compreendia, porque minha inteligência era muito pequena. Diaghilev compreendeu que era preciso me educar, por isso eu devia acreditar nele. Perguntei: "Por que você abandonou um homem que o amava?" Ao que ele respondeu que não era ele quem havia abandonado o homem, este é que o havia abandonado, e me contou uma história toda inventada. Esse homem se chamava ..... Não quero dizer seu nome, porque ele se corrigiu. Esse homem se apaixonou por uma bailarina bem conhecida na Rússia. Eu a conheço. Ela me conhece muito pouco. Sabe que eu sou Nijinski. Gosta de minhas danças. Sei que ela gosta de minhas danças, pois sorria com sentimento quando eu dançava. Eu conheço o homem que viveu com Diaghilev do mesmo jeito que eu. Amo esse homem. Esse homem não me ama, pois acha que eu lhe tirei seu trabalho com Diaghilev. Eu sei que Diaghilev ensinou esse homem a amar os objetos de arte. Esse homem amava os objetos de arte e se apaixonou por eles. Diaghilev lhe comprava objetos de arte. Esse homem amava Diaghilev do mesmo jeito que eu. Eu não amava Diaghilev por causa de sua educação, que o fazia gostar de garotos.

Compreendi que Kyra não queria me ver, porque eu hoje lhe disse que ela estava se masturbando. Ela

sentiu isso quando a olhei. Sua mãe, minha mulher, também sentiu. A mãe achava que eu estava errado em acusar a menina, por isso me disse alguma coisa para defender Kyra. Respondi com grosseria à observação, e mais uma vez mostrei a Kyra que a compreendia. Comecei a esgravatar meu dedo, depois fiz o movimento que Kyra faz quando se masturba. Depois disso, deixei as duas no aposento. Fui me lavar, pois Deus me disse que era hora de me lavar. Fiquei sozinho no aposento, mas senti meu erro. Eu não queria que Kyra tivesse medo de mim, por isso fiz pior ainda. Ela ia passando, então chamei-a e disse que sabia que ela havia se masturbado hoje e que, se quisesse, podia ir embora, mas, se quisesse, podia ficar comigo. Ela foi embora. Senti dor em minha alma. Eu não lhe queria mal. Ela compreendeu que eu não a amava, por isso saiu. Eu sei por que ela saiu. Percebi um movimento da menina para se aproximar de mim, mas a repeli, pois achei que era melhor ela sair. A menina sentiu isso e saiu. Chorei em minha alma. Queria chamá-la. Fui procurá-la, mas a encontrei com uma mulher da Cruz Vermelha. Eu disse em voz alta que Kyra não me amava, pois tinha me dito isso. Depois de alguns segundos, eu disse que ela havia ido embora, e que ir embora significava não me amar. A mulher sentiu dor na alma e quase chorou, mas a inteligência lhe soprou que convinha persuadir Kyra a me dizer que me amava. Eu saí e Kyra chorava em sua alma. Sei que ela chorava, pois vi seu rosto crispado. Eu sofria. Não admitia o sofrimento dela. Queria fazê-la compreender que a amava. Mais tarde, eu lhe disse que ia partir, porque ela não me amava. Notei que isso a impressio-

nou. A mãe teve medo, pois achava que eu lhe queria mal. Respondi que eu tinha o direito de educar minha filha. A mãe se sentiu ofendida, pois pensou que eu tinha dito isso de propósito para lhe fazer uma censura. Eu não falei para lhe fazer censura. Desci e comecei a anotar meu objetivo. Alguém telefonou, e anotei o que ouvi, pois minha mulher achava que eu tinha ido passear. Durante o almoço, fiz minha mulher sentir que eu sabia que ela havia falado com o Dr. Fränkel. Ela me mentiu, pois estava com medo de mim. Senti que a sobremesa estava cheia de medicamentos, por isso deixei-a de lado e pedi frutas. Sabia que havia medicamentos na sobremesa, pois minha mulher se serviu muito pouco dela. Eu me servi bastante, de propósito, para ela pensar que eu não sabia, mas, depois de um momento, mostrei à minha mulher que eu farejava a sobremesa, e que meu faro estava sentindo umas coisas nada boas. Larguei a sobremesa apontando-a, para todo mundo compreender que a sobremesa não estava boa. A criada, que havia entrado por acaso, e não tinha visto eu rejeitar a sobremesa, me perguntou "se estava boa". Respondi "excelente". Ela sentiu o que eu tinha dito e viu a sobremesa iniciada, e não terminada. Eu não vou comer coisas com medicamentos, assim eles se espantarão por eu saber coisas que não vi. Não vou cheirar, mas sentir. Cheirei, pois Deus o quis...

Esqueci de falar do homem que Diaghilev amava antes de mim.

Diaghilev amava esse homem fisicamente, portanto queria que ele também o amasse. Para isso, Diaghilev o fez apaixonar-se por objetos de arte. Diaghilev

fez Massine se apaixonar pela glória. Eu não tinha paixão nem pelos objetos nem pela glória, pois não os sentia. Diaghilev notou que eu era um homem enfadonho, por isso me deixava sozinho. Sozinho, eu me masturbava e ia atrás das moças. As moças me agradavam. Diaghilev pensava que eu me entediava, mas eu não me entediava. Fazia meus exercícios de dança, e compunha meu balé totalmente só. Diaghilev não me amava, pois eu compunha meu balé sozinho. Ele não queria que eu fizesse sozinho as coisas que não lhe convinham. Eu não podia estar de acordo com ele em suas idéias sobre arte. Dizia uma coisa e ele me dizia outra. Brigava freqüentemente com ele. Trancava minha porta a chave, pois nossos quartos eram lado a lado. Não deixava ninguém entrar. Tinha medo dele, pois sabia que toda a minha vida prática estava em suas mãos. Não saía do meu quarto. Diaghilev também ficava sozinho. Diaghilev se aborrecia, pois todo mundo via nossa briga. Era desagradável para Diaghilev ver as pessoas perguntarem o que se passava com Nijinski. Diaghilev gostava de mostrar que Nijinski era seu aluno em tudo. Eu não queria mostrar que estava de acordo com ele, por isso freqüentemente puxava briga na frente de todo mundo. Diaghilev pedia ajuda a Stravinski, isso num hotel de Londres. Stravinski apoiava Diaghilev, pois sabia que Diaghilev me abandonaria. Então senti ódio por Stravinski, pois via que ele apoiava a mentira, e fingi estar vencido. Eu não era um homem mau. Stravinski pensava que eu era um moleque mau. Eu só tinha vinte e um anos. Era jovem, por isso cometia erros. Sempre quis corrigir meus erros, mas, notando que ninguém me amava, fin-

gia ser mau. Não amava Diaghilev, mas vivia com ele. Detestei Diaghilev desde os primeiros dias de nosso convívio, pois conhecia o poder de Diaghilev. Não amava o poder de Diaghilev, porque ele abusava desse poder. Eu era pobre. Ganhava sessenta e cinco rublos por mês. Sessenta e cinco rublos por mês não eram suficientes para nos alimentar, minha mãe e eu. Alugávamos um apartamento de três cômodos que custava trinta e cinco, trinta e sete rublos por mês. Eu gostava de música. Conheci o príncipe Pavel Lvov, que me apresentou a um conde polonês. Esqueci o sobrenome dele, pois prefiro assim. Não quero ofender toda a sua família, pois esqueci seu primeiro nome. Esse conde me comprou um piano. Eu não o amava. Amava o príncipe Pavel, e não o conde. Lvov me apresentou por telefone a Diaghilev, que me chamou ao *Hôtel Europe*, onde morava. Detestei-o por causa de sua voz muito segura, mas fui tentar a sorte. Tive sorte, pois gostei dele de saída. Eu tremia como uma folha de choupo-tremedor. Detestei-o, mas fingi, pois sabia que minha mãe e eu morríamos de fome. Compreendi Diaghilev desde o primeiro minuto, por isso fingi estar de acordo com todas as suas idéias. Compreendi que era preciso viver, por isso o sacrifício a fazer não me importava. Eu trabalhava muito a dança, por isso sempre me sentia cansado. Mas fingia não me sentir cansado e estar alegre para Diaghilev não se aborrecer. Sei que Diaghilev sentia isso, mas Diaghilev gostava de garotos, por isso para ele era difícil me compreender. Não quero que as pessoas achem que Diaghilev é um celerado e deve ser posto na prisão. Eu choraria se lhe fizessem mal. Não o amo, mas é um ser humano. Amo

todos os homens, por isso não lhe quero fazer mal. Sei que todo mundo ficará horrorizado ao ler estas linhas, mas quero publicá-las em vida, pois conheço o efeito delas. Quero causar uma impressão viva, por isso escrevo minha vida estando vivo. Não quero que leiam minha vida depois de minha morte. Não tenho medo da morte. Tenho medo dos ataques. Tenho medo do mal. Tenho medo de que as pessoas me compreendam mal. Não desejo mal a Diaghilev. Suplico a todos que o deixem sossegado. Amo-o como amo os outros. Não sou deus. Não posso julgar os homens. Deus o julgará, e não os direitos. Sou contra todos os direitos. Não sou Napoleão. Não sou um Napoleão que castiga os homens pelos erros deles. Sou um Napoleão que perdoa os erros. Vou dar o exemplo, e vocês devem seguilo. Foi a mim que Diaghilev fez mal, e não a vocês. Não quero castigá-lo, porque já o castiguei divulgando seus erros para todo mundo. Castiguei a mim mesmo, pois falei de mim a todo mundo. Falei de muitos outros para castigá-los. Não quero que todos pensem que eu escrevo com um fim hipócrita. Se todo mundo quiser castigar aqueles de quem falei, direi que tudo o que escrevi é mentira. Direi que me ponham numa casa de loucos. Não escrevo para excitar as pessoas contra os erros. Não tenho o direito de julgar. O juiz é Deus, e não os homens. Os bolcheviques não são deuses. Eu não sou bolchevique. Sou um homem em Deus. Falo pela boca de Deus. Amo todo mundo e quero amor para todo mundo. Não quero que todos briguem. Todos brigam, pois não compreendem Deus. Explicarei Deus a todos, mas não o explicarei se as pessoas começarem a rir. Falo de coisas que interes-

sam ao mundo inteiro. Eu sou a paz, e não a guerra. Quero a paz para todos. Quero o amor sobre o globo terrestre. O globo terrestre se decompõe, pois seu combustível se extingue. O combustível ainda vai dar calor, mas não muito, por isso Deus quer o amor antes de o globo terrestre se extinguir. Os homens não pensam nas estrelas, por isso não compreendem o mundo. Eu penso com freqüência nas estrelas, por isso sei o que sou. Não gosto de astronomia, pois a astronomia não nos dá a idéia de Deus. A astronomia quer nos ensinar a geografia das estrelas. Não gosto de geografia. Conheço a geografia, porque a estudei. Não gosto das fronteiras dos Estados, pois compreendo que a terra é um Estado único. A terra é a cabeça de Deus. Deus é o fogo dentro da cabeça. Eu estou vivo enquanto tenho fogo dentro da cabeça. Meu pulso é um terremoto. Eu sou um terremoto. Sei que, se não houver terremotos, a terra se extinguirá e, com a terra extinta, toda a vida do homem se extinguirá também, pois o homem não mais poderá se abastecer de alimento. Eu sou o alimento espiritual, por isso não alimento os homens com sangue. Cristo não queria alimentar com sangue, como entenderam nas Igrejas. As pessoas vão rezar e eles as fazem beber vinho dizendo-lhes que é o sangue de Cristo. O sangue de Cristo não embriaga, ao contrário, dá lucidez. Os católicos não bebem vinho, mas recorrem a meios hipócritas. Os católicos engolem pastilhas brancas e pensam que estão engolindo o corpo e o sangue do Senhor. Eu não sou o corpo e o sangue do Senhor. Eu sou o espírito dentro do corpo. Sou um corpo com um espírito. Deus não pode ser sem corpo ou sem espírito. O sangue e o

espírito dentro do corpo são o Senhor. Eu sou o Senhor. Sou um homem. Sou Cristo. Cristo dizia que era o espírito dentro do corpo, mas a Igreja deformou sua doutrina, pois as pessoas não o deixaram viver. Acabaram com ele. Ele foi liqüidado por pobres a quem se havia dado muito dinheiro. Mais tarde, esses pobres se enforcaram, pois não podiam viver sem Cristo. Sei que os homens são maus porque a vida deles é difícil. Sei que os que imprimirem estas páginas irão chorar, por isso ninguém se espante com a impressão ruim. A impressão ruim sai das mãos de pobres pessoas que têm poucas forças. Sei que a impressão estraga os olhos, por isso quero que fotografem meus escritos. A fotografia só estraga um olho, mas a impressão estraga vários. Quero fotografar meu manuscrito, só que tenho medo de estragar a fotografia. Tenho uma máquina fotográfica, e tentei fotografar com ela e revelar os filmes. Não tenho medo da luz vermelha, mas tenho medo do desperdício, pois o filme é uma boa coisa e deve-se gostar dele. Eu preferiria dar minha máquina a alguém para essa pessoa me fazer uma fotografia. Gosto de minha máquina, pois acho que ela poderá me servir. Sinto o contrário. Não quero fotografar, pois tenho pouco tempo. Quero fazer teatro, e não fotografia. Deixarei a fotografia para aqueles que gostam dela. Eu gosto da fotografia, só que não posso lhe consagrar toda a minha vida. Consagrarei toda a minha vida à fotografia se me provarem que ela pode ajudar a compreender Deus. Eu conheço o cinematógrafo. Queria trabalhar com o cinematógrafo, mas compreendi seu sentido. O cinematógrafo serve para multiplicar dinheiro. O dinheiro

serve para multiplicar o número de teatros cinematógrafos. Compreendi que o cinematógrafo fazia uma só pessoa ganhar dinheiro, enquanto o teatro faz várias ganharem. Acho difícil trabalhar em teatro, mas preferiria as privações a trabalhar para o cinematógrafo. Diaghilev me disse mais de uma vez que era preciso inventar alguma coisa como o cinematógrafo, pois ele tem um grande poder. Bakst, artista pintor bem conhecido, judeu russo, dizia que isso era bom pelo dinheiro. Eu não dizia nada, pois sentia que Bakst e Diaghilev pensavam que eu era apenas um moleque, por isso eu não podia dizer minhas idéias. Diaghilev sempre procura a lógica nas idéias. Compreendo que a idéia sem lógica não pode existir, mas a lógica não pode existir sem o sentimento. Diaghilev tem lógica e sentimento, mas seu sentimento é de outro tipo. Diaghilev tem um mau sentimento, e eu tenho um bom sentimento. Diaghilev sente mal, não porque tenha a cabeça maior que a dos outros, mas porque tem um mau sentimento na cabeça. Lombroso diz que os sentimentos se reconhecem pela forma da cabeça. Eu direi que os sentimentos se reconhecem pelas ações das pessoas. Não sou um sábio, mas compreendo bem. Compreendo bem, pois tenho bons sentimentos.

Muita gente não gosta da *fountain-plume* porque é difícil fazer entrar a tinta. A tinta entra por uma bomba feita de um tubinho de vidro e um... de borracha. Não sei como se chama a coisa de borracha que termina o tubo de vidro. Pego esse tubinho e bombeio a tinta de maneira a que o ar não entre. Para que o ar não entre, deve-se mergulhar o tubo na tinta. Quando

o tubo está cheio, deve-se botar a ponta do tubo na tinta da caneta. Muitas vezes as pessoas se enganam tomando a bolha por tinta, pois vêem uma bolinha. Eu consigo distinguir a bolinha de tinta da bolinha de ar. Sei que as duas bolinhas são pretas, mas a bolinha de ar é menos preta, pois minha fisionomia fica mais limpa. Gosto da fisionomia preta, por isso, antes de botar a tinta no tubo, retiro o ar. Depois de retirar o ar, verifico se ainda ficou ar. Depois pego a tinta e faço-a entrar na tinta que está na caneta. Muitas vezes o ar impede a tinta de entrar na caneta, e as pessoas nervosas estragam suas roupas e mancham a fisionomia, pois a bolha de tinta explode. A bolha não é paciente, explode quando quer. Conheço suas astúcias, por isso sinto quando convém parar. Não penso em quando convém parar. Paro por ordem de Deus. Tiro de novo o ar, depois pego mais tinta, enquanto o ar não a impede de entrar. Já me habituei a isso tão bem que não perco muito tempo para encher e não suspiro a cada vez que a encho de tinta. As pessoas têm medo da tinta, porque a tinta não é boa. Eu tenho tinta "Blue Black Stephen", é uma tinta ruim, pois contém pouca tinta. A tinta é diluída com água, porque o homem quer enriquecer. Para ele tanto faz que isso convenha ou não a quem escreve. Ele não tem amor pelos homens. Tem amor pelo dinheiro. Eu o compreendo bem. Ele tem filhos e quer lhes deixar dinheiro. Não gosto do dinheiro, quando sei que ele faz a alma sofrer. Sei que todo mundo gostaria de ter uma *fountain-plume*. Sei que as mães compram *fountain-plumes* para as meninas estudarem. Sei que todas as meninas gostam de vestidos. Sei que a menina chora,

depois de manchar com tinta o vestido. Ela não tem medo de seu pai ou sua mãe ralharem. Suporta tudo. Fica desolada pelo vestido, pois conhece o preço dele. O pai trabalha muito tempo. Sua vida é dura. Ele compra tecidos caros para a filha, a fim de lhe mostrar seu amor. A filha chora, pois se sente ofendida na alma. Sofre. Não mostra o vestido ao pai. O pai percebe e se irrita, pois isso lhe causa dor. Eu sei aonde ele quer chegar. Não quer que a filha lhe esconda o que fez. O que foi feito não o foi pela filha ou pela caneta. Quem fez foi o homem que inventou a tinta. Não quero acusar esse homem. Quero mostrar os erros dos homens. Não quero que a tinta seja diluída com água. Quero tinta sem água. Um homem produz milhares de vidros de boa tinta para a publicidade, e depois, tendo observado que as pessoas compram, produz milhões de vidros com água. Conheço as astúcias das fábricas de tinta. Conheço as astúcias dos empresários. Diaghilev também é empresário, pois dirige uma trupe. Diaghilev aprendeu a enganar com os outros empresários. Não gosta que se diga que ele é empresário. Compreende o que quer dizer isso, empresário. Todos os empresários passam por ladrões. Diaghilev não quer ser um ladrão, por isso quer ser chamado de mecenas. Diaghilev quer entrar para a história. Diaghilev engana as pessoas pensando que ninguém conhece seu alvo. Diaghilev tinge os cabelos para não ser velho. Os cabelos de Diaghilev são brancos. Diaghilev compra pomadas pretas e esfrega nos cabelos. Notei essa pomada nos travesseiros de Diaghilev, porque as fronhas ficavam pretas. Não gosto de fronhas sujas, por isso a visão delas me dava nojo. Diaghilev tem dois

dentes falsos na frente. Notei isso porque, quando fica nervoso, ele os toca com a língua. Os dentes se mexem e eu os vejo. Diaghilev me lembra uma velha má, quando mexe os dois dentes da frente. Diaghilev tem uma mecha de cabelos pintada de branco na frente. Diaghilev quer que as pessoas notem. Sua mecha amareleceu, porque ele comprou uma tintura branca ruim. Na Rússia sua mecha era melhor, pois eu não a tinha notado. Notei muito mais tarde, pois não gostava de prestar atenção ao penteado dos outros. Meu penteado me incomodava. Eu ficava mudando o tempo todo. As pessoas me diziam: "O que você faz com os cabelos? Você muda de penteado a toda hora." Então eu dizia que gostava de mudar de penteado porque não queria ser sempre o mesmo. Diaghilev gostava que se falasse dele, por isso botava um monóculo no olho. Perguntei por que ele usava monóculo, pois havia notado que ele enxergava bem sem monóculo, então Diaghilev me disse que enxergava mal de um olho. Então compreendi que ele tinha mentido para mim. Senti uma dor profunda. Compreendi que Diaghilev me enganava. Não confiava nele para nada e comecei a me desenvolver sozinho, fingindo ser seu aluno. Diaghilev sentiu meu fingimento e não gostava de mim assim, mas sabia que também ele fingia, por isso me deixava só. Comecei a odiá-lo abertamente, e uma vez empurrei-o numa rua de Paris. Empurrei, porque queria mostrar que não tinha medo dele. Diaghilev me bateu com a bengala, porque eu queria deixá-lo. Sentiu que eu queria deixá-lo, por isso correu atrás de mim. Eu caminhava meio correndo. Tinha medo de ser notado. Notei que as pessoas olhavam. Senti uma

dor na perna e empurrei Diaghilev. Não empurrei com força, pois não sentia raiva de Diaghilev, mas lágrimas. Eu chorava. Diaghilev me xingava. Diaghilev rilhava os dentes, e eu estava muito aflito. Não podia mais me conter, e comecei a andar lentamente. Diaghilev também andava lentamente. Nós andamos lentamente. Não me lembro aonde íamos. Eu andava. Ele andava. Andamos e chegamos. Vivemos juntos muito tempo. Minha vida era aborrecida. Eu sofria sozinho. Chorava sozinho. Amava minha mãe e lhe escrevia todos os dias. Nessas cartas eu chorava. Falava de minha vida futura. Não sabia o que fazer. Esqueci o que escrevia, mas tenho o sentimento de que chorava amargamente. Minha mãe sentia isso, pois me respondia por carta. Ela não podia corresponder aos meus objetivos, porque esses objetivos eram os meus. Ela aguardava minhas resoluções. Eu tinha medo da vida, porque era muito jovem. Estou casado há mais de cinco anos, também vivi cinco anos com Diaghilev. Não consigo fazer a conta. Tenho agora vinte e nove anos. Sei que estava com dezenove anos quando conheci Diaghilev. Amava-o sinceramente, e, quando ele me dizia que o amor das mulheres era uma coisa horrível, eu acreditava. Se eu não tivesse acreditado, não teria podido fazer o que fiz. Massine não conhece a vida, pois seus pais eram ricos. Não lhes faltava nada. Já nós não tínhamos pão. Minha mãe não sabia o que nos dar para viver. Minha mãe foi ao circo Cinizelli, para ganhar um pouco de dinheiro. Minha mãe tinha vergonha de um trabalho assim, pois era uma artista conhecida na Rússia. Eu compreendia, mesmo sendo criança. Chorava em minha alma. Minha mãe também chorava.

Uma vez, não agüentei e corri para a casa de meu amigo Burman, ele se chamava Anatole, agora está casado com Clementovitch. Corri para o pai dele e contei que minha mãe sofria por causa do dinheiro. Então o pai dele (um pianista) me disse para ir ao administrador do Teatro Imperial em Petrogrado. Fui. Eu só tinha quatorze-quinze anos. O administrador se chamava Dimitri Alexandrovitch Krupenski. Teliakovski era o diretor. Nicolau II era imperador. Eu gostava do teatro. Fui até o escritório. Quando entrei, tive medo, porque vi rostos secos e galhofeiros. Entrei na sala onde Krupenski estava sentado. Ele usava uma barba preta. Tive medo dele, pois tinha medo de sua barba. Eu tremia como vara verde. Krupenski e os outros funcionários começaram a rir. Comecei a tremer mais ainda. Eu tremia e todo mundo ria. Krupenski me perguntou o que eu queria, então eu disse que precisava de quinhentos rublos para pagar as dívidas de minha mãe. Falei esse valor por acaso. Não pensei no que dizia. Estava tremendo. Depois me levantei. Senti os rostos aborrecidos. Fui embora. Corri depressa, arquejando. Krupenski e sua barba preta me perseguiam. Eu corria. Gritava dentro de mim: "Não farei mais isso", "Não farei mais isso". Eu chorava na alma, mas as lágrimas não saíam. Sabia que, se fosse para junto de minha mãe, ela me compreenderia, por isso corri para ela e lhe contei tudo. Eu não sabia mentir. Quando começava a mentir, tremia como uma folha de choupo-tremedor. Eu era uma folha de Deus. Amava deus, mas não gostava de rezar. Não sabia o que devia fazer. Eu vivia, e a vida passava. Não compreendia os negócios e não gostava deles, mas

Deus me auxiliava. Eu dava aulas. Durante as aulas eu era simples. Ficava feliz em trabalhar. Muitas vezes chorava no meu quarto. Gostava de ter meu quarto à parte. Pensava que era grande, se tivesse meu quarto à parte. Num quarto à parte, eu podia chorar bastante. Lia Dostoievski. Li *O idiota* aos dezoito anos e compreendi o sentido. Eu queria ser escritor e estudava desajeitadamente os escritos de Dostoievski. Estudava Gogol. Copiava Puchkin achando que, se o copiasse, aprenderia a escrever poemas e romances como Puchkin. Copiei muito, mas senti que tudo isso era bobagem, e abandonei. Eu vivia simplesmente. Nós tínhamos bastante pão. Minha mãe gostava de receber. Convidava gente, quando sentia que nós tínhamos muito. Minha mãe gostava de encontrar as pessoas, por isso as convidava. Eu também gostava de encontrar as pessoas, por isso escutava tudo o que os mais velhos diziam. Eu compreendia os mais velhos, por isso eles me atraíam. Depois compreendi meu erro, porque os mais velhos tinham alvos diferentes dos meus. Como eu gostava dos mais velhos, os menores me repeliam, pois não me compreendiam. Eu conhecia um garoto que se chamava Goncharov. Não me lembro de seu primeiro nome. Lembrei, ele se chamava Leonid. Leonid bebia vodca, eu não bebia vodca. Íamos à escola juntos. A vida em comum na escola nos reuniu, mas não nos aproximou, pois eu não adotei os hábitos dele. Não sei quem lhe havia ensinado a beber. Seu rosto era pálido e cheio de espinhas. Os inspetores não compreendiam as crianças, porque se trancavam na sala dos inspetores, onde liam e recebiam seus ami-

gos* . Eu compreendo os inspetores que se enfadam na presença das crianças. Compreendo que as crianças não compreendam os inspetores. Ser inspetor é uma coisa difícil. Eu não quis que minha Kyra fosse educada por outros, pois compreendo o que é a educação. Quero que as pessoas eduquem seus filhos elas mesmas, e não os confiem a estranhos, pois os estranhos se enfadam.

.....

Eu não podia escrever, pois refleti sobre o que estava escrevendo. Queria dizer que a vida das crianças depende da educação delas. Os inspetores não podem educar as crianças, porque não são casados. Se forem casados, eles se entediam sem suas mulheres e seus filhos. Conheço um inspetor que costumava ter seus queridinhos. Chamava-se Issayenko. Eu gostava dele, mas sentia que ele não gostava de mim. Tinha medo dele, achando que ele me queria mal. Uma vez ele me convidou para ir à sua casa, dizendo que queria me ensinar francês. Fui à casa dele, pensando que aprenderia, mas assim que cheguei ele me fez sentar numa cadeira e me deu um livro. Fiquei entediado. Não compreendia por que ele havia me convidado, se era para me botar um livro nas mãos. Eu lia em voz alta, mas me entediava. Issayenko me convidou para comer com os outros. Senti que ele pagava pelas refeições e pelo quarto às pessoas com quem morava. Eu

* Trata-se aqui dos inspetores encarregados da disciplina dos alunos na escola do Teatro Imperial (N. do T.).

não compreendia o francês, porque eles falavam russo*. A mulher era jovem e magra. Seus nervos estavam mal, porque ela se mexia muito. Com ela havia um rapaz, não me lembro como era ele. O rosto dela está impresso em minha memória. Essa mulher tinha um cachorrinho bem pequeno que corria o tempo todo em cima da mesa e lambia o prato dela. Ela gostava desse cachorrinho. Eu não gostava desse cachorrinho, porque ele estava doente. Seu corpo estava machucado. Ele era muito magro. Patas bem compridas. Orelhas pequenas. Olhos salientes. Em suma, o cachorro era minúsculo. Senti pena desse cachorrinho, e fiquei triste. Issayenko ria do cachorrinho, porque este era minúsculo. Eu sentia que era demais ali, porque eles queriam falar de alguma coisa, e não diziam nada. Senti que havia um segredo. Queria ir embora, mas não sabia como. Issayenko me sorria. Senti nojo, e fui embora deixando o prato com tudo o que haviam servido. Eu sabia que ele** . Fui embora com um sentimento ruim por Issayenko e por todos os que estavam ali. Fiquei nauseado. Não podia continuar as aulas de francês e evitava Issayenko. Issayenko me perseguia e me chicaneava nas notas. Eu recebia as notas mais baixas, isto é, um sobre doze. As notas eram sobre doze, e a melhor nota era doze. Eu não me aplicava no estudo de francês, porque sentia repulsa. O professor de francês sentia que eu não gostava de francês e se zangava. Eu não estudava francês e, na hora em que ele me ar-

* Sem dúvida eles falavam russo, porque eu não compreendia o francês (N. do T.).
** *Sic* (N. do T.).

güía, escutava o que os outros me sopravam. Ele me dava notas boas de vez em quando. Precisava mostrar que seus alunos estudavam bem, por isso me dava boas notas. Compreendi sua astúcia, e comecei a mudar minhas notas. Apagava o "um" e punha "nove". Eu gostava de mudar as notas. O professor de francês não percebia, e ninguém me fazia nada. Abandonei o francês.

.....

Eu não gostava de estudar religião, porque isso me entediava bastante. Gostava de assistir à aula de religião, pois gostava de escutar as histórias do Reverendo Pai. Esse Pai não era o meu, mas o dos outros, pois falava de seus filhos. Ele nos mostrava uma moeda e dizia que com aquela moeda ensinava os filhos a compreendê-lo. Eu sabia que minha mãe não tinha dinheiro, mas a compreendia, por isso me entediava. O Reverendo Pai não era um pai, porque um pai é um homem bom, e aquele retinha sua raiva. Todas as crianças percebiam que ele retinha a raiva, por isso se permitiam travessuras às suas costas. Eu conheço travessuras, pois era o cabeça de várias travessuras. Era muito travesso, e todos os meninos gostavam de mim por isso. Mostrei-lhes que sabia atirar com estilingue melhor do que eles, pois atingi no olho um doutor que estava de fiacre, quando íamos ao teatro de carro. Eu gostava de andar de carro, porque podia atirar nos passantes. Atirava certinho. Não estava certo de que era eu quem havia atingido o doutor, mas tive vergonha de negar, quando todos os meninos

me apontaram, com medo de serem mandados embora. Eu amava minha mãe e comecei a chorar. Minhas lágrimas comoveram o inspetor, que era um homem muito bom, só que bebia muito e todas as crianças zombavam dele, porque ele era ridículo. As crianças o amavam, porque ele não se zangava. Muitos choraram, quando souberam que ele tinha morrido de bebedeira. Nenhum menino foi ao enterro. Eu também tinha medo, por isso não fui.

Acusaram-me do crime, e o inspetor me fez um sermão. Eu tinha medo do sermão, porque sentia a fúria do inspetor Pisnitchevski. Pisnitchevski era um homem mau, mas não jogava as crianças na rua, pois sabia que eram filhos de pais pobres. Pisnitchevski chamou minha mãe e lhe disse que não me jogaria na rua, mas que não podia me deixar sem punição, por isso achava necessário que minha mãe ficasse comigo por duas semanas. Senti uma imensa dor na alma e quase perdi os sentidos. Tive medo por minha mãe, pois sabia como lhe era difícil conseguir dinheiro. Minha mãe me levou e me bateu com umas varas trazidas pelo zelador. Eu não tinha medo das varas, mas tinha medo de minha mãe. Minha mãe me bateu com força, mas não senti raiva nela. Minha mãe me batia por achar que essa era a melhor providência. Senti amor por minha mãe, e disse "que não faria mais aquilo". Ela me sentiu e acreditou em mim. Senti que minha mãe acreditava em mim e decidi estudar direito. Comecei a receber notas boas, e todo mundo ria, dizendo que as varas de minha mãe haviam ajudado. Os inspetores sorriam, e os meninos riam. Eu também ria, pois não sentia ofensa. Amava minha mãe, por isso

me agradava que todo mundo soubesse. Contei como havia apanhado. As crianças sentiam medo e paravam de rir. Comecei a estudar direito e a dar o bom exemplo, somente o francês e a religião não iam bem.

Eu conhecia a religião russa, pois ia o tempo todo à igreja. Gostava de ir à igreja, pois gostava de ver os ícones de prata cintilando. Havia círios à venda, e às vezes eu vendia uns com Issayev, meu companheiro de masturbação. Gostava dele, mas sentia que o que ele me havia ensinado era uma coisa má. Sofria quando tinha vontade daquilo. Tinha vontade toda vez que ia para a cama. Issayenko notou que eu me masturbava, mas não me disse nada de terrível. Notei que na escola ninguém sabia nada de meus hábitos, por isso continuei. Continuei até notar que estava começando a dançar menos bem. Tive medo, pois compreendi que minha mãe logo ficaria arruinada e que eu não poderia ajudá-la. Comecei a lutar contra a luxúria. Eu me obrigava. Dizia a mim mesmo: "Não se deve." Estudava bem. Abandonei a masturbação. Tinha uns quinze anos. Eu amava minha mãe, e o amor por minha mãe me forçou a melhorar. Eu estudava bastante. Todo mundo começou a me notar. Eu ganhava vários "doze". Minha mãe ficava feliz. Muitas vezes dizia que as varas me haviam ajudado. Eu dizia que era verdade, mas por dentro sentia outra coisa. Amava minha mãe infinitamente. Decidi trabalhar a dança mais ainda. Comecei a emagrecer. Comecei a dançar como Deus. Todo mundo começou a falar disso. Quando eu ainda estava na escola, já me apresentava como primeiro-bailarino. Eu sabia o que era um primeiro-bailarino. Não compreendia por que me davam esses papéis para

dançar. Gostava de me mostrar. Ficava orgulhoso. Gostava do orgulho, mas não gostava dos cumprimentos. Não me gabava. Os alunos das classes de arte dramática gostavam de mim. Eu ficava muito com eles. Conheci uma aluna que me escolhera como queridinho. Ela me chamava "Nejinka*". Deu-me um álbum de veludo e colou nele recortes de jornais. Nesses recortes, li que me chamavam "criança-prodígio", e que a crítica era assinada: Svetlov. Eu não gostava do que se escrevia sobre mim, pois sentia que tudo isso eram cumprimentos. Disse à minha amiga de escola que não gostava do que se escrevia. Ela me disse que eu não compreendia e me convidou à sua casa, dizendo que queria me apresentar ao pai e à mãe. Senti amor por ela, mas não demonstrei. Amava-a espiritualmente, por isso sorria para ela o tempo todo. Eu sorria o tempo todo. Gostava de sorrir para todo mundo, pois notei que todo mundo me amava. Eu amava todo mundo. Quando fui à casa de minha amiga, almocei, e depois disso os convidados começaram a fazer espiritismo. Puseram as mãos sobre a mesa, e a mesa começou a mexer-se. Todo mundo se espantou. O pai dela, um general, não gostava dessas bobagens, por isso saiu. Eu senti que aquilo era tolice, deixei-os e voltei para casa. Voltei para casa cansado, pois não compreendia o objetivo daquele convite. Eu não gostava de convites, por isso recusava os convites. Ofereceram-me aulas de dança de salão, pois conheciam minha reputação na Rússia. Eu tinha dezesseis

* Trocadilho entre Nijinski e *nejinka*, "fofo", "delicado" (N. do T.).

anos. Dava aulas e entregava o dinheiro à minha mãe. Minha mãe me lamentava, mas sentia um imenso amor por mim. Eu também sentia um imenso amor por minha mãe, e decidi que ia ajudá-la na questão dinheiro. Terminei a escola aos dezoito anos. Fui deixado de fora. Não sabia o que fazer, pois não sabia me vestir. Tinha sido acostumado ao uniforme. Não gostava das roupas civis, por isso não sabia como usá-las. Achava que as botas de solas grossas eram bonitas, por isso tinha comprado botas de solas grossas...

Quero descrever o fim de meus estudos. Saí da escola. Sentia a liberdade, mas essa liberdade me fazia medo. Como recompensa por meus bons estudos recebi um Evangelho com uma dedicatória do professor de religião. Eu não compreendia esse Evangelho, porque ele era em polonês e em latim. Se me tivessem dado um Evangelho em russo, eu teria compreendido melhor. Comecei a lê-lo e o abandonei. Eu não gostava de ler o Evangelho, pois não o compreendia. O livro era bonito e a impressão, rica. Eu não sentia o Evangelho. Lia Dostoievski. Dostoievski me servia melhor, por isso eu o devorava. Essa devoração era imensa, porque lendo *O idiota* eu sentia que o Idiota não era um "idiota", mas um homem bom. Eu não podia compreender *O idiota*, pois ainda era jovem. Não conhecia a vida. Agora é que compreendo *O idiota* de Dostoievski, pois me tomam por um idiota. Gosto de que todo mundo pense que eu sou um idiota. Eu amo o sentimento, por isso fingi ser idiota. Eu não era idiota, pois não sou nervoso. Sei que as pessoas nervosas estão sujeitas à loucura, por isso tinha medo da loucura. Eu não sou louco, e o Idiota de

Dostoievski não é idiota. Senti o nervo *(sic)* e errei na letra *i*. Gosto dessa letra, pois foi Deus quem me mostrou o que era o nervo. Não gosto do nervosismo, pois conheço suas conseqüências. Quero escrever calmamente, e não nervosamente. Escrevo depressa, e aos trancos, mas sem nervosismo. Não quero escrever devagar, pois a beleza de minha letra não tem importância para mim, o que me importa é escrever depressa. Não quero que admirem minha letra. Quero que admirem meu pensamento. Escrevo este livro pelo pensamento, e não pela letra. Minha mão se cansa, pois não tenho o hábito de escrever muito, mas sei que ela se habituará logo. Sinto uma dor na mão, por isso escrevo mal e aos trancos. Todo mundo dirá que minha escrita é nervosa, pois as letras são tremidas. Direi que minha escrita não é nervosa, pois meu pensamento não é nervoso. Meu pensamento escoa calmamente, e não bruscamente...

.....

A wilsonaria não me deixa sossegado. Desejo prosperidade à wilsonaria. Espero que meu livro a ajude, por isso quero publicá-lo rápido. Para publicar rápido este livro, quero ir a Paris, mas para ir a Paris é preciso se preparar. Sei que em Paris há muita gente má, por isso quero me proteger. Quero escrever a Reszke uma carta em polonês, e para isso preciso me habituar um pouco. Direi a ele toda a verdade, por isso ele me ajudará. Quero escrever em polonês, mas não neste caderno...

.....

Estava escrevendo em polonês, e escrevi uma carta a Reszke. Reszke é um polonês inveterado. Ele me compreenderá, se eu lhe fizer cumprimentos. De cumprimentos eu não gosto. Os cumprimentos são uma coisa inútil. Eu não sou um cumprimentador. Sou aquele que diz a verdade. A verdade é diversa. Diversidade é diversidade. Escrevi uma carta a Diaghilev e seus amigos, mostrando-lhes os dentes. Meus dentes não mordiam. Eu mordo sem dor. Tenho o estômago limpo. Não gosto de comer carne. Vi como se matava o cordeiro e o leitão. Vi e senti seus lamentos. Eles sentiam a morte. Fui embora para não ver a morte. Não podia suportá-la. Chorava como uma criança. Subi a uma montanha e fiquei sem fôlego. Sufocava. Sentia a morte do cordeiro. Chorava ao subir à montanha. Eu tinha escolhido uma montanha onde não havia gente. Tinha medo de zombarias. Os homens não se compreendem. Eu compreendo os homens. Não lhes quero mal. Quero salvá-los do mal. Sei que os homens não amam a salvação, por isso não procuro me impor. O fato de eu me impor não lhes trará a salvação. Quero a salvação. Minhas estrelas me dizem: "Vem cá, vem cá." Sei o que é uma piscadela. Sei o que é a vida. A vida é a vida, não é a morte. Quero a morte para a vida. Não posso escrever, pois estou cansado. Estou cansado, porque dormi. Dormi, dormi e dormi, e dormi. Agora quero escrever. Irei dormir quando o Senhor me ordenar. Sou um noviço, sou ele. Ele é Deus, e eu estou em Deus. Os Deuses, os Deuses, os Deuses são. Quero dizer isso em francês,

pois escrevi em francês a todo mundo na França, menos a Reszke. Reszke é um homem que tem relações, por isso lhe pedirei que me envie papéis poloneses. Chamo de papéis todos os papéis onde estão ditos o nascimento e a cidade do batismo. Eu fui batizado em duas cidades. Nasci numa cidade. Minha cidade foi e é minha mãe. Uma mãe não pode dizer nada. Eu peço seu amor. Quero seu amor. Escrevo, escrevo, escrevo. Quero, quero, quero*.

.....

Quero escrever um pouco em verso, mas meu pensamento está longe. Quero descrever meus passeios.

Meus passeios eram a pé. Eu gostava de passear sozinho. Gosto de passear sozinho.

Quero só só. Tu estás só e eu estou só.
Nós estamos sós e vós estais sós.

Quero escrever escrever. Quero dizer dizer.
Quero dizer dizer, quero escrever escrever.

Por que não poder falar com rima, se a gente fala com rima. Eu sou rima rima rif. Eu quero rifa narif. És narif e eu sou tarif. Somos rif tu rif nós rif. Tu és deus e eu sou ele. Somos nós e vós sois eles.

* Em russo, os termos equivalentes a "escrevo" e "quero" formam rima (N. do T.).

Quero dizer dizer que queres dormir e dormir.
Quero escrever e dormir.
Não queres dormir escrever.
Eu escrevo escrevo escrevo.
Escreves escreves escreves.
Quero te dizer.
Não precisa não precisa não.
Não precisa eu precisa eu não.
Tu tu la tu la la ga.*
La ga la ga la gu la ga.
Ga la gu la la gu la.

Quero dizer, não é preciso te escrever. Eu te escrevo a ti, a ti. Eu direi a ti a ti. Quero escrever escrever. Não quero dormir mas cagar.

Quero que tu tenhas ido.
Quero que tu tenhas ido.
Tu foste e eu também fui.
Nós fomos e vós também fostes.
Não queres ali passear.
Não quero te ali passear.
Gula gula gula la la.
La gu la gu la gu la.
Tu és gu la gu la gu.

* Em russo, o termo *guliat* significa passear. Nijinski utiliza esse termo e o transforma, primeiro cortando-o em dois e a seguir invertendo as sílabas, criando assim novos sons que estão entre os primeiros sons inteligíveis entre as crianças. Às vezes esses sons têm certa significação na linguagem infantil. Ex.: *gulia*-pombo, ou *liaga*-rã. Optamos por não lhes dar equivalente, mas preservar-lhes o valor poético baseado na consonância (N. do T.).

Tu és gu gu gu gu gu.
Gu gu gu gu gu gu gu.
Quero dizer que dormir.
Quero dizer que dormir.
Não queres dormir comigo.
Não queres dormir comigo.
Estou contigo e estás comigo.
Estou contigo e estás comigo.
Somos vós e estais em mim.
Te quero te.quero te.
Queres por mim tu és Ele.
Eu sou Ele e estás em mim.
Somos vós eles são Ti.
Ti ti ti ti ti ti ti.
Te quero dizer.
Que queres dormir dormir dormir.
Não quero dormir quero não.
Não queres dormir queres não.
Irei contigo cagar.
És ca chi não sou ca chi.
Eu chi cano chi cano chi.
Ca ca ca ca chi chi chi.
Quero dizer que dormir
Quero dizer que cagar
Eu cago tu cagas
Eu cago cago
Cagas tu eu cago
Cagas tu eu cago
Eu cago e estás no cagado
Eu cago tu cagas
Cagamos e estais no cagado.
Eu cago cago cago

Estou no cagado e estais no cagado.
Nós cagamos vós cagais
Eu cago cago cago cago.
Quero dizer eu cago.
Quero dizer que eu cago.
Eu cago cago bem
Eu cago eu estou bem
Estou bem que cago bem
Estou bem que cago bem
Eu cago cago.
Eu cago cago.
Quero dizer que eu cago
Quero dizer que eu cago
Eu cago cago
Cago cago que cago
Tu que queres é dormir
Eu quero um pouco dormir
Tu não dormes eu não quero
Eu quero que tu não durmas
Dorme dorme dorme dorme
Eu não durmo mas tu dormes
Quero que tu durmas durmas
Tu não queres que tu durmas
Eu não durmo quando dormes
Eu não durmo quando dormes.
Eu te quero bem.
E tu não me queres mal.
Eu quero o bem quero o bem
Tu não queres dormir sempre.
Quero te dizer
Quero dizer a ti
Que tu dormes dormes dormes.

Escrevi do mesmo modo em francês, e espero que me compreendam. Quero falar às pessoas do amor de uns pelos outros. Sei que vão rir ao receberem estas cartas, mas sei que estes poemas os espantarão. Sei que todo mundo acha que eu estou morto, pois não dei notícia alguma. Quero que as pessoas me esqueçam, pois quero causar grande impressão. Minha primeira representação será em Paris, no Châtelet. Gosto do Châtelet, porque esse teatro é simples e grande. Não quero muito dinheiro para mim, pois quero dar um espetáculo em benefício dos artistas franceses pobres que sofreram com a guerra.

Quero falar a eles do amor de uns pelos outros, por isso quero lhes falar. Quero que eles venham a mim. Sei que virão depois desse espetáculo beneficente. Quero falar a todos os artistas, pois quero ajudá-los. Direi que os amo e que os ajudarei sempre. Não quero ajudar com dinheiro, por isso direi que lhes farei uma visita se se amarem uns aos outros. Fingirei ser um bufão, porque eles me compreenderão melhor.

Gosto dos bufões de Shakespeare. Eles têm muito humor, mas às vezes se zangam, por isso não são Deuses. Eu sou um bufão em Deus, por isso gosto de brincar*.

Quero dizer que, onde existe amor, o bufão está em seu lugar. Um bufão sem amor não é Deus. Deus é

* O termo *shut*, bufão, muitas vezes foi traduzido como palhaço. Daí o famoso "palhaço de Deus" tão freqüentemente vinculado ao nome de Nijinski como uma "marca de comércio" (N. do T.).

um bufão. E eu sou Deus. Nós somos Deuses, vós sois Deus.

Quero dizer que Deus.
Deus é Deus, e Deus é Deus.

Sinto frio nos pés e compreendo que devo ir me deitar daqui a pouco. Alguém anda lá em cima, por isso sinto que virão me procurar. Não tenho sono, pois dormi bastante durante o dia, mas querem me cevar.

.....

À minha querida e bem-amada Romuchka.

Eu a irritei de propósito, porque a amo. Quero sua felicidade. Você tem medo de mim, porque eu mudei. Mudei porque Deus o quis. Deus o quis, porque eu o quis. Você chamou o Doutor Fränkel. Acreditou num estranho, e não em mim. Você pensa que ele está de acordo com você. Ele está de acordo comigo. Tem medo de mostrar à mulher dele que não sabe nada. Tem medo de mostrar à mulher dele que não é nada. Nada, porque tudo o que ele aprendeu não é nada. Eu não tenho medo de abandonar todos os meus estudos e de mostrar a todo mundo que eu não sabia nada. Não quero dançar como antes, pois todas essas danças são a morte. Morte não é só quando o corpo morre. O corpo morre, mas o espírito vive. O espírito é uma pomba, mas em Deus. Eu sou Deus, e estou em Deus. Você é uma mulher como todas as outras. Eu sou um homem como todos os

outros. Trabalho mais que os outros. Sei mais que os outros. Você me compreenderá mais tarde, pois todos dirão que Nijinski é Deus. Acreditará e estará de acordo. Vai ficar entediada, pois não quer trabalhar. Quero passear com você, você não quer passear comigo. Acha que estou doente. Acredita nisso porque o Doutor Fränkel lhe disse que eu estava doente. Ele pensa que eu estou doente, porque pensa que eu estou doente. Escrevo-lhe em meu caderno, pois quero que leia em russo. Aprendi a falar francês. Você não quer falar em russo. Eu chorava quando sentia seu russo. Você não gosta quando eu falo húngaro. Eu gosto da língua húngara, quero a língua húngara, pois você é a língua húngara. Quero viver na Hungria. Você não quer viver na Hungria. Quero viver na Rússia, você não quer viver na Rússia. Você não sabe o que quer, já eu sei o que quero. Eu quero construir uma casa. Você não quer viver na casa. Pensa que eu sou tolo, já eu penso que você é idiota. Uma idiota é uma coisa horrível. Eu sou tolo, mas não sou idiota. Você é idiota, mas não é tola. Eu sou tolo, eu sou tolo. Um homem tolo é um cadáver, e eu não sou um cadáver* . Cadáver, cadáver, cadáver, e eu não sou cadáver. Eu não lhe desejo mal. Eu a amo a você a você. Você não me ama, não me ama não. Eu a amo, eu a amo.

Você não quer mostrar que me ama, que me ama. Quero dizer que você me ama, você me ama. Quero lhe dizer que eu a amo, que eu a amo.

---

* Em russo, os termos equivalentes a "tolo" e "cadáver" rimam (N. do T.).

Eu a amo a você a você. Eu a amo a você a você. Quero lhe dizer que você ama *mia* e *mia** .

Eu sou mia sou mia não mia.
Eu sou mia sou mia não mia.
Mia mia mia mia mia mia mia.
Eu não sou mlia, mas eu sou zemlia.
Eu sou zemlia, e tu és zemlia.
Nós somos zemlia, e vós sois zemlia.
Tu não queres mia mia mia.
Eu te quero a ti.
Eu te quero a ti.
Tu não queres mia mia mia.
Não sou mia, não sou mia, mlia mlia mlia.
Eu não te desejo mal.
Quero te amar.
Eu te amo a ti a ti.
Eu não sou mlia, sou mlia zemlia.
Eu sou zemlia e tu não és mlia
Eu sou zemlia e tu não és mlia
Mlia não mlia não eu não sou mlia
Mlia mlia não mlia eu sou zemlia.
Tu és mlia e eu sou zemlia
Sou zemlia e és zemlia.
Nós somos zemlia e ele é zemlia

* Nijinski emprega aqui um termo em eslavônio, *mia*, que em russo, *menia*, significa "me", "a mim". É *talvez* o sentido que ele dá a essa palavra neste poema. *Zemlia* significa "terra" e *vnemli*, "escuta-me". Para respeitar o sentido das palavras e sua sonoridade, que com toda a evidência é primordial para Nijinski, às vezes nós as traduzimos e outras vezes apenas as transcrevemos. Quisemos permanecer o mais perto possível do ritmo dos versos de Nijinski (N. do T.).

Eu não sou mlia mas eu sou zemlia.
Quero te dizer
Que eu te amo a ti a ti
Quero te dizer
Que eu te amo te amo a ti.
Escrevo escrevo me apresso
Tu não dormes, mas dormes, mas dormes
Eu não durmo se quero dormir.
Tu não dormes quando eu durmo
Eu não durmo e tu ainda dormes
Ainda dormes ainda dormes e dormes
Quero te dizer
Que eu durmo durmo durmo
Não dormes não dormes não dormes não
Que eu durmo durmo durmo
Quero te dizer que durmo que durmo.
Queres mostrar que dormes que dormes que dormes
Eu quero te dizer que durmo mas não durmo.
Quero te dizer que eu te amo eu te amo
Quero te dizer que eu te amo eu te amo.
Eu sou amor e tu és amor e nós estamos
no amor e vós estais no amor.
Quero te dizer que eu te amo eu te amo.
Quero te dizer que eu te amo eu te amo
Eu não te desejo mal, eu não te desejo mal
Tu não queres dizer que me amas, que me amas
Quero dizer que tu me amas, tu me amas.
Eu te amo meu amigo. Tu não te amas não te amas não
Eu não te, e tu não te. Eu te amo a ti a ti.
Eu não te desejo mal. Eu não te desejo mal.
Quero teu amor. Quero teu amor
Eu quero dizer que te amo a ti a ti.

Amo teu país natal
Eu te amo a ti a ti.
Eu te quero a ti a ti. Quero te dizer
Quero dizer que eu sou para ti e tu és para mim.
Tu és para mim, e eu sou para ti. Nós somos Ti e vós sois eles.
Eu sou eles em todos todos. Amo todo mundo
amo todo mundo.
Quero dizer que amo todo mundo que amo todo mundo
Quero dizer que amo todo mundo que amo todo mundo.
Quero fazer o bufão. Posso dizer tudo tudo
Quero dizer tudo tudo. Quero dizer tudo tudo
Tens medo de mim mim mim.
Não sou mia, não sou mia, mlia mlia mlia
Eu sou zemlia e tu és zemlia eu não sou mlia e tu és zemlia
Eu vnemlia vnemlia vnemli
Eu vnemlia vnemlia vnemli
Quero dizer que me escutes a mim
Quero te dizer que estás em mia que estás em mia
Quero te dizer que tu és mlia e eu sou zemlia.
A terra toda é minha. Eu não sou mlia eu não sou mlia
Quero te dizer que a terra é mia mia mia.
Temes dizer-me que és mia que és mia
Mia mia mia mia mia mia mia.
Eu sou mia sou zemlia.
Quero te dizer que tu és mia e eu sou zemlia.
Quero te dizer que tu és mia e eu sou zemlia.

.....

Eu estava com fome. Chamaram-me para o almoço. Meu almoço era à uma hora da tarde. Não almocei porque senti a carne. Minha mulher queria comer

carne. Larguei meu prato de sopa, que era feita com carne. Minha mulher se zangou. Achou que a comida me enojava. A carne me enoja, pois sei como matam os animais e como eles choram. Eu quis mostrar a ela que casamento não é quando as pessoas não têm a mesma opinião. Joguei minha aliança sobre a mesa. Depois peguei e pus de novo. Minha mulher se irritou, porque eu joguei a aliança outra vez. Joguei a aliança outra vez, pois senti que minha mulher queria carne. Eu amo os animais, por isso achava ruim comer carne, pois sei que se eu comer carne eles serão forçados a matar mais um animal. Eu como pouco. Só como quando tenho fome. Minha mulher come muito. Ela tem pena de mim, por isso pensa que eu devo comer carne. Eu gosto de pão com manteiga e queijo. Gosto de ovo. Como pouco, em relação à minha constituição. Meu estômago vai melhor, porque eu não como mais carne. Minha barriga havia subido, e antes havia descido. Havia descido porque o intestino estava inchado. O intestino incha, eu notei, depois da carne. A carne não deixa o estômago sossegado. Eu passava mal do estômago, e hoje não passo mal. Sei que muitos doutores dirão que tudo isso são bobagens. Que é preciso comer carne, pois a carne é uma coisa necessária. Direi que a carne não é uma coisa necessária, pois a carne desenvolve o desejo. Comigo, o desejo desapareceu desde que parei de comer carne. Carne é uma coisa horrível. Sei que as crianças que comem carne se masturbam. Sei que as meninas e os meninos se masturbam. Sei que as mulheres e os homens se masturbam juntos e em separado. A masturbação desenvolve a burrice. O homem perde o sentimento e a razão. Eu

perdia a razão quando me masturbava. Meus nervos ficavam tensos. Eu tremia todo de febre. Tinha dor de cabeça. Ficava doente. Sei que Gogol se masturbava. Sei que a masturbação o perdeu. Sei que Gogol era um homem razoável. Sei que Gogol sentia. Seu sentimento se embotava a cada dia. Ele sentiu sua morte, pois rasgou suas últimas obras. Não vou rasgar minhas obras, pois não quero me masturbar. Eu era um grande masturbador. Compreendia mal Deus e pensava que ele me queria bem, quando me masturbava. Conheço muitas mulheres que cruzam as pernas. Essas mulheres se masturbam com freqüência. Um homem pode cruzar as pernas, pois seu corpo é feito diferente. Muitas mulheres pensam que é bonito sentar-se de pernas cruzadas. Eu acho que é feio, pois o que é bom para um homem não é bom para uma mulher. Não quero que Kyra cruze as pernas, mas ela faz isso, pois notou que os outros não a reprovavam. Kyra ainda é pequena e não compreende o que faz. Muitas vezes eu lhe disse que não convinha deitar-se de barriga. Eu me deito de barriga quando durmo, mas minha barriga é pequena, por isso pode fazer isso. As pessoas que têm barriga grande não devem se deitar sobre a barriga. Um homem deve dormir de lado e uma mulher, de costas. Estudei isso tudo, pois tinha barriga grande. Notei um enorme cansaço quando dormia de barriga. Estragava todo o meu dia. Sei o que é a barriga. A barriga tem um intestino, um estômago, um fígado, uma bexiga etc. Notei que, quando eu me deitava depois de comer, de manhã tudo ainda está arquicheio e o estômago só funciona de manhã, depois que me levanto.

Eu me levanto com preguiça, e não tenho vontade alguma de viver.

Desde que parei de comer carne, notei que meu estômago ia melhor, que minhas idéias estavam melhores e que eu corria em vez de caminhar. Eu só caminho para descansar. Corro muito, pois sinto uma força. Tenho músculos obedientes. Tenho um cérebro obediente. Danço com mais leveza, e tenho um grande apetite. Como depressa e não penso no que estou comendo. Minha comida não é importante, pois não faço nada com ela. Eu como qualquer coisa. Não como conservas. Como legumes frescos e todo tipo de comida vegetariana. Sou vegetariano. Não sou um comedor de carne. Sou um homem, e não um bicho. Sou um bicho quando Deus quer me fazer compreender que não devo comer carne. Minha mulher sente que não convém comer carne, mas tem medo de parar, pois o Doutor Fränkel come carne. Ela acha que o Doutor Fränkel compreende a medicina melhor do que eu. Eu compreendo que o Doutor Fränkel não compreende a medicina, assim como muitos outros doutores e professores. Os doutores e os professores gostam muito de comer, pois pensam que a carne dá força física. Eu acho que a força física não vem da comida, mas da razão. Sei que muita gente dirá que a pessoa não pode se alimentar da razão. Direi que a gente pode se alimentar da razão, pois a razão distribui o alimento. Eu como tanto quanto a razão manda. Agora comi muito, pois sentia grande fome. Fugi de casa, pois minha mulher não me compreendeu. Teve medo de mim, e eu tive medo dela. Tive medo dela, pois não queria comer carne. Ela teve medo de mim, pois achava que eu não

queria que ela comesse. Pensava que eu queria fazê-la morrer de fome. Eu quero ajudá-la, por isso não queria que ela comesse carne. Fugi de casa. Desci e desci correndo a montanha onde fica nossa casa. Corria e corria. Sem tropeçar. Uma força desconhecida me levava para a frente. Eu não estava zangado com minha mulher. Corria tranqüilamente. No sopé da montanha havia a cidadezinha de Saint-Moritz. Ultrapassei tranqüilamente Saint-Moritz. Depois virei numa estrada que levava ao lago. Apressei o passo. Ao atravessar a cidade, percebi o Doutor Fränkel indo procurar minha mulher. Compreendi que lhe haviam telefonado e pedido que ele fosse lá.

Caminhei e baixei a cabeça, como se fosse culpado. Caminhei e caminhei. Caminhei depressa. Quando me aproximei do nível do lago, comecei a procurar um refúgio. Eu tinha no bolso um franco e dez centavos. Pensei que ainda tinha dinheiro no banco, uns quatrocentos francos. Disse a mim mesmo que podia me pagar um quarto, mas que não voltaria para casa. Decidi procurar um quarto. Entrei numa confeitaria para pedir à proprietária da casa e da confeitaria que me desse um quarto. Eu queria comovê-la, e disse que não tinha comido nada. Ela disse que já havia terminado. Depois eu falei que estava com fome. Ela não respondeu nada, provavelmente achando que eu não precisava comer. Eu ia lá com freqüência, e comprava todo tipo de gulodice. Ela achava que eu era rico, por isso sempre me fazia gentilezas. Eu beijava seu filho e acariciava a cabeça dele. Ela ficava contente. Eu dizia que a lamentava, porque ela sofria por causa da guerra. Ela reclamava dos tempos difíceis. Eu chorava, ela

também. Eu encomendava muitas gulodices, acreditando ajudá-la. Ela ficava contente. Perguntei se ela podia me alugar um quarto. Ao que ela respondeu que estava tudo arquicheio. Depois de algum tempo disse que haveria um apartamento livre dentro de uma semana. Eu disse que não precisava de um apartamento. Ela disse que lamentava muito, mas não podia me dar quarto nenhum. Senti que ela achava que eu queria ir com uma mulher. Eu disse que queria um quarto e queria trabalhar ali, porque minha mulher não me compreendia. Ela sentiu minha queixa e foi embora. Eu disse ao marido dela, que estava lá durante a conversa, que era um homem sério e não precisava de mulher. Ele me sentiu, mas não podia fazer nada. Eu disse que às vezes era difícil as pessoas se compreenderem. Ao que ele respondeu que, um dia, sua mulher havia segurado um prato não como devia ser, e ele lhe havia aconselhado a segurar como convinha, mas que ela não tinha obedecido. Senti o choro do marido. Eu também comecei a chorar na alma. Apertei a mão dele pela primeira vez e fui embora. Sentia amargura, pois compreendi que seria obrigado a passar a noite na rua. Caminhei. Ultrapassei uma galeria de lojas fechadas, pois toda a cidade de Saint-Moritz-Dorf estava fechada. Não estava habitada por ninguém. Então me instalei perto de uma parede, sob uma janela com um apoio, para ver se podia passar a noite ali. Senti calor. Depois de algum tempo senti frio. De longe percebi uma mulher enregelada de frio. Eu também estava enregelado. Tinha frio, pois era inverno e a gente estava a dois mil metros. Continuei. De repente, notei uma porta aberta e entrei. Não vi ninguém, então fui acom-

panhando os quartos, que estavam fechados a chave. Percebi uma porta entreaberta e entrei. De repente, senti que aquilo fedia. O fedor vinha lá de dentro. Olhei com atenção, e vi que eram privadas sujas. Quase chorei, pois pensei que deveria dormir em privadas sujas. Saí para a rua. A rua estava deserta. Continuei. De repente, fui impelido para a esquerda e segui. Peguei uma estrada ruim. A certa distância percebi uma casinha de dois andares, pintada de branco. Segui naquela direção. Entrei na casa, e lá encontrei a proprietária. A proprietária era uma mulher simples. Estava com as roupas rasgadas. Perguntei se ela podia me dar um quarto. Ela disse que podia, mas que o quarto era frio. Eu disse que para mim tanto fazia. Ela me levou ao primeiro andar. A escada era do lado de fora, íngreme e quebrada. A escada não estalava, mas a neve estalava. Entrei no quarto número 5 e vi sua pobreza. Senti-me aliviado. Perguntei quanto devia pagar pelo quarto. Ela disse um franco por dia. Agradeci e fui embora prometendo passar à tardinha. Nós nos separamos. A casa era branca e limpa. Via-se que as pessoas eram pobres, mas limpas. Eu queria ir embora, mas não podia. Queria escrever naquele quartinho. O quarto me agradava. Dei uma olhadela, e vi uma cama dura, sem travesseiros, e poltronas lado a lado. As poltronas eram cadeiras de madeira curvada. Perto da cama em madeira antiga, havia um lavabo sem bacia. Compreendi que não havia acessórios de toalete. Queria ficar, mas Deus me disse que era preciso ir embora. Fui embora. A mulher me causou boa impressão. Fui embora pelo caminho por onde tinha vindo. Senti tristeza. Minha tristeza era profunda. Da

casinha, vi minha própria casinha, e chorei. Chorei amargamente. Estava desgostoso. Queria explodir em soluços, mas minha infelicidade era grande demais. As lágrimas não vinham. Eu estava triste. Fiquei triste muito tempo, pois atravessei a floresta. Caminhei muito tempo, e entrei numa casa na estrada. Vi crianças. Senti-as, e elas me sentiram. Acharam que eu queria brincar e começaram a me jogar grandes pedaços de neve. Eu respondia com pedacinhos, dizendo em alemão "assim, não". Eu não falo alemão, mas compreendi as crianças. Peguei o trenó e empurrei-as. Elas riam. Eu estava feliz. Entrei com elas na choupana e vi uma mulher. A mulher lhes deu bolachas grossas com açúcar. Cozinhava-as e dava às crianças. Eu queria comer, pois não tinha comido nada no almoço. Ela me sentiu e me deu uma bolacha. Eu quis lhe dar dez centavos, e ela não aceitou. Meti-os em sua mão dizendo que era para as pobres crianças. Ela me sentiu e me confidenciou sua infelicidade. Eu lhe disse que não convinha se afligir, pois Deus havia querido aquilo. Ela disse em alemão, apontando o cemitério, que havia perdido o filho há três meses, e que o enterrara no cemitério. Senti sua infelicidade e lhe disse que não convinha se afligir, pois Deus havia desejado levar a criança. Ela se calou e sentiu a verdade. Eu também disse que Deus tirava o que havia dado, e que não convinha se afligir. Ela se acalmou e começou a rir. Eu queria sair, só que ela ainda deu uma bolacha a cada uma das crianças. Eu não me mexia. Ela me deu outra bolacha. Ela mesma não comia. Mas me sentia. Agradeci e fui embora. As crianças gostaram de mim. Não cheguei a passear com elas mais do que um quar-

to de hora. Parti pela estrada da floresta. Na floresta, escutava os pássaros e às vezes exclamações de esquiadores. Eu não tinha esquis, mas não caía. Caminhava e caminhava. Não caía, pois caminhava pela estrada. Não podia ir mais longe, pois sentia frio nos pés. Estava com roupas leves. Subi rapidamente a colina, e de repente parei. Não sabia o que fazer. Não queria decidir primeiro. Esperava a ordem de Deus. Esperava e esperava. Tinha frio. Esperava. Senti calor. Sabia que, antes de morrerem congelados, os homens sentem o frio, mas não tinha medo de morrer. Senti um empurrão e continuei a andar. Subi até mais alto. Andava e andava. De repente parei, e compreendi que não era possível ir mais longe. Não avançava mais, não me mexia e sentia o frio. Compreendi que a morte havia vindo. Não sentia medo e imaginava que me deitaria, e que depois me recolheriam e me levariam à minha mulher. Eu chorava. Chorava em minha alma. Estava desgostoso. Não sabia o que fazer. Não sabia aonde ir. Compreendi que, se fosse mais longe, não encontraria abrigo em menos de vinte e cinco verstas. Tinha medo de morrer de frio, pois estava com fome e cansado. Virei-me e peguei o caminho de volta. Caminhava e caminhava. Vi uma outra estrada que levava a outra parte. Peguei essa estrada e vi gente. Alegrei-me na alma. As pessoas não prestaram atenção em mim. Continuei a andar, admirando as silhuetas sobre os esquis. Eu caminhava numa estrada ruim. A estrada estava toda esburacada. Eu não podia olhar dos lados. Via que o Inn corria ao longo da estrada. O Inn nasce lá onde eu havia caminhado. Eu caminhava mal e estava cansado. Caminhava e caminhava. Queria

descansar. Percebi um cepo, mas o cepo estava na beira da estrada, e a beira da estrada caía a pique no Inn. Tentei me sentar, mas quase caí no Inn. O Inn tinha correnteza, pois a montanha era alta. Eu caminhava e caminhava. Sentia um imenso cansaço, mas de repente me senti forte e quis correr todas as vinte e cinco verstas. Eu não compreendia a distância. Achava que a percorria depressa, mas me senti cansado. Caminhava e caminhava. Quis retornar pela estrada que já havia seguido, mas senti o frio e decidi ir mais longe. Entrei na aldeia de Kampfer. Nessa aldeia ouvi crianças cantarem. Compreendi que esse canto não era alegre, e sim aprendido em aula, e não me detive. Eu lamentava as crianças. Compreendi o que era a escola. Lamentava as crianças. Caminhava e caminhava. Atingi a estrada que levava à casa e, no outro sentido, ao meu quartinho, mas esse quarto estava a vinte e cinco verstas. Senti que devia ir até esse quarto, porque devia mudar de vida. Decidi ir até lá, mas uma força desconhecida me fez compreender que eu devia voltar para casa. A estrada era longa e subia, mas eu não tinha medo de subir. Caminhava e caminhava. De repente me senti cansado e me sentei na mureta da estrada. Fiquei sentado e descansei. Tinha frio. Congelava, mas não tinha medo de morrer de frio, pois ainda sentia bastante calor. Fiquei sentado e descansei. Via passarem veículos e transeuntes, mas não me mexia. Achava que precisaria ficar sempre sentado, mas de repente senti a força para me levantar. Levantei-me e parti. Caminhava e caminhava. Encontrei charretes carregadas de madeira, e caminhei ao lado delas. Vi um cavalo correndo na subida e

corri. Fazia isso sem pensar, mas sentindo. Corria e ficava sem fôlego. Não podia correr e caminhei. Compreendi que as pessoas esfalfam os cavalos e as pessoas até que o cavalo ou o homem pare ou caia como uma pedra. O cavalo e eu decidimos que podiam nos chicotear tanto quanto quisessem mas que só faríamos o que nos desse na cabeça, pois queríamos viver. O cavalo andava, eu também. No carro estava sentado um senhor gordo com sua mulher, que se aborrecia. O cocheiro se aborrecia também. Todo mundo se aborrecia. Eu não me aborrecia, pois não pensava, mas sentia. Caminhava e caminhava.

Cheguei à cidade de Saint-Moritz-Dorf. Parei perto dos telegramas. Não estava lendo os telegramas. De repente alguém me pegou pelo ombro. Eu me virei e vi o Doutor Fränkel. Fränkel queria que eu fosse à casa deles, mas me recusei firmemente, dizendo que hoje eu não podia falar com ninguém, que desejava estar só. Ele disse que era melhor eu ir à casa deles, pois minha mulher estava lá. Eu disse que não gostava de reconciliações, que preferia que a razão compreendesse, e não que arranjassem reconciliações. Estava gostando de Fränkel, pois senti que ele estava pesaroso. Eu também estava pesaroso, mas decidi voltar para casa. Senti que era minha casa, e fui naquela direção. Caminhava depressa. Subi a montanha e dobrei em direção à entrada, e ainda não tinha chegado à casa quando vi a porta aberta. Foi Louise, a empregada, quem me abriu a porta. Entrei e me sentei ao piano. Comecei a tocar, mas a empregada não me sentia e me atrapalhava, mas empurrei-a um pouco, e ela me compreendeu. Toquei um enterro. Chorava em minha

alma. A empregada sentia e disse: "É bonito." Acabei, e fui comer. Ela me deu um monte de coisas. Comi pão com manteiga e queijo, e como sobremesa dois biscoitos com geléia. Não tinha fome, pois sentia meu estômago. Fui escrever o que escrevi.

Acabam de me chamar para jantar, mas recusei firmemente, pois não quero comer sozinho. Disse que não era uma criança, e que não precisavam me convencer. Louise queria me convencer dizendo: "Macarrão quente." Eu não respondia nada. As pessoas telefonam e telefonam. As pessoas correm e correm. Eu não sei quem telefona nem por quê, pois não gosto de falar ao telefone. Acho que a mãe de minha mulher chegou e telefonou para pedir notícias de minha saúde. A empregada respondeu alguma coisa com lágrimas na voz. Todo mundo pensa que eu estou doente.

Quero dizer que te amo a ti a ti
Quero dizer que te amo a ti a ti
Quero te dizer que amo amo amo
Quero te dizer que amo amo amo
Amo mas tu não. Tu não amas o que Ele.
Eu amo o que Ele o que Ele. Tu és morte tu és morte.
Quero dizer que tu és morte tu és morte.
Quero dizer que tu és morte tu és morte.
Morte é morte, e eu sou vida
Eu sou vida, e tu és morte
Tendo vencido a morte pela morte*
Eu sou morte e não és vida.
Vida é vida, e morte é morte.

* Citação da liturgia ortodoxa da Páscoa (N. do T.)

Tu és morte, e eu sou vida.
Tendo vencido a morte pela morte.
Eu sou morte e não és vida.
Quero dizer que tu és morte, e eu sou vida.
Quero dizer que eu sou vida, e tu és morte.
Eu te amo meu amigo. Eu te quero bem.
Eu te quero bem, te amo a ti a ti.
Eu te quero bem, eu não te desejo mal.
Tu não me amas tu não
Eu te amo te amo.
Eu te quero bem
Eu sou para ti, e tu és para mim.
Eu te amo a ti a ti
Eu te amo a ti a ti.
Eu te quero a ti.
Eu te quero a ti.

Escrevo estes versos chorando e pensando em minha mulher, que me abandonou achando que eu sou um bárbaro de origem russa. Mais de uma vez ela me disse que eu era um "bárbaro russo". Aprendeu essas palavras na Hungria, quando a Rússia estava em guerra com a Hungria. Eu amava a Hungria quando ela estava em guerra com a Rússia. Não conhecia ninguém quando estava na Hungria. Ficava fechado num quarto e compunha a teoria da dança. Dançava pouco, pois estava triste. Ficava aborrecido, pois havia compreendido que minha mulher não me amava. Eu me casei por acaso. Casei na América do Sul e o casamento foi celebrado no Rio de Janeiro. Conheci-a no paquete *Avon*. Já descrevi um pouco meu casamento. Devo dizer que me casei sem refletir. Eu a amava e

amava. Não pensava no futuro. Gastava o dinheiro que havia economizado com muita dificuldade. Dava-lhe rosas que custavam cinco francos cada uma. Trazia-lhe essas rosas todo dia, vinte, trinta. Gostava de lhe dar rosas brancas. Eu sentia as flores. Compreendi que meu amor era branco, e não vermelho. As rosas vermelhas me faziam medo. Eu não sou um homem medroso, mas sentia um amor eterno, e não apaixonado. Eu a amava apaixonadamente. Dava-lhe tudo o que podia. Ela me amava. A mim parecia que ela estava feliz. Senti pesar pela primeira vez três ou cinco dias depois do casamento. Pedi-lhe que aprendesse a dançar, pois para mim a dança era a coisa mais sublime do mundo depois dela. Queria ensinar-lhe. Eu não ensinava a ninguém, pois temia por mim. Queria ensinar-lhe a boa dança, mas minha mulher teve medo, não acreditava mais em mim. Eu chorava e chorava amargamente. Chorava amargamente. Já sentia a morte. Compreendi que havia cometido um erro, mas o erro era irreparável. Eu me havia posto nas mãos de uma pessoa que não me amava. Compreendi todo o erro. Minha mulher me amou mais que os outros, mas não me sentia. Eu quis partir, mas senti que isso era desleal, e fiquei com ela. Ela me amava pouco. Sentia o dinheiro e meu sucesso. Ela me amava por meu sucesso e pela beleza de meu corpo. Era hábil e me transmitiu o apetite por dinheiro. Fiz um negócio em Londres, no Palace Music Hall, e fracassei nesse negócio. Ainda estou em processo contra esse teatro. Já descrevi a direção desse teatro.

Adoeci de estafa e tinha febre. Fiquei à morte. Minha mulher chorava. Ela me amava. Sofria quando

me via trabalhar tanto. Compreendia que tudo aquilo era por dinheiro. Eu não queria dinheiro. Queria uma vida simples. Amava o teatro e queria trabalhar. Trabalhava muito, mas depois, perdi o ânimo, pois notei que não me amavam. Fechei-me em mim mesmo. Fechei-me tão profundamente que não podia mais compreender as pessoas. Chorava e chorava...

Não sei por que minha mulher chora. Acho que ela reconheceu sua falta e tem medo de que eu a deixe. Eu não sabia que ela estava em casa. Pensei que ela estava na de Fränkel. Parei, pois ouvi seu choro. Estou mal. Tenho pena dela. Choro, choro. Ela chora e chora. Sei que o doutor Fränkel está com ela, por isso não vou lá. Espero que, com a ajuda de Deus, ela me compreenda.

Tenho vontade de chorar, mas Deus me ordena escrever. Ele não quer que eu fique sem fazer nada. Minha mulher chora e continua a chorar. Eu também choro. Tenho medo de que o Doutor Fränkel venha me dizer que minha mulher está chorando, enquanto eu fico escrevendo. Não vou procurá-la, pois não é culpa minha. Irei comer sozinho se deus me ordenar. Minha menina vê e entende tudo, e espero que me compreenda. Eu amo Kyra, mas Kyra não me sente, pois há uma bêbada junto dela. Notei os frascos de álcool. Um frasco de álcool a noventa graus, o outro diluído com água. Minha mulher não nota, mas espero que sua mãe note e jogue fora tanto a mulher quanto o frasco. Minha pequena Kyra sente que eu a amo, mas acha que estou doente, pois lhe contaram umas histórias. Eles perguntam se eu durmo bem, e eu digo que sempre tenho um bom sono. Não sei o que escrever,

mas Deus quer que eu escreva, pois conhece o sentido disto. Logo irei a Paris e lá provocarei uma tal impressão que o mundo inteiro comentará. Não quero que pensem que eu sou um grande escritor. Não quero que pensem que eu sou um grande artista. Não quero que digam que eu sou um grande homem. Eu sou um homem simples que sofreu muito. Acho que Cristo não sofreu tanto quanto eu tive de sofrer ao longo de minha vida. Eu amo a vida, e quero viver.

Tenho vontade de chorar, mas não posso, pois minha alma dói tanto que temo por mim. Sinto dor. Estou doente da alma. Estou doente da alma, e não da mente. O Doutor Fränkel não compreende minha doença. Eu sei de que preciso para recuperar a saúde. Minha doença é grave demais para que possam me curar rapidamente. Eu sou incurável. Estou doente da alma. Sou pobre. Sou miserável. Sou infeliz. Sou horrível. Sei que todo mundo sofrerá ao ler estas linhas, pois sei que me sentirão. Bem sei de que preciso. Sou um homem forte, e não fraco. Não estou doente do corpo. Estou doente da alma. Sofro. Sofro. Sei que Kostrovski me sentirá, mas sei que todo mundo me sentirá. Eu sou um homem, e não um bicho. Amo todo mundo. Eu também tenho erros. Sou um homem, e não Deus. Quero ser Deus, por isso trabalho sobre mim mesmo. Quero dançar. Quero desenhar. Quero tocar piano. Quero escrever versos. Quero compor balés. Quero amar todo mundo. É meu objetivo na vida. Sei que os socialistas me compreenderão melhor, mas não sou socialista. Eu sou Deus. Meu partido é o de Deus. Eu amo todo mundo. Não admito a guerra. Não admito fronteiras nos Estados. Quero a wilsona-

ria, que melhorará todo o globo terrestre. Eu sou todo o globo terrestre. Sou a terra. Tenho casa em toda parte. Moro em toda parte. Não quero possuir nada. Não quero ser rico. Quero amar, amar. Eu sou o amor, e não a ferocidade. Não sou uma besta sedenta de sangue. Eu sou um homem. Sou um homem.

Deus está em mim, e eu estou Nele. Eu O quero. Eu O busco. Quero que publiquem meus manuscritos, pois sei que todo mundo pode ler, mas espero o melhoramento. Não sei o que é preciso para isso, mas sinto que Deus os ajudará em suas buscas. Eu sou um buscador, pois sinto Deus. Deus me procura, por isso nós nos encontramos um ao outro.

Deus Nijinski / Saint-Moritz-Dorf / *Villa Guardamunt* /

27 de fevereiro de 1919

MORTE
(terceiro caderno)

Sobre a morte
Vaslav Nijinski
V. Nijinski
Saint-Moritz-Dorf
Villa Guardamunt
27 de fevereiro de 1919

A morte chegou de repente, porque eu a desejei. Disse a mim mesmo que não queria mais viver. Vivi pouco. Só vivi seis meses. Disseram-me que eu estava louco. Eu julgava estar vivo. Não me davam sossego. Eu vivia na alegria, mas as pessoas diziam que eu era mau. Compreendi que as pessoas precisavam da morte, e decidi não fazer mais nada, mas não podia. Decidi escrever sobre a morte. Choro de pesar. Estou muito aflito. Fico entediado, pois tudo está vazio ao meu redor. Eu me esvaziei. Sei que Louise, a empregada, vai chorar amanhã, pois ficará desolada ao ver esta devastação. Retirei todos os desenhos e os quadros que fiz ao longo destes seis meses. Sei que minha mulher procurará meus quadros e não os encontrará. Rearrumei os móveis como antes, e instalei o mesmo abajur na lâmpada. Não quero que zombem de mim e decidi não fazer nada. Deus

me ordenou não fazer nada. Ele quer que eu anote minhas impressões. Vou escrever muito. Quero compreender a mãe de minha mulher e o marido dela. Conheço-os bem, mas quero verificar. Escrevo sob a impressão daquilo que vivi, não invento. Estou sentado a uma mesa vazia. Em minha mesa, há muitas cores. Todas as cores se dessecaram, pois não pinto mais. Pintei bastante e fiz muitos progressos. Quero escrever, mas não aqui, pois sinto a morte. Quero ir a Paris, mas temo não ter mais tempo. Quero escrever sobre a morte. Chamarei o primeiro livro de *Vida* e este de *Morte*. Farei compreender a vida e a morte. Espero conseguir. Sei que, se eu publicar estes livros, todo mundo dirá que eu sou um escritor ruim. Não quero ser escritor. Quero ser um pensador. Penso e escrevo. Não sou um escrevinhador. Sou um pensador. Não sou Schopenhauer. Sou Nijinski. Quero dizer a vocês, a vocês, os homens, que eu sou Deus. Eu sou aquele Deus que morre se a gente não o amar. Tenho pena de mim mesmo, pois tenho pena de Deus. Deus me ama e me dá a vida na morte. Eu sou a morte. Eu sou aquele que ama a morte. Não tenho sono. Escrevo à noite. Minha mulher não dorme, mas pensa. Eu sinto, eu sou a morte. Para ela é difícil recusar a morte. Eu compreendo as pessoas. Elas querem gozar a vida. Amam os prazeres. Eu considero horríveis todos os prazeres. Não quero prazeres. Minha mulher quer prazeres. Sei que ela terá medo, quando descobrir que tudo o que eu escrevo é a verdade. Sei que ficará triste, pois pensará que eu não a amo. Direi a ela que escrevi a verdade, mas sei que ela dirá que eu sou um homem mau. Pode ser que ela não queira viver comigo, pois não confiará em mim. Eu a amo e sei que irei sofrer com sua ausência. Sei que meus sofrimentos são necessá-

rios, por isso sofrerei. Quero dizer toda a verdade. Não quero esconder das pessoas o que sei. Devo mostrar o que são a vida e a morte. Quero descrever a morte. Amo a morte. Sei o que é a morte. A morte é uma coisa horrível. Eu senti a morte mais de uma vez. Estive moribundo na clínica, quando tinha quinze anos. Eu era um garoto corajoso. Dei um salto e caí. Levaram-me para o hospital. No hospital, vi a morte com meus próprios olhos. Vi a espuma que saía da boca de um doente, porque ele havia bebido um vidro inteiro de medicamento. Sei o que é um medicamento. O medicamento sustém você, mas, se a pessoa o tomar, vai para o outro mundo. Sei que no outro mundo não existe luz, por isso tenho medo do outro mundo. Eu quero luz, mas diferente. Gosto da luz das estrelas que piscam, não gosto das estrelas que não piscam. Sei que uma estrela piscante é a vida, e que uma estrela que não pisca é a morte. Sei o que devo fazer quando uma estrela pisca para mim. Sei o que significa uma estrela que não pisca. Minha mulher é uma estrela que não pisca. Percebi que existem muitas pessoas que não piscam. Eu choro, quando sinto que uma pessoa não pisca. Sei o que é a morte. A morte é uma vida extinta. Uma vida extinta, é assim que eles chamam as pessoas que perderam a razão. Eu também estava desprovido de razão, mas, quando fiquei em meu quartinho em Saint-Moritz, compreendi toda a verdade, pois senti muito. Sei que é difícil sentir sozinho. Mas é somente quando está só que o homem pode compreender o que é o sentimento. Não quero fazer nada para que minha mulher sinta. Sei que, se eu começar a explicar, ela pensará, e pensar é a morte. Não quero pensar, por isso vivo. Sei que, quando a mãe de minha mulher chegar, terei muito em que pensar.

A mãe de minha mulher chegará amanhã, às onze horas da manhã. Eu queria dizer hoje, mas mudei de opinião, pois considero que amanhã é quando um homem acorda, e não as doze primeiras horas do dia. Não acho necessário contar. Não gosto de contar. Contar fatiga o cérebro. Contar é a morte. Todos os equipamentos mecânicos são a morte. Sei que, se minha mulher conta, é por minha grande culpa, mas eu lhe havia dito que não valia a pena contar, pois tudo já estava contado. Tenho vontade de ir beber, pois estou com dor de estômago. Comerei carne, pois quero mostrar que sou como eles. Comerei carne e descreverei minhas impressões. Quero falar de tudo o que eu vir e escutar. Farei tudo igual a eles. Direi amabilidades, como eles. Bebi uma garrafa inteira de água mineral. Não gosto de beber sem motivo, mas bebi, pois antes fazia isso. Agora quero voltar a viver como antes. Não viverei mais como antes, depois de terminar este livro. Quero escrever sobre a morte, por isso preciso de impressões frescas. Chamo de impressões frescas quando um homem descreve o que viveu. Vou descrever o que vivi. Quero viver coisas. Eu sou um homem na morte. Não sou Deus. Não sou um homem. Sou um bicho feroz e uma fera. Quero amar as cocotes. Quero viver como um homem inútil.

Sei que Deus o quer, por isso viverei assim. Viverei assim até que ele me detenha. Jogarei na Bolsa, pois quero fazer os outros perderem. Eu sou um homem mau. Não amo ninguém. Desejo mal a todo mundo e bem a mim mesmo. Sou egoísta. Não sou Deus. Sou um bicho feroz. Irei me masturbar e fazer espiritismo. Devorarei todos os que me caírem nas mãos. Não me deterei diante de nada. Amarei a mãe de minha mulher e minha menina. Chorarei, mas farei tudo o que Deus mandar. Sei que

todos terão medo de mim e que me trancarão numa casa de loucos, mas não importa. Não tenho medo de nada. Quero a morte. Vou meter uma bala na cabeça, se Deus quiser. Estarei pronto para tudo. Sei que Deus quer tudo isso para o aperfeiçoamento da vida, por isso sou instrumento dele. Já se passou uma hora e eu não durmo. Sei que as pessoas têm de trabalhar de dia, já eu trabalho à noite. Sei que amanhã estarei de olhos vermelhos. A mãe de minha mulher terá medo, pois pensará que eu estou louco. Espero que me tranquem numa casa de loucos. Ficarei contente se isso acontecer, pois gosto de tiranizar todo mundo. Encontro prazer na tirania. A tirania me é familiar. Conheço um cachorro que se chamava Limão. Era um bom cachorro. Eu o estraguei. Ensinei-o a se masturbar contra minha perna. Ensinei-o a gozar com minha perna. Eu gostava desse cachorro. Fiz todas essas coisas quando era garoto. Fazia o mesmo que o cachorro, mas com a mão. Gozava ao mesmo tempo que ele. Sei que muitas moças e mulheres amam os animais dessa maneira. Sei que minha empregada Louise faz isso com gatos. Sei que minha cozinheira faz isso com gatos. Sei que todo mundo faz essas coisas. Sei que todos os cachorrinhos são viciados. Conheço uma família húngara com uma moça que fazia isso com um gorila. O gorila mordeu-a no lugar onde ela se fazia possuir. O macaco sentiu raiva, pois a mulher não o compreendera. O macaco é um animal estúpido, e a mulher tapeava o gorila. O gorila a mordeu, por isso ela morreu em sofrimentos atrozes. Sei que muitas pessoas se lambuzam com todo tipo de coisa doce para serem lambidas pelos animais. Conheço mulheres que se fazem lamber por animais. Conheço pessoas que lambem. Eu também lambia minha mulher. Chorava, mas lambia.

Conheço coisas horríveis, porque as aprendi com Diaghilev. Diaghilev me ensinou tudo. Eu era jovem e fazia bobagens, mas não quero mais fazer essas coisas. Sei aonde leva tudo isso. Vi mulheres que se faziam possuir várias vezes seguidas por homens. Eu mesmo possuí minha mulher até cinco vezes por dia. Sei aonde leva tudo isso. Não quero mais fazer essas coisas. Sei que muitos doutores sustentam que um homem deve possuir sua mulher todo dia. Sei que todo mundo acha isso. Sei que muitos doutores sustentam que para um homem é indispensável possuir uma mulher, pois não se pode existir sem isso. Sei que as pessoas só o fazem porque têm muito desejo.

Conheço muitos poemas sobre o desejo. O desejo é uma coisa horrível. Sei que o clero faz a mesma coisa. Sei que a Igreja não proíbe os atos carnais. Sei que, um dia, minha mulher e sua camareira tiveram de se confessar, e quase foram trancadas no subterrâneo de uma das igrejas de Londres. Esqueci o nome da igreja. Direi esse nome mais tarde, pois perguntarei à minha mulher. Quero possuí-la para ter um filho, e não por desejo. Não quero desejar. Não gosto do desejo. Quero viver. Desejarei, pois Deus o quererá. Conheço um poeta que escreveu muito em russo sobre o desejo. Eu próprio desejei muitas mulheres. Desejei bastante em Paris. Em Paris, há muitas cocotes, por isso a gente pode desejar. Sinto o desejo agora, pois Deus quer me fazer compreender o que é o desejo. Eu não desejava há muito tempo. Minha mulher gosta de me desejar. Não quero desejar, pois sei o que é o desejo. Sei que me dirão que eu sou um *skopets** . Não tenho

* *Skopets* ou *skopietz* (no plural, *skoptisi*), membro de uma seita religiosa cujos homens se fazem castrar após o nascimento do primeiro filho (N. do T.).

medo dos *skoptisi*, pois conheço seus objetivos. Não gosto dos *skoptisi*, pois eles se fazem cortar os testículos. Sei que os testículos secretam o sêmen, por isso não quero cortar os meus. Eu amo o sêmen. Quero o sêmen. Eu sou o sêmen. Sou a vida. Sem o sêmen, não existiria vida. Sei que muitos professores alemães mandam as pessoas se multiplicarem porque querem muitos soldados. Sei o que é um soldado. Vi muitas imagens, e além disso tenho forte imaginação. Conheço a morte dos soldados. Conheço os sofrimentos deles. Vi na Hungria um trem de feridos alemães. Vi-lhes os rostos. Sei que os professores alemães e outros não compreendem a morte. Sei que os professores são bestas estúpidas. Sei que eles são bestas, pois perderam o sentimento. Sei que perderam a visão, pois lêem muitas tolices. Eu compus um balé para a música de Richard Strauss. Compus esse balé em Nova Iorque* . Fiz isso depressa. Exigiam que eu o preparasse em três semanas. Eu chorava e dizia que não podia prepará-lo em três semanas, que isso estava acima de minhas forças, então Otto Kahn, diretor e presidente do Metropolitan, disse que não podia me dar mais tempo. Mandou me dizer isso pelo encarregado dos assuntos do teatro, o sr. Coppicus. Aceitei a proposta, pois não me restava outra coisa a fazer. Eu sabia que, se não aceitasse, não teria dinheiro para viver. Decidi-me e fui trabalhar. Trabalhei como um "boi". Não conhecia fadiga. Dormia pouco, trabalhava e trabalhava. Minha mulher via todo o trabalho e me lastimava. Arrumei um massagista, pois, sem massagens, não teria podido continuar o trabalho. Compreendi que morreria. Enco-

* Trata-se de *Till Eulenspiegel*, última coreografia de Nijinski, criada em Nova Iorque em 1916 (N. do T.).

mendei roupas na América, a um figurinista. Expliquei-lhe todos os detalhes. Ele me sentia. Encomendei os cenários ao pintor Johnson. Esse artista parecia me compreender, mas não me sentia. Ficava cada vez mais nervoso. Eu não ficava nervoso. Ficava alegre. Mostrei-lhe o cenário. Pedi-lhe que trouxesse livros da época que iríamos representar. Ele desenhava o que eu lhe dizia. Seus esboços de figurinos eram mais bem-sucedidos. Tinham cores cheias de vida. Eu amava a vida em cores. Ele compreendeu minha idéia. Mostrei-lhe como convinha buscar a idéia. Ele me agradecia mas ficava nervoso e mais nervoso. Ele me lembra minha mulher, que tem medo de tudo. Eu dizia: "De que deveríamos ter medo? Não convém ter medo." Mas ele ficava nervoso. Aparentemente, não tinha certeza do sucesso. Eu trabalhava como um boi. Estafaram o boi, porque ele caiu, e torceu o tornozelo. Mandaram o boi ao doutor Abbé. Era um bom doutor. Ele me cuidou simplesmente. Mandou-me ficar deitado. Eu ficava e ficava deitado. Tinha uma enfermeira. Ela tomava e tomava conta de mim. Eu não conseguia adormecer, pois não tinha o hábito de dormir com uma enfermeira. Se ela não ficasse sentada perto da mesa, talvez eu dormisse. A toda hora ela me recomendava: "Durma, durma, durma", e eu não dormia, e continuava sem dormir. E assim se passou uma semana, depois outra. Meu balé *Till* continuava sem ser anunciado. O público se inquietava. O público me tomava por um artista caprichoso. Eu não tinha medo do que o público pensava. A direção havia decidido postergar o espetáculo por uma semana. Depois começou a atuar sem mim, acreditando fazer melhor negócio. Temia uma falência. Não houve falência, pois eu comecei a dançar e o público veio. O público americano me ama, pois acredi-

tou em mim. Ele via que eu estava doente do pé. Eu dançava mal, mas o público estava contente. *Till* havia dado certo, mas tinha sido montado depressa demais. Tinha saído do forno cedo demais, por isso estava mal cozido. O público americano gostava de meu balé mal cozido, porque este era bom. Eu o cozinhara muito bem. Não gosto de coisas mal cozidas, pois sei o quanto a gente depois passa mal do estômago. Eu não estava satisfeito com aquele balé, mas dizia que ele estava "bom", porque, se eu dissesse que o balé não estava bom, ninguém iria ao teatro e teria sido uma falência. Não gosto de falências, por isso dizia que estava "bom". Eu disse a Otto Kahn que ia bem e estava contente. Ele me fazia elogios, pois via que o público gostava. Eu havia feito um balé engraçado, pois sentia a guerra. Todo mundo estava farto da guerra, por isso era preciso divertir. Eu os diverti. Mostrei *Till* em toda a sua beleza. Era uma beleza simples. Mostrei a vida de Till. A vida de Till era simples. Mostrei que Till era o povo alemão. Os jornais estavam contentes, pois a crítica era alemã (*sic*). Eu chamara jornalistas na véspera da primeira apresentação e lhes explicara o objetivo de *Till*. Eles ficaram muito felizes, pois podiam preparar suas críticas. A crítica era boa e às vezes muito inteligente. Eu me via Deus e diabo ao mesmo tempo. Elevaram-me a alturas da torre de Babilônia. Eu não gostava de alturas, pois via que tudo aquilo não passava de elogio. Via que o crítico compreendera meu balé. Senti que o crítico desejava me elogiar. Não gosto de elogios, pois não sou criança. Vi o erro que o crítico havia notado. Ele havia notado um lugar, na música, que eu não compreendera. Ele pensava que eu não compreendera. Eu compreendera muito bem, mas não queria me cansar, pois estava doente do pé. Esse

lugar na música era muito difícil de interpretar, por isso eu o havia ignorado. Os críticos sempre pensam que são mais inteligentes do que os artistas. Muitas vezes exageram, pois injuriam o artista pela interpretação. O artista é pobre, por isso treme diante do crítico. Isso o aflige e o magoa. Ele chora dentro da alma. Conheço um crítico parcial, um pintor, que não gostava dos artistas que não se inclinavam diante dele. Chama-se Alexandre Benois. Alexandre Benois é um homem muito inteligente e sente a pintura. Li uma de suas críticas, intitulada *Cartas artísticas*. Essas críticas eram parciais. Ele sempre atacava Alexandre Golovin, que era artista pintor do Teatro Imperial em Petersburgo. Compreendi que Benois queria tirá-lo de lá, pois desejava o lugar dele. Então enviou sua crítica ao jornal *Retch*. Esse jornal era dirigido por Nabokov. Nabokov era um homem inteligente e soube organizar bem seu jornal. Havia contratado Filosofov e atacava *Novoie Vremia* sem descanso. *Novoie Vremia* tinha seus assinantes, e *Retch* queria tomá-los. *Retch* era tolo, pois dentro não havia nada. Compreendi o jornal quando era menino. Eu não gostava de jornais, pois havia compreendido sua tolice. Eles escreviam coisas conhecidas de todos. Preenchiam páginas, pois era preciso preenchê-las. Eu não tinha medo da crítica quando era garoto, por isso não me inclinava diante dela. Eu me inclinava diante de um crítico chamado Valerian Svetlov.

Esse crítico escrevia sobre dança. Vivia com a bailarina Schollar, e com ela aprendia muitas expressões. Anotava essas expressões e as inseria em belas frases. Havia também outros críticos, mas estes não tinham língua afiada. Svetlov tinha sempre a língua pronta. Ele cozinhava sua crítica, por isso escrevia bem. As pessoas achavam

que um homem que escrevia bem compreendia a dança. Eu compreendia bem a dança porque dançava. Svetlov jamais dançou os balés cuja crítica fazia. Svetlov é um homem branco. A gente o chamava de "o papagaio", porque ele tinha cabeça de papagaio. Nicolai Legat não gostava dele, por isso caricaturava-o como papagaio. Direi que ele é um papagaio não por ter cabeça de papagaio, mas porque tudo o que escreve é papagaiada. Chamo de "papagaiada" essas críticas que repetem coisas que todo mundo já sabe. Svetlov era um papagaio envolto em seda, pois tinha dinheiro. Presenteava Schollar com coisas caras e de qualidade. Ele não a amava como um homem jovem e forte. Tinha quase sessenta anos. Usava cremes e se maquilava. As mulheres gostavam dele, pois suas críticas eram afiadas. Todo mundo tinha medo dele. Todas as bailarinas dormiam com ele, pois tinham medo. Ele gostava muito de brincar, mas não de fazer. Gostava de se divertir como um menininho. Era franzino, um Pequeno Polegar. Vivia feliz. Estava sempre contente. Tinha um rosto calmo. O rosto dele parecia uma máscara. Já vi máscaras assim. Essas máscaras eram de cera. Acho que ele evitava sorrir de propósito, pois tinha poucas rugas. Guardava recortes de velhos jornais sobre balé. Escrevia a mesma coisa, alterando um pouco o estilo. Suas críticas eram a morte, pois não diziam nada de novo. Seus discursos cheiravam a perfume e cremes. Ele começou a me demolir por capricho. Não sabia que suas críticas me davam náusea. Eu tinha medo dele, mas não o amava. Compreendia que as pessoas liam suas críticas, e isso me contrariava, porque eu tinha medo de que me fizessem dançar no corpo de baile. Chama-se corpo de baile uma massa de pessoas que não sabem nada. Conheço muitos artistas que sabiam dan-

çar bem, pois haviam aprendido, mas que foram postos no corpo de baile por acaso, ou porque não tinham ninguém para protegê-los. O corpo de baile era bom, pois havia pessoas boas. O corpo de baile gostou de mim e fez minha publicidade. Eu o amava e ele, a mim. Já nessa época, eu queria que me amassem. Buscava todo tipo de astúcias e artimanhas para que me amassem. Eu queria ser amado não apenas pelo corpo de baile, mas também pelos primeiros e segundos bailarinos e bailarinas, pelos mestres de balé e pelas outras bailarinas. Procurei o amor e compreendi que o amor não existia. Que aquilo tudo era lama. Que todos procuravam elogios ou amabilidades. Eu não gostava de elogios e amabilidades. Ia ao escritório do administrador do teatro, Krupenski, e pedia que me dessem o que dançar. Eu só dançava quatro vezes por ano. Em balé, um ano são oito meses, pois o trabalho de dança dura oito meses. Dancei muito pouco para o público, mas o público me amava muito. Eu sabia que tudo isso resultava das intrigas dos artistas. Deixei de ser alegre, pois senti a morte. Tinha medo das pessoas e me fechei no meu quarto. Meu quarto era estreito, com teto alto. Eu gostava de olhar as paredes e o teto, pois isso me falava da morte. Não sabia como me divertir e, com Anatole Burman, meu amigo, fui procurar uma cocote. Chegamos e ela nos deu vinho. Bebi aquele vinho, ele me subiu à cabeça. Era a primeira vez que eu experimentava vinho. Eu não gostava de beber. Depois do vinho, minha cabeça girou, mas não perdi a consciência e a possuí. Ela me transmitiu uma doença venérea. Tive medo e corri ao doutor. O doutor venéreo vivia bastante ricamente. Eu tinha medo das pessoas. Achava que todo mundo sabia. Tinha dezoito anos. Chorava. Sofria. Não sabia o que fazer. Ia ao doutor, mas

ele não me fazia nada. Mandou-me comprar uma seringa e medicamentos. Mandou-me injetar o medicamento no membro. Eu injetava. Enfiava mais profundamente a doença. Notei que meus testículos inchavam. Chamei outro doutor, que me aplicou sanguessugas. As sanguessugas me chupavam o sangue. Eu me calava, mas ficava apavorado. Tinha medo. Sofria na alma. Não tinha medo das sanguessugas. As sanguessugas se mexiam e eu chorava e chorava. Fiquei de cama por muito tempo. Não agüentava mais. Levantei-me, e então meus testículos recomeçaram a inchar. Tive medo e decidi acabar com aquilo a qualquer preço. Fiquei doente dessa doença mais de cinco meses. Voltei a aplicar sanguessugas e fiquei na cama. Tinha medo de que minha mãe soubesse. Conheci um homem que me ajudou nessa doença. Ele me amava como um homem ama um garoto. Eu o amava, pois sabia que ele me queria bem. Esse homem se chamava príncipe Pavel Lvov. Ele me escrevia poemas de amor. Eu não lhe respondia, mas ele me escrevia mesmo assim. Não sei o que ele queria dizer, pois não os lia. Eu o amava, pois sentia que ele me amava. Queria viver sempre com ele, porque o amava. Ele me obrigou a traí-lo com Diaghilev, pois achava que Diaghilev me seria útil. Travei conhecimento com Diaghilev por telefone. Eu sabia que Lvov não me amava, por isso o deixei. Pavel Lvov queria continuar nossas relações, mas compreendi que era desonesto ser infiel. Eu vivia com Diaghilev Serge. Conheço o irmão dele, de sua segunda mãe. É um homem cuidadoso e gosta de museus. Eu considero os museus como cemitérios. Ele considera os museus como a vida. Um museu não pode ser a vida, porque contém obras de artistas mortos. Em minha opinião, não se deveriam guardar os quadros dos

mortos, pois eles destroem a vida dos artistas jovens. Compara-se o jovem artista com o do museu. Conheço um pintor a quem foi recusado o diploma da Academia de Belas-Artes só porque seus quadros não se pareciam com os dos museus. Esse pintor se chamava Anisfeld. Anisfeld era judeu. Ele tem filhos. É casado, mas sua mulher não o ama. Sei disso porque ele dizia que brigava com a mulher. Eu me lembro. Ele ia à casa de Diaghilev e se queixava. Eu sei que ele amava a mulher, pois sentia o pranto de sua alma. Ele era um homem bom. Pedi-lhe cenários para muitos balés. Ele agora está na América do Norte, onde faz retratos e cenários. Pelos jornais vê-se que faz sucesso. Fico muito contente por ele, pois conheço todas as intrigas de Leon Bakst. Bakst é um bom artista, mas maldoso, pois demoliu Benois e Anisfeld. Eu não estou demolindo Benois, mas dizendo toda a verdade. Bakst o demolia, pois não dizia a verdade. Vi que ele era mordaz com Anisfeld. Bakst não gostava de Anisfeld porque este fazia belos cenários e tinha sucesso, em Paris e em outras cidades onde dávamos espetáculos sob o nome de Ballets Russes. Eu amava os Ballets Russes. Dava-lhes toda a minha alma. Trabalhava como um boi. Vivia como um mártir. Eu sabia que Diaghilev tinha dificuldades. Conhecia seus sofrimentos. Ele sofria por causa de dinheiro. Não me amava, porque eu não lhe dava meu dinheiro para seu negócio. Eu tinha economizado muitos milhares de francos. Uma vez Diaghilev me pediu quarenta mil francos. Eu dei, mas tinha medo de não os receber de volta, pois sabia que ele não os tinha. Eu sabia que Diaghilev sabia achar dinheiro, por isso decidi recusar, se ele me pedisse mais. Diaghilev me pediu uma vez, no Châtelet, em Paris, nos bastidores, com cara de quem não quer

nada. Respondi depressa que não queria dar a ele meu dinheiro, pois havia dado esse dinheiro à minha mãe. Dei tudo a ela, no papel e em pensamento. Não queria que ela sofresse por falta de dinheiro. Minha mãe sofreu muito, por isso eu queria lhe dar uma vida tranqüila. Dei-lhe uma vida tranqüila, porque ela não tinha preocupações de dinheiro, mas notei que não sossegava a meu respeito. Quis falar comigo mais de uma vez. Senti isso, mas evitei-a. Minha irmã também quis me falar, mas eu a evitei. Eu bem compreendia que, se deixasse Diaghilev, morreria de fome, pois não estava suficientemente maduro para a vida. Eu tinha medo da vida. Esperava as ordens de Deus. Estou escrevendo há muito tempo. Acho que daqui a pouco serão quatro horas da noite. Sei que as pessoas dizem quatro horas da manhã, mas não vou me deitar, pois Deus não quer. Deus quer que eu escreva muito. Ele quer que eu logo vá a Paris e publique estes dois livros. Tenho medo dessa publicação, pois sei que escândalo irei criar. Sei que Deus me ajudará, por isso não tenho medo. Não posso escrever, pois minha mão ficou dormente. Deus me ordena escrever. Irei dormir, se ele me ordenar. Espero as ordens dele...

Já eram cinco horas quando subi. Fui ao quarto de vestir e me troquei. No caminho, pensava: "Onde está minha mulher? No quarto onde devo dormir ou num outro?", e senti um arrepio no corpo. Fiquei arrepiado como agora. Não posso escrever, pois estou arrepiado de frio. Não posso escrever. Conserto a escrita, pois tenho medo de que não compreendam minha letra. Quero dizer que fui ao quarto de dormir e, quando entrei, senti o frio antes de ver. A cama não tinha travesseiros e não estava feita. Desci de novo, decidi não dormir. Queria anotar

minhas impressões. Não posso escrever, pois sinto o frio em todo o meu corpo. Peço a Deus que me ajude, pois estou com dor na mão e me é difícil escrever. Quero muito escrever.

Minha mulher não dorme, e eu também não. Ela pensa, e eu sinto. Temo por ela. Não sei o que lhe dizer amanhã. Não falarei com ninguém. Amanhã irei dormir. Quero escrever, mas não posso. Penso. Não sinto, mas sei que Deus o quer. Não posso escrever por causa do frio. Meus dedos endurecem. Quero dizer que ela não me ama. Estou triste. Estou sofrendo. Sei que as pessoas se habituam ao pesar, e me habituarei. Tenho medo de me habituar ao pesar, pois sei que isso é a morte. Irei pedir perdão, pois não quero saber de morte. Eu lhe pedirei perdão, mas ela não me compreenderá, pois pensará que estou errado. Não tenho medo de estar errado, mas tenho medo de que ela morra. A razão dela se esfria. Eu congelo. Não posso escrever. Quero dizer que tenho frio. Não posso escrever. Meus dedos endureceram. Não posso escrever. Tenho pena de mim e dela. Choro. Estou frio. Não sinto. Morro. Não sou Deus. Sou um bicho...

.....

.....

Quero dormir, mas Deus não permite. Agadanhei o papel, pois me sentia um bicho. Não gosto do papel. Sou um bicho feroz. Sou um homem mau. Não sou Deus, sou um bicho. Tenho pena de mim e de meus semelhantes. Não sou um homem, mas um bicho. Sei que dirão que eu sou mau, pois escrevo coisas más. Eu sou mau, eu sou mau e um bicho feroz. Tenho garras pontudas. Amanhã

vou agadanhar. Sinto-me mau. Não quero o mal, mas me querem mal. Não quero me apiedar das pessoas que me querem mal. Eu não quero o mal, mas me querem mal. Não posso escrever bonito, pois sou mau. Não escrevo calmamente. Minha mão está nervosa. Eu estou nervoso. Eu sou mau e nervoso. Não posso ser calmo. Não quero ser calmo. Serei mau. Sou um patife. Sou o pior do mundo. Sei me zangar. Fiz com que ela se zangasse, por isso ela me deixou. Não posso escrever, pois estou zangado. Estou zangado, mas não como os outros... Eu me zango em Deus. Não irei passear amanhã. Ficarei em casa. Beberei vinho e cerveja. Comerei carne. Darei risadas. Serei bicho. Não quero escrever bonito, pois quero que me leiam como eu quero. Não posso mais escrever.

.....

Levantei-me às três horas da tarde. Havia acordado mais cedo. Ouvi uma conversa, mas não compreendia quem falava. Compreendi muito mais tarde. Reconheci a voz da Mãe dela e do marido. Compreendi que eles haviam chegado. Eu esperava que Deus me dissesse o que fazer. Não fazia nada, mas sentia tédio. Em meia hora compreendi tantas coisas quanto um outro compreenderia em toda uma vida. Eu pensava. Pensava com Deus. Sabia que Deus me amava, por isso não tinha medo de fazer o que ele ordenava. Tinha medo da morte. Estava triste. Entediado. Lastimava minha mulher. Ela chorava. Eu sofria. Sabia que Deus queria meus sofrimentos. Sabia que Deus queria que eu compreendesse o que é a morte. Compreendi. Esperava as ordens de Deus. Não sabia se devia acordar ou ficar na cama. Sei que Deus não me fará

mal. Eu sofria em minha alma. Tinha vontade de chorar. Ouvia minha mulher soluçar. Ouvia o riso de minha mulher. Ouvia as ameaças da mãe de minha mulher. Chorava em minha alma. Olhava a parede e via o papel pintado. Olhava a lâmpada e via vidro. Olhava o espaço e via o vazio. Chorava. Estava triste. Não sabia o que fazer. Quis consolar minha mulher, mas Deus o proibiu. Eu queria rir, pois sentia o riso, mas compreendi a morte e me detive. Ouvia falarem de mim. Compreendi que todo mundo pensava. Comecei a me entediar. Queria divertilos. Fiquei deitado, e deitado. Estava triste. Chorava em minha alma. Comecei a me mexer e levantei uma perna. Senti um nervo nessa perna. Comecei a mexer esse nervo. Mexia os artelhos por meio desse nervo. Compreendi que meu dedão não estava bom, pois não tinha nervo. Compreendi a morte. Eu mexia o dedão, e os outros artelhos se mexiam com ele. Compreendi que os outros artelhos não tinham nervo e que viviam do nervo do dedão. Sei que muitas pessoas cuidam dos pés. Cortam os cravos. Eu não tenho cravos, pois me cuidei mais. Não acreditei nos operadores de cravos e raspei-os eu mesmo. Compreendi que raspar era a mesma coisa, com a diferença de que o cravo voltava a crescer mais depressa. Decidi acabar com os cravos, porque eles não me davam sossego. Eu estava em Veneza. Tirei as botas e comecei a andar descalço ou de pantufas. Não gostava das pantufas, mas usava-as por hábito. Agora uso-as, porque devo usá-las. Não gosto de botas, por isso uso sapatos largos de dança. Compreendi em Veneza como a gente pode se livrar dos cravos, e comecei a fazer o que me parecia melhor. Depois de algum tempo, observei que meu cravo não doía mais, mas estava grande, pois eu o deixara crescer.

Deixei-o como estava, e depois de algum tempo comecei a desgastá-lo com uma pedra que se chama "pedra de espuma". Meus cravos foram embora. Hoje observei que não tinha mais cravos, mas que meus artelhos eram curtos e não tinham forma bonita. Observei que meus artelhos estavam sem nervos. Compreendi que toda a nossa vida era uma degenerescência. Compreendi que, se as pessoas continuarem a viver assim, ficarão sem artelhos. Compreendi que todo o organismo humano degenera. Compreendi que as pessoas não pensam no que fazem. Sei que a terra degenera e que as pessoas a ajudam a degenerar. Notei que a terra se apagava e que toda a vida se apagava com ela. Compreendi que o óleo bombeado da terra dava calor à terra, e que o carvão é aquilo que já ardeu na terra. Compreendi que, sem combustão, não haveria mais vida. Compreendi que nós precisávamos do calor da terra. Que o calor da terra era a vida da terra. Compreendi que as pessoas abusavam do bombeamento do óleo e do petróleo. Compreendi que as pessoas não compreendiam o sentido da vida. Sei que, sem óleo nem petróleo, é difícil viver. Sei que as pessoas precisam de carvão. Sei que as pedras preciosas são elementos consumidos e petrificados. Sei que a água é o resto da terra e do ar. Sei que a lua está coberta de água. Sei que os astrônomos enxergaram canais. Compreendo o sentido dos canais. Sei que as pessoas se salvaram com a ajuda de canais. Eu serei um peixe, e não um homem, se as pessoas não me ajudarem. Compreendo que a terra se apaga. Sei que a terra era um sol. Sei o que é um sol. O sol é o fogo. As pessoas pensam que a vida depende do sol. Eu sei que a vida depende das pessoas. Sei o que é a vida. Sei o que é a morte. O sol é a razão. A inteligência é um sol extinto que se decompõe.

Sei que a decomposição destrói a vida. Sei que a terra se cobre de decomposições. Sei que as pessoas abusam da decomposição. Os sábios cobrem e recobrem a terra. A terra sufoca, fica sem ar. Os terremotos vêm do estremecimento das entranhas da terra. As entranhas da terra são a razão. Eu tremo quando não me compreendem. Sinto bastante, por isso vivo. O fogo em mim não se apaga. Eu vivo com Deus. As pessoas não me compreendem. Eu vim aqui para ajudar. Quero o "paraíso" terrestre. Hoje, sobre a terra, é o "inferno". Chama-se "inferno" quando as pessoas brigam. Ontem briguei com minha mulher, por seu aperfeiçoamento. Eu não estava zangado. Não a deixei zangada por maldade, mas para acender nela o amor por mim. Quero acender a terra e os homens, e não apagá-los. Os sábios apagam a terra e o amor nas pessoas. Sei que não é cômodo escrever neste caderno, mas escrevo porque tenho pena do papel. Sei que, se as pessoas tivessem pena umas das outras, a vida seria mais longa. Sei que muita gente dirá que não é importante viver por muito tempo, que "depois de nós o dilúvio", mas essa frase fala da morte. As pessoas não amam seus filhos. Acham que os filhos não são elas. Acham que os filhos são necessários para multiplicar o número de soldados. Matam os filhos e cobrem a terra de cinza. A cinza é ruim para a terra. As pessoas dizem que a cinza é boa para a terra. Sei que a terra coberta de cinza fica sufocada. Sei que ela precisa de vida. Eu sou russo, por isso sei o que é a terra. Não sei lavrar, mas sei que a terra é quente. Sem seu calor, não haveria pão. As pessoas acham que convém queimar os ossos dos mortos para melhorar o solo. Direi que isso é ruim, pois toda a terra melhora pelo calor, e não pela cinza. Compreendo que a terra é putrefação. Sei que a

putrefação é uma coisa boa. Sei que, sem a putrefação, não haveria pão. Sei que a putrefação recobre a terra e também aniquila o calor terrestre. Compreendo que as pessoas achem que é preciso comer muito. Considero que comer é um hábito. Sei que o homem é muito forte por natureza. Sei que as pessoas o enfraquecem, pois não se preocupam com a vida dele. Sei que as pessoas devem viver, por isso quero explicar aos sábios. Sei que muitos sábios irão rir, mas compreendo o sentido desse riso. Eu não quero riso. Quero o amor. O amor é a vida e o riso, a morte. Gosto de rir quando Deus quer. Sei que muita gente dirá: "Por que Nijinski fala o tempo todo de Deus? Ele ficou louco. Nós sabemos que ele é um bailarino e nada mais." Compreendo todas essas zombarias. Não me zango por causa das zombarias. Choro e choro.

Sei que muita gente dirá que Nijinski é um choramingas. Sei o que é um choramingas. Eu não sou um choramingas. Não sou um moribundo. Estou vivo, por isso sofro. Minhas lágrimas raramente correm. Eu choro na alma. Sei o que é um choramingas. Chamam-se choramingas as pessoas que têm nervos fracos. Sei o que são os nervos, pois eu era nervoso...

Desliguei a luz elétrica, pois queria economizar. Compreendi o sentido da economia. Não lamento o dinheiro, mas lamento a energia. Compreendi que sem energia não haveria vida. Compreendi o sentido da terra que se apaga, por isso quero dar às pessoas uma idéia de como se pode receber eletricidade sem carvão. O carvão é necessário ao calor da terra, por isso não quero extrair carvão.

.....

Quero dar exemplos com o carvão. As pessoas cavam e continuam cavando o carvão. Ficam sufocadas por causa do carvão. Acham a vida difícil, pois não compreendem o sentido do carvão. Eu sei o que é o carvão. O carvão é um combustível. Sei que as pessoas abusam do carvão. Sei que a vida é curta, por isso quero ajudar as pessoas. Não escrevo para me divertir, quero fazer as pessoas compreenderem a vida e a morte. Eu amo a vida. Amo a morte. Não tenho medo da morte. Sei que a morte é boa onde Deus a quer. Sei que a morte é ruim onde não existe Deus. Compreendo as pessoas que querem queimar seu próprio cérebro. Sei que o pai de minha mulher queimou o cérebro. Estudou demais. Tornou-se nervoso, pois seu cérebro estava sobrecarregado. Eu não estudo muito. Estudo somente o que Deus me ordena. Deus não quer que as pessoas estudem muito. Deus quer a felicidade das pessoas...

Quero falar do carvão. Compreendo o sentido do carvão. O carvão é uma fonte de combustível. O combustível é uma fonte de vida. Compreendo as pessoas que dizem que sem combustível a gente pode congelar. Compreendo que o combustível é uma coisa necessária. Compreendo que é preciso economizar o combustível. Sei que a madeira é uma coisa necessária, que é preciso economizá-la, e não cortá-la sem parar. As pessoas abusam do combustível. Acham que precisam de muitas coisas, pois quanto mais se possui, mais se está feliz. Sei que, quanto menos se possui, mais se tem sossego na alma. Não posso mais escrever, pois meu combustível atraiu minha mulher para mim. Eu a amo. Ela leu o que eu escrevi e me compreendeu. Eu lhe disse que não convinha me impedir de escrever, e ela saiu sem ficar triste. Hoje está sentindo mais.

Fico feliz, pois espero seu aperfeiçoamento. A mãe de minha mulher se acalmou, pois viu meu amor por minha mulher.

O combustível é uma coisa necessária, por isso é preciso economizá-lo. Economizarei o combustível, pois sei que com isso a vida será mais longa. Não admito essas pessoas que pensam "depois de nós o dilúvio". Não amo o egoísmo. Amo todo mundo. Quero comer pouco, pois não preciso encher o estômago. Quero viver simplesmente. Quero amar, pois quero a felicidade de todo mundo. Serei o mais feliz dos homens ensinando que todo mundo partilha. Serei o mais feliz dos homens quando representar e dançar etc, sem que me paguem em dinheiro ou de qualquer outra maneira. Quero amor para as pessoas. Não quero a morte. Tenho medo das pessoas inteligentes. Elas têm cheiro de frio. Gelo quando me encontro perto de um homem inteligente. Tenho medo das pessoas inteligentes, porque elas têm cheiro de morte. Não escrevo para exibir minha inteligência. Escrevo para explicar. Não quero nada por este livro. Quero ajudar as pessoas. Não me gabo de meu livro, pois não sei escrever. Não quero que meus livros sejam vendidos. Quero que me publiquem gratuitamente. Sei que hoje em dia é difícil publicar gratuitamente. Sei que as pessoas estão em vias de extinção. Sei que me compreenderão se este livro for bem impresso, por isso vou publicá-lo mediante dinheiro. Levei pouco tempo para escrevê-lo, mas minha mulher quer dinheiro, pois tem medo da vida. Eu não tenho medo, mas não tenho o direito de deixar minha mulher sem socorro.

Quero falar da mãe de minha mulher, Emma, e de seu marido Oscar.

Eles são boas pessoas. Eu os amo mas, como todo mundo, eles têm erros. Vou descrever seus erros para que eles os leiam. Espero que melhorem. Sei que virão me procurar, por isso escrevo para que me vejam trabalhando. Gosto que me vejam trabalhando. Quero trabalho. Amo as pessoas que trabalham. Emma e Oscar estão cansados de uma longa viagem. Eles pensavam que eu estava louco, mas sentiram o contrário. Oscar vê que eu compreendo a política, por isso se interessa por mim. Ele gosta de política e de negócios de dinheiro. Eu não gosto nem de uma coisa nem da outra. Quero mostrar às pessoas um exemplo de minha conversa com Oscar. Gosto dele, mas ele pensa muito. Tem medo de operar as hemorróidas, pois é medroso. Sei que me dirão que ele é medroso porque é judeu.

Quero dizer que ser medroso não é um vício. As pessoas medrosas são boas. Eu amo os judeus, porque eles são medrosos. Conheço muitas pessoas que fingem não ser medrosas. Eu sei que elas fingem. Não gosto quando uma pessoa finge. Amo as pessoas que não fingem. Sei que as pessoas dirão que ser medroso é um traço de caráter fraco. Direi que ser medroso não é um traço de caráter fraco, mas um hábito nervoso. Sei que as pessoas dirão que eu não sei o que é o medo, pois não fui à guerra. Direi que fui à guerra, pois movi uma guerra à morte. Fiz a guerra, não numa trincheira, mas em casa. Fiz guerra à mãe de minha mulher, quando estava confinado na Hungria. Sei que muita gente dirá que eu vivia bem, pois estava na casa da mãe de minha mulher. Eu vivia bem. Tinha de tudo. Não passava fome, mas sofria na alma. Eu não amava a mãe de minha mulher. Gostava de me isolar. Trabalhava num sistema de notação, pois não tinha o que

fazer. Ficava entediado. Chorava. Sabia que ninguém me amava. A mãe de minha mulher fingia me amar. Eu sentia isso e explicava a ela como podia. Ela não me compreendia, pois achava que eu era mau. Eu não era mau. Era um mártir. Eu chorava, pois minha mulher não me compreendia. Oscar não me compreendia. Oscar sentia o dinheiro, pois para eles era difícil nos alimentar. Eu sentia que a mãe de minha mulher devia me dar comida gratuitamente, porque eu era um parente. Sabia que os parentes não amavam os parentes, por isso decidi fazer papel de ofendido. Ela não me compreendia. Achava que eu era pobre, por isso tinha medo de que eu lhe custasse dinheiro. Ela gostava do dinheiro, mas não lhe conhecia o sentido. Eu compreendia o sentido do dinheiro, por isso fingia que o dinheiro não era importante. Ainda criança eu já sabia o que era o dinheiro. Minha mãe me dava cinqüenta copeques por semana para comprar gulodices, pois recebia dinheiro pelos quartos que alugava. Minha mãe alugava quartos, isso nos dava o que comer. Eu comia muito, pois sempre estava com fome. Não compreendia que era preciso comer pouco. Comia como gente grande, embora só tivesse doze anos. Eu morava em casa da mãe de minha mulher e comia muito. Não compreendia o sentido do alimento, por isso comia demais. O alimento custava caro, porque havia guerra. A mãe de minha mulher, Emma, era uma mulher nervosa. Ela me amava por meu sucesso junto ao público. Gostava de minha dança. Eu não gostava de dançar, pois me entediava. Ficava entediado e mais entediado. Não compreendia que por toda parte se pudesse viver. Trabalhava em meu sistema de notação e embaixo da mesa os gatos mijavam e defecavam. Eu não gostava dos gatos por causa da sujeira deles. Não gostava da

sujeira. Não compreendia que não eram os gatos que defecavam, mas as pessoas. As pessoas não gostavam dos gatos, por isso não cuidavam deles. Eu cuidava de meu sistema de notação. Queria ausentar-me do presente, por isso me pus a anotar meu balé *O fauno* segundo meu sistema de notação. Era um longo trabalho. Levei quase dois meses. O balé durava dez minutos. Compreendi meu erro e abandonei o trabalho. Comecei a me entediar. Ficava pesaroso. Chorava, pois me entediava. Eu me entediava ante a vida sem me dar conta. Lia Tolstoi. Ler era repousante, mas eu não compreendia o sentido da vida. Vivia o momento presente. Fazia exercícios de dança. Comecei a desenvolver os músculos. Meus músculos ficaram firmes, mas minha dança era ruim. Eu sentia a morte de minha dança, por isso fiquei nervoso. Eu me enervava, e a mãe de minha mulher também. Nós dois nos enervávamos. Eu não gostava da mãe de minha mulher, por isso implicava com ela por ninharias. Não gostava de ninharias, mas implicava, porque não tinha nada para fazer. Vivia o momento presente. Minha mulher se entediava. Imaginamos entregar-nos à devassidão. Comprei livros que agora estão numa mala no hotel Bristol de Viena. Comprei esses livros para nos excitar. Eu excitava minha mulher. Ela não queria. Eu a obrigava a se excitar. Ela se excitava e nós ficávamos devassos. Eu era um devasso. Sei que existem muitos devassos. O Doutor Fränkel também é um devasso, pois me mostrou estampas japonesas num livro. Esse livro era cheio de imagens de devassidão. Ele sorria, quando eu aprovava o livro. Meu coração se partia à visão daqueles horrores, mas eu não queria demonstrar isso. Compreendi que as pessoas não me compreenderiam, se eu não aprovasse suas ações. Disse a mim

mesmo que iria fingir. Eu fingia, e as pessoas me compreendiam. Não quero fingir, mas Deus o quer, pois me escolheu para seu objetivo. Eu obedeço a ele, mas às vezes tenho medo de entrar em hospedarias ou apartamentos, pois creio que Deus não o quer. Uma vez, passei diante de uma hospedaria onde Deus queria que eu entrasse, mas senti fadiga no corpo e a morte do espírito. Tive medo e quis entrar, mas Deus não me queria mal, e me deteve. Sei que muita gente dirá: "De que Nijinski está falando? Ele diz o tempo todo que Deus lhe ordena fazer uma coisa ou outra, e ele mesmo não faz nada." Compreendo as pessoas, e me entristece confessar, mas devo dizer que é a verdade. Eu não sou mais um homem, mas Deus. Não sou um homem comum. Sou Deus. Amo Deus, e ele me ama. Quero que todo mundo seja como eu. Não estou fazendo espiritismo. Eu sou um homem em Deus, e não num estado de espiritismo. Não sou um médium. Sou Deus. Sou um homem em Deus. Tenho medo da perfeição, pois quero que me compreendam. Eu me sacrifico, pois não vivo como todo mundo. Trabalho dias inteiros. Amo o trabalho. Quero que todo mundo trabalhe como eu. Quero contar minha vida em Budapeste durante a guerra. Por muito tempo morei em casa da mãe de minha mulher. Eu não sabia o que fazer. Ficava entediado. Senti uma força quando soube que me liberavam, e decidi fugir da casa da mãe de minha mulher. Fugi para o hotel com minha mulher e a criança, pois recebera dinheiro. Não estava zangado com a mãe de minha mulher. Eu a amava, pois compreendera que ela enfrentava dificuldades. A mãe de minha mulher compreendeu seus erros e correu ao hotel para nos suplicar. Não concordamos, pois sabíamos que logo iríamos partir. Despedi-me da mãe de minha

mulher e lhe agradeci pela hospitalidade. Eu gostava dela, mas não gostava de Oscar. Oscar era um homem sem delicadeza, por isso clamava suas opiniões em voz alta. Eu me ofendi, e quase lutei com ele, mas minha mulher me deteve, e a mãe de minha mulher deteve Oscar. Assim nos detivemos, mas rilhávamos os dentes. Havíamos brigado por causa da política. Oscar disse que a Rússia estava errada, e eu disse que a Rússia tinha razão. Agarrei a oportunidade de ver Oscar se irritar. Sei que muita gente não acreditará no que escrevo, mas para mim tanto faz, pois sei que muitos sentirão que eu tenho razão. Eu não falava mais com Oscar, e parti sem me despedir. Sabia que estava errado, mas fazia tudo de propósito, pois queria que eles, isto é, a mãe de minha mulher e Oscar, compreendessem que não se deve ser avarento. Pegava-os desprevenidos. Eles pensaram muito e mudaram de opinião. Sabiam que eu não os amava. Escrevi em jornais americanos sobre a barbaria da mãe de minha mulher. Eles leram e isso deve tê-los modificado, pois não pouparam mais seu dinheiro. Não falei da avareza. Eles me compreenderam, pois eu escrevera bem. Eu fingia, pois lhes queria bem. Amava-os, mas devia representar, por isso me sentia maldoso. Essa maldade era falsa. Eu os amava. A mãe de Romola era uma mulher difícil. Tinha seus hábitos. Esbofeteava as empregadas. Eu não gostava, por isso lhe mostrava os dentes. Ela se zangava ainda mais. A mãe de minha mulher não gostava de que o marido olhasse as empregadas, por isso, quando ele as olhava, ela esbofeteava as empregadas. Eu não compreendia o sentido disso, pois não pensava no assunto, mas sentia que ela o fazia por ciúme. Eu deplorava as empregadas e Oscar, pois via que ele as olhava por curiosidade. Vi sua curiosidade, por

isso tomo sua defesa. Eu achava que ele cortejava as empregadas, mas depois concluí que tudo aquilo era invenção da caprichosa Emma. Emma era uma mulher horrível, pois nunca deixava Oscar sossegado. Oscar a amava e sempre a defendia. Eu via que ele chorava dentro da alma e o deplorava. Não lhe dizia nada, pois pensava que ele não me compreenderia. Agora eu o compreendo e espero que ele me ame. Vou dar-lhe alguns de meus desenhos, pois vejo que gosta deles. Não assinarei meus desenhos, pois sei que ninguém fará o que eu faço. Sei que todo mundo pode fazer bons desenhos, mas sei que Deus não ama as repetições. Sei que as pessoas me copiarão, mas copiar não é a vida. Copiar é a morte. Sei que muita gente me dirá que Rafael e Andrea del Sarto copiaram, e que Andrea del Sarto copiou a *Gioconda* de tal maneira que é impossível reconhecer se quem a pintou foi Leonardo da Vinci ou Andrea del Sarto. Não gosto de cópias, por isso não quero que me copiem. Meus desenhos são muito simples, é muito fácil copiá-los. Sei que haverá muitos copiadores, mas farei todo o possível para que não me copiem. Os copiadores me lembram os macacos, pois o macaco copia os gestos humanos. O macaco copia, pois não compreende. É um animal estúpido. Sei que muita gente dirá que Rafael não era estúpido mas copiava. A isso devo dizer que Rafael copiava porque precisava disso, para adquirir a técnica. Eu gosto da técnica, mas não gosto de copiar...

Sei o que é preciso para minha caneta, pois notei que meu dedo se cansava ao firmar-se. Por causa da pressão, surgiu-me um pequeno sulco no terceiro dedo. Sei que meu dedo assumirá uma forma feia, por isso vou trabalhar no aperfeiçoamento da caneta. Já sei o que é necessário

para o aperfeiçoamento da caneta. Notei que minha caneta se abria pela frente, por isso a tinta derrama, se eu não atarraxar com bastante força. Sei que, de tanto ser atarraxada com força, a caneta se cansa, por isso se estraga depressa. Também observei que é ruim a caneta ser aberta pela frente, porque, se essa parte cair ao chão, a pena se quebra. A pena é de ouro, por isso custa muito caro. Notei que o ouro da caneta é ruim, pois não escrevi mais de duas semanas e a pena já mudou de forma. É verdade que eu escrevo bastante. Mas sei que muitas pessoas escrevem bastante, por isso quero explicar a elas o erro da caneta. Vejo todo o embuste da *Waterman's Ideal Fountain-Pen** . Sei que essa fábrica é famosa. Sei que sua fama data do começo, porque ela produziu milhões de boas canetas para fazer publicidade. Sei que agora ele quer enriquecer, por isso produz canetas ruins na esperança de que ninguém perceba o embuste** . Falo da caneta de propósito, para fazer as pessoas compreenderem que não se deve enganar os outros. Sei que essa fábrica me arrastará à justiça. Sei que eles mostrarão canetas boas, dizendo que estas aqui são contrafações. Sei que chamarão os melhores advogados para defendê-los e darão dinheiro para corromper, pois não querem que a gente perceba o embuste. Eu serei condenado, mas terei razão. Espero que me defendam. Vou esconder esta caneta, para o caso de me julgarem. Não tenho medo do processo, mas minha mulher tem, pois acha que me querem mal. Sei que me botarão na prisão, pois a fábrica tem muitos acionistas. Sei quem são os acionistas, por isso quero escrever sobre eles. Não

---

* Em inglês no texto original (N. do T.).
** Nijinski fala aqui do proprietário da fábrica de canetas (N. do T.).

gosto do acionariado, pois sei que os acionistas são pessoas ricas. Eu preferiria que os acionistas fossem pessoas pobres. Sei que, se os pobres fossem acionistas, não haveria guerra. A guerra é um acionariado. Lloyd George representa os acionistas na Inglaterra. Wilson não gosta dos trustes. Ele já expressou sua opinião mais de uma vez, mas não o escutam. Eu gostaria de ajudar Wilson. Farei tudo para ajudar Wilson. Wilson é um homem, e não um bicho feroz. O acionariado é uma bestialidade. Sei que me dirão que todo mundo é acionista, pois todo mundo compra. A isso, direi que todo mundo compra porque não existe outra possibilidade. Sei que, se se encontrasse uma possibilidade, não haveria acionariado. Quero ajudar todas as pessoas que me pedirem ajuda. Não gosto de pedidos, mas quero que as pessoas saibam que eu quero ajudá-las.

.....

Quero encomendar uma moldura para a fotografia de Oscar, pois quero mostrar-lhe meu amor. Ele viu que eu não tinha sua fotografia. Quero mostrar-lhe que todos são iguais. Quero mostrar-lhe que não sou um homem nervoso. Sei que todos os homens são nervosos, pois bebem chá e café. Eu não gosto de chá e de café, pois não existe vida nessas bebidas. As pessoas pensam que é preciso bebê-las, pois foram convencidas disso. Sei o que são o chá e o café. Não os bebo, pois as pessoas me tomam por um homem nervoso. Mostrei-lhes meus nervos hoje de manhã. Todo mundo teve medo. De repente cantei como Chaliapin, com voz de baixo. Gosto de Chaliapin, porque ele sente o canto e o desempenho. As pessoas o impedem

de se desenvolver, pois lhe solicitam representar coisas de que ele não gosta. Ele quer mostrar que é um grande artista e pode representar bem todos os papéis. Sei que seu coração explode de sofrimento. É um beberrão, porque o persuadiram a beber. Eu conheço beberrões de chá. Conheço beberrões de café. Conheço a embriaguez dos charutos e dos cigarros. Conheço todas as embriaguezes, porque as experimentei. Sei que irão me dizer que eu também sou um beberrão, pois bebo leite. Responderei que o leite não contém materiais excitantes. Sei que os doutores proíbem beber e fumar, mas fazem eles mesmos o que proíbem, por isso o doente não os compreende. Sei que todo mundo ficará zangado comigo, pois eu não faço o que os outros querem, por isso farei tudo o que os outros fazem. Irei chorar, mas farei isso porque quero que todos abandonem seus hábitos. Sei que muita gente dirá que eu estou fingindo. Que é preciso deter a si mesmo, e depois exigir isso dos outros. Compreendo todas essas observações. Irei chorar, mas farei tudo o que os outros fazem, pois quero que as pessoas cuidem de mim. Não sou egoísta. Sou um homem de amor, por isso farei tudo pelos outros. Quero que cuidem de mim. Sei que as pessoas me compreenderão. Sei que as pessoas amarão minha mulher e minha menina, mas quero o amor universal. Quero que as pessoas se amem. Quero escrever sobre as guerras. Quero escrever sobre a morte, pois senti o que é a morte. Sei que as pessoas amam a morte, pois dizem "tanto faz". Representarei no teatro coisas que excitarão o público, pois sei que as pessoas gostam da excitação, mas, excitando-as, eu as farei sentir a morte da alma. Não quero que as pessoas tenham medo da morte que vem de Deus. Eu sou a natureza. Eu sou Deus na natureza. Eu sou o coração de

Deus. Não sou vidro no coração. Não gosto das pessoas de coração de vidro. Cometi um erro ao escrever "coração", mas agora o corrigi, pois gosto de me corrigir. Quero que as pessoas se corrijam. Não quero a morte do espírito. Eu sou uma pomba. Sei o que as pessoas pensam, ao olharem os ícones e verem uma pomba. Sei que as pessoas não compreendem a igreja, mas vão até lá por hábito, pois têm medo de Deus. Deus não está nos ícones. Deus está na alma do homem. Eu sou Deus. Eu sou espírito. Eu sou tudo. Sei que muita gente dirá que "Nijinski enlouqueceu, porque é bailarino e ator". Sei que as pessoas me amarão enquanto homem, se virem como eu vivo em minha casa. Sei que todo mundo hesita em me perturbar, achando que isso me perturba. Eu sou um homem a quem não se perturba. Sou um homem de amor. Eu amo o mujique. Amo o czar. Amo todo mundo. Não faço diferenças. Não sou um homem de partido. Sou o amor de Deus. Conheço os erros de minha mulher, por isso quero ajudá-la a se corrigir. Sei que muita gente dirá que "Nijinski tiraniza sua mulher e todo mundo, pois escreve mentiras". Terei piedade das pessoas por seus erros. Soluçarei como Cristo no monte Sinai. Eu não sou Cristo. Sou Nijinski. Sou um homem simples. Tenho maus hábitos, mas quero corrigi-los. Quero que as pessoas me mostrem meus erros, pois quero que cuidem de mim. Eu cuidarei dos outros, e todo mundo cuidará de mim. Quero cuidados de amor, e não cuidados de maldade. Não quero indulgência. Eu não sou a indulgência. Eu sou amor. Quero falar do amor. Vou falar do amor. Sei que Deus me ajudará, pois eu o compreendo. Sei que sou um homem com erros. Sei que todo mundo tem erros. Sei que Deus quer ajudar todo mundo. Eu o sei, pois sinto Deus. Sei que, se todo mundo me sen-

tir, Deus ajudará todo mundo. Eu vejo através das pessoas. Você não precisa me falar de si mesmo, pois eu compreendo sem palavras. Sei que me dirão: "Como pode você me conhecer, se não me viu?" Direi que posso conhecer você, pois sinto com a razão. Minha razão é tão desenvolvida que eu compreendo sem palavras as pessoas. Vejo as ações delas e compreendo tudo. Eu compreendo tudo. Posso fazer tudo. Eu sou um mujique. Sou um operário de fábrica. Sou um doméstico. Sou um senhor. Sou um aristocrata. Sou um czar. Sou o imperador. Eu sou Deus. Eu sou Deus. Eu sou Deus. Eu sou tudo. Eu sou a vida. Eu sou o infinito. Serei sempre e por toda parte. Podem me matar, mas eu viverei, pois sou tudo. Quero a vida infinita. Não quero a morte. Escreverei sobre a morte, para que as pessoas compreendam seus erros e os corrijam. Digo que também eu tenho erros. Eu não sou um ator. Eu sou um homem com erros. Venha, observe-me e compreenderá que eu sou um homem com erros. Eu quero erros, pois quero ajudar as pessoas. Não terei mais erros quando as pessoas vierem em meu auxílio. Eu quero as pessoas, por isso minha porta está sempre aberta. Meus armários e minhas malas também estão abertos. Se você encontrar a porta fechada, bata, e, se eu estiver em casa, abrirei. Eu amo minha mulher e lhe quero bem, mas ela ainda não me compreende, por isso manda os empregados fecharem a porta. Sei que minha mulher se irritará se perceber que o público se acotovela à minha porta, por isso peço que as pessoas fiquem em suas casas e me aguardem. Eu irei aonde me chamarem. Lá estarei, sem estar. Eu sou o espírito em cada homem. Eu sou Nijinski. Irei se Deus me ordenar, mas não irei se me disserem: "Venha à minha casa." Escutarei as pessoas, mas não irei às suas

casas, pois não quero revolta. Não gosto de partidos, por isso não quero que as pessoas formem grupos. Quero que todos os homens permaneçam ao lado de suas mulheres e de seus filhos. Não quero revolta. Não gosto da morte. Quero a vida. Quero que as pessoas me sintam. Eu amo Deus. Amo a vida. Amo todo mundo e faço tudo pelos outros. Não gosto da mendicidade. Não gosto das sociedades para os pobres. Considero que todo mundo é pobre. Não gosto de dar dinheiro. Ajudarei espiritualmente. Quero o amor espiritual, e não carnal. Eu amo o corpo, pois o espírito necessita dele, por isso comerei pouco. Não quero a fome. Não quero que as pessoas tenham o hábito de comer muito. Não gosto de carne, pois amo os animais. Choro quando vejo as pessoas comerem carne. Eu como carne, porque quero que me compreendam. Sei que muitas pessoas dirão que comem carne porque querem ser compreendidas. Compreendo o sentido dessas palavras. Não quero que as pessoas forcem os outros a lerem meus livros. Quero que as pessoas persuadam os outros a lerem meus livros, e a irem ao teatro para me ver dançar. Quero um teatro gratuito. Sei que hoje não se pode fazer nada sem dinheiro, por isso trabalharei muito para que todos possam me ver gratuitamente. Trabalharei muito por dinheiro, pois é preciso que eu mostre às pessoas que sou um homem rico, e não pobre. Hoje, as pessoas pensam que quem não tem dinheiro é tolo e preguiçoso, por isso, com pranto na alma, juntarei dinheiro, e depois mostrarei às pessoas quem sou eu. Quero publicar estes dois livros para que as pessoas compreendam minhas ações. Quero trabalhar sozinho, pois juntarei meu dinheiro mais depressa. Quero enriquecer. Jogarei na Bolsa. Farei tudo para ser rico, pois compreendo o sentido do dinheiro. Irei a

Zurique com Oscar e lá jogarei na Bolsa. Comprarei os valores que considerar bons. Sei que Oscar terá medo, pois pensará que eu vou perder. Sei que ele me suplicará para que eu lhe mostre meu método, mas não o mostrarei, porque ele não compreende o sentido do dinheiro. Rockefeller é um homem bom, porque dá dinheiro às pessoas, mas não compreende o sentido do dinheiro, porque dá dinheiro para a ciência. Eu darei meu dinheiro para o amor. Para o sentimento de Deus entre as pessoas. Comprarei um teatro e nele dançarei gratuitamente. Aqueles que quiserem pagar aguardarão sua vez. Aqueles que não querem pagar formarão uma fila de espera por amor. Eu quero uma fila de espera de amor. Verei injustiças, pois sou perspicaz. Não me enganarei e pedirei a esse homem que saia do teatro. Pedirei aos ofendidos que venham a mim. Reconhecerei o ardil pelo rosto, pois sou um grande fisionomista. Mostrarei a todo mundo que eu sei. Venham a mim, e verão. Quero escrever, mas minha mão está cansada, pois escrevo depressa...

.....

Almocei copiosamente, pois como depressa. Comi como todo mundo. Oscar estava sentado ao meu lado e viu que eu comia carne. Emma também viu que eu comia carne, mas deixei quase todo o pedaço, pois não queria comer animais que foram mortos. As pessoas me compreenderão melhor se eu comer carne. Mostrei que não tinha desdém, pois comi a carne. Vi os hábitos de Emma. Ela come depressa e às vezes, para aquecer o corpo, como diz, bebe vinho. Compreendi que não era verdade, porque ela me sentiu e deixou o vinho. Ela gosta de café, por

hábito. É nervosa, mas bebe café. Come tudo muito depressa, sem mastigar. Oscar também come depressa, minha mulher também, eu comi igual a eles. Senti uma dor no estômago. Compreendi que havia comido pouco, mas, porque engolia depressa demais, sem mastigar, senti meu estômago. Meu estômago inchou. Compreendi que ele estava cansado. Senti calor no estômago, e comecei a beber água. Meu estômago inchou mais ainda, mas estou com sede. Bebi muito. Sei que, com um tal alimento, a pessoa morre logo. Eu os fiz compreender o que havia observado, mas eles não compreenderam, pois eu lhes disse isso durante o almoço. Falei-lhes da morte dos animais, mas não diretamente. Eles não me compreenderam, pois comeram muito. Eu comi muito, mas não estou cansado, pois consigo escrever depois de comer. Minha mulher e Emma, a mãe de minha mulher, e também Oscar, têm vontade de dormir. Estão com preguiça, pois não querem levantar-se da mesa. Eles notaram que eu comi muito, por isso sabem que não sou avarento. Dei-lhes tudo o que eu tinha ao meu alcance. Fui buscar manteiga no armário, porque conheço os hábitos de Emma. Ela gosta de manteiga nas refeições. Dei-lhe manteiga, mas ela não comeu. Ela achava que eu gosto de manteiga, pois hoje de manhã comi muita. Ela veio da Hungria, onde as pessoas passam fome por causa do bloqueio imposto. Sei que foi a Inglaterra que impôs o bloqueio. Sei que Lloyd George quer manter o bloqueio, porque tem medo de uma revolta. Ele sabe que, se o homem comer bem, não mais precisa de nada, por isso o homem é capaz de tudo. O homem que comeu carne torna-se feroz e mata as pessoas. Lloyd George quer esfomear as pessoas, por isso julga útil não suspender o bloqueio. Sei que irão me

dizer que não foi Lloyd George quem impôs o bloqueio, mas o povo inglês, pois este o elegeu como presidente do Ministério* . Eu direi que não foi o povo quem o elegeu, mas as pessoas ricas. Sei que todos os ricos o compreenderão, porque ele defende os interesses dos ricos. Sei que me dirão que Lloyd George não é um homem rico e é de origem operária. Sei que tudo isso é mentira. Sei que Lloyd George tem muito dinheiro. Sei que Lloyd George é um homem ambicioso. Sei que irão me dizer que a ambição é uma boa coisa. Direi que a ambição é uma boa coisa, só que é preciso saber servir-se dela. Lloyd George se serve da ambição para as classes ricas. Eu me sirvo da ambição para todas as classes. Não sou um liberal, ou de qualquer outro partido. Sou sem partido. Sei que me dirão: "Você pertence ao partido dos sem-partido." Sei que existem pessoas sem partido, mas não pertenço a esse partido. Eu sou Deus, e Deus não é um partido, porque ama todo mundo. Sei que me dirão que no primeiro livro eu falei do partido de Wilson e que aprovei esse partido. A isso devo responder que considero o partido de Wilson como mais aperfeiçoado do que os outros partidos. Não quero partido. Quero o amor de uns pelos outros. Sei que me dirão: "Você não pertence a nada." Direi que não pertenço a nenhum partido. Pertenço a Deus, por isso cumpro todos os seus objetivos. Sei que muita gente dirá: "Que Deus lhe ordena cumprir tudo o que você faz? Você nos engana. Você é um homem primitivo, sem nenhuma cultura." Conheço todas essas respostas. Responderei com simplicidade. Eu sou o homem primogênito, de cultura divina, e não bestial. Não quero a morte. Quero a vida para as

* Primeiro-ministro (N. do T.).

pessoas. Amo as pessoas, e não a mim mesmo. Para mim o egoísmo e as ações bestiais não são a cultura. Eu amo as classes operárias, amo tanto as classes ricas quanto as classes pobres. Amo todo mundo. Não quero que todos sejam iguais. Quero que o amor seja igual. Quero que todo mundo se ame. Não quero que os domésticos só trabalhem por dinheiro. Quero que me amem. Meus domésticos me amam. Antes, eu não compreendia a vida, por isso injuriava meus domésticos. Sei que muita gente dirá que os domésticos são idiotas, e que se não lhes mostrarmos o punho eles não nos compreendem. Eu também tratei meus domésticos dessa maneira, mas hoje compreendo que estava errado em agir assim. Não quero que os domésticos sofram. Sei que me dirão que os domésticos não são agradecidos. A isso devo dizer que os domésticos são pessoas como nós, só que têm menos inteligência. Os domésticos sentem quando a gente não os ama, por isso ficam furiosos. Sei que me dirão que os domésticos não se devem enfurecer, pois são pagos. Direi que eles são pagos com seu próprio dinheiro, pois os domésticos trabalham por dinheiro. As pessoas esquecem que o trabalho é dinheiro. Pensam que o dinheiro conta mais que o trabalho. Hoje todo mundo observa que o trabalho vale mais caro do que o dinheiro, pois não há trabalhadores e não há dinheiro. Eu não valho mais que os outros. Eu sou um trabalhador. Sei que todo mundo trabalha, mas há trabalho e trabalho. Um bom trabalho é uma coisa útil. Eu também trabalho, quando escrevo estes livros. Sei que muita gente dirá que eu não trabalho, e sim escrevo para meu prazer. Responderei que não pode haver prazer quando um homem consagra todo o seu tempo livre à escrita. É preciso escrever muito para compreender o que é a escrita. A

escrita é uma coisa difícil, pois o homem se cansa de ficar sentado. Suas pernas se retesam e a mão que escreve fica dormente. Os olhos se estragam e o homem fica sem ar, pois o quarto não pode lhe dar ar suficiente. Morre-se depressa com uma tal vida. Sei que os homens que escrevem à noite estragam os olhos e usam óculos ou pincenês, e os hipócritas, um monóculo. Eu não uso óculos, pincenês ou binóculos, pois não escrevi muito, mas notei que, de tanto escrever por muito tempo, meus olhos se injetavam de sangue. Amo as pessoas que escrevem muito, pois sei que são mártires. Amo os mártires pelo amor de Deus. Sei que muita gente dirá que é preciso escrever por dinheiro, pois não se pode viver sem dinheiro. Direi com lágrimas nos olhos que essas pessoas se assemelham a Cristo na cruz. Choro quando escuto tais coisas, pois vivi isso de outra maneira. Eu dançava por dinheiro. Quase morri, pois ficava esgotado. Eu parecia um cavalo obrigado, a chicotadas, a puxar uma pesada carga. Vi carroceiros chicotearem seus cavalos até a morte, pois não compreendiam que o cavalo não tinha mais forças. O carroceiro conduzia o cavalo numa ladeira e o chicoteava. O cavalo caiu e todos os seus intestinos saíram-lhe por trás. Vi esse cavalo e solucei em minha alma. Eu queria soluçar bem alto, mas compreendi que as pessoas me tomariam por um choramingas, por isso chorava dentro de mim. O cavalo estava deitado de lado e berrava de dor. O grito era fraco, ele chorava. Eu sentia. Esse cavalo o veterinário matou com um tiro de revólver, pois teve pena desse cavalo. Eu conheço a história de um cachorro. Conheci um esportista francês, o sr. Raymond. Eu lhe disse que seu cachorro era muito bonito, mas ele, com voz embargada, me disse que iria abatê-lo, pois sentia que era melhor o animal morrer

do que passar fome. Compreendi que ele não tinha dinheiro, por isso quis ajudá-lo. Eu sabia que ele era um homem ambicioso, pois gostava de ganhar taças de prata nas corridas de *skeleton*. Chama-se *skeleton* um esporte em que a pessoa se deita de bruços num tobogã de aço e usa toda a sua força para adquirir velocidade. Uma tal velocidade é muito perigosa. Muitos esportistas morreram por acidente. Esses esportistas consomem vinho ou fumo, e por causa disso a menor coisa lhes excita os nervos. Eles vão para a pista e apelam para todas as suas forças. Ficam nervosos e se matam. Eu disse isso ao sr. Raymond, e ele me compreendeu. Caiu durante uma corrida e quase se matou. Eu lhe disse que, se ele estava nervoso hoje, era porque havia fumado muito. Fi-lo sentir que ele estava desgostoso. Notei sua lágrima, mas não demonstrei, pois tinha medo de que ele chorasse. Ele me disse que ia matar seu cachorro. Eu chorava na alma, e ele também. Sentiu que eu gostava do cachorro, foi embora e nos deixou, a mim e a minha mulher. Eu saí triste. Notei que, quando como carne e engulo sem mastigar, minhas fezes saem com dificuldade. Sou obrigado a fazer tanto esforço que minhas veias do pescoço e do rosto quase explodem. Notei que todo o meu sangue aflui para a cabeça. Compreendi que um tal esforço pode levar a gente à "apoplexia". Não conheço essa doença, mas conheço um incidente que quero contar. Minhas fezes não saíam. Eu sofria, pois sentia dor no ânus. Meu ânus não é grande, e as fezes eram grossas. Fiz mais um esforço, e as fezes avançaram um pouco. Comecei a transpirar. Senti frio e calor no corpo. Rogava a Deus que viesse em meu auxílio. Fiz outro esforço, e as fezes saíram. Eu chorava. Sentia dor, mas estava feliz. Quando tudo acabou, me limpei e isso me

machucou atrás. Notei que uma ponta do intestino havia saído e tive medo. Quis metê-la para dentro, pois achava que ela entraria, mas ela não entrou. Eu chorava. Temia por minha dança. Sabia o que é um intestino que sai por trás da pessoa. Eu chorava, e então Deus me disse que eu não devia comer carne e devia mastigar longamente a comida antes de a engolir. Fiz isso, e notei que as fezes saíam mais facilmente. Comecei a comer menos. Meu intestino entrou de novo. Fiquei feliz. Conheço pessoas que têm o intestino muito grande e que não podem nem ficar sentadas nem caminhar, e são obrigadas a recorrer a supositórios e a outros meios para que suas fezes saiam. Mas nenhum doutor, pelo menos que eu tenha ouvido falar, aconselhou as pessoas a abandonarem a carne e a pararem de engolir a comida em grandes pedaços. Sei que Oscar sofre dessa doença. Os doutores o aconselharam a se operar. Ele tem medo. Coça-se atrás. Eu vi, quando dormia no mesmo quarto que ele, pois minha mulher ainda tem medo de mim, porque o Doutor Fränkel lhe disse que eu estava doente dos nervos. Sei que as pessoas morrem de "câncer", por isso penso que o câncer não é outra coisa senão a decomposição do sangue. As pessoas se alimentam de todo tipo de conserva e de carne, por isso o sangue delas segrega substâncias inúteis. Minha mulher e todo mundo têm medo do "câncer". O Doutor Fränkel riu quando eu lhe falei do "câncer". Riu, pois pensava que eu não compreendia nada em medicina. Mostrei-lhe um exemplo, e ele se interessou, mas estava cansado por haver comido, por isso abandonou essa conversa. Estávamos comendo ao mesmo tempo, pois minha mulher o convidara à nossa casa. Ele me observava, pois queria compreender se eu estava louco ou não. Continua conven-

cido de que em mim "existe alguma coisa que não bate bem". Eu sei que ele é que tem "alguma coisa que não bate bem", pois é um homem nervoso. Fuma bastante, pois adquiriu esse hábito na escola. Acho que muitas pessoas fumam para fazerem um gênero. Notei que as pessoas que fumam têm uma postura altiva. Visitei o presidente* de Saint-Moritz, o sr. Hartmann. Queria dar a ele um pouco de vida, por isso fui conversar. Oscar começou a falar com o presidente. Notei que o presidente havia assumido um ar altivo, e Oscar também, e eles começaram a fumar. Eu observava as montanhas com um óculo-de-alcance, pois me haviam dito que lá a gente podia ver cervos. Olhei e não vi nada, e disse que preferia não ver os cervos, pois tinha vindo para vê-los, a eles. Eles começaram a rir, e senti que não se interessavam por mim. Interessavam-se por Oscar. Deixei-os, e comecei a procurar os cervos. Regulei o óculo-de-alcance e apontei-o para um cervo. O cervo não teve medo de meu olhar, e eu pude vê-lo bem. Fiquei vendo um cervo velho e gordo. Ele me lembrava o presidente Hartmann. Eu disse a eles que o cervo me havia virado as costas. Queria que me sentissem, mas eles não me davam atenção. Senti que pensavam mas não sentiam, e fiquei magoado. Notei que eles achavam que eu estava louco, pois, quando a presidenta me perguntou como estava minha saúde, respondi que continuava em boa saúde e ela sorriu. Isso me magoou, e eu chorei na alma...

Como não tinham o que fazer, a mãe de minha mulher, minha mulher e Oscar vieram à sala. Minha mulher pediu que eu mostrasse meus desenhos. Fingi não querer.

* Trata-se do prefeito de Saint-Moritz (N. do T.).

Mostrei-lhes desenhos que eles já haviam visto. Minha mulher pediu que eu mostrasse outros desenhos. Peguei uma pilha de desenhos nos quais trabalhei incessantemente durante dois ou três meses e joguei-os no chão. A mãe de minha mulher, minha mulher e Oscar sentiram que eu não gostava de meus desenhos. Eu lhes disse que ninguém se interessava por aquilo, por isso eu os havia tirado da parede. Eles disseram que lamentavam e começaram a examiná-los. Expliquei-lhes o sentido de meus desenhos. Disse que em Paris me compreenderiam, pois lá as pessoas sentem muito. Falei de propósito, pois queria mostrar-lhes os dentes. Eles sentiram e disseram que também compreendiam. Eu não disse mais nada. Mostrei-lhes certos desenhos, pois queria que eles os sentissem, mas sentia que eles pensavam, por isso me afastei, chorando na alma. Eu tenho uma alma, por isso choro quando sinto que não me compreendem. Sabia que eles não me compreenderiam, por isso tirei todos os desenhos da parede de meu quarto. Escondi todos os meus manuscritos embaixo do piano. Eu sabia que ninguém compreenderia meus manuscritos, mas pensava que o Dr. Fränkel enviaria pessoas para se apoderarem de meus manuscritos e os conservaria por certo tempo a fim de traduzi-los. Eu não queria mostrar meus manuscritos, pois tinha certeza de que o Doutor Fränkel não os compreenderia e me tomaria por louco. Tinha medo por minha mulher, por isso escondi os cadernos. Escondi todos os meus cenários, pois sinto que eles não os compreenderão. Não esconderei meus desenhos, porque eles já os viram. Não quero provocar maus sentimentos enquanto a mãe de minha mulher estiver aqui, pois não quero que ela leve minha mulher. Sei que ela gosta de dinheiro. Sei que ela nos havia convidado

para sua casa, pois esperava obter o dinheiro de minha mulher. Eu não tenho dinheiro, por isso tive medo de que me trancassem numa casa de loucos. Oscar e outros parentes de minha mulher possuem ações numa casa de loucos. Compreendo o objetivo das pessoas, sem palavras. Sinto nojo. Não estou zangado, mas enojado. Tenho medo de Oscar e de Emma. Eles estão mortos, os dois. Quero ajudá-lo, porque notei que ele me sentia. Esta noite, quando estávamos deitados lado a lado, notei que ele ainda sentia, porque, quando eu senti, ele também sentiu. Fiz a experiência quando ele adormeceu. Oscar mexeu um dedo quando eu pensei em Deus. Oscar se virou quando eu senti Deus. Notei, mas não compreendi. Senti que era Deus quem agia. Acabo de perceber isso. Comecei a pensar que era preciso escrever, e não pude. Deus faz isso de propósito, ele quer me mostrar o que é Deus. Escrevi "ele" com minúscula, pois notei que a Deus pouco importava com que letra a gente o escreve. Os alemães puseram deus no mesmo nível de todos os substantivos. Os alemães pensam que o substantivo é Deus. Já eu penso que todos são iguais* .

Compreendi que o preço do papel aumentou, por isso comprarei bastante papel em Zurique, pois pretendo trabalhar muito. Sei que as pessoas são más e não me darão aquilo de que preciso, por isso devo velar por meus interesses. Deus vela pelos meus interesses. Ele me prometeu que eu ganharia na Bolsa. Eu queria escrever Bolsa** com maiúscula, mas isso me contrariou e escrevi com minús-

* Alusão às regras da ortografia alemã, na qual os substantivos são escritos com maiúscula (N. do T.).

** Contraditoriamente, e apesar da observação, o termo Bolsa está escrito com maiúscula (N. do T.).

cula. Deus não gosta da Bolsa, mas quer que eu aposte. Quer que eu cumpra sua tarefa. Ele me diz com freqüência que eu vou perder, mas estou certo de ganhar, pois quero consagrar esse dinheiro à realização de Sua tarefa...

Eu me canso de escrever a caneta, mas escreverei, pois quero deixar meu manuscrito às pessoas. Quero terminar estes livros a caneta. Procurarei uma caneta mais aperfeiçoada. Amanhã irei a Zurique com Oscar, minha Mulher e a mãe dela. Não gosto de chamar pelo nome a mãe de minha mulher, pois sinto que ela é má. Não gosto das pessoas más. Chamei Lloyd George, Diaghilev etc pelos nomes porque fica mais fácil para as pessoas tê-los na cabeça. De propósito cometi erros no nome de Diaghilev, pois quero que ele veja que eu esqueci como se escreve seu nome*.

Quero continuar a escrever nesta linha, mas Deus não quer que eu escreva na mesma linha de Diaghilev. Percebi meu erro, pois escrevi o nome de deus e o de Diaghilev com maiúscula. Quero escrever deus com minúscula, pois quero estabelecer a diferença...

Tenho vontade de ir passear, pois estou cansado de ficar sentado, e, se não me perceberem, irei sozinho. Todo mundo pensará que eu estou trabalhando, e sairei pela escada de serviço. Subirei bem alto e olharei para baixo, pois quero sentir a altitude. Estou indo...

Saí pela escada de serviço, e senti o frio. Sei que eles todos estão sentados na sala de jantar, por isso passei ao lado sem fazer barulho. Sei que as pessoas não têm nada para fazer, por isso impedem os outros de viver. Eu não

* Nijinski escreve errado o nome de Diaghilev, risca-o e depois volta a escrevê-lo, desta vez corretamente (N. do T.).

quero impedir os outros de viver. Deixei a sala de jantar, pois senti que lá não gostavam de mim. Encontrei o doutor Fränkel, ele tinha um ar entediado. Apertei a mão dele, mas antes lhe disse: "Todo mundo está doente." Senti frio na alma, por isso deixei o aposento.

Oscar veio me ver e me convidou para tomar chá. Oscar sentiu que o doutor Fränkel estava zangado, por isso quis nos reconciliar. Eu não queria me reconciliar, por isso o retive. Contei a Oscar meu projeto de um grande trabalho, dizendo que o trabalho não me cansava os nervos. Tive a impressão de que ele me compreendeu, pois concordou comigo. Oscar concorda depressa com meu raciocínio. Eu queria provar a ele que a escrita de Deus não cansa os nervos. Não tenho medo do cansaço de Deus...

Tomei chá com o Doutor Fränkel, Oscar, a mãe de minha mulher e minha mulher. Fiquei bebendo tranqüilamente, mas depois de algum tempo senti a conversa e comecei a divertir todo mundo. Diverti-os de propósito. Falei coisas que eu compreendia. Brinquei. Todo mundo ficou alegre. Notei que o Doutor pensava que eu queria zombar dele, por isso mudei de conversa. Minha conversa era sobre os bolcheviques na Rússia. Eu queria contar uma história, mas não podia, porque Deus queria que fosse minha mulher quem contasse. Ela não podia falar, porque não O sentia. Eu a ajudei, lembrando-a. Eu não queria falar muito, mas Deus queria que eu excitasse todo mundo. Excitei todo mundo e saí. Senti Fränkel, porque ele queria falar à minha mulher. Saí, pois achei que não queriam saber de mim. Fränkel vai embora, e eu fico. Não quero acompanhá-lo, pois quero fazê-lo sentir que ninguém precisa da opinião dele...

O doutor Fränkel veio me dizer até logo. Apertei-lhe a mão. Ele me pediu que eu não escrevesse demais. Eu lhe disse que não temesse por mim. Ele me perguntou se eu queria ver o doutor em Zurique. A isso respondi que não sabia, mas que, se minha mulher quisesse, eu iria. Ele me disse que seria muito bom ir ver esse doutor, porque ele é muito bom. Eu disse que iria vê-lo se ele acalmasse minha mulher. O doutor Fränkel me compreendeu. Apertei-lhe a mão, e ele me disse que era aluno desse doutor. Senti que ele estava mentindo, pois não compreende nada sobre nervos. Ele mesmo bebe chá, vinho e fuma muito, por isso seus nervos ficam exaltados. Sei que o doutor Ranschburg não fuma, pois não cheira a tabaco...

Começo a ter dor de cabeça, pois comi muito. Comi muito, pois não queria que a mãe de minha mulher achasse que eu sou avarento. Ela sente que eu não sou avarento. Oscar me ama, pois se preocupa com minha saúde. Convenceram-no de que trabalhar demais me fazia mal. Fiz Oscar sentir que eu estou em boa saúde, porque trabalho muito. Compreendo por que as pessoas se cansam. Elas comem muito e isso lhes faz o sangue subir à cabeça, quando pensam. Estou com náusea e engulhos, e ao mesmo tempo uma leve dor de cabeça. Não comerei muito esta noite, e sei que de manhã tudo isso se terá acalmado...

Partirei para Zurique antes das sete horas da manhã, por isso irei me deitar mais cedo, pois quero que o doutor dos nervos me veja em bom estado. Falarei a ele sobre os nervos, pois essa ciência me interessa. Já sei certas coisas sobre essa ciência, mas as descreverei mais tarde. Não escreverei em Zurique, pois sinto um grande interesse por essa cidade. Irei ao bordel, pois quero sentir uma cocote.

Esqueci o que é uma cocote. Quero compreender a psicologia das cocotes. Irei a várias cocotes, se Deus assim me ordenar. Sei que Deus não gosta disso, mas sinto que ele quer me experimentar. Sinto uma grande força espiritual, por isso não cometerei erro. Darei dinheiro à cocote, mas não farei nada com ela. Sinto desejo, mas, ao mesmo tempo, medo. Sinto que o sangue me sobe à cabeça. Sinto que, se eu começar a pensar, terei um ataque de apoplexia. Eu não penso, pois não gosto disso. Sei o que é um ataque de apoplexia, tive oportunidade de saber. Meu amigo Serge Botkin me curou da tifóide, no ano de meu início em Paris. Ele me curou da tifóide. Eu havia bebido água de garrafa, pois era pobre e não podia comprar água mineral. Havia bebido muito depressa, sem desconfiar de que havia veneno ali. Fui dançar e à noite, quando voltei, senti fraqueza no corpo. Diaghilev chamou o doutor Botkin, porque o conhecia bem. Serge Botkin era doutor do czar. Eu tinha sentido a febre, e não tinha medo. Eu não sabia o que era. Serge Botkin me olhou e compreendeu tudo. Senti o medo. Notei que o doutor e Diaghilev trocavam olhares. Eles se compreenderam sem uma palavra. Eu também compreendi sem uma palavra. Botkin examinou meu peito e viu botões. Compreendi que ele estava com medo. Eu também tive medo. Ele ficou nervoso e chamou Diaghilev ao aposento vizinho. Hoje essa casa está demolida. Chorei, quando vi a demolição. Era uma casa pobre, mas, com meu dinheiro, eu não podia viver melhor. Diaghilev me fez sua proposta nessa casa, quando eu estava com febre alta. Aceitei. Diaghilev compreendia meu valor, por isso tinha medo de que eu o deixasse, pois na época eu ainda queria fugir, tinha vinte anos. Eu tinha medo da vida. Não sabia que eu era Deus. Chorava e cho-

rava. Não sabia o que fazer. Eu tinha medo da vida. Sabia que minha mãe também tinha medo da vida, por isso me transmitira esse medo. Eu não queria aceitar. Diaghilev estava sentado em minha cama e exigia. Ele me inspirava medo. Tive medo e aceitei. Eu soluçava e soluçava, pois havia compreendido a morte. Não podia fugir, pois tinha febre. Estava só. Estava chupando uma laranja. Tive sede e pedi a Diaghilev que me desse uma laranja. Ele me trouxe uma laranja. Adormeci com a laranja na mão, pois acordei com a laranja esmagada e caída no chão. Dormi muito tempo. Não compreendia o que eu tinha. Perdi os sentidos. Tinha medo de Diaghilev, e não da morte. Sabia que estava com febre tifóide, pois tinha tido isso na infância, e me lembrava de que a tifóide se reconhece por botões no corpo. Meus botões não eram os do sarampo, pois sei o que é o sarampo. Descreverei o sarampo mais tarde...

Um dia o doutor Botkin visitou Tamara Karsavina, a famosa bailarina. Tamara Karsavina era casada. Havia desposado Mukhin. Mukhin não era rico, mas conseguira dar-lhe um apartamento. Eles não tinham filhos. O doutor Botkin visitou Karsavina e mais tarde, ao voltar para casa à noite, caiu duro, morto, no quarto. Vi que Karsavina estava muito nervosa, a morte dele lhe era desagradável, porque ele morrera depois de havê-la deixado. Senti que Karsavina era responsável por essa morte, porque o havia excitado. Serge Botkin gostava de comer, pois notei que ele tinha pescoço grosso e face congestionada. Compreendi que ele tinha muito sangue. Notei que todo mundo se inquietava. Notei que todo mundo zombava. Tenho certeza de que Karsavina flertava com ele, porque ele era um homem da corte. Chama-se corte a família imperial.

Karsavina flertava, pois pensava ganhar alguma coisa com isso. Botkin fazia cumprimentos, pois achava que as pessoas têm o direito de cortejar as bailarinas. Eu sentia amor por Karsavina. Não lhe desejava mal. Botkin também não lhe desejava mal, mas achava que convinha cortejar as bailarinas. Estou convencido de que ele não fez nada com ela. Estou convencido, pois sei o que é Karsavina...

Botkin morreu de um ataque de apoplexia, pois estava irritado. Certamente estava irritado por causa do coquetismo dela. Ela flertava e ele a desejava. Sei que Karsavina é uma mulher honesta, pois havia notado isso. Eu também a desejava um pouco, porque ela tem belas formas. Eu sentia que era impossível cortejá-la, por isso ficava irritado. Cortejei-a em Paris. Minha corte consistia em fazê-la sentir que ela me agradava. Karsavina sentiu, mas não me correspondeu, porque era casada. Senti meu erro e beijei-lhe a mão. Ela sentiu que eu não queria nada, e isso lhe deu prazer. Conheço bem Karsavina, pois trabalhei com ela cinco anos seguidos. Eu era jovem e fazia muitas tolices. Brigava com Karsavina. Não queria me desculpar. Não queria me desculpar, pois ficava ofendido. Compreendi que Diaghilev a dispusera contra mim, porque percebera que eu a cortejava. Karsavina me chicaneou por uma bobagem e eu me irritei. Chorava amargamente, pois amava Karsavina como um homem ama uma mulher. Ela sentia que eu a havia ofendido, por isso ela chorava... Serge Botkin havia morrido. Todo mundo chorava, pois todo mundo gostava dele... Minha mulher veio agora e me beijou. Senti alegria, mas Deus não quis que eu mostrasse minha alegria à minha mulher, pois quer modificá-la...

.....

Botkin morreu. Vi o cadáver dele de longe. Estava estendido sobre um catafalco. Compreendi a morte e tive medo. Saí sem beijar o cadáver* . Todo mundo beijava o cadáver. Eu não podia ver aquilo tudo. A família chorava, e os conhecidos fingiam estar tristes. Inspeccionavam o apartamento e os quadros, avaliando-lhes o preço. Sei que, depois da morte de Serge Botkin, todas as suas coisas foram vendidas, pois sua mulher não gostava dos caprichos dele. Serge Botkin gostava de comprar quadros, pois haviam-no convencido de que convinha comprar quadros antigos. Seu apartamento era repleto de quadros antigos. Notei que as pessoas não se interessam por quadros novos, pois acham que não compreendem a arte. Compram quadros antigos para mostrar seu amor à arte. Compreendi que as pessoas amam a arte, mas têm medo de dizer a si mesmas "eu compreendo a arte". As pessoas são muito medrosas, pois os críticos lhes fazem medo. Os críticos fazem medo, pois querem que a gente lhes peça opinião. Os críticos pensam que o público é bobo. Os críticos pensam que é preciso explicar os quadros ao público. Os críticos pensam que sem eles não haveria arte, pois o público não compreenderia as coisas que viu. Eu sei o que é a crítica. A crítica é a morte. Uma vez falei com um homem, num barco, ao voltar de Nova Iorque para Boston. Falei enfurecido, porque ele me havia provocado. Notei que era um policial russo que se ocupava das perturbações internas. Ele pensava que eu era anarquista. Não sei por que ele pensou que eu era anarquista. O rosto dele era mau.

* Na Igreja ortodoxa, é de costume que o corpo do defunto seja exposto no caixão aberto, na igreja, e que, como adeus, os parentes e amigos lhe beijem a testa (N. do T.).

Ele não gostou de mim, por isso eu o senti e desconfiei dele. Eu me interessava por minhas idéias sobre a crítica, por isso falei da crítica. Ele tinha querido falar comigo, pois esperava me provocar para uma conversa sobre política interna. Compreendi e decidi irritá-lo, explicando-lhe a questão que ele me apresentara. Falei alto, pois queria impor respeito. Ele achou que eu me zangara, e fingiu zangar-se também. Notei que seu rosto não vivia, quando ele falava comigo. Ele não estava nervoso, quando representava o nervosismo. Compreendi que eu representava melhor do que ele. Comecei a explicar-lhe a crítica. Ele me escutava, pois estava cansado de me contradizer. Cortava-me a palavra, pois queria que eu mudasse de conversa, mas eu não largava o assunto abordado, pois gostava desse assunto. Isso o desagradou, e ele ficou nervoso. Notei que o que eu dizia o desagradava, e ele se afastou deixando inacabada minha questão sobre a crítica. Mais tarde, eu soube que ele perguntara à minha mulher se eu era "niilista". Não sei o que significa "niilista". Sei pouco sobre o "niilismo". Não compreendo todas essas palavras, pois não sou muito instruído. Estudei na Escola Imperial, onde não me ensinaram todas essas palavras. Eu era um pupilo imperial. Não compreendia nada de política interna, antes de me casar. Compreendi-a já casado, pois tinha medo da vida, e precisava viver. Escreverei sobre a política mais tarde. Quero falar da crítica, pois toquei nessa questão. Não gosto da crítica, porque é uma coisa inútil. Sei que me dirão que a crítica é uma coisa indispensável, pois sem ela não se compreenderia o que convém e o que não convém. Sei que os críticos escrevem porque querem dinheiro. Sei que o dinheiro, na organização atual da vida, é indispensável. Sei que me dirão que os críticos traba-

lham muito no que escrevem. Direi que os críticos trabalham pouco, pois não fazem arte, e sim escrevem sobre arte. O artista consagra toda a sua vida à sua arte. O crítico fala mal dele, porque não gosta do quadro. Sei que me dirão que o crítico é um homem imparcial. Direi que o crítico é egoísta, porque escreve sua opinião, e não a opinião do público. Os aplausos não são a opinião. Os aplausos são um sentimento de amor pelo artista. Eu amo os aplausos. Compreendo o sentido dos aplausos. Falarei dos aplausos mais tarde. O crítico não sente os aplausos. O crítico fala mal dos aplausos, pois quer mostrar que compreende melhor que os outros. O público parisiense não escuta a crítica. A crítica parisiense ataca o público, porque não consegue influenciá-lo. Calmette era um grande crítico, pois escreveu críticas sobre o teatro e a política. Ele demoliu o *Fauno* dizendo que o balé era obsceno. Eu não estava pensando na obscenidade, ao compor esse balé. Eu o compus com amor. Imaginei sozinho todo o balé. Dei a idéia do cenário, mas Bakst Lev não me compreendeu. Trabalhei muito tempo, mas bem, pois sentia Deus. Eu amava esse balé, por isso transmiti meu amor ao público. Rodin escreveu uma boa crítica, mas sua crítica foi influenciada. Rodin a escreveu porque Diaghilev pediu. Rodin é um homem rico, por isso não precisava de dinheiro, mas foi influenciado, pois jamais havia escrito crítica. Rodin ficou nervoso, pois não gostou da crítica que fez. Ele queria me desenhar, pois queria fazer um mármore meu. Olhou meu corpo nu e achou-o malfeito, por isso rasurou seus croquis. Compreendi que ele não gostava de mim, e fui embora...

Calmette escreveu a crítica dele no mesmo dia. Pela conversa de Diaghilev com Bakst, compreendi que

haviam zombado de Calmette na sociedade. Calmette perdeu a confiança do público como crítico de teatro...

.....

Svetlov, um crítico de Petersburgo, escreveu na *Petersburgskaia Gazeta** uma crítica sobre o *Fauno*, sem ter assistido a uma representação. Escreveu-a porque havia lido o *Figaro*, e o *Figaro* era o jornal mais difundido. Escreveu-a sob a impressão da crítica de Calmette. Não esteve no teatro, sei disso porque Diaghilev queria que ele fosse, a fim de ajudar no trabalho dos Ballets Russes. Svetlov achava que os Ballets Russes haviam "fracassado", por isso apressou-se em prevenir o público russo, por medo de que os outros jornais russos publicassem alguma coisa antes dele. Sei que Svetlov lê o *Figaro*, por isso compreendi que ele recebera o jornal antes de viajar. Ele não havia lido o jornal de Paris, *Le Matin*, por isso não havia lido a crítica de Rodin. Se ele tivesse lido a crítica de Rodin, tenho absoluta certeza de que não teria escrito a crítica de Calmette, mas sim teria escrito a crítica de Rodin. Percebi a inquietação de Svetlov, quando chegou a Paris. Ele compreendera seu erro, por isso me evitava. Eu não tinha medo dele, pois sabia que ele era mau. Não tenho medo das pessoas más, ao contrário, faço-lhes guerra. Fiz guerra a Svetlov, não o cumprimentando. Ele sentiu e fez papel de quem não gostava de meus balés, mas não escrevia mais nada sobre mim. Escreveu uma história do balé sem a conhecer, pois minha vida não era descrita ali. Fui ignorado. Eu chorava, pois havia trabalha-

* Jornal de São Petersburgo (N. do T.).

do muito pelos Ballets Russes. Diaghilev ficou furioso, mas não demonstrava nada. Acho que Svetlov escreveu esse livro de propósito, para mostrar a Diaghilev que não havia copiado a crítica de Calmette. Svetlov viu que todo mundo zombava dele, por isso escreveu esse livro para se justificar...

.....

Quero escrever sobre minha vida de artista. Eu era nervoso, pois me masturbava muito. Eu me masturbava porque via muitas mulheres que flertavam. Desejava-as e me masturbava. Notei que meus cabelos começavam a cair. Notei que meus dentes começavam a apodrecer. Notei que estava nervoso e dançava menos bem. Comecei a me masturbar uma vez a cada dez dias. Achava que dez dias eram um prazo necessário, que todo mundo devia gozar uma vez de dez em dez dias, pois ouvira os mais velhos dizerem isso. Eu não passava dos dezenove anos quando comecei a me masturbar uma vez a cada dez dias. Gostava de ficar deitado na cama e de pensar nas mulheres, depois me cansei e decidi me excitar por mim mesmo. Olhava meu pau duro e me excitava. Isso não me agradava, mas eu pensava que, "se havia posto a máquina em andamento, devia ir até o fim". Acabava depressa, com a sensação de uma onda de sangue na cabeça. Não tinha dor de cabeça, mas sentia uma dor nas têmporas. – Neste momento, tenho dor de estômago, porque comi muito, e nas têmporas a mesma dor de antigamente, quando me masturbava. - Eu me masturbava pouco quando dançava, pois compreendera a morte de minha dança. Comecei a poupar as forças, por isso parei. Comecei a "correr atrás

das putas". Tinha dificuldade de encontrar cocotes, pois não sabia onde procurá-las. Eu gostava das cocotes em Paris. Elas me excitavam, mas, depois de uma vez, eu não queria fazer mais nada. Gostava dessas mulheres, porque eram boas pessoas. Toda vez, depois de possuí-las, me sentia mal. Não estou escrevendo este livro para que as pessoas se excitem. Não gosto do desejo. Não fico excitado enquanto escrevo estas linhas. Choro amargamente. Sinto tudo o que vivi, por isso escrevo sobre a excitação. Meu desejo quase me pôs a perder. Senti que enfraquecia. Não podia compor *Jogos*. Compus esse balé sobre o desejo. Não fui bem-sucedido nesse balé, porque não o sentia. Havia começado bem, mas me apressaram e não o concluí. Nesse balé vê-se o desejo de três jovens. Aos vinte e dois anos, eu compreendi a vida. Compus sozinho esse balé. Diaghilev e Bakst me ajudaram a escrever o tema do balé, pois Debussy, o famoso compositor de música, exigia o tema no papel. Pedi ajuda a Diaghilev, e Bakst e ele escreveram meu tema. Contei minhas idéias a Diaghilev. Sei que Diaghilev gosta de dizer que foi ele quem as imaginou, pois gosta de cumprimentos. Alegra-me que Diaghilev diga que imaginou os temas do *Fauno* e de *Jogos*, pois compus esses balés sob a impressão de minha vida com Diaghilev. O *Fauno* sou eu, e *Jogos* é a vida com que Diaghilev sonhava. Diaghilev queria ter dois garotos. Mais de uma vez me falou dessa intenção, mas eu lhe mostrei os dentes. Diaghilev queria amar dois garotos ao mesmo tempo, e queria que esses garotos o amassem. Os dois garotos são as duas moças, e Diaghilev é o rapaz. Disfarcei esses personagens de propósito, pois queria que as pessoas sentissem repulsa. Eu sentia repulsa, por isso não pude terminar o balé. Debussy também não gostava

da idéia, mas havia recebido dez mil francos por esse balé, por isso precisava terminá-lo...

Sei que devo ir a Zurique amanhã, por isso vou me deitar.

Não fui me deitar, pois Deus queria me ajudar. Sinto um pouco de dor de cabeça e queimações no estômago. Chamo de "queimação" quando o estômago da gente arde. Não gosto de dor de estômago, por isso quero que as dores cessem. Pedi a Deus que me ajudasse. Notei que meu estômago não funciona quando estou deitado, por isso decidi não me deitar. Dormirei no trem, pois estou farto de Oscar e da mãe de minha mulher. Eles estão aqui há um dia apenas. Não tenho vontade de conversar com eles. Disse à minha mulher, para sua mãe ouvir, que "eu não podia falar, pois precisava terminar meu trabalho, porque em Zurique não vou escrever". Minha mulher compreendeu, por isso não respondeu nada, mas não sei o que a mãe dela sentiu, pois não lhe vi o rosto. É uma mulher ardilosa. Durante o jantar, dei-lhe uma tangerina que havia sobrado na minha porção. Ela queria mais tangerina, por isso começou a falar de tangerinas. Dei-lhe minha tangerina e disse que, para mim, tanto fazia uma tangerina ou uma laranja. Ela pegou a tangerina e não disse nada. Mostrei-lhe os dentes. Oscar a defendeu. Mostrei os dentes outra vez, peguei nervosamente a tangerina de volta, dei uma parte a Oscar e ofereci a outra à minha mulher. Minha mulher a recusou, pois pensava que eu gostava de tangerina. Depositei a tangerina no prato de sua mãe, mas esta não a comeu, então eu lhe mostrei os dentes mais uma vez, dizendo que ela parecia Tessa. Também falei da manteiga. Ela me compreendeu, pois não disse nada. Falei dessa maneira para que ela me com-

preendesse. Ela sentiu minhas alfinetadas, mas fingiu não entender. É uma mulher muito hábil. Ela me lembra Diaghilev. É uma artista muito boa, por isso sabe representar. Eu compreendo a representação, porque a sinto. Sei que me dirão que todos os artistas sentem, pois sem sentimento não se pode representar. A isso, devo dizer que todos os artistas sentem, mas que nem todos sentem bem. Estou coçando o nariz, pois sinto os pêlos se mexerem lá dentro. Notei que os pêlos se mexiam por causa dos nervos. Eu não tenho cabelos na cabeça, porque era nervoso...

Sei que me dirão que a mãe de minha mulher é uma grande artista. A isso direi que compreendo o que é um artista, pois eu mesmo sou artista. Conheço-a como pessoa, por isso posso avaliar sua atuação. Já notei em Budapeste, quando estava confinado, que ela fingia na vida. Sei que todo mundo dirá que eu também finjo na vida, dizendo que Deus o quer. Devo dizer que eu finjo porque Deus me ordena, e a mãe de minha mulher finge com objetivo egoísta. Ela não se agradou de eu a ter convidado para viver conosco, porque gosta de tiranizar os empregados e notou que eu amo os empregados. Ela sabe que eu não cortejo as camareiras. Briga com os empregados por hábito. Não quero que me mandem ir me deitar. Irei me deitar quando Deus ordenar. Eu disse à minha mulher que iria me deitar logo, mas sei que vou escrever por muito tempo. Não gosto que me perturbem quando estou trabalhando. Sei por mim mesmo o que me convém. Peço ajuda, e não transtorno. Eu não sou o transtorno. Sou a ajuda...

Ela briga com os empregados por hábito. Eu não gosto de brigar com os empregados. Gosto de partilhar. A

mãe de minha mulher não ama os empregados, pois os empregados lhe mostram os dentes. Os empregados lhe mostram os dentes porque ela não os compreende. Eu amo os empregados, por isso faço aquilo de que eles gostam. Não quero mimar os empregados. Eu não sou um mimo. Sou o amor. Escreverei sobre o amor pelos empregados mais tarde...

.....

Quero escrever muito sobre a vida da mãe de minha mulher. Sei que todo mundo dirá que eu sou tão ator quanto ela, mas a diferença é que ela é mulher e artista dramática, e eu sou homem e bailarino. Entendo que as pessoas não têm confiança nos bailarinos, por isso quero mostrar o que é um bailarino... Eu amo a mãe de minha mulher enquanto ser humano, mas não a amo como pessoa na vida. Ela é uma mulher má. Sente muito pouco. É egoísta em último grau. Ama apenas a si mesma. Eu compreendo por que seu primeiro marido e pai de minha mulher se suicidou. Compreendo por que uma mulher que era empregada dela lhe deu um tiro. Compreendo por que ela não quis abrir processo. Tinha medo de que o tribunal descobrisse suas injustiças. Tinha medo a cada vez que aquela mulher passava perto de sua casa. Entendo que uma pessoa não pode ter medo sem razão. Sei que a razão era simples. Ela não amava aquela mulher, porque esta bebia vinho. A mãe de minha mulher gritou-lhe tanto que o sistema nervoso da outra quase explodiu, porque ela estava em pleno delírio. Eu sei o que é o delírio. Isso deixa a pessoa louca durante algum tempo. Todos os bêbados estão sujeitos a essa doença...

A mãe de minha mulher teve medo e trancou a porta a chave. Minha mulher me contou essa história, por isso eu sei de tudo. A mulher atirou na porta, mas antes se escondera atrás de um móvel. Quando a mãe de minha mulher entrou no aposento, a mulher lhe apontou o revólver. A mãe de minha mulher pôs-se a correr de um canto a outro do aposento, depois escapuliu fechando a porta. A mulher se aborreceu e começou a atirar na porta. Senti que essa mulher estava ofendida. Eu não dizia a verdade quando defendia a mãe de minha mulher, dizendo que ela, e não a mulher, era quem tinha razão. Acabo de compreender essa história, pois Deus me ajudou. Eu amo Deus, por isso ele me ajuda...

.....

Meus nervos do nariz se acalmaram, mas os nervos do crânio estão me incomodando, pois sinto que o sangue me reflui da cabeça. Meus cabelos se mexem, porque eu os sinto. Comi muito, por isso sinto a morte. Não admito a morte, por isso rogo a Deus que me ajude...

Quero escrever com letra bonita, pois sinto a beleza. A mãe de minha mulher foi uma bela mulher. Estragou-se a si mesma, porque está todo o tempo enfurecida, dizendo que sua bílis se encontra em mau estado. Em Budapeste, eu lhe dizia que ela sofria da bílis, porque não parava de chicanear e chicanear. Ela não acreditou em mim. Não acredita em ninguém. É uma mulher má. Recorre a astúcias, pois quer publicidade. Finge amar as pessoas simples. Aperta a mão dos condutores de bonde para se mostrar. Faz isso desajeitadamente, pois eu notei que os condutores enrubescem. Ficam sem graça, pois acham que ela

zomba deles. Ela lhes sorri à maneira de Lloyd George. Sei que me dirão que ela é uma boa mulher, pois chora quando vê ofendidos. Sei que me dirão que ela faz caridade quando encontra colocação para mulheres sem trabalho. Eu mesmo, por muito tempo, pensei que ela era uma boa mulher, mas, por simples acaso, notei que ela não amava minha mulher. No dia em que nos conhecemos, ela quis me agradar, por isso me mostrou antigas fotografias de minha mulher. Minha mulher começou a chorar, pois se sentiu ofendida. Eu também me senti ofendido e fui embora. Desde então, não mais confiei na mãe de minha mulher. Eu a detestava, mas fingia. Ela sentia minha força, pois notou que eu não lhe dava atenção alguma. Provocava-me irritação, e nós brigávamos. Temia que eu falasse mal dela, por isso dizia que eu era horrível e não a amava. Descobri isso ao ver que todo mundo começava a me virar as costas. Quem antes me abraçava não me cumprimentava mais. A mãe de minha mulher ficava no auge da alegria, pois me acreditava vencido. Eu não estava vencido, pois não estava zangado com ela. Fingia, pois queria que ela melhorasse. Mostrava-lhe os dentes todo dia. Ela me mostrava os dentes em dobro. Eu dupliquei e ela triplicou, e assim nós brigamos durante dezoito meses, os difíceis meses em que estive confinado.

A mãe de minha mulher é hipócrita. Ela me lembra Lloyd George. É uma mulher má. Não gosto de pessoas más, por isso quero desarmá-las escrevendo sobre suas vidas. Essas pessoas se enfurecerão ao lerem estas linhas, mas eu ficarei no auge da alegria, pois terei dado a ela uma boa lição. Quero que, antes de morrer, ela perceba suas injustiças em relação às pessoas e se desculpe. Não quero desculpas em público, mas quero que ela sinta.

Quero que ela deplore toda a sua vida passada. Sei que toda a crítica húngara se levantará e que as pessoas falarão mal de mim, por isso pedirei a Deus que desarme a crítica. Responderei se Deus me ordenar. Sei que as pessoas me compreenderão, por isso agradecerei a Deus por seu amor. Sei que ele me ama e me ajudará em tudo. Eu sou pobre. Sou miserável. Não tenho pão nem teto, pois não possuo nada. A mãe de minha mulher tem uma casa de três andares com colunas de mármore. Ela gosta da casa, porque esta custa caro. Eu não gosto da casa, pois foi construída tolamente. Sei que muita gente dirá que eu não compreendo a beleza dessa casa, porque ela contém grande quantidade de belos quadros antigos e tapeçarias. Direi que não gosto do antigo, pois o antigo tem cheiro de morte. Sei que muita gente dirá que eu não tenho alma, pois não amo os velhos. Direi que amo os velhos, mas não amo a velhice do espírito. Eu sou um espírito jovem. Wagner e Beethoven eram espíritos jovens etc. Não quero falar dos outros, pois conheço-os pouco. Eu amo todo mundo. Escrevi sobre Tolstoi, porque ele é Deus. Wagner não é Deus. Beethoven é Deus. Bach não é Deus...

A mãe de minha mulher é uma mulher horrível. Não gosto dela. Quero que Deus a retire da face da terra. Sei que me responderão que eu sou um homem mau, pois rogo a Deus que "a retire da face da terra". Responderei que amo todo mundo e que quero o amor dessa mulher, por isso rogo a Deus que mate nela todos os maus sentimentos, e com isso toda a sua vida passada terá fim. É isso que chamo de "retirá-la da face da terra"...

.....

.....

.....

Vou embora para Zurique. Não quero fazer nada para minha partida. Todo mundo está inquieto. Os empregados ficaram bobos, pois sentem Deus. Eu também o sinto, mas não fiquei bobo. Não quero me vangloriar. Quero dizer a verdade. Oscar está telefonando para Zurique. Ele teme que não compreendam seu sobrenome. Sente que ninguém conhece seu sobrenome, por isso quer forçá-los a aprendê-lo. O sobrenome dele é Pardany. Ele pronuncia o sobrenome acentuando cada sílaba. Eu compreendo por que ele quer que todo mundo conheça seu sobrenome. Quer mostrar que é rico. Não quer que as pessoas pensem que ele é pobre. Ele não ama a pobreza. Eu amo a pobreza. Para mim tanto faz que conheçam ou não meu sobrenome. Não tenho medo de que as pessoas não me amem, se compreenderem que eu sou pobre. Eu sei que "pobreza não é vício". Sei que todo mundo dirá que eu tenho uma boa visão, porque posso escrever miudinho*. Devo dizer que minha vista se cansa com esta letra. Acabo de escrever somente uma página, e já sinto os olhos cansados. Tenho uma visão perfeitamente sã, pois li pouco. Eu sempre lia de manhã e durante o dia. Compreendi que a leitura era um trabalho. Na escola, trancava-me, fingindo estar doente e não poder estudar. Ficava deitado e lia. Eu gostava de ler deitado, pois ficava sossegado. Não gostava de permanecer deitado, mas era preciso, pois todo mundo julgava que eu estava doente. Os olhos não me ardem mais, pois Deus me ajudou. Não gosto que me perturbem. Quero escrever sobre a partida para Zurique. Todo mundo estava inquieto. Eu não estava inquieto, pois para mim

* As últimas páginas deste caderno estão redigidas em letra bem minúscula (N. do T.).

tanto fazia. Achava estúpida essa viagem. Irei, pois Deus o quer, mas, se Deus não tivesse querido, eu teria ficado... inventando uma artimanha. Eu não quero fingimento. Quero Deus. Quero que todo mundo compreenda, por isso risquei de propósito, para mostrar. Notei que a perna esquerda e o braço me "pinicam". Chamo de "me pinicar" quando o sangue pára. Não consigo mexer a perna. Não posso escrever, pois o sangue parou de se mexer em todo o meu corpo. Começo a compreender Deus. Sei que todo movimento vem de Deus, por isso rogo a ele que me ajude. Não quero escrever com esta pena, pois minha pena morre. Ela arranha o papel e arranca pedacinhos. A pena é má, porque eu a conserto e ela não se conserta. Procurarei outra pena em Zurique. Pedirei a Oscar que compre uma pena ordinária. Eu não escrevo caminhando, por isso não preciso de uma *fountain-plume* com tinta dentro. Não estou zangado, mas deploro as pessoas, porque uma *fountain-plume* custa caro. Sei que todo mundo gosta de ter uma boa *fountain-plume*. Compreendi meu erro. Escreverei com a extremidade pontuda, pois sei que poderei escrever melhor, pois a extremidade pontuda se embotou. Eu achava que o ouro era mais duro que o papel, mas o papel é mais duro. Comecei a escrever com a extremidade pontuda. Compreendo a morte da caneta. A caneta *Waterman's Ideal Fountain-Pen* é uma trapaça. Compreendi como as pessoas enriquecem. As pessoas enriquecem pela trapaça. Compreendo o que é a Bolsa. Vou trapacear os bolsistas. Amanhã irei à Bolsa com Oscar. Observarei Oscar. Ele ficará nervoso e eu não. Eu não ficarei nervoso e descreverei toda trapaça que perceber...

Quero falar da viagem. Minha viagem parou, pois todo mundo esqueceu o trem. Oscar, a mãe de minha

mulher e minha mulher acreditaram na tola da Louise. Louise esqueceu a hora que o homem da estação lhe havia informado. Esqueceu, porque estava inquieta. Minha mulher e a mãe de minha mulher mostraram os dentes para ela. Eu lhes expliquei, rindo, que não era culpa dela, mas senti o olhar da mãe de minha mulher e mudei. Disse que os trens freqüentemente mudavam de horário, por causa da guerra. A mãe me compreendeu. Ela achava que eu queria defender Louise. Eu a fiz compreender que a compreendia. Ela sentiu, mas não me compreendeu. Deixei a conversa cair, pois não queria briga. A mãe está de mau humor, e minha mulher também. Oscar está inquieto. Eu estou tranqüilamente sentado e observo. Vejo todos os defeitos, pois Deus quer que eu fique tranqüilo. Notei que as pessoas continham sua inquietação e empalideciam inteiramente. Notei isso na mãe de minha mulher e em minha mulher. Elas estavam pálidas e tremiam levemente. Eu não estava pálido nem tremia. Acho que Lloyd George tem muita dificuldade de disfarçar sua inquietação. Penso que ele recorre a todo tipo de artimanha para ter a pele rosada, achando que pele rosada significa calma. Sei que a pele rosada aparece quando o homem se enerva. Sei que Lloyd George é um homem nervoso, pois seu sorriso se paralisa. Ele consegue manter o sorriso por muito tempo, pois o fotógrafo consegue fotografá-lo. Sei que todo mundo dirá que eu também mandei fotografar meus sorrisos...

Minha mulher veio me ver e pediu que eu dissesse a Kyra que não volto mais. Minha mulher sentiu lágrimas e disse emocionada que não me abandonaria. Eu não chorava, pois Deus não o queria. Disse-lhe que não permaneceria em Zurique se ela não tivesse medo de mim, mas, se

ela tiver medo, prefiro ficar numa casa de loucos, pois não tenho medo de nada. Ela chorava na alma. Eu senti uma dor na alma e disse que, se ela não tivesse medo de mim, voltaria para casa. Ela começou a chorar e me beijou dizendo que ela e Kyra não me abandonariam, o que quer que acontecesse. Eu disse "está bem". Ela me sentiu e saiu. Eu estava falando de meu sorriso nas fotografias.Tenho um sorriso cheio de sensibilidade, pois sinto Deus. Wilson tem um sorriso cheio de sensibilidade, pois sente Deus. Lloyd George tem um sorriso tolo, pois não sente Deus. Sei que muita gente dirá que Lloyd George é Deus na política. Sei que me dirão que Lloyd George provou que era Deus. Direi que Lloyd George não provou nada, pois os outros Estados custeiam a política dele. Ele não gosta dos outros Estados. Gosta de seu partido, que lhe paga muito dinheiro. Sei que todo mundo dirá que ele não tem dinheiro. Conheço as astúcias de Lloyd George. Lloyd George esconde bem seu dinheiro. Não o descobrirão, porque ele escondeu tudo de tal modo que acredita que Deus não o encontrará. Eu encontrarei seu dinheiro e o tomarei. Provarei a todo mundo que o encontrarei. Não o procurarei eu mesmo. Espero que o povo o encontre. Deixarei tudo com Deus. Não quero que o matem, porque ele é uma criatura de deus. Eu amo todas as criaturas de Deus. Não quero escrever sobre Lloyd George criatura de Deus com maiúscula, porque isso me ofende... – Quero que fotografem meus manuscritos, pois sinto meu manuscrito como vivo. Transmitirei a vida às pessoas, se fotografarem meu manuscrito. Despistarei os jornalistas, pois sou Deus-fisionomista. Reconheço as pessoas pela fisionomia. Sei que um homem não fica nervoso se não for culpado de nada. Viverei nos grandes hotéis, pois quero

que todo mundo me veja. Não quero hotéis caros, pois os lloyd-georgianos moram neles. Irei para um hotel ordinário, se minha mulher permitir. Temo por mim, se minha mulher disser que não pode viver num hotel pobre. Descobrirei astúcias para evitar os grandes hotéis. Prefiro viver num apartamento. Irei para um apartamento se perceber que não me amam. Mostrarei os dentes para todo mundo. Não quero gente má, mas os mostrarei, pois Deus os mostrará. Não tenho medo dos maus. Sou corajoso e rico. Não se pode comprar minha gente. Eu sou um fisionomista-Deus. Provarei aos lloyd-georgianos que sou um homem-Deus. Venham! Venham! Venham lutar comigo! Vencerei todo mundo. Não tenho medo nem de tiro nem de veneno. Tenho medo da morte espiritual. Não vou perder a razão, mas somente chorar e chorar. Eu sou um homem. Eu sou Deus. Eu sou um homem em Deus. Tenho erros, pois Deus o quer. Mostrarei minhas faltas e minhas perfeições, pois não quero que tenham medo de mim. Sou um homem de amor, e os homens de amor são simples. Não tenho medo de Clemenceau. Mostrarei a ele meus manuscritos. Sei que ele os traduzirá. Sei que os compreenderá. Irei vê-lo sem me fazer anunciar. Mostrarei meu cartão de visita e me deixarão passar, pois me compreenderão. Mostrarei meu sorriso cheio de sensibilidade e eles me deixarão entrar, pois sabem que um homem com um sorriso cheio de sensibilidade é bom. Os lloyd-georgianos não saberão fingir, pois o sorriso cheio de sensibilidade vem de Deus. Deus não está com os lloyd-georgianos, mas com a wilsonaria. Nenhum artista saberá enganar Deus. Sei o que é ser artista e Deus ao mesmo tempo, por isso não temo por mim. Irei ver Clemenceau assim que chegar, pois lhe quero bem. Quero que me deixem

entrar, por isso recorrerei a uma artimanha. Enganarei a polícia de Lloyd George dizendo que sou um lloyd-georgiano. Direi que sou um polonês "inveterado". Eles gostam dos poloneses "inveterados", porque podem dirigi-los segundo o vento. Eu sei de onde sopra o vento, por isso saberei soprar contra ele. Amo Clemenceau, porque ele é um homem de erros. Corrige seus erros, por isso Deus está com ele. Eu sou Deus em Clemenceau. Clemenceau sente Deus, e Deus sente Clemenceau. Sei que Clemenceau me compreenderá, pois me sente. Irei a ele de braços abertos, e ele não terá medo de mim. Direi, em meu francês ruim, que o amo e que lhe quero bem... Devo me corrigir. Compreendi que a bala havia perfurado o ombro dele, e que por trás lhe haviam perfurado os órgãos aéreos. Compreendi que os lloyd-georgianos eram maus, pois sei que, com um pulmão perfurado, a pessoa vive muito tempo, mas sofre. Clemenceau sofrerá, mas eu espero que ele compreenda todo esse grupo de bandidos e saiba poupar a França. Eu amo a França, por isso não lhe quero mal. Compreendo toda a súcia que provocou a guerra. Sei que Clemenceau é rico e não precisa de nada, por isso ninguém o pôde comprar. Os lloyd-georgianos compram as pessoas não apenas com dinheiro, mas também com promessas. Clemenceau pensava que para a França era bom tomar a Alsácia e a Lorena. Compreendi que era preciso resolver essa questão pacificamente. Clemenceau sentiu Wilson, por isso aprovou o objetivo dele. Compreendo que os franceses amam os alsacianos, e que muitas famílias choram, pois se crêem ofendidas por não pertencerem ao mapa francês. Compreendo que os franceses não amam os alemães. Compreendo como se desenvolve a hostilidade deles para com os alemães. Sei o que é

um alemão. Sei quem ensinou a França a dizer "Boche". Eu não sou um homem mau. Amo todo mundo. Não quero guerra, por isso quero que todo mundo viva em paz. Não é preciso brigar. Não é preciso brigar. Eu sou o amor. Sou um homem de amor. Sei que as crianças alemãs brigam por causa de seu pai. Eu amo os alemães. Não sou alemão. Sou um homem. Não pertenço a nenhum partido. Sou sem partido. Sou um homem, e todos são homens. Compreendo o amor dos homens. Quero o amor dos homens. Não quero horrores. Quero o paraíso na terra. Eu sou Deus no homem. Todos serão deuses, se fizerem o que lhes digo. Eu sou um homem com erros, pois quero que as pessoas corrijam seus erros. Não gosto das pessoas que não corrigem seus erros. Eu sou um homem que se corrige. Não penso nos erros passados. Não sou mau. Não sou um bicho, mas um homem. Amo os bichos, mas não os bichos ferozes. Não se devem matar os bichos ferozes, pois foi Deus quem lhes deu a vida. Sei que muita gente dirá que o homem saiu da semente de seu pai e das entranhas de sua mãe. Mas devo dizer que a semente não veio do homem primitivo, mas de Deus. Compreendo que muitas pessoas me dirão que o homem descende do macaco, mas devo dizer que o macaco provém da semente de Deus. Sei que muita gente dirá que a semente do macaco provém de alguma outra coisa, então direi que essa outra coisa provém de Deus. Sei que me dirão que essa outra coisa provém de alguma outra coisa, então direi que o que vocês chamam de "alguma outra coisa" é Deus. Eu sou o infinito. Eu sou tudo. Eu sou a vida no infinito. Eu sou a razão, e a razão é infinita. Não morrerei nunca, mas a inteligência do homem morre junto com o corpo. A inteligência do homem é limitada. Sei que muita gente dirá que

a inteligência criou tudo. Que os aeroplanos e os zepelins etc foram criados pela inteligência. Devo dizer que os aeroplanos e os zepelins foram criados pela razão, pois neles existe vida. Existe movimento num aeroplano, existe movimento num zepelim. Sei que o aeroplano foi criado por um francês-Deus. Sei que os franceses sentem Deus, mas ainda não o compreendem, por isso cometem erros. O zepelim é uma coisa da inteligência, pois o zepelim foi inventado a partir do aeroplano. Sei que muita gente dirá que o aeroplano foi inventado a partir do pássaro. Direi que o pássaro é uma coisa viva, e que o aeroplano é uma coisa de aço. Sei que todo mundo dirá que o zepelim também é de aço. Direi que o zepelim é uma cópia do aeroplano, mas numa outra forma. Os sábios admiraram o zepelim, pois compreenderam o poder dele. Compreenderam que ali se podia colocar muita gente, por isso ele é bom para a guerra. Os alemães encomendaram a Zeppelin muitos zepelins. Eles pensavam que dali sairiam frangos, mas saíram homens mortos* ...

.....

A mãe de minha mulher entrou em meu quarto e se desculpou. Eu lhe disse em voz forte, pois queria convencê-la, que ela não precisava se desculpar, pois todo mundo pode entrar aqui sem pedir permissão. Não tenho medo do barulho e dos gritos. Consigo trabalhar quando gritam. Ela refletiu e respondeu que compreendia que eu tinha o hábito do barulho, e que estava tudo muito bem. Senti

* Nijinski faz aqui uma associação de idéias entre as palavras "zepelim" e "frango", que em russo têm a mesma consonância (N. do T.).

nesse "muito bem" que ela pensava em outra coisa, por isso não me compreendeu... Minha mulher entrou e me beijou. Pensei que aquilo era Deus. Compreendi que deus estava no amor. Não quero escrever deus com maiúscula, por isso escreverei com minúscula. Escutei a voz de minha pequena Kyra. Ela me ama, pois começou a chorar quando eu lhe disse que ia partir para sempre. Ela me sentiu, e começou a chorar...

Fui mijar na privada e vi que aquilo estava sujo. Compreendi que Oscar era um homem doente, pois suas fezes são moles. Ele havia salpicado toda a privada. Eu não queria sujeira, por isso peguei uma escova e limpei a sujeira. Depois disso, senti que a escova estava suja, por isso a meti no vaso e dei descarga. A água correu com força e suprimiu a sujeira da escova. Notei que a escova estava ruim, pois as pessoas não ligavam para a escova. A escova soltou cerdas no vaso. Deixei as cerdas, pois senti que Louise compreenderia que havia sido eu e me amaria mais ainda. Quero mostrar a Louise este livro em alemão, mostrando-lhe o lugar onde falo dela. Ela é uma mulher de Zurique, e se chama Louise Hamberg. A pessoa que a encontrar lhe mostrará o lugar onde eu falo dela. Amo Louise e ela também me ama. Não a cortejei, por isso ela me amou ainda mais. Nunca me disse nada, mas eu compreendi, pois senti amor...

Estou escrevendo miudinho, pois os cadernos custam caro. Compreendi as astúcias das lojas. As lojas se aproveitam da guerra, pois têm medo de que ela acabe. A astúcia das lojas é dizer que é a guerra que as obriga a cobrar caro. Fui a uma loja de Saint-Moritz que se chama *La Route*. Eu havia entrado lá segundo a ordem de Deus. Não tinha dinheiro. Pedi cadernos. Uma mulher magra, de

cabelos pretos e pincenê. O pincenê tinha corrente de ouro. Compreendi que essa mulher possuía ações na loja, pela simples razão de que ela disse um preço e a mulher da loja, outro preço. A mulher do pincenê informou um preço alto e a mulher sem pincenê, um preço baixo. Acompanhei a mulher sem pincenê. Notei que a mulher do pincenê estava nervosa. Eu conhecia a loja de antes, pois havia comprado lá papel e tintas para meus cenários. Eu não poupava dinheiro. O papel e as tintas custavam muito caro. Compreendi a careza deles e quase abandonei o trabalho, mas Deus me ajudou, pois dissera que me ajudaria. Acreditei e comprei muitas tintas. Eu sabia que as tintas secavam, mas compreendi o erro das pessoas, por isso não tenho medo de que a pintura seque. Sei como a gente pode desmanchar as cores secas. Pego um pouco de água quente e ponho um pedaço de tinta seca na água quente. As lojas pedem caro por tudo o que se vende, dizendo que é a guerra. Compreendi a astúcia da loja, porque por muito tempo habitei Saint-Moritz com Deus. Vivi mais de um ano com Deus e trabalhei cotidianamente. Eu dormia e pensava em Deus. Sei que me dirão que um homem não pode dormir e pensar. Direi que quem me fizer essa observação está certo, pois não penso quando durmo, mas sinto. Cometi um erro de propósito, pois quero fazer as pessoas compreenderem que eu não penso quando escrevo, mas sinto...

A loja enganava as pessoas. Eu também as enganarei. Compreendo os erros das lojas, por isso sei de que necessito. Não escreverei em letra grande, mas pequena, pois assim economizarei papel. As lojas pensam que as pessoas são bobas, porque têm muito dinheiro. Devo dizer que não são as pessoas que são bobas, mas as lojas, pois

vendem coisas por dinheiro, e não por amor. Eu amo as pessoas, por isso não as engano. Compreendo quem provoca as guerras. As guerras provêm do comércio. O comércio é uma coisa horrível. O comércio é a morte da humanidade. Se as pessoas não mudarem seu modo de viver, o comércio fará morrerem todas. Sei que muita gente dirá que sem o comércio não se pode viver. Sei que o comércio é uma coisa vã. Sei que os comerciantes não sentem Deus. Sei que deus não ama os comerciantes. Sei que deus ama os trabalhadores. Eu não sou bolchevique. Não quero assassinatos. Os bolcheviques são uns assassinos. Eu sou um homem de amor. Quero amor para todo mundo. Quero vida para todo mundo. Gosto das coisas se precisar delas. Não quero coisas se não precisar delas. Gosto das coisas, por isso cuido delas. Comprei três cadernos grandes a um preço muito alto. Compreendi que a mulher do pincenê com corrente me enganou. Quero enganá-la também, por isso vou escrever miudinho. Não gosto de lojas. Gosto de que destruam as fábricas, porque elas trazem sujeira à terra. Eu amo a terra, por isso quero protegê-la. Não quero *pogrom*. Quero que as pessoas compreendam que é preciso renunciar a todo esse lixo, porque lhes resta pouco tempo para viver. Sinto a asfixia da terra. A terra está sufocada. Produz terremotos. Sei o que é um terremoto. Sei que todo mundo detesta os terremotos e que as pessoas rogam a Deus para que não haja terremotos. Eu quero terremotos, pois sei que a terra respira. Sei que as pessoas não compreendem os terremotos, por isso responsabilizam Deus. As pessoas não compreendem que elas mesmas provocaram os terremotos. Sei que me dirão que os terremotos provêm dos terremotos, pois a terra ainda não esfriou. Conheço o erro das pessoas, por

isso devo dizer que os terremotos provêm da asfixia da terra. As pessoas certamente me dirão que eu me engano, pois não estudei a terra. Direi que estudei a terra, porque a sinto, e não penso. Sei que a terra é uma coisa viva. Sei que a terra foi um sol. Sei que as estrelas que piscam são sóis. Sei que a lua e os outros planetas, como Marte, por exemplo, não são sóis. Sei que não existem homens em Marte. Sei que as pessoas terão medo de mim, porque eu digo coisas que não vi. Devo dizer que eu vejo sem olhos. Eu sou o sentimento. Eu sinto. Sei que os cegos me compreenderão, se eu lhes explicar que os olhos são uma coisa ultrapassada. Direi que em Marte os homens não têm olhos. Que em Marte os homens vivem com amor e não precisam de olhos, pois não têm sol. Sei que todos os astrônomos gritarão que Nijinski é tolo e não compreende a astronomia. Direi que todos os astrônomos são tolos. Os astrônomos inventaram lunetas para estudar a atmosfera. Os astrônomos são as pessoas mais tediosas do mundo. Sei que me dirão que o astrônomo é deus. Direi que o astrônomo é a tolice. Sei que me dirão que eu estou louco, pois falo de coisas que não compreendo. Eu sei que compreendo. Eu sou o espírito no homem que carrega o corpo de Nijinski. Tenho olhos, mas sei que, se me furassem os olhos, eu saberia viver sem olhos. Conheço um general francês que todo dia passeia com sua mulher e sente a vida. Ele acha que é infeliz, por isso sorri a todos os que encontra. Notei isso porque ele caminhava estranhamente, de cabeça erguida. Compreendi que ele era infeliz e tive pena. Gostava dele e sentia necessidade de convencê-lo de que eu não tinha medo de ficar cego, mas compreendi que ele não me compreenderia, por isso deixei para depois. Sei que não existem homens em Marte, pois sei que Marte

é um corpo gelado. Marte foi uma Terra, mas há muitos bilhões de anos. A Terra também será um Marte, mas daqui a algumas centenas de anos. Sinto que a Terra está sufocada, por isso rogo a todos que abandonem as fábricas e me escutem. Eu sei o que é preciso para salvar a Terra. Sei aquecer uma estufa, por isso saberei reaquecer a Terra. Meu rapaz do aquecimento é tolo, bebe e pensa que isso é bom para ele, mas está se matando. Eu sou o Salvador do senhor. Eu sou Nijinski, e não Cristo. Amo Cristo, porque ele era como eu. Amo Tolstoi, porque ele é como eu. Quero salvar da asfixia todo o globo terrestre. Todos os sábios devem abandonar seus livros e vir a mim. Ajudarei todo mundo, pois sei muitas coisas. Eu sou um homem em Deus. Não tenho medo da morte. Peço a vocês que não tenham medo de mim. Eu sou um homem com erros. Eu também tenho erros. Quero me corrigir. Eu sou um homem com erros. Não se deve me matar, porque eu amo todo mundo com um amor igual. Irei a Zurique e estudarei Zurique com Deus. Escreverei sobre Zurique. Zurique é uma cidade comercial. Compreenderei seus erros. Descreverei Zurique para provar a vocês que tenho razão. Eu sou a razão, e não a inteligência. Eu sou Deus, pois sou a razão. Tolstoi falou muito da razão. Schopenhauer também escreveu sobre a razão. Eu também escrevo sobre a razão. Sou a filosofia razoável. Sou a filosofia verdadeira, e não inventada. Nietzsche enlouqueceu, pois perto do fim da vida compreendeu que tudo o que havia escrito eram bobagens. Teve medo das pessoas e enlouqueceu. Eu não terei medo das pessoas, se elas se lançarem sobre mim rilhando os dentes. Eu compreendo a multidão. Sei dirigi-la. Não sou um chefe militar. Sou um homem na multidão. Não gosto da multidão. Gosto da

vida em família. Não quero a multiplicação das crianças. Sei a que conduz a multiplicação das crianças. Amo todas as crianças. Eu sou uma criança. Gosto de brincar com as crianças. Compreendo as crianças. Eu sou um pai. Sou um homem casado. Amo minha mulher, pois quero ajudá-la na vida. Compreendo por que as pessoas correm todo o tempo atrás das putas. Sei o que é uma puta. Escreverei muito, pois quero explicar às pessoas o que é a vida e o que é a morte. Não posso escrever depressa, porque meus músculos se cansam. Não agüento mais. Sou um mártir, pois sinto uma dor no ombro. Gosto de escrever, pois quero ajudar as pessoas. Não posso escrever, pois estou cansado. Quero terminar, mas Deus não permite. Escreverei até que Deus me detenha...

.....

Almocei bem, mas senti que não devia tomar sopa. A sopa era feita de conservas...

Eu quis correr a buscar dinheiro, pois pensei, mas Deus me provou que não era necessário. Peguei meu talão de cheques. Quero levar o talão, e não o dinheiro, pois quero mostrar na Bolsa que tenho crédito. Os bolsistas acreditarão em mim e me emprestarão dinheiro. Ganharei sem dinheiro. Sei que todo mundo terá medo, por isso irei à Bolsa sozinho. Usarei um terno ruim, pois quero ver toda a vida da Bolsa. Enganarei os bolsistas. Pegarei meu terno bom, e fingirei ser um estrangeiro rico, e entrarei na Bolsa. Tenho medo da Bolsa, pois não a conheço. Estive lá uma vez com Diaghilev, ele conhecia um homem que era bolsista. Diaghilev jogava pouco, por isso ganhava. Eu jogarei pouco, pois também quero ganhar. Sei que os de

jogar pouco perdem, porque ficam nervosos e fazem bobagens. Observarei todo mundo e compreenderei tudo. Não gosto de saber tudo de antemão, mas Deus quer me mostrar a vida das pessoas, por isso me adverte. Irei para a estação a pé, e não de fiacre. Se todo mundo for de fiacre, eu também irei. Deus quer mostrar às pessoas que eu sou como são elas...

Irei agora...
Estou esperando...
Não quero...

Irei até a mãe de minha mulher e falarei com ela, pois não quero que pense que eu gosto mais de Oscar. Estou verificando seus sentimentos. Ela ainda não está morta, porque é invejosa...

.....
.....

ANEXOS

As cartas que se seguem foram escritas por Nijinski num quarto caderno que contém vários poemas e algumas cartas sobre as quais não se sabe se foram ou não enviadas. Destas, escolhemos publicar quatro, dirigidas a pessoas de quem Nijinski fala nos cadernos anteriores. A carta a Eleonora Nijinska, mãe do bailarino, foi escrita em polonês e, embora ele escrevesse à mãe com muita freqüência, é a única de que se dispõe. Talvez essa carta jamais tenha sido remetida.

A carta "Ao Homem" era provavelmente dirigida a Diaghilev, ainda que este não seja mencionado nela.

Carta a Jan Reszke

Caro senhor Reszke,

Não sei escrever direito em polonês, e lamento muito. Eu amo os poloneses, por isso lhe escrevo em polonês. Sei que o senhor sabe que eu sou polonês. Não quero nada de sua parte, queria apenas que o senhor me ajudasse nos papéis. Atualmente é muito difícil conseguir papéis, por isso me dirijo ao senhor com este pedido. Peço-lhe que se informe com as autoridades francesas a respeito dos papéis para mim. Minha mulher me ama, por isso gostaria de estar comigo. Eu também quero que ela vá comigo. Também tenho uma filhinha que se chama Kyra. Dei a ela esse nome porque amava a Grécia. Eu amava a Grécia, pois inventei *A tarde de um fauno*. Sei que o senhor gosta de mim, é por isso que o procuro com este problema. O senhor me viu muito pouco na vida, mas me demonstrou sentimentos amigáveis. Não sei falar bem, pois me foi impossível falar polonês. Eu amo os poloneses, por isso me dirijo ao senhor com este pedido. Aprendi polonês com um bailarino de Varsóvia que se chamava Bonislawski. Eu amo esse homem, porque ele me deu a possibilidade de conhecer os poemas de Mickiewicz. Eu também sou escritor, mas não sei escrever tão bonito quanto Mickiewicz. Também conheço a literatura polonesa, mas pelas traduções russas. Conheço melhor o russo, pois minha mãe e meu pai saíram da Polônia quando eram jovens. Nasci em Kiev, e fui batizado na igreja da Santa Cruz, em Varsóvia. Nasci em 1889, e minha mãe mandou me batizar em Kiev. Fui inscrito duas vezes nos registros, porque minha mãe não queria que eu servisse como

soldado. Ela me registrou em Varsóvia porque queria que eu fizesse o serviço militar em Varsóvia. Minha mãe me deu seu leite e a língua polonesa, por isso eu sou polonês. Fui criado na Rússia, onde era como um garoto russo. Sou polonês porque meu pai é polonês. Eu amo a Rússia, mas não amo os bolcheviques. Acho repugnante a vitória deles. As vitórias dos bolcheviques eu incluo entre as vitórias das quais Deus está ausente. Os animais sem Deus são uma bicharada com dentes afiados. Eu queria nomear esses animais selvagens, mas esqueci os nomes deles. Tenho piedade das pessoas, porque gosto delas. Eu também sou um homem, por isso tenho piedade dos homens. Choro, quando escuto que um bolchevique matou um homem. Eu não sou bolchevique, pois renego esse partido. Minha vinculação ao partido é amar todo mundo. Eu não sou Pederewski. Gosto de Pederewski, mas não da política dele. Gosto da política de Wilson, porque sinto que ele quer o bem para todo mundo. Não admito política em que as pessoas brigam e se matam entre si. Eu amo todo mundo. Sou polonês. Falo polonês. Amo minha mãe e meu pai. Sei também que o senhor sabe que eu gosto do senhor. Eu sei, pois sinto que o senhor gosta de mim. Sua mulher me expressou amizade mais de uma vez. Não me esqueci do senhor durante todo esse tempo em que não o vi. Chorei quando soube da morte de seu irmão. Fiquei penalizado por ele. Eu não o conhecia, mas sentia. Sabia que o senhor o amava, por isso fiquei penalizado. Não posso escrever com expressões bonitas, pois não estudei línguas. Estudei dança, por isso danço bem. Quero dançar em Paris, por isso quero que o senhor me ajude a conse-

guir a mudança para a França. Não tenho nenhuma relação, pois durante todo esse tempo estive na Suíça. Eu trabalhava com dança e com teatro na dança. Gosto de canto, mas não sei cantar. Sei que o senhor sabe cantar. Sei que o senhor sabe cantar mesmo tendo perdido a voz, por isso ficarei feliz em ouvi-lo cantar. Eu sou um artista que tem voz na dança. Ainda não perdi a voz, pois sou muito jovem. O senhor cantou muito na vida. Eu conheço a marquesa de Ripon. Ela me falou do senhor. Sei que o senhor cantou na Inglaterra, e que obteve lá um grande sucesso. O senhor foi um grande artista. Todo mundo o conhecia. O senhor conhecia todo mundo, por isso pode me ajudar. Eu tenho muitos amigos em Paris, mas não os conheço. Quero fazer muitos conhecimentos, por isso lhe peço que diga a todos os seus conhecimentos que eu vou dançar para eles aí. Durante a guerra, me exercitei muito na dança, por isso fiz grandes progressos. Quero mostrar meus progressos ao público, mas não quero trabalhar com Diaghilev, porque ele me causou muitos sofrimentos. Sei que o senhor também não gosta dele, por isso me ajudará. Diaghilev acha que eu estou morto para a arte. Eu não estou morto para a arte. Aqui, vivo mais do que antes. Amo os artistas franceses, por isso quero dançar para eles. Sei que os artistas franceses foram massacrados durante esta guerra, e muitos pais morreram deixando seus filhos e suas mulheres sem um pedaço de pão. Sei que o Estado não pode dar tudo isso a eles, por isso quero dançar na França para os artistas pobres. Também vou dançar para os poloneses quando for à Polônia. Não sei escrever bem, mas lhe escrevo porque sei que o senhor é

polonês. Eu amo os poloneses, por isso amo a França. Os poloneses amam a França, porque a França lhes deu sua alma. O polonês também deu sua alma, e morreu no campo de batalha. A guerra reuniu os poloneses e os franceses. A França conhece as proezas heróicas dos poloneses. Eu não conheço as palavras polonesas, mas sinto-as, por isso posso escrever. Já faz dez anos que eu não escrevo, pois não tinha a quem escrever. Meu pai morreu dez anos atrás em Kharkov. Sempre escrevi a ele em polonês. Meu pai deixou minha mãe e os filhos por criar em Petersburgo. O Estado russo me educou. Diaghilev me levou para Paris. Eu amo Paris. Paris é o coração da França, e eu quero ter um lugar no coração francês. O senhor será o intermediário e me arranjará os papéis. O senhor me dará papéis poloneses, e eu arranjarei os outros.

Agradeço ao senhor por sua gentileza, e até logo.

Com afeto.

Vaslav Nijinski

(*Traduzido do polonês*)

Carta a Dimitri Kostrovski

Meu querido Dimitri,

Eu o amo, por isso lhe escrevo. Sei que se aborrece sem mim. Eu me aborreço sem você. Tenho pena de você. Tenho pena de mim. Você me compreendeu. Eu o compreendi. Quero que venha me ver. Tenho vontade de vê-lo. Ficarei preocupado com sua saúde. Eu o

amo. Não quero que dance. Não quero cansá-lo. Quero que esteja em boa saúde. Beijo seu caderno e choro, pois me aflige lhe tomar este caderno. Agora estou chorando, mas seguro minhas lágrimas, pois sou um homem sólido. Quero a felicidade para sua mulher e para você. Sei que sua mulher o ama. Eu também gosto dela. Quero a felicidade para os dois. Quero ajudá-la. Eu conheço o sofrimento dela e a ajudarei. Pedi a Lady Morrell que pedisse autorização às autoridades inglesas para deixar sua mulher ir à Rússia. Não quero que você caia nas mãos dos bolcheviques, pois esse partido quer mal a todo mundo. Esse partido ama a si mesmo. Eu amo todo mundo. Não sou um partido. Sou o povo. O povo é Deus. Eu falo de Deus. Eu amo Deus. Amo Tolstoi. Não amo os bolcheviques. Os bolcheviques podem me matar como queiram. Eu não tenho medo da morte. Sei que a morte é uma coisa necessária. Sei que todo mundo deve morrer, por isso estou sempre pronto para a morte. Eu o amo. Não quero que você morra. Tenho piedade de você. Gosto de conviver com você. Sou um homem bom. Não tenho segundas intenções. Eu sou um homem com frente. Diaghilev é um homem com detrás. Não gosto das pessoas que têm segundas intenções. Quero que você venha à minha casa. Pedirei ao governo que o deixe sair do país. Eu sou um homem poderoso. Tenho muitas relações. Sei que a Inglaterra gosta das pessoas que têm relações. Conheço o amor da Inglaterra pelas pessoas. Sei que você ama a Inglaterra. Sei que as pessoas são Deuses. Sei que você é Deus. Você não compreende Deus, por isso você não sabe que é Deus. Trabalhei muito em mim mesmo, não saí do quarto

durante meses. Gostava de ficar sozinho. Conheci Deus. Conheço o sentido dele. As pessoas me compreenderão se você me compreender. Eu escrevo muito. Desenho muito. Danço muito. Falo muito. Me aborreço muito. Choro muito.

Quero que responda à minha carta. Sei que as autoridades não proibirão esta carta, porque ela fala de Deus, e não dos bolcheviques. Eu não sou bolchevique. Eu sou Deus. Amo todo mundo.

Espero sua resposta. Acreditarei que você está morto se não receber logo sua resposta. Sei que o corpo morre, mas a alma não morre. O espírito é Deus. Deus vive se o corpo viver. Eu sou Deus. Eu sou o espírito no corpo.

Meu beijo para você e para sua mulher.

Seu amigo Vaslav Nijinski

Carta a Eleonora Nijinska

Minha querida Mãe,

Eu a amo como sempre a amei. Estou em perfeita saúde. Não recebi nenhuma notícia sua. Eu lhe escrevi, mas não recebi resposta. Devolveram as cartas. Estou feliz. Estou infeliz, porque não a vejo. Eu a amo e peço que venha à minha casa. Aluguei uma casinha onde me instalei. Tenho esta casa para você. Eu a amo, porque você me criou. Sei que Deus está muito em você, por isso quero que o transmita à minha filha. Minha filha é uma criança maravilhosa. Ela obedece

aos que a amam, por isso eu sei que obedecerá a você. Deus quer que você esteja com minha filha. Quero que esteja comigo. Peço que venha imediatamente. Mandarei dinheiro para sua viagem. Não quero saber da política. Eu não sou a política. Eu sou um homem de Deus. Amo todo mundo. Não quero assassínio. Sou jovem e forte. Trabalho muito. Não tenho muito dinheiro, mas tenho o suficiente para dá-lo a você a vida inteira. Quero ver Bronia e Sacha. Eles estão com você. Eu sei que eles a amam. Sei que lhes é muito difícil ganhar dinheiro. Eles estão cansados. Quero ajudá-los. Amo todo mundo. Minha mulher ama você. Ela quer muito que você venha. Peço que me escreva por intermédio das autoridades inglesas. Remeti esta carta por intermédio das autoridades inglesas. Meu endereço é as autoridades inglesas. Sei que eles gostarão de você, se a virem. Quero que vá procurá-los sozinha, sem Sacha. Eles têm medo dos bolcheviques, por isso não admitem rapazes. Eu não conheço Sacha, pois não o vejo há muito tempo. Sou jovem e não quero bolcheviques, eles matam as pessoas. Eu amo Kerenski, porque ele não queria a morte das pessoas. Hoje, não o conheço, porque ele não mostra suas idéias. Eu mostro minhas idéias, porque quero que me conheçam. Não gosto do espírito de partido. Eu sou sem partido. Sei que Deus ama os homens, e não quero a morte deles. Os bolcheviques não compreenderam Tolstoi. Tolstoi não é os bolcheviques. Muitas vezes li Tolstoi. Vejo que ele ama todo mundo. Tolstoi ama Deus, e não o partido. Eu amo Deus, e não o partido. Meu partido é Deus. Deus está comigo e eu estou com ele.

Beijo-a, Mamãe, e peço-lhe que beije todos aqueles que me amam.

Seu filho Wacio
(*Traduzido do polonês*)

Carta a Serge Diaghilev

Ao Homem

Não posso nomeá-lo, pois não se pode nomeá-lo. Não o escrevo às pressas, pois não quero que suponha que eu estou nervoso. Eu não sou um homem nervoso. Gosto de escrever calmamente. Gosto de escrever. Não gosto de escrever frases bonitas. Não aprendi a escrever frases bonitas. Quero escrever o pensamento. Eu preciso do pensamento. Não tenho medo de você. Sei que me detesta. Eu o amo como a gente ama um ser humano. Não quero trabalhar com você. Quero lhe dizer uma coisa. Eu trabalho muito. Não estou morto. Eu vivo. Deus vive em mim. Eu vivo em Deus. Deus vive em mim. Eu trabalho muito a dança. Minha dança está progredindo. Eu escrevo bem, mas não sei escrever frases bonitas. Você gosta de frases bonitas. Eu não gosto de frases bonitas. Você forma trupes. Eu não formo trupes. Não sou um cadáver. Sou um homem vivo. Você é um homem morto, pois seus objetivos estão mortos. Não o chamei de amigo, pois sei que é meu inimigo. Eu não sou seu inimigo. O inimigo não é Deus. Deus não é um inimigo. Os inimigos buscam a morte, eu busco a vida. Eu tenho amor. Você tem maldade. Eu não sou uma

besta feroz. Você é uma besta feroz. As bestas ferozes não amam as pessoas. Eu amo as pessoas. Dostoievski amava as pessoas. Eu não sou um idiota. Sou um homem. O Idiota de Dostoievski é um homem. Eu sou um idiota. Dostoievski é um idiota. Você achava que eu era tolo. Eu achava que você era tolo. Nós achávamos que nós éramos tolos. Não quero conjugar. Não gosto de conjugações. Você gosta que as pessoas se inclinem diante de você. Eu gosto que as pessoas se inclinem diante de mim. Você injuria os que se inclinam. Eu amo os que se inclinam. Eu atraio as inclinações. Você faz medo às inclinações. Sua inclinação não é uma inclinação. Minha inclinação é uma inclinação. Eu não aceito seu sorriso, porque ele tem cheiro de morte. Eu não sou a morte, e não sorrio. Não escrevo para escarnecer. Escrevo para chorar. Eu sou um homem com sentimento e razão. Você é um homem com inteligência, mas sem sentimento. Seu sentimento é mau. Meu sentimento é bom. Você quer me perder. Eu quero salvá-lo. Eu o amo. Você não me ama. Eu lhe quero bem. Você me quer mal. Conheço suas artimanhas. Eu fingia estar nervoso. Fingia ser tolo. Eu não era um moleque. Eu era Deus. Eu sou Deus em você. Você é uma besta, e eu sou amor. Você não ama aquelas pessoas agora. Eu amo aquelas pessoas e todos agora. Não pense, não escute. Eu não sou seu. Você não é meu. Eu o amo agora. Eu o amo sempre. Eu sou seu. Eu sou meu. Você é meu. Gosto de conjugá-lo. Gosto de me conjugar. Eu sou seu. Eu sou meu.

Tu és meu. Eu sou Deus.
Esqueceste que Deus existe.
Esqueci que Deus existe.

Estás em mim, e estou em ti.
Tu és meu, e eu sou teu.
És aquele que quer a morte
És aquele que ama a morte
Eu amo o amor o amor.
Eu sou amor e tu, morte
Temes a morte, a morte
Eu amo, eu amo, eu amo
Tu és morte, e eu sou sangue
Teu sangue não é amor.
Eu te amo, a ti, a ti.
Não sou sangue, sou espírito
Eu sou sangue e espírito em ti.
Eu sou amor, sou amor.
Não queres viver comigo.
Eu te quero bem.
Tu és meu, tu és meu.
Eu sou teu, eu sou teu.

(...)

Vós sois aquele que chama a morte
Eu sou teu, e tu não és meu
O meu não é o dele, e o dele não é o teu
Tu és um pica-pau, eu não sou um pica-pau
Bicas, tocas, e eu não toco
O toque-toque, teu toque-toque, e o meu é um toque-toque
Eu toco, e tu não tocas
Toque-toque-toque, há um toque-toque dentro de um toque-toque
Eu sou toque-toque, mas não toco.
Tu tocas, bicas, tocas

Eu toco, bico, toco
Eu toco em tua alma
Tu tocas em teu cérebro.
Te amo meu toque-toque
Eu sou toque-toque, e tu não és toque-toque
Quero tocar no toque-toque.
Tocado estás no cérebro, no teu cérebro.
Quero te tocar, toque-glu, toque-glu
Toque-toque o peru.
Sou peru, não o peru
És peru, não o peru
Eu bebo eu bebo eu bebo.
Tu bebes bebes bebes
Eu bebo eu bebo eu bebo
Tu bebes bebes bebes
Sou peru peru peru
Sou peru peru peru
Meu peru bebe bebeu
Teu peru bebe bebeu
Sou peru e não és meu
Sou peru e não és teu.
Nós bebemos no peru.
Eu bebo sem o peru.
Nós bebemos sobre o peru.
Eu bebo sem o peru.
Bebe peru, bebe peru.
Teu peru vai morrer, vai morrer.
Eu bebo, bebo. Vou morrer, vou morrer.
Tu vais morrer sem peru.
Eu vou morrer sem peru.
Teu peru é morte, é morte.
Meu peru é vida, é vida.

Eu te amo peru.
Eu te amo peru.

(...)

Eu sou pica, mas não tua.
Tu és meu, mas não sou teu.
A pica é minha, porque Pica.
Sou uma Pica, sou uma Pica.
Eu sou Deus em minha pica.
Eu sou Deus em minha pica. Tua pica não é minha, não é minha.
Eu sou pica em Sua pica.
Eu pica, eu pica, eu pica
Tu és pica, mas não Pica.

Quero lhe escrever muito, mas não quero trabalhar com você, pois seus objetivos são outros. Sei que sabe fingir. Não gosto de fingimentos. Gosto de fingimentos, quando o homem quer o bem. Você é um homem mau. Você não é um czar. Já eu, eu sou um czar. Você não é o meu czar, e eu sou o seu czar. Você me quer mal. Eu não lhe quero mal. Você é mau, e eu sou uma canção de ninar. Nana, nana, nana, nana. Durma sossegado, nana, nana. Nana. Nana. Nana.

De homem para homem

Vaslav Nijinski

N.B.: Como observamos no prefácio, Nijinski pratica a alternância de maiúsculas e minúsculas segundo queira atribuir ou subtrair importância a um personagem ou a uma palavra. Respeitamos essa alternância neste último poema (N. do T.).